Mariana Novaes

O Suplemento Literário do Minas Gerais no arquivo de Murilo Rubião

1966-1969

Belo Horizonte
2014

Mariana Novaes

O Suplemento Literário do Minas Gerais no arquivo de Murilo Rubião

1966-1969

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teoria da Literatura.

Área de concentração: Teoria da Literatura
Linha de pesquisa: Literatura História e Memória Cultural
Professor orientador: Prof: Dr. Marcus Vinícius de Freitas
Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2014

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIANA NOVAES

O Suplemento Literário do Minas Gerais no arquivo de Murilo Rubião (1966–1969)

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre pelo curso de pós-graduação em Estudos Literários, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Marcus Vinícius de Freitas (orientador)

Prof. Dr. Fabrício Marques (membro titular externo)

Profª: Dra. Constância Lima Duarte (membro titular da UFMG)

Prof. Dr. Alexandre Roberto do Carmo Said (membro suplente)

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, 24 de março de 2014

Para Jaime Prado Gouvêa
Para Mário Vinícius

Agradecimentos

A Jaime Prado Gouvêa , pelo apoio, pelo aprendizado, pela presença e sobretudo, pela admiração e amizade.

A Mário Vinícius, meu companheirão e dupla dinâmica, por me abrir janelas e pela belíssima edição.

Aos meus pais, Miguel e Denise, pela motivação, incentivo, admiração, amor e aprendizado.

Ao meu avô Manuel, em memória.

Ao professor e orientador Marcus Vinícius de Freitas, pela confiança, pelos ensinamentos, pela orientação.

A professora Constância Lima Duarte, pelo começo de tudo, por ter me apresentado o Acervo de Escritores Mineiros.

Ao professor Reinaldo Martiniano Marques que despertou em mim mais ainda a paixão pelos arquivos de escritores.

A Fabrício Marques, pela amizade e pela motivação.

A Silvia Rubião, pelo arquivo de seu tio, Murilo Rubião.

Ao professor Jacyntho Lins Brandão e as bibliotecárias Júnia Lessa França e Rosângela Costa Bernardino, pela disponibilização virtual do *Suplemento Literário de Minas Gerais*.

Aos meus colegas do Acervo de Escritores Mineiros, Nina, Márcio, Antônio, Alvany, Flávia Batista, Flávia Silvestre, Camila, Wagner, Daniela, Lívia, Guilherme e Juliana.

Ao CNPQ pela bolsa de mestrado.

E às Xuxus, pela amizade.

Nota editorial

Nesta dissertação, em todas as citações a ortografia foi atualizada, para fins de fluência, legibilidade e compreensão, com exceção dos nomes próprios e dos nomes de seções de jornais, que foram mantidos com a mesma grafia usada pelos redatores.

Todas as imagens utilizadas nesta dissertação, com exceção da fotografia da Imprensa Oficial e da foto de Adão Ventura, Murilo Rubião e Jaime Prado Gouvêa, são documentos do arquivo de Murilo Rubião, localizado no Acervo de Escritores Mineiros, no terceiro andar da Biblioteca Central, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Resumo

Esta dissertação de mestrado tem com objetivo tratar, investigar e analisar o *Suplemento Literário do Minas Gerais*, sua história e literatura produzida, nos anos de 1966 a 1969, a partir do arquivo de Murilo Rubião, seu diretor e idealizador nestes anos. O *Suplemento Literário do Minas Gerais* é um jornal cultural e literário que existe ainda hoje (com o nome de *Suplemento Literário de Minas Gerais*, pois está sob responsabilidade da Secretaria de Estado de Cultura). Na época de Murilo, o *Suplemento* foi responsável pela divulgação da cultura e literatura que estavam em voga na época, contando com uma colaboração de intelectuais renomados ou que depois se lançaram no cenário cultural nacional atual. Desse modo, este trabalho pretende abordar a história (a criação, amadurecimento, sucessos, crises e personagens), as características (estruturas e diretrizes) e colaboração (sobretudo da literatura e crítica brasileira) que fizeram parte do *Suplemento Literário do Minas Gerais* nas 172 edições que o escritor Murilo Rubião assinou como secretário do jornal, não apenas pelo seu fundo (correspondências, periódicos e fotografias), mas também pela sua obra, da qual faz parte o *Suplemento Literário de Minas Gerais.*

PALAVRAS-CHAVE: *Suplemento Literário do Minas Gerais*, Murilo Rubião, arquivos pessoais e privados; literatura brasileira.

Résumé

Ce mémoire a le but de traiter, analyser et étudier le *Suplemento Literário do Minas Gerais*, dans les annéss de 1966 jusqu'à 1969, sur l'archive de Murilo Rubião, son créateur et éditeur-en-chef et durant cette période. Le *Suplemento Literário do Minas Gerais* est une revue littéraire et culturelle qui existe encore aujourd'hui (avec le nom de *Suplemento Literário* de *Minas Gerais*, car il est sous la responsabilité du Secrétariat d'État de la Culture du Minas Gerais). À l'époque de Murilo, le *Suplemento* fut responsable pour la promotion de la culture e de la littérature que était en vogue en ce moment-là, ayant le support d'intellectuels consacrés et noveaux, qui se sont lancés après sur la scene culturelle nationale. Ainsi, cette étude se penche sur l'histoire (la création, la maturation, les réussites, les crises et les personnages), les caractéristiques (les structures et directrices) et la collaboration (sourtout dans la littérature et la critique brésilienne) qui fasaient partie du *Suplemento Literário do Minas Gerais* dans les 172 números que l'auteur Murilo Rubião a signé en tant qu'éditeur-en-chef du périodique, non seulement par son fond (lettres, périodiques et photos), mais aussi par son œuvre, de laquelle fait partie le *Suplemento Literário do Minas Gerais*.

MOTS-CLÉS : *Suplemento Literário do Minas Gerais* ; Murilo Rubião ; archives personnels et privés ; littérature brésilienne.

Sumário

Introdução 16

Capítulo 1

Três personagens em uma só história: a Imprensa Oficial, o Suplemento e Murilo Rubião 36

1.1 Vem da sala de linotipos, na Imprensa Oficial, a doce música mecânica 38
1.2 O Suplemento Literário de Minas Gerais (1966-2013) 51
1.3 Murilo Rubião e o Suplemento 56

Capítulo 2

O Suplemento Literário do Minas Gerais (1966-1969) 68

2.1 “Vai circular o Suplemento Literário do Minas Gerais”: os primeiros anos 70
2.1.1 Além dos espelhos 74
2.1.2 Nos seus espelhos 76
2.1.3 A repercussão dentro de casa: as conquistas e o amadurecimento do SLMG 79

2.2 Bola ao cesto na redação do Suplemento 86
2.2.1 A sala Carlos Drummond de Andrade 86
2.2.2 Os novos ou a Geração Suplemento 90

2.3 Rompendo fronteiras: o Suplemento além Minas 98
2.3.1 Traduções e literatura estrangeira no SLMG 104
2.3.2 Presença portuguesa 114
2.3.3 A América Latina no Suplemento 118

2.4 A crise 122

Capítulo 3

O arquivo do Suplemento: o jornal, a literatura e crítica brasileiras 134

3.1 O jornal Suplemento Literário: personagens e características 136
3.1.1 Outras artes: artes plásticas, cinema e teatro 144
3.1.2 Séries e entrevistas 148

3.2 Literatura e crítica literária brasileira no Suplemento (1966-1969) 155
3.2.1 Poesia brasileira 156
3.2.2 Ficção 163
3.2.3 Critica literária 166

Conclusão 170

Referências 180

Anexo

Entrevista de Jaime Prado Gouvêa a Mariana Novaes 212

Time present and time past
Are both perhaps present in time future
And time future contained in time past.
If all time is eternally present
All time is unredeemable.

What might have been is an abstraction
Remaining a perpetual possibility
Only in a world of speculation.
What might have been and what has been
Point to one end, which is always present.
Footfalls echo in the memory
Down the passage which we did not take
Towards the door we never opened
Into the rose-garden. My words echo
Thus, in your mind.
But to what purpose
Disturbing the dust on a bowl of rose-leaves
I do not know

T.S. Eliot. *Burnt Norton.*

> *Falei com o Drummond a respeito dos recados que você me pediu que lhe transmitisse. Ele se mostra totalmente avesso à ideia de um suplemento especial só para ele e a alegação (absurda) é que já está excessivamente consagrado, que o suplemento deve dar mais atenção aos jovens, aos escritores residentes no estado, pois ele, de certa maneira, já deixou de ser mineiro, pois tem mais anos de residência no Rio do que em Minas. E coisas assim. Isto encobre evidentemente o horror que ele tem a aparecer, que afinal não deixa de ser razoável. O que pareceu inteiramente absurdo foi o fato de recusar-se e deixar, quando o adverti que o suplemento poderia sair assim mesmo, de qualquer maneira, com sabe-se lá que espécie de colaboração. Agora, Murilo, você decida.*
>
> Fernando Py. Carta a Murilo Rubião. Petrópolis, 3 mar. 1968

SEM A PRETENSÃO de confirmar a veracidade dos fatos e longe de nos colocarmos apenas como *voyeurs* interessados em saber da vida dos escritores, a carta de Fernando Py a Murilo Rubião permite, antes de tudo, olhar o documento não como um simples complemento – o estudo da obra não precisa estar entrelaçado à vida do escritor – mas como um suplemento[1] – o documento é um material de leitura (uma fonte primária) que permite não só a revelação de pistas, mas o cotejamento da história narrada com a história que se diz ser vivida, do estudo da *vita* e da obra, sem que um dependa exclusivamente do outro. O documento adiciona, amplia e, muitas vezes, supre qualquer falta. Neste caso, é inegável que, pela sua importância e qualidade, a história e o jornal *Suplemento Literário do Minas Gerais* (SLMG) não precisem da carta para atestarem o seu valor ou para narrarem os fatos.

O cheiro de mofo, a poeira dos livros, o amontoado de papéis velhos, a busca interminável por um documento perdido e as horas gastas ao tentar decifrar uma caligrafia fazem parte do trabalho de quem é pesquisador de acervo. E mesmo assim somos, a todo momento, seduzidos por ele. Seduzidos pela memória, pelo passado, pela ideia ingênua de ilusão da verdade. Às vezes, confessamos, nos interessamos até pela fofoca literária: a personalidade reservada de Drummond, a generosidade de Mário de Andrade, a falta de dinheiro de Manuel Bandeira, a personalidade galanteadora de Vinícius de Moraes e um desentendimento de Murilo com um amigo são detalhes que nos fascinam e nos corrompem, fazendo com que muitas vezes o feitiço vire contra o feiticeiro (o arquivo) e contra o enfeitiçado (o pesquisador). Pois inúmeras vezes acabamos por nos perder nesses arquivos, nessas pilhas de correspondências, periódicos e fotografias, levando a destinos totalmente diferentes do esperado, fugindo e esquecendo o que se busca, sem coragem de descartar e recortar aqueles metros de arquivos.

É o "mal de arquivo", a "sedução pela memória", as "janelas indiscretas" que se abrem e mostram o quanto somos ingênuos e ofensivos quando não sabemos separar o público do privado. Basta ver os escândalos de corrupção que atingem o Brasil e o nosso comportamento diante das redes sociais, ou então a literatura subversiva de Nelson Rodrigues, que não combina com o rótulo que teve de reacionário.[2] No entanto, a pesquisa em arquivo não é só fascinante, ela enriquece a nossa leitura e, muitas vezes, revela, sendo uma peça chave para que se entenda e leia o que se propõe narrar. A pesquisa em arquivo vale a pena, portanto, pelo encanto, pelo confronto e pelo *suplemento*. Humberto Werneck, quando escreveu *O desatino da rapaziada*, utilizou-se dos arquivos (principalmente os periódicos) para contar a história dos jornalistas e escritores em Minas Gerais e, em entrevista, compara a atividade de pesquisa com a de mineração:

[1] Segundo o dicionário *Michaelis*, a palavra *complemento* significa "o ato de completar, aquilo que completa, acabamento, remate". Na gramática ele também é o elemento que completa a significação de um verbo transitivo, podendo estar representado por um objeto direto, por um objeto indireto, ou por ambos, conjuntamente. Já a palavra *suplemento* significa "a parte que se junta a um todo para ampliá-lo ou aperfeiçoá-lo; aquilo que serve para suprir qualquer falta". No ensaio de Silviano Santiago "Crítica literária e jornal na pós-modernidade", o autor declara: "Complemento é parte de um todo, o todo está incompleto se falta o complemento. Suplemento é algo que se acrescenta a um todo. Portanto, sem o suplemento o todo continua completo. Ele apenas ficou privado de algo a mais." (SANTIAGO, 1993, p. 14)

[2] Muitos são os textos que trabalham a ideia do *boom* da memória e, consequentemente, dos estudos em arquivos privados. No presente texto faço alusão ao livro de Jacques Derrida, *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*; ao artigo "Passados presentes: mídia, política e amnésia", do livro *Seduzidos pela memória*, de Andreas Huyssen; e ao artigo de Eneida Maria de Souza, "Janelas indiscretas", publicado em livro homônimo.

> Pesquisa tem essa coisa sensacional que é a mineração, com seus achados inesperados. Você acha uma pepita, cavuca mais, encontra cascalho, daí a pouco um veio inteiro, e quando vê já se distanciou na rota prevista no início. Claro que não é um voo totalmente às cegas, mas você se expõe à possibilidade de se perder ou de achar coisas surpreendentes. (WERNECK entrevistado por GOMES, 1998, p. 160)

Retornando o nosso olhar para a carta de Fernando Py a Murilo Rubião, além da recusa de Drummond em ser homenageado em edição especial do jornal, revela-se no documento uma parte da história da literatura brasileira e do jornal *Suplemento Literário do Minas Gerais* pelo que *é*, pelo que *foi* e pelo que *poderia ter sido*. Narra-se, pois, um determinado tempo de Drummond (1968), quando o poeta já era autor de livros consagrados pela crítica como *Alguma Poesia*, *Brejo das almas*, *Sentimento do mundo*, *José*, *Rosa do povo* e *Claro enigma*, e que, desde 1934, quando foi assessor de Gustavo Capanema, já morava na cidade do Rio de Janeiro, considerando-se mais carioca do que mineiro. Leem-se os bastidores da criação do *Suplemento:* a negociação (feita por Fernando Py) e a tentativa de elaboração de uma edição especial sobre Drummond. E, para os *voyeurs* interessados e a contragosto do próprio poeta, revela-se também um pouco da personalidade de Drummond: discreta, tímida e alheia aos holofotes. Saciando a curiosidade, Murilo Rubião seguiu as orientações de Drummond. Somente em 1972, sob direção de Ângelo Oswaldo, foi publicada uma edição especial sobre o poeta.[3]

Drummond era colaborador contumaz do jornal, publicou poemas inéditos e artigos sobre os poetas Emílio Moura, Abgar Renault e Aires da Mata Machado Filho; escreveu várias cartas para Murilo elogiando o SLMG; nas crônicas que publicava então em jornais como *Correio da manhã* e *Estado de Minas*, dava notícia e elogiava ou criticava o jornal. "De Belo Horizonte, não chegam só notícias bonitas, como o *Suplemento Literário do Minas Gerais*, que completou um ano e marcou esse tempo com um trabalho joia de criação e atualização" (ANDRADE, 1967). A figura de Drummond, como a de tantos outros escritores que escreveram para Murilo Rubião (como foi o caso de Fernando Py) torna-se, portanto, importante para conhecermos a história do *Suplemento* e, consequentemente, a participação do poeta no jornal.

Na correspondência, lê-se o *Suplemento Literário* pelo que *é*: depois de mais de 45 anos continua sendo consagrado pela crítica literária e responsável pela divulgação de novos autores (Ana Martins Marques, Ricardo Aleixo, Fabrício Marques); pelo que *foi*: um jornal que teve à frente personagens como Drummond e Murilo Rubião; e pelo que *poderia ter sido*: uma edição especial sobre Carlos Drummond de Andrade sem a permissão e colaboração consentida pelo autor.

A carta acima faz parte do Acervo de Escritores Mineiros (AEM), e, mais especificamente, do fundo e arquivo de Murilo Rubião, localizado no terceiro andar da Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no Centro de Estudos Literários e Culturais (CELC). Fruto de doações dos familiares, o AEM é ao mesmo tempo museu, biblioteca e arquivo. Um espaço que abriga os fundos de escritores como Henriqueta Lisboa, Fernando Sabino, Cyro dos Anjos, Abgar Renault, Oswaldo França Junior, Lúcia Machado de Almeida, Adão Ventura, além das coleções de Aníbal Machado, Ana Hatherly e Alexandre Eulálio.

Destacam-se no Acervo obras raras do período do modernismo brasileiro, valiosas coleções de periódicos, manuscritos e fotografias. Dentre as raridades presentes, cito no arquivo de Henriqueta a correspondência de Mário de Andrade, a cópia manuscrita do *Diário de guerra* de Guimarães Rosa, no período de 1938 a 1942, quando serviu como cônsul-adjunto no Consulado Brasileiro em Hamburgo; no arquivo de Lúcia Machado de Almeida, os manuscritos de *Xisto no espaço* e as cartas de Cecília Meireles; no arquivo de Abgar Renault, sua biblioteca com quase seis mil livros – com primeiras edições autografadas de Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Murilo Mendes; os manuscritos e datiloscritos rasurados de Murilo Rubião, as gravuras de Portinari. São cerca de 30 mil livros e 27 mil documentos.[4]

[3] Trata-se do *Suplemento Literário* dedicado a Carlos Drummond de Andrade, em homenagem a seu aniversário de setenta anos. Publicado em 28 de outubro de 1972, n.322, além da publicação de vários poemas de Drummond, a edição contou com a colaboração de Henriqueta Lisboa, Rodrigo de Melo Franco e Andrade, Francisco Iglésias, Fábio Lucas, Gustavo Capanema, Affonso Ávila e Abgar Renault.

[4] O texto de W. Miranda (2009) faz uma leitura do AEM na sua perspectiva museográfica, arquivística e de biblioteca. Também no site www.ufmg.br/aem estão disponíveis todos os inventários, bem como informações dos acervos que a instituição abriga.



Mesa de Murilo Rubião no Acervo dos Escritores Mineiros (AEM)

No fundo de Murilo Rubião, doado pela família, encontramos os originais de suas obras, textos inéditos, a correspondência trocada com vários escritores (como João Cabral de Melo Neto, Mário de Andrade, Autran Dourado e Fernando Sabino), documentação de ordem pessoal e profissional, fotografias e, também, os documentos que tratam do jornal *Suplemento Literário do Minas Gerais,* do qual foi diretor e fundador. No arquivo de Murilo Rubião, o maior volume documental sobre a sua participação na vida pública é o que se refere ao *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Totalizam-se mais de 1.700 documentos, dentre recortes de jornais e revistas, correspondências e fotografias que tratam sobre a história e os bastidores do jornal criado pelo autor de *O ex-mágico*.

Quando abrimos o arquivo de Murilo Rubião e, mais especificamente, o arquivo do *Suplemento,* lemos o surgimento, a divulgação e a crítica de novos escritores, vê-se o aparecimento de novas tendências literárias e de outros críticos. Constrói-se, portanto, uma *gênese*, e faz-se a narração da história do jornal e da história da literatura e crítica literária da época, não somente a partir do arquivo do escritor e diretor Murilo, mas também a partir do arquivo do SLMG – dos textos, ensaios e ilustrações publicados no jornal nesta época.

A carta que se lê, mesmo que um documento literário, demanda seu devido tratamento, gerenciamento e catalogação à arquivística, e sua interpretação ao pesquisador (que pode ser um historiador, um jornalista, um professor ou um arquivista). "Arquivos literários", "arquivos políticos", "arquivos militares" e "arquivos religiosos" são designações que atrelam o titular (o dono do arquivo) a sua função, convertendo uma atividade do titular em atributo geral de todos os documentos de seu arquivo. Na verdade, os arquivos de Getúlio Vargas (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC), Mário de Andrade (Instituto de Estudos Brasileiros – IEB), Carlos Drummond de Andrade (Fundação Casa de Rui Barbosa – FCRB), Érico Veríssimo (Acervo de Escritores Sulinos – AES) e de Murilo Rubião (Acervo dos Escritores Mineiros – AEM)[5] recebem o nome, na arquivística, de *arquivos privados* ou *arquivos privados pessoais*[6].

A partir da segunda metade do século 20, graças ao *boom* das informações e de seus suportes (internet, twitter, facebook, blogs, e-books) e do desenvolvimento de uma cultura da memória (basta vermos os *remakes* de filmes, a moda retrô, o gênero biográfico e memorialístico, o aumento dos números de filmes documentários), o universo documental ampliou-se e passou a ser estudado não apenas na sua relação de história e memória, mas também em relação à(s) identidade(s).

A descoberta dos arquivos privados está associada a um ramo da historiografia chamado história cultural. A história cultural retoma o seu olhar para o indivíduo, ela recusa o afastamento do sujeito na história "abandonando quaisquer modelos de corte estruturalista que não valorizem as vivências dos próprios atores históricos, postulados como sujeitos de suas ações. Une o coletivo e o individual, o quantitativo e o qualitativo. Inova ao postular a dignidade teórica do qualitativo" (GOMES, 1998, p. 127).

O encontro do historiador com os arquivos privados é recente, data dos anos 1970 o seu surgimento na Europa. No Brasil, duas das mais importantes instituições de guardas de arquivo privados também se constituíram nos anos 1970: o CPDOC, na Fundação Getúlio Vargas (FGV), e o Arquivo Edgar Leuenroth, na Unicamp (GOMES, 1998). No que diz respeito aos arquivos de escritores, em 1972, foram criados o Arquivo-Museu

[5] Reinaldo Marques, no texto "Memória Literária Arquivada", publicado na revista *Aletria*, caracteriza e contextualiza a criação dos principais arquivos literários no Brasil.

[6] Segundo o *Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística* (Dibrate): "Arquivo de entidade coletiva de direito privado, família ou pessoa. Também chamado arquivo particular". (p. 34–35).

de Literatura Brasileira (AMLB) da Fundação Casa Rui Barbosa, no Rio de Janeiro; e, em 1978, a partir da doação da biblioteca do poeta Murilo Mendes, o Centro de Estudos Murilo Mendes (CEMM). Na década de 1980, são criados outros três acervos de escritores: em 1984, o Centro de Documentação Alexandre Eulálio, na Unicamp; em 1986, a Fundação Casa Jorge Amado (FCJA) e, em 1989, o Acervo de Escritores Mineiros. (MARQUES, 2008).

Por se tratarem de pessoas físicas, o arquivo privado é subjetivo, particular e de difícil classificação no âmbito da arquivística. Mesmo no caso de arquivos de políticos[7], os documentos pessoais não estão inseridos na função administrativa (burocrática), mas nos desígnios do indivíduo. Diferentemente dos arquivos públicos[8] e institucionais, torna-se importante, sobretudo, entender a intenção e contextualização do documento, "entender o motivo da guarda do documento, identificando a intenção acumuladora" (HEYMANN, 2008, p. 50). É importante pensarmos quais imagens são refletidas no arquivo daquele escritor e até mesmo qual a relevância desse arquivo para que uma instituição tome sua guarda.

O arquivo de Murilo Rubião merece estudos à parte quanto à maneira com que o escritor o organizou, tratou e catalogou. Hélio Pellegrino diz que Murilo "tem várias pequenas manias, entre as quais avulta o seu hábito de colecionar cartas, mesmo as mais insignificantes, e tudo o que se relaciona à sua pessoa" (PELLEGRINO, 1987, p. 5).[9] É peculiar, por exemplo, a maneira como o escritor separava os seus documentos classificando e separando a correspondência trocada com os escritores como em uma pasta intitulada "Mário de Andrade, Otto Lara Rezende, Jair Rebêlo Horta e Paulo Mendes Campos", outra com o nome de "Fernando Sabino", "colegas", "amigos e conhecidas", "correspondência feminina (amigas, etc.)", "correspondência com escritores e intelectuais" e "correspondência com escritores e diversos".

Outro aspecto importante no acervo de correspondências de Murilo Rubião são suas anotações, grifos e correções que fazia em cada carta recebida. Com um lápis colorido, Murilo corrigia os erros de português, grifava os estrangeirismos e títulos de obras, escrevia "responder" em algumas cartas e também a profissão e nome de cada remetente. Nos periódicos também evidenciamos a mesma característica: jornais recortados e colados em papel A4 em que, além de sublinhados alguns trechos, encontramos datilografados a fonte, a data e o local de publicação da matéria publicada. Tais características denunciam o rigor arquivístico do escritor, a intenção de documentar, arquivar e tornar acessível o seu acervo, mas também podem muitas vezes confundir um pesquisador: duvidamos da autenticidade das rasuras e nos perdemos em arquivos que, pela classificação dada, julgávamos conter o que estávamos procurando.[10]

Dentre todas as interpretações que a lógica de organização do arquivo de Murilo Rubião oferece, é mais relevante pensarmos na imagem que o escritor revela e a imagem que teve intenção de revelar. Pensarmos quais personalidades murilianas (o escritor, o diretor do *Suplemento*, o chefe da Imprensa Oficial, o amigo) aparecem e como elas são representadas; pensar na seleção e descarte que foram feitos e na importância que o escritor e sua obra tiveram para que o arquivo de Murilo fosse acolhido e tratado por uma instituição.

A identidade e a subjetividade de um sujeito estão muito mais ligadas à aproximação e identificação do que às discrepâncias. As semelhanças que temos entre nós são infinitamente maiores que as diferenças e é justamente nos temas comuns (carreira, lugar de nascimento e morte, classe, relações afetivas e familiares, afinidades literárias) que organizamos e fazemos o nosso arquivo. O nosso "arranjo"é determinado pela nossa

[7] No texto "O indivíduo fora do lugar", de Luciana Quillet Heymann, a autora diz que "Enquanto ocupantes de cargos de natureza política, acumulam documentos que se relacionam ao exercício dessa atividade, que a expressam e comprovam. Mas o indivíduo acumula também e, concomitantemente, documentos que se referem exclusivamente à sua vida privada, ou, ainda, documentos que não são identificáveis de maneira imediata, cuja presença no arquivo não é facilmente interpretável".

[8] Segundo a Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991, que dispõe sobre a política nacional de arquivos privados e dá outras providências, os arquivos públicos são: "os conjuntos de documentos produzidos e recebidos, no exercício de suas atividades, por órgãos públicos de âmbito federal, estadual, do Distrito Federal e municipal em decorrência de suas funções administrativas, legislativas e judiciárias".

[9] Embora tenha sido publicado em 1987 no SLMG, originalmente o texto foi publicado na *Revista da semana* , em 1954.

[10] Um exemplo da "traição" dos arquivos se mostra na carta de João Cabral de Melo Neto a Murilo Rubião. Datada (legivelmente) de janeiro de 1966, antes da criação do *Suplemento*, a carta causou um certo estranhamento da minha parte, levando-me a pensar que poderia ser uma espécie de brincadeira de João Cabral de Melo Neto ao escritor fantástico Murilo Rubião ou, então, que o *Suplemento* já existisse antes. Com a ajuda de Jaime Prado Gouvêa, descobri que era apenas um erro de data "Pode ser que, como acontece muito com meus cheques de início do ano, os missivistas tenham se esquecido que já estavam em 1967, o que explicaria isso." (GOUVÊA. *Dúvidas sobre o SLMG*. E-mail enviado à presente autora em 03/05/2013).

trajetória de vida[11], gerando o inventário[12]: o legado que, no caso do artista e do escritor, é a sua obra.

No final das contas, independentemente das nossas escolhas profissionais e pessoais, somos todos da mesma espécie e a nossa felicidade está também ligada a nossa necessidade de reconhecimento, seja ele profissional ou pessoal, e balizada pela nossa carência e insegurança. O escritor, não diferente de qualquer ser humano e de qualquer artista, quer que sua obra seja pública, quer revelar-se, ser reconhecido.

Murilo Rubião não seria diferente. O escritor arquivou a própria vida, possivelmente, já pensando que estudantes como eu iriam mais tarde estudar a sua obra, sua vida e a relação de uma com a outra: ou seja, de que maneira a trajetória de vida de Murilo Rubião influenciou sua sensibilidade artística. Nesse ponto, além dos 33 contos que publicou e que foram várias vezes reescritos e republicados, considero o jornal *Suplemento Literário do Minas Gerais,* quando foi seu diretor, nos anos de 1966 a 1969, como parte de sua obra, já que ali se revelou uma geração, uma época, uma literatura que se formou graças a Murilo.

Esta dissertação trata do *Suplemento Literário do Minas Gerais* (1966–1969) e seu contexto histórico e literário, a partir do arquivo de Murilo Rubião e do arquivo do próprio jornal, composto pelas edições do SLMG que o escritor assinou como secretário. Pretende-se com isso trazer alguma luz aos estudos sobre jornalismo cultural literário, sobre o contexto cultural (artes plásticas, teatro, cinema e, sobretudo, literatura) e político que vivia o Brasil e, consequentemente, Minas Gerais na época em que Murilo Rubião foi o diretor do SLMG. Tempo marcado pela contradição de um País que vivia uma efervescência de ideias e manifestações culturais, mas ao mesmo tempo se encontrava num período de intensa repressão política – a ditadura militar e a censura. Esta divergência é documentada e legitimada na literatura[13] produzida pelo SLMG, durante os seus três primeiros anos de circulação.

[11] Segundo o *Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística*, arranjo é a "sequência de operações intelectuais e físicas que visam à organização dos documentos de um arquivo ou coleção, de acordo com um plano ou quadro previamente estabelecido" (p. 37).

[12] Segundo o *Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística* o inventário é o "instrumento de pesquisa que descreve, sumária ou analiticamente, as unidades de arquivamento de um fundo ou parte dele, cuja apresentação obedece a uma ordenação lógica que poderá refletir ou não a disposição física dos documentos." (p. 109).

Mais ainda, esta dissertação ambiciona reacender a importância que o jornal *Suplemento Literário de Minas Gerais* teve e ainda tem durante os seus 47 anos de vida. Um estudo da história do jornal, de sua recepção crítica e da literatura que nele foi produzida deseja aqui atestar o valor que o *Suplemento Literário* tem para qualquer pesquisador de literatura e jornalismo cultural. Se hoje, infelizmente, o *Suplemento* é pouco conhecido e estudado nas salas de aulas, principalmente nos cursos de Letras, por muito tempo, principalmente na fase de Murilo Rubião, o jornal era lido também por pessoas comuns, e além de espelhar a intelectualidade da época, era utilizado como material didático por muitas universidades, inclusive no exterior.

Quanto ao recorte adotado – o estudo do SLMG nos anos de 1966 a 1969 –, ele se justifica pela atuação de Murilo Rubião como diretor e idealizador do *Suplemento Literário do Minas Gerais.* Se hoje o *Suplemento* se configura como um dos jornais culturais mais longevos (em 2016 completará cinquenta anos), muito se deveu à atuação de Murilo Rubião, que o criou e estabeleceu certas diretrizes e princípios que são seguidos até hoje. Entre eles, estão a qualidade de suas publicações, o lugar aos escritores novos e veteranos e, tão raro hoje em dia, o espaço dedicado à criação literária.

Para a pesquisa feita no arquivo de Murilo foram fotografados, analisados e fichados mais de 1.700 documentos que tratam da repercussão e da história do *Suplemento*, quando dirigido por Murilo Rubião, de três de setembro de 1966 até 13 de dezembro de 1969, data da última edição que assinou oficialmente como secretário.

Uma iniciativa que também merece ser destacada é a digitalização de todas as edições do *Suplemento Literário de Minas Gerais,* a maior parte delas feita pela Biblioteca da Faculdade de Letras da UFMG e a outra, mais atual, pela Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais. Graças ao trabalho do professor Jacyntho José Lins Brandão e das bibliotecárias Júnia Lessa França e Rosângela Costa Bernardino, encontram-se disponíveis via internet mais de vinte mil artigos publicados, relativos aos 38 anos do SLMG. Ao acessar o site <www.letras.ufmg.br/websuplit>, além de encontrar uma plataforma de pesquisa simples e fácil, o pesquisador pode ler na

[13] Neste caso, entende-se por literatura, não apenas os textos literários, mas toda a colaboração e publicação veiculada no jornal.

íntegra a matéria pesquisada. Este sim é, então, um tesouro para qualquer estudioso de literatura, artes plásticas, cinema e teatro.

Esta dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro deles, dividido em três seções, abordo três assuntos diferentes, mas que se encontram e seguem, depois, o mesmo caminho. Na primeira seção, "Vem da sala de linotipos na Imprensa Oficial a doce música mecânica", narro um pouco da história da Imprensa Oficial de Minas Gerais, parque gráfico que existe desde 1891, responsável pela impressão e edição do Diário Oficial do Estado e, por muito tempo, também do *Suplemento Literário do Minas Gerais*. A Imprensa Oficial é importante também porque ali trabalharam várias gerações de escritores mineiros, desde a de Drummond, Emílio Moura e Cyro dos Anjos até a geração *Suplemento*.

O SLMG, durante os seus 47 anos, é abordado brevemente na próxima seção, intitulada "*O Suplemento Literário de Minas Gerais* (1966–2013)". E na terceira e última, "Murilo Rubião e o *Suplemento*", falo da figura de Murilo Rubião, de sua literatura e vida de escritor e funcionário público, buscando também entender de que maneira todos esses papéis representados pelo escritor puderam refletir na sua atuação e confecção do SLMG.

Assim, a Imprensa Oficial, o *Suplemento Literário de Minas Gerais* (1966–2013) e Murilo Rubião são temas que pertencem e se inserem num espaço mais específico e mais aprofundado: o *Suplemento Literário do Minas Gerais* (1966–1969), que é o assunto que será tratado e analisado no segundo capítulo.

O capítulo "*Suplemento Literário do Minas Gerais* (1966 e 1969)" trata da história e dos bastidores do jornal, principalmente quando esteve nas mãos de Murilo Rubião. Digo *principalmente* porque, embora se perceba certa regularidade temporal (um enfoque nos três primeiros anos), a história foi narrada de forma sincrônica, levando, inclusive, a extrapolar, para frente ou para trás, alguns anos. Para a narração da história do *Suplemento Literário do Minas Gerais*, além de textos e trabalhos, orientei-me e utilizei como bibliografia os documentos do arquivo de Murilo Rubião, periódicos, correspondências e fotografias e também os depoimentos e entrevistas de seus redatores.

Na primeira das quatro seções do capítulo, "Vai circular o *Suplemento Literário do Minas Gerais*" conto a história do jornal nos seus primeiros anos. Abordo o contexto político e cultural que vivia o *Suplemento* na época, os bastidores de redação, alguns eventos importantes, os sucessos e as dificuldades. A segunda seção, "Bola ao cesto na redação do *Suplemento*" foi dividida em duas subseções, na primeira narro o ambiente da Sala Carlos Drummond de Andrade, que além de ser a sala de redação do jornal dirigido por Murilo Rubião, foi também o ponto de encontro de escritores, tanto novos como consagrados, e de muitos artistas plásticos. E na segunda, falo, brevemente, sobre a geração de escritores mineiros, contistas e poetas (Jaime Prado Gouvêa, Libério Neves, Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Luiz Vilela, Sérgio Sant'Anna e outros) que se formou dentro da redação do *Suplemento*, conhecida também como "Os novos" ou, simplesmente, "Geração Suplemento".

Na terceira seção, "Rompendo fronteiras: o *Suplemento* além Minas", trato do alcance e relação do *Suplemento* com escritores e intelectuais fora de Minas. Desse modo, seja a partir das correspondências de muitos escritores e artistas a Murilo, seja a partir de jornais como o *Suplemento do Estado de São Paulo*, abordo a repercussão do *Suplemento* fora de Minas e fora do País. Nessa seção também falo da colaboração e divulgação de outros escritores fora de Minas – os concretistas, os escritores sulistas e de Goiás e, no exterior, a presença da neovanguarda portuguesa, a presença latino-americana, algumas traduções importantes publicadas no jornal e a leitura de algumas literaturas estrangeiras que eram nele divulgadas. Na última seção, falo da crise no *Suplemento*: a censura, as dificuldade causadas pelo regime de repressão e ditadura que o país vivia, a saída de Laís Corrêa de Araújo e de Murilo Rubião no *Suplemento Literário do Minas Gerais*.

No último capítulo, volto o olhar para dentro do *Suplemento Literário do Minas Gerais*, abro e leio suas páginas, matérias e edições. Dividido em duas seções, na primeira abordo as principais características (colunas, séries, seções, tiragem, número de páginas etc.) e os seus personagens (sobretudo a comissão de redação). Na última, dediquei-me a uma breve leitura da literatura e crítica literária brasileira publicadas no *Suplemento*, buscando mostrar de que maneira o periódico acompanhou todo o movimento editorial e literário brasileiro, divulgando e publicando (muitas vezes em textos inéditos) a literatura e crítica que se produziram no Brasil pós-1964. O Anexo contém a entrevista que realizei com o escritor e atual superintendente do SLMG, Jaime Prado Gouvêa. O escritor participou de cinco diretorias diferentes, entre elas a de Murilo Rubião, da qual coleto o seu testemunho e depoimento.

Fica aqui, nas próximas páginas, uma amostra, nos seus três primeiros anos (que para muitos dos personagens foram os mais importantes), da relevância do SLMG e do arquivo de Murilo Rubião. Que venham mais 44!

OSMAN DA COSTA LINS

S.P.- 3-7-68.

Caro Murilo Rubião:

Vai outro artigo, arrancado ao corpo do livro. Exprime o que talvez voce também sinta, como ~~escritor~~ escritor, em relação ao teatro.

Tenho recebido, como sempre, os Suplementos. Como sempre, grato.

Informe-me se, incidentalmente, para os numeros normais do Suplemento, posso enviar algum artigo que eu esteja publicando também aqui ou no Rio. Pergunto porque desejaria, para certas coisas que escrevi ultimamente, o maximo possível de divulgação.

Parece que o livro sai mesmo em outubro. Voltarei a escrever-lhe,

Ainda não vi o artigo de Fábio Lucas, que saiu nos Cadernos Brasileiros e onde ele fala, segundo soube, de Nove, Novena. Já cheguei a escrever para a revista, no Rio, pedindo para mandar-me 2 exemplares pelo reembôlso, pois não a encontrei aqui em nenhum lugar. Que país, meu caro!

Afetuoso abraço do seu

Osman Lins

P.S.- ma do Também 4 página sôbre a "Obra" e Ensaios permite a Crítica". Osm

Frente e verso de cartão de Osman Lins a Murilo Rubião. São Paulo, 3 de julho de 1968.

Murilo,

Resolvi fazer um artigo, desejoso que estou de colaborar no Suplemento Comemorativo. Foi possível.

Acho que ainda estou em tempo.

Vou a S. Paulo amanhã, providenciar o material que V. pediu.

Um abraço do

Francisco Iglésias

Carta de Francisco Iglésias a Murilo Rubião. Sem data.

Marco Aurélio &
Mona Mato, poeta
e jornalista

Rio,
30 de janeiro de 1 967.

Caríssimo Murilo :

Pax typhographica vobiscum !

Estou remetendo a V., junto a esta, um artigote meu sôbre o escritor Rubem Braga. Se você julgá-lo publicável, muito bem ; se não, aguardemos a better thing, como dizem que os inglêses dizem em tais casos.

Recebi os números restantes do Suplemento. Recebi, também, o n. 9, que havia pedido especialmente a V. Por tudo, obrigado. O número referente à Verde, do grupo de Cataguazes, está uma beleza - com revelações que nós, daqui, ignorantes das coisas mineiras passadas (mas não muito passadas) devemos considerar exemplares. Outra coisa : o Mário da Silva Brito (Livraria Civilização Brasileira, rua 7 de setembro), a quem falei sôbre a Verde, referindo-me ao seu Suplemento, mostrou-se interessadíssimo em ver a coisa; prometi-lhe que escreveria a V. sôbre a curiosidade dêle, e agora o faço. Parece que êle gostaria de receber o exemplar.

Em conversa telefônica com o Drummond, há mais dias, falamos sôbre o Suplemento. Êle me disse que conhece apenas alguns números, creio que também gostaria de receber - se possível - uma coleção completa. Veja se é possível. Dou-lhe logo o endereço do homem : Rua Conselheiro Lafaiete, n. 60 - Copacabana. São os ossos do ofício : o Suplemento vai ganhando fronteiras, esticando o seu pescoço de girafa e, assim, espia por sôbre os muros altos de muitas tôrres de marfim ...

Quando é que aprece por acá ? Venha, ao menos para dar uma espiada no cáos.

Abraços gerais, também em Marina.

Seu

Marco Aurélio.

Carta de Marco Aurélio a Murilo Rubião, com rasuras e anotações do destinatário. Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1967.

6, Nabelhusplatzne
EMBAIXADA DO BRASIL
EM BERNA

Poeta João Cabral 4. 1. 1966

Meu caro Murilo.

primeiro seu livro; depois seu cartão, me mandando vosso último suplemento, me deixaram na maior alegria vendo que a volta a Belo Horizonte havia significado para V. volta à literatura. Você é dos raros escritos para quem a literatura existe, como uma prova, e que depois de tentar vadias incursões periféricas (política, literatura), acaba sempre é encontrado por ela. Assim, melhor para nós pela [redacted] volta e pela belíssima volta que representa seu livro.

Melhores votos para V. e toda sua família. E para o suplemento tão vário que vocês estão fazendo. Gostaria é que não deixassem de me enviar. Se mandar colaboração para êle pague a Educação pela Pedra me deixem fora como a própria.

Saudades abraços

João.

Carta de João Cabral de Melo Neto a Murilo Rubião, com rasuras e anotações do destinatário. Bern, 4 de janeiro de 1966.

Sumário-homenagem a um Suplemento

Geraldo Ferraz

Murilo Rubião me envia de Belo Horizonte o número especial do 2.º aniversário do Suplemento Literário do Minas Gerais, e é preciso registrar êsse aniversário, primeiro pela persistência, segundo pela persistência na qualidade, terceiro pelo exemplo que encarna porque se trata de uma beirada do Diário Oficial de Minas Gerais, que se transforma em veículo de cultura, trazendo literatura, poesia e ensaios críticos, desenho e tudo.

Um Suplemento Literário que logo ficou diferente, logo se tornou requisitado por todo o Brasil e faz pela divulgação das letras mineiras o que nenhuma editôra poderia jamais fazer. É assim êste Suplemento Literário.

Como neste 7 de setembro faz dois anos que sai, o Suplemento se engalanou numa capa a côres com um papavento bem bolado em seu desdobramento de oito gomos com uma bola em cada ponta, numa festa. A capa foi feita por Eduardo de Paula. Página sim página não lá vem uma ilustração pondo fulgurância de desenho, coisa fina de bom gôsto, na poesia e no conto, que há muita poesia e muito conto neste Suplemento, é ver um livro.

E a colaboração escolhida? Aí é que cabe ao noticiarista humildemente se tornar fazedor de sumário, desde a abertura, que é do mineiro bem conhecido Emílio Moura, numa poesia que Márcio Sampaio ilustra, e ilustra bem. Rui Mourão está na página 2 e as poetisas Henriqueta Lisboa (ilustrada a poesia da A Luta com o Anjo por Veloso) e Laís Araújo vêm na página 3. Mestre Antônio Cândido escreve "O Ritmo do Mundo, que põe em dia o "encontro de culturas, base da civilização brasileira" que foi o tema de O Uruguai de Basílio da Gama. O poema de Carlos Drummond de Andrade "1914" é uma página das memórias do menino de Itabira, onde excelentemente volta Márcio Sampaio ilustrando. A Reinvenção de Lázaro é notável literatura de Samuel Ravet com uma ilustração de Madu que é bem composta. E José Geraldo Vieira salta do galho da crítica de artes plásticas ou melhormente visuais para a de cinema, estudando o aproveitamento de Capitu no Cinema.

Estamos apenas na página 7. Luiz Costa Lima discorre na seguinte sôbre "A Crítica como êrro e saber armado da nova terminologia. Os Anti-sonetos ouro-pretanos assinados por um poeta fazendo sonetos mesmo em decorrência concreta de Ávila Afonso, levando os dois ff. Autran Dourado publica aqui a Estátua equestre, que vem a ser a primeira parte de uma história em cinco, chamada O Risco do Bordado, o desenhista ficará anônimo na notícia, porque é ilegível a pequenina assinatura, mas o trabalho é bem ideado e realizado com desenvoltura. Então temos um artigo de importância: A face oculta da Arte de Marco Aurélio Matos. O conto de Murilo Rubião chega agora, trata-se de Os Comensais e comporta uma ilustração grande devida a Álvaro Rubião, que acompanha bem o ritmo da narrativa, ou seja a desritmação dela, um composto desengonçado que se desengonça de princípio a fim na literatura. Agora na página 16 Nelly Novaes Coelho estuda com muita precisão a Situação da arte em Portugal, feito o exame à margem do inquérito que corre mundo. Logo Bueno de Rivera, há quanto tempo quem te viu, aparece fechando a página dupla seguinte com Poema de Felipe e os Cavalos, uma ilustração de Jonas Bloch, que perdeu na redução — aqui a d'agramação poderia melhorar a apresentação do poema, paciência. E é bom que haja uma pedra em caminho tão limpo.

Virando a página temos de ler Questões abertas de Fábio Lucas, que focaliza o caso pansudo do "desconcertante relativismo" das idéias incidentes em nosso tempo desmanchando-lhes o absoluto e a permanência nesse refluir as germinações sucessivas: aqui Fábio Lucas aflora o estruturalismo. A comparação de alguns poetas entra de lambuja.

Mas Nélida Piñon dá-nos testemunho de que continua produzindo no conto O nôvo Reino, o qual conto, o qual testemunho serviu de pretexto a uma boniteza de desenho de Eliana Rangel tocio de ondas feito e flôres e mulher. Porém a seguir Osman Lins estuda O escritor como profissional, o assunto que se volta contra o escritor e contra a profissão. Luiz Vilela noutro conto dá pretexto para Eliana Rangel voltar a ilustrar, noutra técnica, de pontilhismo que não me convence tanto quanto o caso anterior. Agora é o mestre Eugênio Gomes que escreve uma página inteira sôbre a poesia do eco ou seja A poesia do eco e eco por todo lado. Francisco Iglesias enfrenta O tempo e os jovens que é o assunto que anda por aí. Maria Alice Barroso me parecendo alma caridosa no sugerente título O conto é sempre difícil. Jovem escritor — vamos tentar outra vez?, se estende sôbre a "vocação" e depois de tanto animar no título passa por uma viola triste em que pede, o quê? — uma "obstinação obtusa". Daí Humberto Werneck com o seu Terceiro anel, e Ayres da Matta Machado Filho recordando Luther King e Bob Kennedy, os dois últimos grandes assassinios da democracia norte-americana. Eliane Zagury com segurança faz observações em tôrno da narrativa fragmentada. Baseado num verso de Gonzaga e noutro de Drummond, Sebastião G. Nunes publica um quadro do manifesto didático por uma poesia contemporânea — de quê, seu Sebastião?

E chegamos ao fim do sumário: o conto Aruã de Lucy Teixeira é ilustrado por Márcio Sampaio, de nôvo muito a propósito e muito qualitativamente.

E agora uma crônica na cana interna assinada por dona Raquel de Queiroz diz que o Suplemento deve ser imitado, porque é exemplo. Há além de Minas Gerais outros Estados no Brasil, com governadores inteligentes. Vamos acreditar? Mais que isto porém que tenha longa vida êste Suplemento dos mineiros.

A TRIBUNA - Santos, 7 de setembro de 1968

A Tribuna, *Santos, 7 de setembro de 1968. Numa folha de papel A4 Murilo Rubião recortava, colava e arquivava quase todas as notícias sobre ele e o* Suplemento.

MEU NATAL com Marques Rebelo

por NUNO DE MIRANDA

Os meus amigos brasileiros continuam a distinguir-me com o envio de toda a sorte de publicações. Agora, com este Dezembro a findar, veio o «Suplemento Literário» com que Minas Gerais assinalou «os sessenta anos de Marques Rebêlo». A iniciativa de Ayres da Matta Machado Filho, Murilo Rubião e Laís Corrêa de Araujo é a todos os títulos notável. E que, não há que negar, Marques Rebêlo é do naipe do que existe de mais destacado e de mais representativo, na vigorosa inteligência do grande país sul-americano e irmão.

Várias circunstâncias têm estorvado o prazer de lhe levar o abraço rijo, aí à Rua do Itapiru, no Rio. Mas continuo a guardar-lhe grande carinho, o maior apreço.

Foi depois da última guerra, quando fizemos de São Vicente, em Cabo Verde, uma capital de ideias, de movimentos vanguardeiros, de debates que não logravam fugir a um marcado provincianismo insular. No Café Cantante, na Praça Nova, no Mala — o José Joaquim da Fonseca, os dois Meneses, Eucides e Filinto, o França, o Spencer e o Lima, Dantas Martins, o Rocheteau, o Du Pary e poucos mais — se discutia política, não por vocação, mas para a definir, num tentame de se estar em dia.

Mais ou menos naquela altura, me chegava Marques Rebêlo, com as gentes de aguia, de Florianópolis — o Salim Miguel, a Eglê e o malogrado Toninho —, a estrela foi subindo e, então, «Stella me abriu a porta»; depois emparceirei com Teixeirinha, com ele fui no cordão, bebemos chope, cachaça, namorámos costureirinhas (estou a lembrar-me de Micas).

Mais tarde, em Lisboa, então foi um alumbramento. Tu vieste, Marques Rebêlo, com a tua fabulosa capacidade de escritor, toda nimbada do estilete do teu humor maledicente; e do teu dom de me ofertares vários escalões da sociedade, de um Brasil que representas, ora com o lirismo, que tanto me toca, ora com a malícia da tua sátira. Tu vieste, numa altura em que no Avis, no Restauração, ou no meu apartamento na Alameda, se bebia «whisky» e se escutavam espirituais a meia luz. E falava de Bracque, Carlo Bó e Kandirsky. Apesar de tudo, e da rosa dos ventos, permaneces. Levei os do grupo a discutirem e a entusiasmarem-se por este belo «roman-fleuve» que é «O Trapicheiro», primeiro volume de «O espelho partido», diário de um escritor carioca e ao mesmo tempo registo de notas, observações e factos ocorridos no Rio, nos anos de 1936/38.

A realidade é que os anos estão passando; e tu, romancista «histórico», no sentido de que escreves sobre gentes e coisas passadas todavia ainda presentes, continuas vigoroso e fresco — mesmo nos «sessentanos.»

Neste Natal de concórdia, eu te saúdo e te louvo, Marques Rebêlo, com a ternura de um velho amigo a toda a hora presente.

"Folha da Manhã"
Lisboa - Portugal
28/12/1967

Folha da manhã, *Lisboa 28 de dezembro de 1967.*.

O Esgôto

A novela será narrada pelo autor (no caso, um funcionário público e pintor amador).

No dia seguinte, a descoberta (de Manuel), ~~ele~~, ~~[illegible]~~ (Ao amanhecer) ~~[illegible]~~, sai gritando:

- Incêndio! Incêndio!

Acode todos (ficam assustados)

O funcionário vendo que era o sol, diz:

Lei 9.610/98 Art.46

- Imbecil! É o sol!

Está pensando como outro sabia o que era incêndio e não sabia o que era sol. Que não conhecendo sol, escreva certo, ~~[illegible]~~ incêndio pois vivia no espírito, mas ~~[illegible]~~ saber o que fosse incêndio e que êle não compreendia.

Lei 9.610/98 Art.46

Páginas 1 e 2 do manuscrito de 75 folhas de "O esgoto", peça ficcional inédita e inacabada de Murilo Rubião.

Capítulo 1

Três personagens em uma só história: a Imprensa Oficial, o Suplemento e Murilo Rubião

1.1 Vem da sala de linotipos, na Imprensa Oficial, a doce música mecânica

O fato ainda não acabou de acontecer
e já a mão nervosa do repórter
o transforma em notícia
O marido está matando a mulher.

A mulher ensanguentada grita.
Ladrões arrombam o cofre.
A polícia dissolve o meeting
A pena escreve.

Vem da sala de linotipos a doce música mecânica.

Carlos Drummond de Andrade, "Poema do jornal",
Alguma poesia.

NA CRÔNICA "Doce música mecânica"[1], escrita em comemoração ao aniversário de oitenta anos da Imprensa Oficial de Minas Gerais (IOMG), Carlos Drummond de Andrade relembra os tempos em que trabalhou como redator do *Minas Gerais*. Antes disso, Drummond, em *Alguma Poesia*, escreve "Poema de jornal", que, segundo a crônica, seria um registro da "sensação de embalo que despertava o trabalho às oficinas do jornal", quando lá trabalhou como redator nos anos de 1929 a 1934.

Recentemente, comemorando os 120 anos da Imprensa Oficial, o artista plástico Fernando Pacheco pintou o painel *Doce música mecânica*, que, além de Drummond, homenageia e retrata, numa interpretação livre, a história da imprensa mineira e, mais especificamente, da Imprensa Oficial, de seus personagens e cenários.

No quadro vê-se, sob o piano, além de um vaso com flores, que faz uma alusão ao artista Guignard, teclas de linotipo, escrevendo os nomes "Imprensa Oficial", "Estado de Minas Gerais", "Murilo Rubião" e "Suplemento".

[1] A crônica de Drummond foi publicada pela primeira vez no *Suplemento* em novembro de 1971, em edição especial n. 272, em comemoração aos oitenta anos da Imprensa Oficial, organizada por Ângelo Oswaldo. Na mesma edição encontra-se uma antologia que reune trabalhos de escritores, poetas e artistas que atuaram na Imprensa Oficial. Além desta edição, em 1991 também foi feita outra edição especial, n. 1170/1171, em comemoração aos cem anos da Imprensa Oficial, organizada por Pascoal Motta.



Painel Doce música mecânica, *de Fernando Pacheco.*

No centro da tela, aparecem em destaque, de terno azul, o escritor Murilo Rubião e do seu lado quatro rostos que representam os "Quatro Cavaleiros do Apocalipse": Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende e Hélio Pellegrino. No canto superior esquerdo, vê-se uma estante com livros de Emílio Moura, Murilo Rubião, Otto Lara Resende, Eduardo Frieiro, Ildeu Brandão e Cyro dos Anjos. E no canto superior direito, uma lua azul, remetendo ao bar Lua Nova, localizado no edifício Maleta.

A pintura, a crônica e o poema ressaltam a Imprensa Oficial de Minas Gerais como parte fundamental da história da literatura e da imprensa mineira e também da história do *Suplemento Literário*, de forma que não se limitava à publicação burocrática de leis, atos e decretos do governo no seu Diário Oficial, o *Minas Gerais*. Seria injusto, portanto, se não falássemos aqui, mesmo que brevemente, dela, de alguns de seus personagens e um pouco de sua história. Afinal, o *Suplemento* recebeu colaboração de vários de seus ex-funcionários, suas edições foram compostas e impressas na casa e, na redação do *Minas Gerais* nasceu a ideia de se criar o *Suplemento Literário*, realizado por Murilo Rubião.

Criada em 1891, a instituição começou nas dependências do antigo Palácio dos Governadores, atual Escola de Minas, na Praça Tiradentes, no Centro Histórico de Ouro Preto, que era então a capital de Minas Gerais. No seu início, com uma infraestrutura técnica precária, a Imprensa Oficial passou por dificuldades financeiras e pela falta de profissionais especializados no ofício tipográfico, tendo sido necessário contratar, da Imprensa



Oficial do Rio de Janeiro, técnicos, mestres-salas e artistas. Em 21 de abril de 1892, a partir de composição tipográfica manual, iniciou-se a publicação regular do *Minas Gerais* e dos impressos oficiais.

Em 1897, com a mudança da capital para Belo Horizonte, chamada então Cidade de Minas, a Imprensa Oficial ocupou, em 1898, metade do quarteirão 28 da nova capital, entre as ruas Rio de Janeiro e Espírito Santo, com frente para a antiga Avenida Paraopeba, atual Augusto de Lima, 270. Um dos prédios mais antigos de Belo Horizonte, a construção em estilo neoclássico acompanhou os projetos urbanísticos e arquitetônicos da nova capital de Minas, sendo liderada pelos engenheiros e urbanistas Aarão Leal de Carvalho e Antônio Teixeira Rodrigues. Em 1914, a Imprensa Oficial introduz a impressão em linotipos. Em 1980 começaram a ser realizadas na Imprensa Oficial as primeiras impressões em *offset*.

Pela Imprensa Oficial de Minas Gerais passou a mais variada legião de escritores – simbolistas, parnasianos, modernistas – e foram impressas importantes obras da literatura produzida em Minas Gerais. Patrícia Fonseca, no artigo "Imprensa Oficial de Minas Gerais", realça a importante e expressiva atividade da IOMG na edição de livros de poesia, tendo publicado, nos anos 1915 a 2013, 184 livros do gênero. Segundo a diretora de Relações Institucionais, Denise R.T. Nora, todas as edições que estavam disponíveis em uma biblioteca que funcionava dentro do órgão, denominada Eduardo Frieiro, foram doadas à Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa (FONSECA, 2011, p. 49–51). Na edição especial do *Suplemento* em comemoração aos oitenta anos da Imprensa Oficial, Ângelo Oswaldo, seu organizador, diz o seguinte no editorial:

> Pela Imprensa Oficial de Minas Gerais passou a mais variada legião de escritores. E estes ainda são encontrados aqui, nas redações e oficinas. Gerações se sucederam, e de seus escritores sempre boa parte esteve ligada à Imprensa. Parnasianos e simbolistas a viram nascer, registrando, em sonetos e sueltos, a história da cidade que também surgia. Do topo da Avenida Paraopeba, eles sentiram a nova Capital tomando corpo, no movimento da Rua da Bahia. (OSWALDO, 1971, p. 1–2).

Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Moacyr de Andrade, Cyro dos Anjos, Guilhermino César, Eduardo Frieiro, João Alphonsus, Murilo Rubião, Aires da Mata Machado Filho, Libério Neves, Wander Piroli, Laís Corrêa de Araújo, Adão Ventura, Manoel Lobato, Libério Neves, Mário Matos e Rui Mourão trabalharam na Imprensa Oficial e no *Minas Gerais*. Muitos tiveram lá suas primeiras obras editadas e descontadas as impressões em seus contracheques. Aliás, nas oficinas da Imprensa Oficial ou nas redações do *Minas Gerais*, pode-se dizer que surgiram as primeiras tentativas de se criar uma editora em Belo Horizonte, iniciativa que veio de seu funcionário Eduardo Frieiro.

Frieiro começou a trabalhar na Imprensa Oficial como aprendiz de tipógrafo aos onze anos de idade, em 1903, e lá ficou até 1953, passando pelas funções de revisor, redator, secretário e diretor. Impressas pela IOMG e sob o selo das Edições Pindoramas, foi autor e responsável pela edição das obras *O clube dos grafômanos* (1927), *O Mameluco Boaventura* (1929) e *Inquietude, melancolia* (1930) e, de Drummond, foi responsável pela edição e concepção gráfica de *Alguma poesia*. Em 1931, o escritor criou a "sociedade coeditora" Amigos dos Livros, com vinte sócios, a maioria escritores e funcionários ou ex-funcionários da Imprensa Oficial – dentre eles Drummond, Emílio Moura, Guilhermino César e João Alphonsus. A editora publicou *O brasileiro não é triste* (1931), de Eduardo Frieiro, *Ingenuidade* (1931), de Emílio Moura e *Brejo das almas* (1934), de Drummond. Em homenagem ao escritor que tanto fez pela casa, a Biblioteca da Imprensa Oficial tem o seu nome.

Nos pátios da Imprensa Oficial, o filho do então governador Antonio Carlos, Fábio Andrada, com a ajuda dos funcionários e maquinaria da Imprensa Oficial, começou a construir um avião que teve seu projeto sabotado pelo próprio pai, porque, como disse Antonio Carlos a Abílio Machado, "se eu soubesse que aquilo não vai subir não teria receio. Mas é que pode subir e o Fábio se despejará lá de cima..."[2]

Em 1924, o jornal *Minas Gerais* publica uma notícia comentando a visita célebre dos modernistas de São Paulo à cidade de Belo Horizonte. Na notícia, datada de 27 de abril de 1924, além dos nomes dos participantes da excursão, lê-se todo o roteiro "turístico" das cidades visitadas pelos modernistas de São Paulo. São João Del Rei, Tiradentes, Sabará, Lagoa Santa e Belo Horizonte estiveram no roteiro da excursão e o *Minas Gerais* comenta o seguinte sobre ela:

> Ainda agora recebe o Estado a visita de um grupo de homens de letras paulistas, do qual fazem parte a exma. sra. dona Olívia Penteado, a pintora dona Tarsila do Amaral, dr. Renné Thiolier, dr. Oswaldo Andrade, dr. Godofredo Telles e dr. Mário Andrade.
> Os ilustres excursionistas vieram percorrer as cidades antigas e os sítios históricos e admirar as igrejas e outros monumentos do século XVIII que possuímos.
> Com os excursionistas vêm também o bizarro poeta Blaise Cendras, mutilado da guerra e uma das vibrantes expressões da literatura francesa.
> Depois de visitarem São João Del Rei e Tiradentes, onde assistiram à Semana Santa, os nossos hóspedes vieram para Belo Horizonte, na quarta-feira última, fizeram, em companhia do dr. Daniel de Carvalho, secretário da Agricultura e do engenheiro Antônio Botelho, uma excursão pela estrada do Cipó, detendo-se longo tempo em Lagoa Santa, onde admiram as pinturas de Matriz e as belezas naturais do lugar, realizando um passeio na grande lagoa ali existente. (MINAS GERAIS, 1924, p. 7)

Como se vê na notícia do *Minas Gerais*, os paulistas estiveram presentes em alguns bairros de Belo Horizonte e, depois, seguiram para a cidade histórica de Ouro Preto:

> Quinta-feira, fizeram uma visita à Fazenda da Gameleira, ao Instituto João Pinheiro e à Fazenda do Barreiro, cuja arquitetura colonial vivamente os impressionou.
> Anteontem, passaram o dia em Sabará, acompanhados do dr. Daniel de Carvalho e de sua exma. esposa, recebendo a mais grata impressão das belezas artísticas das Igreja Matriz do Carmo, de São Francisco e Santa Rita, bem como da arquitetura de algumas casas particulares.
> Ontem, partiram os ilustres hóspedes para Ouro Preto, tendo ido levar-lhes despedidas na Estação dos srs. dr. Fernando Mello Viana, secretário do interior, e o dr. Daniel de Carvalho, secretário da Agricultura, aos quais todos os excursionistas manifestaram a sua admiração pela obra de governo que Minas está realizando neste momento pelas riquezas artísticas que aqui encontraram, sobretudo nos velhos tempos que urge conservar, na beleza primitiva. (MINAS GERAIS, 1924, p. 7).

A participação dos modernistas mineiros junto com os de São Paulo sempre foi presente na história da Imprensa Oficial, sendo constante o abrigo e divulgação dos escritores novos e de vanguarda na casa. Não apenas a notícia publicada no *Minas Gerais*, em 1924, atesta essa afirmação, mas também o diálogo epistolar que os modernistas paulistas estabeleceram com esses jovens escritores mineiros e as inúmeras visitas que Mário de Andrade fez a Minas e nelas foi recebido por funcionários da IO – jornalistas, redatores, revisores, tipógrafos que eram também, em sua maioria, escritores. A primeira visita de Mário de Andrade a Minas ocorreu em 1919, em Mariana, quando ele tinha somente 27 anos e foi para lá estudar a arte religiosa da região e conhecer o "grande simbolista Alphonsus de Guimaraens". Como mostra a carta que o poeta simbolista enviou ao seu filho

[2] Na edição n. 271 do *Suplemento Literário de Minas Gerais*, em novembro de 1971, Moacyr de Andrade, funcionário da Imprensa Oficial e do *Minas Gerais* durante os anos de 1917 a 1949, publica a crônica "Um avião na Imprensa Oficial" em que relata o inusitado acontecimento. Também Humberto Werneck em seu livro *Desatino da rapaziada* conta a anedota.



Escritores na Gare da Central do Brasil: João Etienne Filho, João Camilo de Oliveira Torres, Aureo Fulgêncio, Murilo Miranda, Murilo Rubião, Yedda Braga Miranda, Guilhermino César, Mário de Andrade, Lúcio Rangel, Emy Andrade, Pedro de Castro, Marques Rebelo, Júlio Barbosa, João Alphonsus, Baeta Viana, Cyro dos Anjos e José Carlos Lisboa. Belo Horizonte, 1939.

João Alphonsus, datada de julho de 1919, a admiração ocorreu não só da parte do jovem poeta paulista, mas também de Alphonsus de Guimaraens:

> Há cinco dias esteve aqui o Sr. Mário de Morais Andrade, de S. Paulo, que veio apenas conhecer-me, conforme disse. É doutor em ciências filosóficas. Leu e copiou várias poesias minhas (principalmente as francesas) [...] É um rapaz de alta cultura, sabendo de cor, em inglês, todo o "Corvo" de Poe [...] a verdade é que, para quem vive, como eu, isolado – uma visita dessas deixa profunda impressão.[3]

O poeta João Alphonsus foi redator do *Minas Gerais*, junto com Drummond e Emílio Moura, nos anos 1930. Esses escritores modernistas, junto

[3] Carta de Alphonsus de Guimaraens a João Alphonsus, 15 jul. 1919. In: ANDRADE, Mário de; BANDEIRA, Manuel. *Itinerários: Cartas de Mário de Andrade e Manuel Bandeira a Alphonsus de Guimaraens Filho, 1974*. Citada por MORAES, Marcos Antônio de (Org.). *Mário e o Pirotécnico Aprendiz: Cartas de Mário de Andrade e Murilo Rubião*, 1995. p. 26–27.



Alphonsus de Guimarães Filho, Hélio Pellegrino, Mário de Andrade e Murilo Rubião no Parque Municipal. Belo Horizonte, 1944.

com Pedro Nava e Martins de Almeida, comporiam mais tarde a comitiva que receberia os modernistas de São Paulo em 1924.

Depois, Mário de Andrade faz mais duas visitas a Minas, em 1939 e em 1944, um ano antes de morrer. Na primeira, convidado pelo Diretório Central de Estudantes mineiro para inaugurar seu o programa de difusão cultural, o poeta foi recebido na Gare da Central do Brasil por vários intelectuais de renome – João Alphonsus, Cyro dos Anjos, José Carlos Lisboa entre outros – e conhece o escritor Murilo Rubião. Na qualidade de repórter no *Folha de Minas,* Murilo, que ainda não havia publicado nenhum de seus livros de contos, estaria lá para realizar uma entrevista com o escritor e aproveitaria a oportunidade para iniciar um diálogo intenso de correspondências que duraria mais de quatro anos.

Em 1944, ocorre a última visita de Mário de Andrade a Belo Horizonte e Murilo Rubião já está mais íntimo do escritor. No texto de apresentação do livro *Mário e o Pirotécnico Aprendiz*: *cartas de Mário de Andrade a Murilo Rubião*, ao comparar as duas fotografias que registram as duas últimas visitas do escritor paulista a Minas e o encontro de Mário e Murilo, Eneida Maria de Souza aponta para a evolução da proximidade entre os dois escritores (muito em parte pela missiva que foi trocada) e para aspectos e tempos

diferentes da vida de cada um deles. Na primeira foto, de 1939, cercado por inúmeros intelectuais de renome na Gare Central do Brasil, em meio aos holofotes em torno do escritor Mário de Andrade, aparece a figura de Murilo Rubião, escondida, mas ao mesmo tempo destacando a sua personalidade de escritor excêntrico e misterioso. Na segunda foto, mais intimista e num lugar mais calmo e tranquilo, aparece Murilo Rubião, Hélio Pellegrino e Alphonsus de Guimaraens Filho. Segundo Eneida, em "ambos os retratos, Mário é a figura de proa, "cercado por seus piás" (SOUZA, 1995, p. 12). No entanto, também pelas duas imagens, é visível o amadurecimento dos escritores e um maior entendimento e proximidade entre os dois, seja na literatura ou na relação de amizade e "mestre".

Nos anos de 1930 a 1934, Carlos Drummond chegou a ser redator do *Minas Gerais*. Na página "Notas sociais", Drummond tinha uma coluna de crônicas chamada "O nariz de cera", que assinava sob o pseudônimo de Antônio Chrispim e Barba Azul. Saíram de lá suas famosas crônicas "Da velha cidade" e "Kodack" – em que fala de Belo Horizonte –, assim como "O fenômeno Greta Garbo" e "Ir ao cinema".

Quase vinte anos após a morte de Mário de Andrade, os poetas Affonso Ávila e Laís Corrêa tiveram um papel importante no diálogo com os concretistas de São Paulo. Em 1963, época em que circulavam as revistas *Invenção* e *Tendência,* Ávila coordenou a Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, em Belo Horizonte, no saguão da reitoria da UFMG. Mais tarde, o casal seria também corresponsável pela criação e edição do *Suplemento Literário*, na época em que Murilo Rubião foi seu diretor.

A Imprensa Oficial é uma autarquia (entidade de recursos patrimoniais próprios, criada e tutelada pelo Estado) responsável pela publicação, dentre outros impressos, do Diário Oficial *Minas Gerais*, jornal que divulga atos e decretos do governo.[4] Hoje, infelizmente, com apenas oito páginas, o jornal se limita à publicação de atos, notícias e decretos do governo, sem qualquer tipo de matéria cultural.

No entanto, nesses 120 anos não se pode esquecer, merecendo vários estudos, a história da Imprensa Oficial e de suas publicações: o *Minas Gerais* e o *Suplemento*. O *Minas Gerais* foi por muito tempo o único jornal que levava cultura e informação a quase todos os municípios mineiros. Pelas páginas do *Minas Gerais* também se publicaram textos importantes de Eduardo Frieiro, Emílio Moura, Aires da Mata Machado e tantos outros. E nas páginas do *Suplemento* encontramos uma rica parte da literatura e crítica literária produzida no Brasil, assinada por grandes escritores e intelectuais brasileiros.

O *Minas Gerais* era um dentre vários periódicos que publicava constantemente algum texto sobre o *Suplemento*. No jornal oficial do estado é possível ler e narrar quase toda história do jornal dirigido por Murilo. Pelo menos uma vez por semana, escrevia-se uma resenha sobre um número do *Suplemento Literário;* uma notícia sobre alguma cerimônia de lançamento de edição ou sobre algum fato diferente que acontecia na redação, como a conquista do prêmio Cid, em 21 de outubro de 1967, instituído pela Rádio Itatiaia, em que o *Suplemento* foi considerado o que de melhor se publicou em Minas no ano de 1966. Era comum também o *Minas Gerais* publicar trechos das correspondências de escritores e figuras políticas que eram enviadas a Murilo e até das notícias que estampavam as páginas de outros periódicos e revistas do país que tratavam sobre o SLMG. Na década de 1960, Otávio Dias Leite assinava no *Minas* a coluna semanal "Capas e contra-capas", em que, também como Lívio Xavier, resenhava e criticava os principais jornais e revistas do Brasil, e nela, quase sempre, escrevia sobre o *Suplemento*.

Durante muitos anos, em Belo Horizonte, a maior parte das redações de jornais era no centro da cidade, como também – talvez por consequência – a sua zona boêmia. Quando terminado o expediente, escritores e jornalistas, de diferentes gerações e tendências literárias, se encontravam no prédio da Imprensa Oficial e migravam para o bar do Ponto, Livraria do Estudante, Bar Lua Nova e Cantina do Lucas. Dentro dos bares, discussões calorosas sobre literatura, política e mulheres. Casos memoráveis de Drummond, Emílio Moura, Cyro dos Anjos, dos "Quatro Cavaleiros do Apocalipse", dos rapazes do *Suplemento*.

A Imprensa Oficial e o *Minas Gerais*, jornal árido e burocrático, juntaram os dois ganha-pães da maioria dos escritores brasileiros que não conseguem viver da pena: o jornalismo e o funcionalismo público. O que talvez explicaria o número tão concentrado de intelectuais de alto nível trabalhando em sua casa.

Na verdade, apesar das histórias em torno dos seus bastidores,

[4] Na edição especial em comemoração aos cem anos da Imprensa Oficial, Newton Silva escreve o artigo "O Minas de cem anos", contando um pouca da história da Imprensa Oficial e do *Minas Gerais*.



Aires da Mata Machado, Murilo Rubião e Eduardo Frieiro na Imprensa Oficial.

trabalhar no *Minas Gerais* e na Imprensa Oficial não era o sonho de quase nenhum escritor, sobretudo porque há mais de vinte anos o *Minas Gerais* se limitara a publicar notícias de atos e decretos do governo, sem qualquer tipo de jornalismo cultural estampado em suas páginas. Nos anos de 1960 estiveram na redação do *Minas*, de forma desperdiçada, Ayres da Mata Machado Filho, Bueno de Rivera e Murilo Rubião, este recém-chegado da Espanha, onde trabalhou como adido cultural.

Depois de participar da construção de Brasília, trabalhando com o presidente Juscelino Kubistchek, Israel Pinheiro retorna a Minas na qualidade de governador em 1965. Apesar de ser de oposição ao regime ditatorial vigente e de manter a mesma política cultural de Juscelino – o apoio às artes e aos intelectuais brasileiros –, Israel manteve razoáveis relações com o governo que editou o AI-5 até o término de seu mandato, em 1971. Assim, entre os planos de ação cultural, estava a repaginação do *Minas Gerais*. O então governador do estado quis reviver os tempos antigos do jornal, devolvendo a suas páginas um pouco de entretenimento e informação para além da burocracia. Coube a Raul Bernardo de Sena, sobrinho do então governador Israel Pinheiro e ex-diretor da Imprensa Oficial, a tarefa de organizar a reforma do jornal *Minas Gerais* e, consequentemente, da Imprensa Oficial.

Uma das primeiras medidas tomadas por Raul Bernardo encontra-se documentada em uma notícia publicada pelo *Minas Gerais*, em 20 de setembro de 1966. A notícia, intitulada "Publicações da Imprensa Oficial", trata de um comunicado sobre as publicações literárias da Imprensa Oficial, e nela lê-se a criação, pelo diretor da IOMG, de uma portaria para orientar as normas de seleção e publicações de livros pela casa. Segundo a notícia, a portaria contou com o trabalho dos escritores Aires da Mata Machado Filho, Murilo Rubião e Odair de Oliveira, que apreciavam o valor das obras, selecionado as que seriam publicadas. Dentre alguns livros escolhidos para publicação naquele ano, *A mãe e o filho da mãe*, de Wander Pirolli, o livro de poesia *Valacomum*, de Henry Corrêa de Araújo e *Mentira dos limpos*, de Manoel Lobato.

Ainda, como atesta notícia publicada pelo jornal *O globo*, de Belo Horizonte, na ocasião de lançamento da edição comemorativa do primeiro aniversário do *Suplemento*, o diretor da Imprensa Oficial, Paulo Campos Guimarães, anunciou várias medidas que seriam tomadas para a reforma da casa. A notícia de 4 de setembro de 1967, intitulada "Etapa da Reforma da I.O.", diz o seguinte:

> O Secretário do Governo, Sr. Raul Bernardo Nelson de Sena, em cuja gestão à frente da Imprensa Oficial, se projetou o suplemento, destacou ser uma de suas principais metas abrir perspectivas aos talentos novos de Minas – contistas, críticos, poetas, artistas – e divulgar suas ideias.
> Encerrando a solenidade, o diretor da Imprensa Oficial, Sr. Paulo Campos Guimarães, pronunciou discurso em que disse que o suplemento literário do Minas Gerais é o mais autêntico instrumento de comunicação do nosso pensamento [...] ao concluir, anunciou que a reforma da Imprensa Oficial não completará com a edição do suplemento literário. O órgão vai promover, também, o reaparelhamento e o funcionamento regular da Escola de Belas Artes ou Escola Guignard, a edição da Revista Minas Gerais e a reformulação completa do "Minas Gerais", para transformar-se numa empresa pública industrial de cultura e divulgação.

Para reavivar os momentos áureos do *Minas Gerais*, Raul Bernardo idealizou também uma página semanal de literatura e levou a ideia para Murilo Rubião, Ayres da Mata Machado Filho e Bueno de Rivera. Em última entrevista concedida antes de morrer, Murilo Rubião narra a história da criação do *Suplemento*:

> Naquele ano, 1966, o então governador Israel Pinheiro teve em mãos um relatório que colocava o *Minas Gerais* como o único jornal que chegava a todos os municípios mineiros. Então, em vista de sua grande penetração, decidiu que o órgão oficial seria também noticioso com diversas seções informativas e com uma página dedicada à Literatura. (RUBIÃO, 1991, p. 26).

Murilo sugeriu ao diretor da Imprensa Oficial que no lugar de uma página, se criasse um suplemento literário semanal e, a ideia foi aceita. Murilo Rubião recrutou, então, os seus colegas Ayres da Mata Machado Filho, Bueno de Rivera e Laís Corrêa de Araújo para a confecção do *Suplemento*. Affonso Ávila redigiu o projeto de lei que instalou o *Suplemento do Minas Gerais*. De 1966 a 1994, o *Suplemento Literário do Minas Gerais* pertenceu à Imprensa Oficial, sendo parte das edições do *Diário Oficial*. Dessa forma, reacenderam-se os tempos áureos do *Minas Gerais*, com uma publicação crítica e literária de alta qualidade e com um ambiente de redação alegre e descontraído e, sobretudo, culturalmente e ideologicamente, efervescente.

SupleMGnto! Não se trata de um sobrevivente – embora a paisagem dos suplementos literários na imprensa brasileira seja hoje um lamentável deserto. Trata-se de um resistente. Que não passa recibo: desfila no meio da pasmaceira como se ela não existisse. E não existe mesmo!

Sérgio Alcides. O Suplemento *visto por seus autores nos dias de hoje*, 2011.

SOMANDO MAIS DE mil edições e 47 anos de vida, o *Suplemento Literário de Minas Gerais*[5] não é apenas um jornal que sobrevive, mas que também resistiu a várias fases e crises que passou. Resistiu às mudanças de regime, de governos, de administrações e linhas editoriais diferentes e mesmo conflitantes. Em um momento em que os livros de autoajuda viram ficção e os *best-sellers* são consagrados romances, em que jornais como o *Jornal do Brasil* (reconhecido também pelos seus suplementos e cadernos culturais) fecham suas portas, é de se admirar que ainda exista em Minas um jornal que dure tanto tempo, permanecendo com seu propósito de divulgar novos autores e de trazer ao leitor uma literatura e crítica de qualidade. Mais ainda, o *Suplemento* merece ser respeitado por ser um dos poucos jornais desvinculado do meio acadêmico (apesar de não excluí-lo, hoje, nem do seu conselho editorial, nem das listas de colaboradores) e que dá tanto espaço à publicação de poesia, talvez o único.[6]

Numa breve leitura, a história do *Suplemento* é extremamente rica, tanto no que refere a suas fases (com os seus diferentes secretários) quanto a suas publicações. Nesses mais de quarenta anos de vida, o SLMG teve, além de Murilo Rubião, mais de quinze diretores, e cada um deles imprimiu característica e importância singular à fase que viveu no jornal. Muitos, inclusive, tiveram como referência a atuação de Murilo nos primeiros anos do periódico.[7]

[5] Entre 1966 a 1994, pertencia à Imprensa Oficial, como, inicialmente, parte das edições do *Diário Oficial*, e por isso era chamado de *Suplemento Literário* do *Minas Gerais*. Mais tarde, o jornal ficou sob a responsabilidade da Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, sendo chamado, desde então, *Suplemento Literário* de *Minas Gerais*.

[6] Todas as edições do *Suplemento Literário de Minas Gerais* encontram-se digitalizadas e disponíveis nos seguintes sites: <www.letras.ufmg.br/websuplit> e <http://www.cultura.mg.gov.br/imprensa/publicacoes/suplemento-literario>.

[7] Cf. MARQUES; NOVAES. "A hora e a vez do Suplemento Literário de Minas Gerais".



Posse de Ângelo Oswaldo na Imprensa Oficial, em 29 abril de 1971. Teresinha Veloso, Abílio Machado Filho, Paulo Campos Guimarães, Ângelo Oswaldo e Murilo Rubião.

Murilo Rubião, então funcionário da Imprensa Oficial, foi nomeado pelo governador Israel Pinheiro e criou um suplemento literário que em pouco tempo alcançou repercussão e sucesso nacional e internacional, podendo ser comparado, na época, aos suplementos como o do *Jornal do Brasil* e *Suplemento Literário do Estado de São Paulo* (tidos como alguns dos melhores jornais culturais do Brasil).[8]

Focado na ficção, na poesia e no ensaio, o *Suplemento Literário* abriu-se também a outros campos da cultura, como cinema, o teatro e as artes plásticas. Seguindo a receita de Mário de Andrade, o jornal apresentava sempre a preocupação de mesclar vozes de distintas gerações. E para isso

[8] No livro de Humberto Werneck *O desatino da rapaziada* e em seu artigo "Meu suplemento inesquecível", publicado em edição de 45 anos de aniversário do SLMG, o autor conta a história do *Suplemento Literário do Minas Gerais* na época em que Murilo Rubião foi o seu diretor.

contou com a colaboração de escritores já consagrados pela crítica, mas também publicou e inseriu na redação do jornal, consecutivamente, escritores novos.

Luiz Vilela, Duílio Gomes, Sérgio Sant'Anna, Jaime Prado Gouvêa, Luis Gonzaga Vieira, Márcio Sampaio, Humberto Werneck e os poetas Libério Neves e Adão Ventura, bem como escritores consagrados como Drummond, Murilo Mendes, Antonio Candido, Autran Dourado, José J. Veiga, João Cabral de Melo Neto, Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Osman Lins, Luís Costa Lima, José Guilherme Merquior, Lygia Fagundes Telles, Silviano Santiago, Benedito Nunes, Dalton Trevisan, Emílio Moura, Eduardo Frieiro, Bueno de Rivera e Francisco Iglésias colaboraram assiduamente nas páginas do *Suplemento*.

Criado em plena ditadura militar, não tardou muito para que o jornal passasse por dificuldades. O provincianismo mineiro, a descrença da parte mais conservadora de escritores (a maioria da Academia Mineira de Letras) e, principalmente, a ditadura fizeram com que se instalasse uma crise no jornal e culminasse com a saída de Murilo Rubião. "Um pequeno grupo de acadêmicos movia ardilosa campanha contra o 'vanguardismo' do *Suplemento* e a blindagem estabelecida por Rubião contra a subliteratura que costuma assaltar publicações do gênero". (OSWALDO, 2011). Denunciado como subversivo, Murilo se afasta do jornal, sendo substituído por Rui Mourão, que também seria vítima do regime autoritário, permanecendo pouco tempo no SLMG, assim como os seguintes diretores Libério Neves e Ildeu Brandão.

Em 1971, depois de Humberto Werneck (que fora chamado um ano antes para trabalhar no *Jornal da Tarde*, em São Paulo) e Carlos Roberto Pellegrino recusarem o convite de Murilo Rubião, Ângelo Oswaldo assumiria a redação do jornal. Ele contou com o poeta Libério Neves e o contista Mário Garcia de Paiva na comissão de redação. Adão Ventura, Jaime Prado Gouvêa, Luís Márcio Vianna e Sérgio Tross atuaram na equipe como redatores. Para alguns, como é o caso do escritor Sérgio Sant'Anna, foi justamente a partir de Oswaldo que o SLMG desafiou mais ainda os censores e publicou matérias de cunho mais engajado e de vanguarda. Jovem e não muito conhecido pelo meio literário – até então tinha escrito a coluna de resenha literária do *Diário de Minas* e escrevia no *Estado de Minas* –, sua nomeação causou estranhamento por parte dos intelectuais e escritores mineiros. Em entrevista, Sérgio Sant'Anna diz o seguinte sobre a época de Ângelo Oswaldo no jornal:

> Quando o Ângelo Oswaldo se tornou o Secretário de Redação, a gente assustou. "Quem é esse cara?", porque o Ângelo Oswaldo é um cara da sociedade, que tinha cacife político, com vinte e poucos anos ser diretor do Suplemento. Aí, o Valdimir Diniz, que já morreu, preparou um número, o primeiro número do Ângelo, revolucionário, todo cheio de coisa, o Tião (Sebastião Nunes) fez uma experiência com rato, algo assim... e era ditadura, era perigoso. E o Ângelo bancou. Disse que estava tudo bem e publicou. E a partir daí a gente foi ficando amigo dele. Eu não precisava trabalhar lá, eu ia pra lá todos os dias, como ia gente da música, ia gente de fora, do Rio, o Fernando Brant, todo mundo passava por lá, era um ponto de encontro. Na época do Murilo era uma época meio séria, o Murilo era um cara de terno e gravata. Na época do Ângelo era bagunça mesmo, era a maior gozação, como eu te falei, o Sebastião Nunes publicou duas resenhas de livros inexistentes e que passaram. Só nós sabíamos que eram livros inexistentes. Aquilo era também um ponto de resistência à ditadura, sem dúvida. (SANT'ANNA, 2009, p. 139).

Depois de Oswaldo, foi a vez de Garcia de Paiva e Maria Luiza Ramos, que seriam sucedidos pelo jornalista e escritor Wander Piroli, que em 1975 (nos pouco mais de quatro meses de trabalho) "trouxe o dinamismo do jornal diário a que estava acostumado, inovou na parte gráfica, publicou cordel, abriu espaço aos escritores que quisessem desabafar, agilizou o setor editorial e irritou os conservadores em geral." (GOUVÊA, 1985, p. 3).

Não tardou muito para que mais uma vez fosse vítima dos censores: em maio de 1975, sem que seu secretário fosse sequer avisado, o *Minas Gerais* publicou um editorial informando que haveria uma reformulação no *Suplemento*, o que provocou a demissão imediata de Wander Piroli.

A partir de então, o *Suplemento* seria controlado pelas mãos de Wilson Castelo Branco até que, em 1982, com a vitória de Tancredo Neves nas eleições de governo do Estado, Murilo Rubião foi nomeado diretor da Imprensa Oficial. Rubião retomou a importância que a publicação tivera em seus primeiros anos, e para dar uma nova identidade gráfico-visual ao periódico chamou o poeta Sebastião Nunes para fazer parte da equipe do SLMG. Essa nova fase publicou mais de cem números do *Suplemento*, de junho de 1983 até 1986.

Depois, em 1993, a publicação do *Suplemento* foi interrompida, retomando em 1994, desvinculado da Imprensa Oficial e editado pela Secretaria de Cultura de Minas Gerais, passando a ser chamado *Suplemento Literário de Minas Gerais*.

Nessa nova fase da Secretaria de Cultura, o SLMG teve como superintendentes Jaime Prado Gouvêa (1994), Carlos Ávila (1995 a 1998), Anelito de Oliveira (1999 a 2003), Fabrício Marques (2004), Camila Diniz (2005 a 2008).

Hoje, o *Suplemento Literário de Minas Gerais* tem novamente como superintendente, desde 2009, o escritor Jaime Prado Gouvêa. Com periodicidade bimestral, tiragem de mais de 15 mil exemplares e mais de quarenta páginas, o periódico criado por Murilo ainda mantém algumas de suas principais características dos primeiros anos de vida: mistura em suas páginas o novo e a tradição, ainda é responsável por publicar a literatura produzida no estado e continua a dar voz a personagens que tiveram suas primeiras colaborações no jornal, fiéis aos vários momentos do SLMG, como Humberto Werneck, Luiz Vilela, Sérgio Sant'Anna, Duílio Gomes e Affonso Romano de Sant'Anna. Nas palavras de Jaime Prado Gouvêa: "Suplemento ainda resiste vivo porque a alma dele, que era o Murilo, ainda nos dirige" (GOUVÊA, 2013, ver Anexo).

Ouvira de um homem triste que ser funcionário público era suicidar-se aos poucos. Não me encontrava em condições de determinar qual a forma de suicídio que melhor me convinha: se lenta ou rápida. Por isso empreguei-me numa Secretaria de Estado.

Murilo Rubião, O ex-mágico da Taberna Minhota, 2010.

A PARTIR DE UM OLHAR SINCRÔNICO, quando se trata do conto "Ex-mágico da Taberna Minhota", para nós, leitores de sua obra, é difícil fugir da comparação e da união de *vita* e obra: o burocrata Murilo (secretário e chefe de gabinete, adido cultural, diretor da Imprensa Oficial) e o escritor Rubião (o autor de contos fantásticos e jornalista). A história de um ex-mágico, que tinha os poderes de arrancar do bolso lenços colorido, "encher a noite com fogos de artifícios, erguer o rosto para o céu e deixar que pelos lábios saíssem o arco-íris" e escolhe o funcionalismo público como meio de aniquilação de seus dons de mágico e como forma de suicídio, permite enxergarmos o personagem do conto com a persona de Murilo Rubião. Além disso, a burocracia, onde o personagem passará toda a sua vida, é a "pior das ocupações humanas", em que um ano de trabalho equivale a dez.

As atividades jornalísticas e o funcionalismo público farão parte de toda a trajetória profissional de Murilo Rubião. E na sua literatura a mágica se dá quando a realidade se transforma no universo fantástico e alegórico do escritor. Segundo Murilo Rubião o gênero realismo fantástico é "o fantástico que tem como base a própria realidade, o cotidiano. Que por sua vez é fantástica. Você quer algo mais fantástico do que a própria vida? Ou a própria morte?" (RUBIÃO, 1979, p. 26).

Sua estreia na edição dos jornais culturais se dá muito antes da criação do *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Com 22 anos, em 1938, fundou com um pequeno grupo a revista de cultura *Tentativa*, de publicação mensal, que chegou a ter doze números.[9] Em 1939, trabalhou como repórter na *Folha de Minas* e logo passou a redator, ficando no jornal por dez anos. Em 1940, acrescentou à atividade no *Folha de Minas* a de redator da revista *Belo Horizonte*, lá encarregando-se ainda do serviço de revisão e publicidade. A partir de 1943, foi diretor da Rádio Inconfidência, desligando-se e voltando ao ao cargo recorrentemente, segundo as mudanças de governo.

Além das atividades na imprensa, em 1951, ao mesmo tempo em que era diretor interino na Rádio Inconfidência, foi nomeado oficial de gabinete do governador Juscelino Kubitschek, respondendo ainda pelo expediente da Imprensa Oficial e da *Folha de Minas*. Em 1952, foi superintendente dos Serviços Administrativos da Secretaria de Saúde e nomeado chefe de gabinete do governador Juscelino Kubitschek. Em Madrid, o escritor viveu quatro anos, no período de 1956 a 1960. Lá foi nomeado Chefe do Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil, e quando retornou a Belo Horizonte, em 1961, foi designado para a função de redator do *Minas Gerais*. Finalmente, em 1966 foi convidado pelo governador Israel Pinheiro para assumir a criação e direção do *Suplemento Literário do Minas Gerais*.

Segundo Ângelo Oswaldo, Murilo Rubião, na época, foi uma espécie de Secretário de Cultura de Minas Gerais *avant la lettre*. "Articulou as entidades do setor, como a Imprensa Oficial, a Escola Guignard, a Rádio Inconfidência, a Coleção de Arte do Palácio da Liberdade, a Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP), da qual foi o primeiro presidente, e o Palácio das Artes, concluído por Israel Pinheiro" (OSWALDO, 2011, p. 9).

Rubião publicou seu primeiro livro, *O ex-mágico*, em 1947, pela editora Universal, do Rio de Janeiro. No entanto, a estreia e o processo de elaboração de seus contos são bem anteriores. Em 1940, no jornal literário *Mensagem* (Belo Horizonte), o escritor publicou seus primeiros contos: "Elvira e outros mistérios" e "O outro José Honório". Nos anos posteriores também vemos a publicação de sua literatura tanto em Minas quanto no Brasil e no exterior: no jornal *Folha de Minas* são publicados "O ex-mágico da Taberna Minhota" (1943), "Memórias do contabilista Pedro Inácio" (1943), "Ofélia, meu cachimbo e o mar" (1943) e "Bárbara" (1944). Fora de Minas, Murilo publicará, no Rio de Janeiro, "Alfredo" e "Mariazinha" (1943), no *Sombra*; "O pirotécnico de Zacarias" (1943), n'*O cruzeiro* e "Bárbara" e "A cidade" (1944), n'*O jornal*. Em São Paulo, também publicou o conto "Eunice e as flores amarelas" (1943), na revista *Roteiro*. E, no exterior, em 1946, o conto "O ex-mágico" foi inserido na *Pequeña antologia de cuentos brasileños*, em Buenos Aires.

[9] A revista *Tentativa* lançou o seu primeiro número em abril de 1939 e foi saudada pelo crítico Tristão de Atahyde: "E a *Tentativa* não perecerá do mal dos três números". Na primeira edição a revista terá como redatores A. Más Leite, Euler Ribeiro, J. Rebelo Horta, J. Etienne Filho, J. Lemos, M. Sales, M. Rubião e S. Oliveira Sales. No número I, juntará-se ao expediente os redatores D. Rocha; no III, A de Guimaraens Filho e no IV, N. Alphonsus. No AEM encontram-se disponíveis os números dois a oito da revista.

Na literatura brasileira daquela época, Murilo Rubião foi o primeiro autor a explorar nos seus contos o gênero "realismo fantástico" e a se inserir nessa tradição. Natural, portanto, que sua literatura não fosse bem recebida e causasse estranhamento por parte da crítica e leitores. Como no conto, o escritor procura "retirar com os dedos, do interior da roupa, qualquer coisa que ninguém enxerga, por mais que atente a vista". (RUBIÃO, 2010, p. 26). Mário de Andrade se confessa incapaz de compreender e apreciar a literatura do escritor.[10] Em 1948, o livro recebeu critica de Álvaro Lins, que apesar do estranhamento e de apontar defeitos em alguns contos como "Bárbara" ("pitoresco de mau gosto") e "O pirotécnico de Zacarias" ("sem intensidade psicológica"), reconhece a originalidade da literatura de Murilo e, mais ainda, o aspecto conciso e uniforme dos temas abordados nos seus contos:

> devemos estimá-lo e admirá-lo, antes de tudo, pela circunstância de haver levantado para si próprio um tipo particularíssimo de realização artística e haver se mantido conscientemente dentro dela, aliás, com bastante originalidade e talento". (LINS, 1948, p.9).

Antes da publicação de seu primeiro livro, Murilo escreveu ainda quase três livros, num total de cinquenta contos (escolhendo quinze deles para compor o *Ex-mágico*). A repulsa e repreensão por parte da crítica e dos editores fez com que, por cerca de quatro anos, seus originais circulassem pelas editoras do Rio e de Porto Alegre, sem que no entanto fossem publicados. Seu primeiro livro de contos, *Elvira e outros mistérios*, foi recusado por sete editoras. Depois, escreveu *O dono do arco íris*, que também não conseguiu publicar. Apenas o terceiro, *O ex-mágico*, enviado a Antônio Cândido, é que foi editado em 1947.[11]

Segundo Humberto Werneck, somente no final dos anos 1960, com escritores como Julio Cortázar, Gabriel García Márquez e Jorge Luís Borges, o gênero fantástico ficaria sendo o selo da literatura latino-americana. E somente em 1974, com a publicação dos livros *O pirotécnico de Zacarias* (que venderia mais de cem mil exemplares) e *O convidado*, a literatura de Murilo Rubião passaria de fato a ser reconhecida: a partir desse período, novas edições de seus livros foram lançadas e traduzidas e sua obra passou a ser estudada nas escolas e na academia.

Em 1975, o escritor recebeu o prêmio Luisa Cláudio de Souza, do Pen Club do Brasil, pelo livro *O pirotécnico de Zacarias*. Em 1978, publicou a *Casa do girassol vermelho* e, em 1990, o seu último livro em vida, *O homem do boné cinzento e outras histórias*. Sua obra é traduzida nos Estados Unidos (*O ex-mágico*, 1979), na Alemanha (*O pirotécnico Zacarias*, 1981), na Tchecoslováquia (*A casa do girassol vermelho*, 1986). Nas escolas e na academia seus contos são estudados – em 1981, a Editora Ática publicou o livro de Jorge Schwartz *Murilo Rubião: a poética do Uroboro* e, no ano seguinte, pela Editora Abril, foi publicada uma antologia de seus contos, sendo a seleção de textos, notas e estudos também de Schwartz. Em 1984, sua obra é adotada pelo vestibular da UFMG, e em 1986, foi o homenageado do XI Simpósio de Literatura Comparada, promovido pelo curso de pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras dessa universidade. Em 1988 teve duas de suas obras incluídas no Programa do Concurso para o Capes de *Portugais*, destinado a selecionar professores de português para o ensino secundário oficial, na França.

Além disso, no cinema e no teatro seus contos são encenados: em 1987, Rafael Conde, num curta-metragem, adaptou para o cinema o conto "O ex-mágico da Taberna Minhota"; em 2002 "O bloqueio" recebeu um curta-metragem de animação de Cláudio de Oliveira e, no teatro, em 1990 seus contos "A lua", "Bárbara" e "Os três nomes de Godofredo" – com o título de *A casa do Girassol Vermelho* – ganharam adaptação da companhia

[10] Murilo Rubião, em entrevista concedida a Maria Luiza Ramos, diz o seguinte sobre a sua relação epistolar com Mário de Andrade: "Eu enviei alguns originais a Mário de Andrade, não só porque éramos amigos, mas porque assim fazia a maior parte dos escritores que começaram a carreira literária depois da Semana de Arte Moderna. Eu acho interessante observar que, por mais que ele simbolizasse a vanguarda no Brasil, Mário de Andrade recebeu com reserva a minha maneira particular de ver o mundo. Ele, que sempre se interessou por acompanhar de perto a produção literária de jovens escritores, me fez sentir que, no meu caso, tratava-se de uma literatura pela qual ele se interessava, em princípio, como homem de erudição, mas que não lhe dizia nada de especial" (RUBIÃO, 1984, p. 2). Também vale destacar o livro *Mário e o Pirotécnico Aprendiz: cartas de Mário de Andrade e Murilo Rubião*, organizado por Marcos Antônio de Moraes e Eneida Maria de Souza. O livro, além da publicação da correspondência trocada entre os dois escritores, apresenta introdução e notas de Eneida Maria de Souza e Marcos Antônio de Moraes e, em anexo, o artigo sobre a estada de Mário de Andrade em Minas e as versões originais dos contos de Murilo enviados a Mário.

[11] ANDRADE, Vera Lúcia. *A trajetória fantástica de Murilo Rubião*, 1996.

teatral *Sonho e Drama*. Em 2008, dirigida por Yara de Novaes, o Grupo 3 de teatro encenou três contos de Murilo – "Bárbara", "Os três nomes de Godofredo" e "Memórias do contabilista Pedro Inácio" com o título *O amor e outros estranhos rumores*.

Em dissertação de mestrado de Denise Gomes, a partir de entrevista concedida à autora, Humberto Werneck diz o seguinte sobre a figura de Murilo:

> Para a minha geração, Murilo era um mistério – havia mesmo quem desconfiasse de que Murilo não existia. Porque ele, até meados dos anos 60, tinha publicado apenas dois livros, o *Ex-mágico* e *A estrela vermelha*, os dois esgotadíssimos e o último de 1953, com 116 exemplares, veja que insignificância. Além disso, morou fora, na Espanha, de 1956 a 1960, e de volta a Belo Horizonte pouco saía de casa. Reservado, discreto, avesso a badalações. Ficamos fascinados quando lançou *Os dragões e outros contos*, em 1965, pela Imprensa Oficial. Murilo, que morreu em 1991, era um homem tolerante, um doce de pessoa, e uma coisa que me enche de orgulho foi ter trabalhado com ele, foi ter podido conviver com ele, ser seu afilhado de literatura e de casamento. Foi, para mim, um daqueles três ou quatro encontros fundamentais que você tem na sua vida. Sua obra é de uma solidez a toda prova, embora você não encontre, em livro, mais do que 32 contos dele. O SLMG também deve ser arrolado entre a sua obra. (WERNECK entrevistado por GOMES, 1998, p. 163–164)

O ato constante de reescrever, revisar e reeditar, além de importante para os estudos críticos (como a crítica genética, crítica textual e crítica biográfica), ajuda a melhor compreender a literatura e personalidade de Murilo Rubião. Sua obra é condensada não apenas em número de publicação (ao todo foram sete livros e apenas 33 contos publicados), mas também na linguagem clara e concisa (a obsessão pela clareza absoluta e pela palavra certa) e na temática de seus contos, em que o gênero fantástico é recorrente.

Na apresentação do livro *A casa do girassol vermelho* (1974), Eliane Zagury ressalta que Murilo nunca teve pressa na novidade. E um exemplo do trabalho paciente e meticuloso de sua escrita é a elaboração do conto "O convidado". Paulo Mendes Campos conta que no I Congresso Brasileiro de Escritores, em 1945, os dois ficaram hospedados no mesmo quarto. Já na hora de dormir, Murilo perguntou se o colega se importava em dormir com a luz acesa, que ele pretendia escrever um pouco. "Não, não se importava, já estava mesmo apagado, qual a diferença?"[12] E Murilo, que naquela época era um escritor sem livro publicado, escreveu durante a noite inteira.

No outro dia, Paulo Mendes Campos, quando foi ver o resultado da vigília do colega, encontrou muitos papeis amassados no chão e "sobre a mesa pousava apenas uma folha de papel azulado. No alto do papel vinha escrito *O Convidado*. Abaixo: Conto de Murilo Rubião."[13] Na folha, também dez linhas rabiscadas, ilegíveis e embaixo: "fim do conto: o convidado não existe". Mais tarde, Murilo contou-lhe que não achara o fio do conto e nem esperava por isso tão cedo. Mas nem Paulo Mendes Campos esperava que fosse tão tarde: só 26 anos depois o conto ficou pronto. Murilo Rubião reelaborava sistematicamente o que escrevia. Nesse processo, frases inteiras de contos já publicados são suprimidas, muitos finais são alterados, palavras são trocadas por outras, epígrafes são acrescentadas. Murilo brincava que até a cidade onde nasceu já mudou de nome três vezes: Nossa Senhora do Carmo do Rio Verde, Silvestre Ferraz e, hoje, Carmo de Minas.

Sobre o constante processo de reescrita de seus contos, Murilo Rubião, em entrevista a Alexandre Marino, do *Correio Brasiliense*, disse:

> Isso surgiu principalmente depois da publicação de meu primeiro livro, *O ex-mágico*, em 1947. Fiz várias releituras e verifiquei que tinha tanta coisa ruim que, ao reeditá-lo, anos depois, retirei três dos quinze contos do livro original, e os outros doze reescrevi violentamente, cortando parágrafos e até páginas inteiras. Fiz o mesmo com o segundo livro, *Os dragões*. Mais tarde, quando a Editora Ática me pediu uma seleção de contos, que publiquei com o título de *O pirotécnico Zacarias*, eu o compus com textos retirados de *Os dragões* e *O*

[12] CAMPOS. *Um conto em 26 anos*, p. 5.
[13] CAMPOS. *Um conto em 26 anos*, p. 5.

> *ex-mágico*, novamente reelaborados. Depois, publiquei *O convidado* e, mais recentemente, *A casa do girassol vermelho*, composto de contos de várias épocas, também reescritos. Na realidade eu tenho três livros publicados. (RUBIÃO, 1989. Entrevista a Alexandre Marino para o jornal *Correio Braziliense*, citado por ANDRADE, 1996, p. 4).

No seu terceiro livro, *Os dragões e outros contos*, apenas quatro contos são inéditos (como já dito por Murilo, doze dos contos antigos foram reescritos) e cada conto é precedido de uma epígrafe da Bíblia (em *O ex-mágico* havia uma epígrafe geral e outra em cada divisão de suas cinco partes, todas igualmente retiradas da Bíblia), sendo respeitadas as do conto de *A estrela vermelha*, provenientes da mesma fonte (PEREZ, 1987 p. 2). No livro *O convidado*, publicado logo depois de *O pirotécnico de Zacarias*, dez contos novos são inseridos, em que detectam-se características novas. Além de mais enxutos na forma (mais elaborados), há uma diferença de tom e seu respectivo tratamento:

> Há como um distanciamento da antiga pureza. Histórias que agora nos lembram situações ou sensações de estranhos sonhos, ou melhor, de pesadelo, e que pela atmosfera rarefeita nos fazem às vezes pensar numa certa literatura de antecipação. Mas a grande diferença é, sobretudo, na sua essência – parecendo esses contos possuir uma chave e serem eles um símbolo de alguma situação vivida (*O convidado*, *A fila*) e sob esse aspecto lembrando ainda mais o universo kafkiano. (PEREZ, 1987, p. 2)

Quando se lê o arquivo de Murilo Rubião e, consequentemente, a história do SLMG, é incontestável a importância que o escritor teve para que o jornal atingisse o sucesso que atingiu e repercutisse não só no Brasil, mas também no exterior.

Nas cartas e periódicos analisados, além dos bastidores da redação e o processo de elaboração e construção do *Suplemento Literário do Minas Gerais*, assiste-se ao trabalho (muitas vezes penoso e exaustivo) que Murilo teve na organização e edição do jornal. Tornando mais rico ainda o acervo



Murilo Rubião em seu apartamento na rua Goitacazes. Belo Horizonte, 1956.

epistolar do escritor, na época, a redação do SLMG não dispunha de um telefone, e Murilo negociava quase todas as colaborações por correspondência. Nas cartas, por exemplo, além dos elogios e críticas (algumas bem ferrenhas), lê-se a articulação de Murilo com os colaboradores, depara-se com problemas corriqueiros como atraso de pagamento e o não envio de jornal, veem-se sugestões de matérias e edições especiais enviadas pelos escritores e, mais ainda, vê-se toda a fundamentação e engajamento de Murilo Rubião no jornal.

Aliás, ao contrário de vários escritores que teciam elogios ao *Suplemento*, nas cartas que Joaquim Branco – escritor que participou do movimento poema-processo em Cataguases e foi colaborador frequente do jornal – escrevia a Murilo Rubião, leem-se algumas críticas severas feitas ao jornal e também o prenúncio da crise que passaria o SLMG e da saída de Murilo Rubião:

> Murilo, o que há? Brigou comigo? Não sai nada e você tem matéria, pois eu sempre estou mandando um troço. Espero que o Suplemento não esteja no fim, o que infelizmente aparenta. Só números "homenageantes", baboseiras e mineirices mímicas, pôxa!! [...], por

> favor, Murilo, melhore ou feche as portas. Seria menos penoso. (BRANCO. Carta a Murilo Rubião. Cataguases, 6 de janeiro de 1969).

Era Murilo Rubião quem se encarregava, sobretudo, da parte burocrática do jornal – não é por acaso que no expediente do *Suplemento* a função dele era a de "Secretário". Em carta a escritora Cosette Alencar, publicada no jornal *Diário Mercantil* de Juiz de Fora, o escritor desabafa: "estou na luta semanal de fazer um suplemento, onde escrevo, peço colaboração, faço pagamentos, remeto exemplares, controlo revisão, impressão, composição, faço a correspondência, cobro as secções fixas, brigo com a burocracia da Imprensa Oficial." (RUBIÃO, 1967, p. xx).

Além de todas essas tarefas, acrescentam-se à lista de responsabilidades que caíam sobre o escritor a organização de lançamentos e até exposições, a escolha de matéria e colaboradores, o jogo de cintura com a censura imposta pelo período de ditadura militar e o trabalho de divulgação do *Suplemento* em outros jornais, como é o caso do *Minas Gerais*, *A manchete*, *Jornal do Brasil*, *Estado de Minas*, *O Diário*, *Correio da Manhã*, *Suplemento Literário do Estado de São Paulo* e tantos outros.

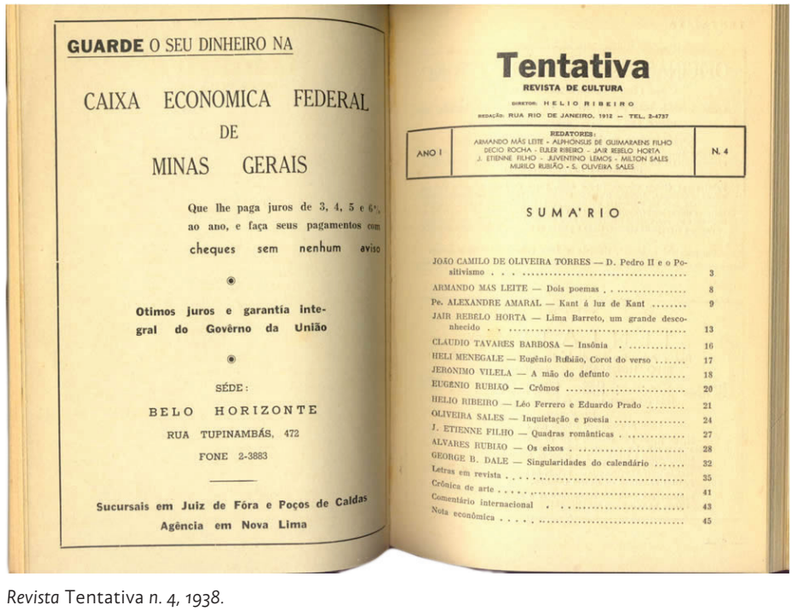
Como secretário do SLMG, a seriedade e solidez de sua literatura refletiram também na sua personalidade e atuação no jornal. Jaime Prado Gouvêa, em entrevista, diz que a maior influência que teve de Murilo Rubião não foi estética (para ele, a literatura de Murilo Rubião não deixou seguidores). Segundo o atual superintendente do *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Murilo deixou o exemplo de seriedade com que encarava o seu ofício e, ainda que involuntariamente, legou aos jovens escritores a busca por um estilo próprio e conciso. Nas palavras de Jaime, Murilo "deu a régua, o compasso e o espaço do *Suplemento* pra gente criar e crescer." (GOUVÊA, 2009, p. 125).



Escritores que assinaram o manifesto de apoio à candidatura de Tancredo Neves a Governador de Minas Gerais. Acima: Francisco Iglesias, Murilo Rubião, Duílio Gomes, Mata Machado Filho e Laís Correa de Araújo. Abaixo: Manoel Lobato, Roberto Drummond, Affonso Ávila, Benito Barreto e Oswaldo França Júnior.



Murilo Rubião, quando eleito presidente da Associação Brasileira de Escritores (Seção MInas Gerais) 1945



GUARDE O SEU DINHEIRO NA

CAIXA ECONOMICA FEDERAL
DE
MINAS GERAIS

Que lhe paga juros de 3, 4, 5 e 6% ao ano, e faça seus pagamentos com cheques sem nenhum aviso

Otimos juros e garantia integral do Govêrno da União

SÉDE:
BELO HORIZONTE
RUA TUPINAMBÁS, 472
FONE 2-3883

Sucursais em Juiz de Fóra e Poços de Caldas
Agência em Nova Lima

Tentativa
REVISTA DE CULTURA
DIRETOR: HELIO RIBEIRO
REDAÇÃO: RUA RIO DE JANEIRO, 1912 — TEL. 2-4737

ANO I — N. 4

REDATORES:
ARMANDO MÁS LEITE - ALPHONSUS DE GUIMARAENS FILHO
DECIO ROCHA - ISAIR RIBEIRO - JAIR REBELO HORTA
J. ETIENNE FILHO - JUVENTINO LEMOS - MILTON SALES
MURILO RUBIÃO - S. OLIVEIRA SALES

SUMA'RIO

JOÃO CAMILO DE OLIVEIRA TORRES — D. Pedro II e o Positivismo 3
ARMANDO MÁS LEITE — Dois poemas 8
Pe. ALEXANDRE AMARAL — Kant á luz de Kant 9
JAIR REBELO HORTA — Lima Barreto, um grande desconhecido 13
CLAUDIO TAVARES BARBOSA — Insônia 16
HELI MENEGALE — Eugênio Rubião, Corot do verso 17
JERONIMO VILELA — A mão do defunto 18
EUGENIO RUBIÃO — Crômos 20
HELIO RIBEIRO — Léo Ferrero e Eduardo Prado 21
OLIVEIRA SALES — Inquietação e poesia 24
J. ETIENNE FILHO — Quadras românticas 27
ALVARES RUBIÃO — Os eixos 28
GEORGE B. DALE — Singularidades do calendário 32
Letras em revista 35
Crônica de arte 41
Comentário internacional 43
Nota econômica 45

Revista Tentativa *n. 4, 1938.*



Juscelino Kubitschek e Murilo Rubião em 1951, quando este foi nomeado Chefe de Gabinete do governador

Capítulo 2

O Suplemento Literário do Minas Gerais (1966-1969)

2.1 "Vai circular o Suplemento Literário do Minas Gerais": os primeiros anos

> *Ilustre confrade e amigo, acabo de admirar o seu "Marília: 200 anos".*[1] *Seu único defeito é a designação:* "SUPLEMENTO". *Isso não é tal. Não é um aditamento, um "post-scriptum". Pela importância dos seus tantos valores - literário, histórico, documentário, gráfico, artístico - ele é* "PRINCIPAL".
>
> Guilherme de Almeida. Carta a Murilo Rubião enviada em São Paulo, 8 de novembro de 1967.

COMO SE SABE, o cenário político e cultural do Brasil não era nada favorável aos intelectuais brasileiros e muito menos para a criação de um jornal cultural vinculado ao governo de Minas. Em primeiro de abril 1964, dois anos antes da criação do *Suplemento*, as Forças Armadas do Brasil derrubaram o governo do presidente João Goulart e tomaram o poder, instalando um regime autoritário que restringiu, significativamente, a liberdade individual, política e cultural dos brasileiros.

Na cultura, no ano de 1966, apenas dois suplementos literários circulavam no Brasil: o *Correio do Povo*, de Porto Alegre, e o *Suplemento do Estado de São Paulo*.[2] Pouco antes um suplemento que era publicado pelo jornal *Estado de Minas* fora extinto. Com o golpe militar de 1964, várias revistas de cultura fecharam as portas e muitos jornais do País interromperam esse tipo de circulação, tendo sido, como o SLMG, agredidas pela censura. Exemplos, infelizmente, não faltam. As revistas *Pif paf*, editada por Millôr Fernandes, e a *Senhor*, por Nahum Sirotsky, fecharam suas portas em 1964. O *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil* ainda em 1962 deixa de existir. Jornais como *Correio da Manhã* e *Diário de Notícias*, que tinham uma repercussão nacional, encerraram em 1966 as suas publicações críticas, culturais e informativas. E revistas como *Invenção* e *Civilização Brasileira* terminaram suas atividades em 1967 e 1968, respectivamente.

Além disso, quando surgiram os primeiros rumores de sua criação, no início de 1966, "quase ninguém acreditava no Suplemento Literário",[3] principalmente a ala mais conservadora da Academia Mineira de Letras. Muitos achavam que a publicação dirigida por Murilo não duraria muito tempo, que não haveria material de boa qualidade para encher semanalmente oito páginas do jornal. Como conta Humberto Werneck, "houve quem sugerisse a Murilo abastecer-se de traduções, único recurso para disfarçar a rarefeita produção literária local".[4]

Sequer o substituto de Murilo, Rui Mourão, acreditava no jornal:

> Quando saí do Brasil, ele [Murilo] estava fundando o Suplemento Literário. Eu achei um absurdo, eu falei não é possível, criar um Suplemento Literário dentro da Imprensa Oficial. Isso é uma coisa que eu não podia entender. E deu certo. Quando eu estava nos Estados Unidos, me mandavam sempre o Suplemento, e eu vi que o órgão começou rapidamente a melhorar, e ele acabou conseguindo resultados muito bons.[5]

O ceticismo, a censura, os contratempos burocráticos enfrentados pelo *Suplemento*, felizmente, não impediram o seu sucesso e a alta qualidade de publicações e colaboradores que estamparam suas páginas. Pelo contrário.

A recepção do *Suplemento Literário do Minas Gerais* por parte da crítica e de seus leitores foi extremamente positiva. Dias depois do seu lançamento, jornais de todo o país publicaram notas e colunas elogiando o *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Para a Rua do Ouro, 777 (onde Murilo Rubião morava) e Augusto de Lima, 270 também chegaram as primeiras cartas de escritores e intelectuais endereçadas a Murilo Rubião, a maioria delas elogiando o *Suplemento* e parabenizando-o pela direção e criação do jornal.

No dia 5 de setembro de 1966, o jornal *Minas Gerais* publica a matéria "*Minas Gerais* lança o seu Suplemento Literário", sobre o coquetel de lançamento do jornal. A matéria atribui ao ex-diretor da Imprensa Oficial, Raul Bernardo Neson de Sena, a iniciativa de criação do *Suplemento*, e a Murilo

[1] Trata-se da edição "Marília: 200 anos", n. 61, de 28 de outubro de 1967, organizada por Laís Corrêa de Araújo. É dedicada à musa de Dirceu, Marília de Dirceu ou D. Maria Doroteia Joaquina de Seixas, em comemoração ao bicentenário de seu nascimento. A edição contou com a colaboração de Eduardo Frieiro, Bueno de Rivera, Murilo Mendes, Henriqueta Lisboa, Cecília Meireles, Mário Casassanta entre outros.

[2] GOUVÊA, Jaime Prado. *Suplemento Literário, ano 20:* mil números de história. Edição especial do *Suplemento Literário do Minas Gerais*, n. 1000, de 30 de novembro de 1985.

[3] RUBIÃO entrevistado por ALVES, 1991, p. x.

[4] WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada*, 1992, p. 179.

[5] Depoimento publicado no site oficial de Murilo Rubião: <www.murilorubiao.com.br>.

Rubião, Aires da Mata Machado Filho e Affonso Ávila, a responsabilidade pelo jornal. (MINAS GERAIS, 1966).

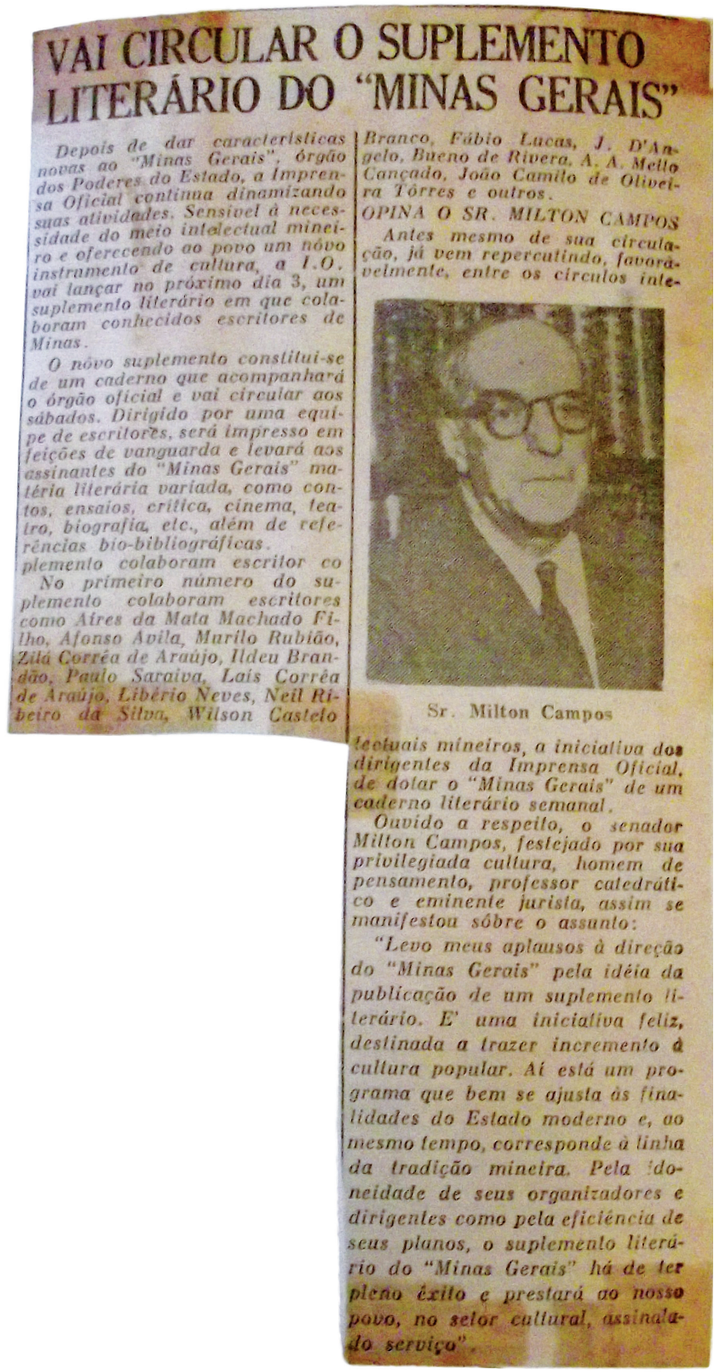
Em outras palavras, o sobrinho do governador, Raul Bernardo, se encarregou de, burocraticamente, viabilizar a circulação do SLMG, enquanto coube aos três escritores a responsabilidade da elaboração, confecção e seleção de matérias. Eram eles que cumpriam o expediente e se encontravam diariamente, em horário integral, trabalhando na redação da Imprensa Oficial.

Entretanto, o nome de Affonso Ávila não consta oficialmente nos expedientes das edições, nem como parte da comissão de redação do *Suplemento* quando Murilo foi seu diretor. O que vemos é o nome do poeta como organizador de edições específicas, como é o caso das duas edições especiais sobre Barroco (*Barroco Áurea Idade da Áurea Terra*, edições número 45 e 46, de oito e quinze de julho de 1967). Na última página, no expediente do jornal, assinavam oficialmente como escritores da comissão de redação: Aires da Mata Machado Filho, Murilo Rubião e Laís Corrêa de Araújo – esposa de Affonso Ávila. Como secretário, também Murilo.

No entanto, o SLMG teve outros protagonistas tão relevantes quanto os três escritores. A primeira comissão de redação do *Suplemento* contou também com o poetas Bueno de Rivera, e era constituída, inicialmente, pelos redatores Márcio Sampaio, Zilah Corrêa de Araújo, José Márcio Penido e pelo diagramador Lucas Raposo. Mais tarde se juntariam Valdimir Diniz, João Paulo Gonçalves da Costa, Carlos Roberto Pellegrino, Jaime Prado Gouvêa, Adão Ventura, Humberto Werneck, Paulinho Assunção, entre outros.

Aires da Mata Machado foi responsável por fazer o discurso de lançamento do jornal e lembrou que "o caderno literário do *Minas Gerais* retomou uma bela tradição momentaneamente interrompida: o propósito cultural mediante a divulgação do pensamento de escritores novos, ao lado dos trabalhos de autores consagrados". No discurso do redator do *Suplemento* já se definia, desde então, a orientação e política que adotaria o SLMG e que seria herança nas outras fases por que passou. (MINAS GERAIS, 1966).

Murilo Rubião assinou 172 edições como secretário do *Suplemento Literário*, mais precisamente até a edição de 13 de dezembro de 1969. As edições semanais somaram em torno de cinquenta edições por ano: dezoito edições em 1966 (já que são apenas três meses e meio de publicações), 51 edições em 1967 e 1968, e 49 edições em 1969. A partir da edição número 173, a função de secretário do *Suplemento* fica a cargo de Rui Mourão.



VAI CIRCULAR O SUPLEMENTO LITERÁRIO DO "MINAS GERAIS"

Depois de dar características novas ao "Minas Gerais", órgão dos Poderes do Estado, a Imprensa Oficial continua dinamizando suas atividades. Sensível à necessidade do meio intelectual mineiro e oferecendo ao povo um nôvo instrumento de cultura, a I.O. vai lançar no próximo dia 3, um suplemento literário em que colaboram conhecidos escritores de Minas.

O nôvo suplemento constitui-se de um caderno que acompanhará o órgão oficial e vai circular aos sábados. Dirigido por uma equipe de escritores, será impresso em feições de vanguarda e levará aos assinantes do "Minas Gerais" matéria literária variada, como contos, ensaios, crítica, cinema, teatro, biografia, etc., além de referências bio-bibliográficas.

plemento colaboram escritor co

No primeiro número do suplemento colaboram escritores como Aires da Mata Machado Filho, Afonso Ávila, Murilo Rubião, Zilá Corrêa de Araújo, Ildeu Brandão, Paulo Saraiva, Laís Corrêa de Araújo, Libério Neves, Neil Ribeiro da Silva, Wilson Castelo Branco, Fábio Lucas, J. D'Angelo, Bueno de Rivera, A. A. Mello Cançado, João Camilo de Oliveira Tôrres e outros.

OPINA O SR. MILTON CAMPOS

Antes mesmo de sua circulação, já vem repercutindo, favoràvelmente, entre os círculos inte-

Sr. Milton Campos

lectuais mineiros, a iniciativa dos dirigentes da Imprensa Oficial, de dotar o "Minas Gerais" de um caderno literário semanal.

Ouvido a respeito, o senador Milton Campos, festejado por sua privilegiada cultura, homem de pensamento, professor catedrático e eminente jurista, assim se manifestou sôbre o assunto:

"Levo meus aplausos à direção do "Minas Gerais" pela idéia da publicação de um suplemento literário. E' uma iniciativa feliz, destinada a trazer incremento à cultura popular. Aí está um programa que bem se ajusta às finalidades do Estado moderno e, ao mesmo tempo, corresponde à linha da tradição mineira. Pela idoneidade de seus organizadores e dirigentes como pela eficiência de seus planos, o suplemento literário do "Minas Gerais" há de ter pleno êxito e prestará ao nosso povo, no setor cultural, assinalado serviço".

Minas Gerais. *30 de agosto de 1966.*

Com doze páginas, o *Suplemento Literário do Minas Gerais* foi lançado no dia 3 de setembro de 1966, numa tiragem de 27 mil exemplares – o que na época e (e atualmente) era considerada uma grande tiragem, extraordinária na história dos jornais culturais – e circulando todos os sábados como encarte do *Minas Gerais*. De periodicidade semanal, o SLMG atingia mais de 200 municípios mineiros. O número de páginas chegava a variar de 8, 12 a 16, chegando até 20 em algumas edições especiais. Medindo 30 centímetros de largura e 44 centímetros de comprimento, o jornal era impresso monocromaticamente, em preto, e – exceto pelos funcionários do Estado, que o recebiam gratuitamente – podia ser comprado nas bancas de jornal pelo valor de 150 cruzeiros.

2.1.1 Além dos espelhos

O JORNAL DIRIGIDO por Murilo despertou, rapidamente, a simpatia e agregou a colaboração não só dos escritores e intelectuais de Minas, do Brasil e do exterior, mas também de seus leitores, que além dos seus espelhos – a intelectualidade da época – eram também pessoas comuns, professores de literatura brasileira e portuguesa para o ensino fundamental e médio, estudantes do curso de Letras e funcionários públicos.

O *Suplemento* chegou a cidades do interior de Minas em que a produção cultural era de difícil acesso, escassa e pouco disseminada. Como disse Jacyntho Lins Brandão, o *Suplemento* merece um olhar em destaque pela sua "penetração", pelo "fato de que se oferece a um universo de leitores tão variado, que vai do interior mais remoto do Estado, aos ambientes universitários do Brasil e do exterior" (BRANDÃO, 2006, p. 13).

Naquela época, somente as grandes capitais do Brasil recebiam uma variedade maior de jornais e revistas. No interior, muitas vezes contava-se nos dedos de uma mão os jornais que circulavam. Assim como *Verde: Revista de Arte & Cultura* – fundada em 1927 por Guilhermino César e Rosário Fusco na pacata cidade Cataguases – e a *Revista Eléctrica* (1926–1929), em Itanhandu, o *Suplemento* foi uma inovação literária e cultural em cidades do interior de Minas Gerais.

Em alguns jornais do interior de Minas destacam-se a raridade e a repercussão da chegada de um jornal cultural na cidade, e o fato de o *Suplemento* ser um jornal lido também por pessoas comuns. Na coluna de Campomizzi Filho, para o *Folha de Ubá*, diz-se o seguinte:

Há alguns dias, chegando a um estabelecimento secundário para as atividades normais do magistério, chamou-nos a atenção o jornal mural de uma das turmas. Os jovens se interessavam pela matéria exposta. Acercamo-nos. Queríamos ver de perto o que havia de tão importante. E surpreendemo-nos com alguns recortes do número dois do *Suplemento Literário do Minas Gerais*, desde os poemas de Alphonsus de Guimarães à crítica de Wilson Castelo Branco, incluindo-se reportagem e comentários sobre artes plásticas. Será essa a grande compensação para os organizadores do órgão oficial no seu processo de renovação? Atingindo todo o território mineiro, aquele diário é em alguns casos o único veículo de publicidade escrita cruzando as fronteiras do burgo esquecido. A professora primária e o oficial dos registros recebem-no. Passa de mão em mão, debatendo- se à porta da farmácia os últimos acontecimentos. Fala-se das nomeações. Discute-se a respeito do que anda por outras regiões, na movimentação da magistratura e nas designações do pessoal. [...] E como se não bastasse, vem agora, a cada sábado, uma quase revista em oito páginas de literatura, dando-se certa prioridade à gente e às coisas nossas, num destaque para os nomes que realmente merecem repercussão pelo que escrevem e pelo quanto realizam. Reagindo contra isso, surge agora o Minas Gerais com seu suplemento literário. E realiza o diário oficial um admirável trabalho de cultura. Vale a pena o sacrifício desses idealistas quando os estudantes do interior recortam colunas para colocá-las no mural de suas classes, tomando conhecimento dos movimentos literários e se empolgando com nomes e com títulos. (CAMPOMIZZI FILHO, 8 de outubro de 1966)

2.1.2 Nos seus espelhos

COMO UMA ESPÉCIE de política de promoção e divulgação, os primeiros números do *Suplemento* foram enviados por Murilo Rubião para os principais escritores e críticos brasileiros. A burocracia e a dificuldade para realizar uma ligação interurbana fizeram com que a negociação da colaboração e de algumas edições do jornal fosse feita, exclusivamente, por correspondência. Como secretário, Murilo Rubião era o responsável por fazer essa intermediação e enviar aos intelectuais brasileiros da época um pedido formal de colaboração para o *Suplemento Literário do Minas Gerais*.

As colaborações de escritores consagrados e fora de Minas começam a ser negociadas e publicadas já no primeiro ano. Nas correspondências recebidas em 1966, Lygia Fagundes Telles, Haroldo de Campos, Rachel de Queiroz e Benedito Nunes agradecem a remessa dos exemplares e elogiam a iniciativa e projeto editorial do jornal. Drummond, por exemplo, em carta de um mês após a primeira edição, recebe de forma bastante positiva a chegada do *Suplemento Literário do Minas Gerais*: "Obrigado pela remessa regular do SG do Minas. Está o fino: bem planejado, bem apresentado, bom de se ler. Parabéns pela realização, e que continue assim. Não deixe de mandar cada número a este velho mineiro, hein?" (DRUMMOND, 1966).

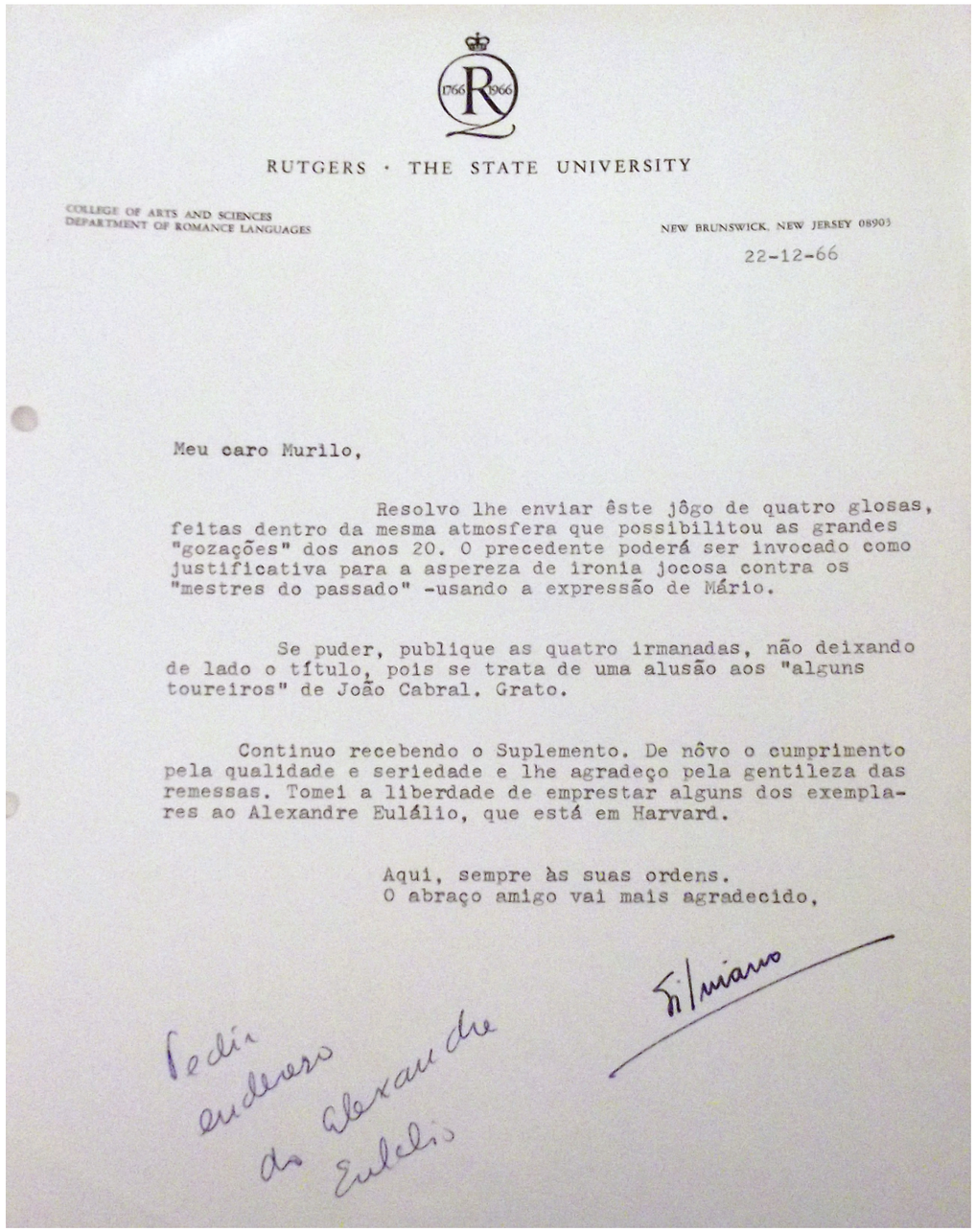
Nos documentos minuciosamente armazenados pelo escritor, lê-se não só a recepção do jornal, mas os bastidores de sua formação e do que foi e do que é. Comenta-se sobre a matéria escrita, sugestões são dadas, organizam-se edições, alertam-se sobre algumas erratas que foram publicadas ou que foram feitas pelo próprio colaborador, leem-se pedidos e negociações de pagamentos.

Em dezembro de 1966, Augusto de Campos escreve a Murilo confirmando oficialmente sua colaboração no jornal e ainda reconhece o papel do SLMG no cenário literário daquela época:

> Embora um tanto tardiamente, pois que a esta altura a minha tácita aquiescência já ocorreu com a publicação dos artigos sobre Arnaut Daniel (via Affonso Àvila), não quero deixar sem reposta o amável convite que me dirigiu para colaborar no Suplemento Literário "Minas Gerais". Terei prazer em cooperar com novos trabalhos, que, em breve, enviarei.
> Desejo, ao mesmo tempo, cumprimentá-lo pela dinâmica orientação que vem imprimindo ao suplemento, que já se destaca em nossos meios literários, como um dos raros órgãos vivos e atuantes. (CAMPOS. Carta a Murilo Rubião. São Paulo, 22 de dezembro de 1966).

A carta de Silviano Santiago, além de revelar os bastidores da confecção do SLMG, é um exemplo de que já no primeiro ano o *Suplemento* conseguiu atingir um grupo de leitores e colaboradores que foram, em grande parte, formados por intelectuais brasileiros que na época trabalhavam e estudavam fora do país. Na correspondência abaixo, além de tecer importantes considerações sobre as glosas enviadas e sobre as afinidades literárias do escritor (os modernistas de 1922, Mário de Andrade e João Cabral de Melo Neto), Silviano Santiago, de New Jersey, comunica a Murilo o envio de alguns exemplares ao seu amigo Alexandre Eulálio:

> Meu caro Murilo,
> Resolvo lhe enviar este jogo de quatro glosas feitas dentro da mesma atmosfera que possibilitou as grandes "gozações" dos anos 20. O precedente poderá ser invocado como "mestres do passado" – usando a expressão de Mário.
> Se puder, publique as quatro irmanadas, não deixando de lado o título, pois se trata de uma alusão aos "alguns toureiros" de João Cabral. Grato.
> Continuo recebendo o Suplemento. De novo o cumprimento pela qualidade e seriedade e lhe agradeço pela gentileza das remessas. Tomei a liberdade de emprestar alguns dos exemplares ao Alexandre Eulálio, que está em Harvard. (SANTIAGO. Carta a Murilo Rubião. New Jersey, 22 de dezembro de 1966.)



RUTGERS · THE STATE UNIVERSITY

COLLEGE OF ARTS AND SCIENCES
DEPARTMENT OF ROMANCE LANGUAGES

NEW BRUNSWICK, NEW JERSEY 08903

22-12-66

Meu caro Murilo,

Resolvo lhe enviar êste jôgo de quatro glosas, feitas dentro da mesma atmosfera que possibilitou as grandes "gozações" dos anos 20. O precedente poderá ser invocado como justificativa para a aspereza de ironia jocosa contra os "mestres do passado" -usando a expressão de Mário.

Se puder, publique as quatro irmanadas, não deixando de lado o título, pois se trata de uma alusão aos "alguns toureiros" de João Cabral. Grato.

Continuo recebendo o Suplemento. De nôvo o cumprimento pela qualidade e seriedade e lhe agradeço pela gentileza das remessas. Tomei a liberdade de emprestar alguns dos exemplares ao Alexandre Eulálio, que está em Harvard.

Aqui, sempre às suas ordens.
O abraço amigo vai mais agradecido,

Silviano

Pedi endereço do Alexandre Eulálio

Carta de Silviano Santiago a Murilo Rubião. New Jersey, 22 de dezembro de 1966.

2.1.3 A repercussão dentro de casa: as conquistas e o amadurecimento do SLMG

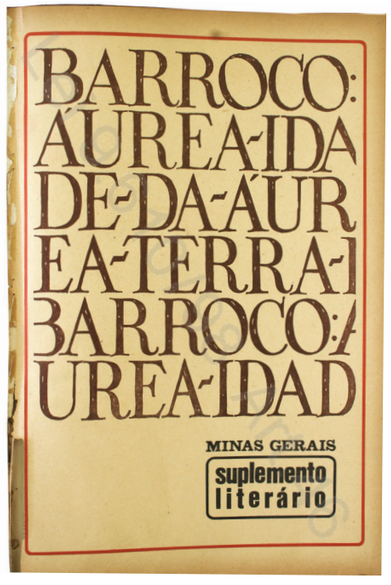
A PARTIR DO MÊS de dezembro de 1966, o *Suplemento* passou também a publicar mensalmente edições especiais que tratavam de um tema ou um escritor específico. A primeira delas foi a edição número 16 sobre o escritor Cyro dos Anjos. Nessas edições, na maioria das vezes, além de textos críticos e depoimentos de escritores e intelectuais sobre o autor homenageado ou tema dedicado, fazia-se frequentemente uma antologia de textos – em prosa, verso ou ensaio crítico.

As cópias das edições eram "caprichadas em papel de qualidade e, quase sempre, capa em cores" (WERNECK, 1992, p. 179). Muitas vezes a edição especial tinha dois volumes, sendo que o segundo volume era publicado no próximo sábado após a publicação do primeiro. No jornal *A Tribuna* (Santos), Geraldo Ferraz elogia o capricho da edição de segundo aniversário do *Suplemento*:

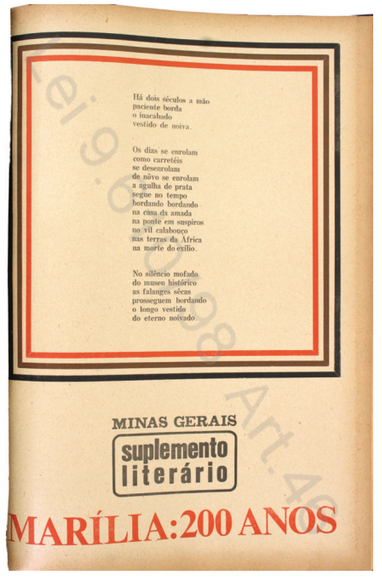
> Como neste 7 de setembro faz dois anos que sai, o *Suplemento* se engalanou numa capa a cores com um papa vento bem bolado em seu desdobramento de oito gomos com uma bola em cada ponta, numa festa. A capa foi feita por Eduardo de Paula. Página sim, página não, lá vem uma ilustração pondo fulgurância no desenho, coisa fina de bom gosto, na poesia e no conto, que há muita poesia e muito conto neste Suplemento, é ver um livro. (FERRAZ, *Sumário-homenagem a um Suplemento*, 1968).

Como o SLMG pertencia ao órgão oficial do estado, qualquer medida ou mudança realizadas na redação do jornal deveriam ser regulamentadas por lei, atos ou decretos do governo. A primeira delas foi a sanção da lei n. 4.428, de 9 de fevereiro de 1967, que dispunha sobre as normas de edição e regulamentava o funcionamento do *Suplemento Literário* pela Imprensa Oficial.[6] O artigo segundo determina, por exemplo, que o jornal teria uma "Comissão de Redação constituída de três membros, designados

[6] No ano de 1993, foi criada uma outra lei, número 11.256, declarando que o *Suplemento* "passa a ser editado sob a responsabilidade da Secretaria de Estado da Cultura, com a denominação de 'Suplemento Literário *de* Minas Gerais'".









Edições especiais de julho (n. 45), setembro (n. 54) e outubro (n. 61) de 1967 e março (n. 131) de 1969.

pelo Diretor da Imprensa Oficial dentre servidores da Repartição ou de outros órgãos do Estado colocados à sua disposição devendo a escolha recair sempre em pessoas de notório conceito no setor das letras e comprovada experiência na redação de jornais literários." (MINAS GERAIS, 1967).

Com a promulgação dessa lei, foi permitida a assinatura do jornal literário, assim como sua venda avulsa. Para se ter uma ideia das dificuldades burocráticas que rodeavam os bastidores do *Suplemento*, somente dois anos depois, conseguiu-se contratar um fotógrafo para a redação. Até então, quem realizava as fotografias eram jornalistas e repórteres da Imprensa Oficial e do *Minas Gerais*.

Em julho de 1967, foi organizado o primeiro Festival de Inverno da UFMG em Ouro Preto. Idealizado por Haroldo Mattos, então diretor da Faculdade de Artes da UFMG, o primeiro Festival de Inverno ofereceu aos estudantes participantes cursos de artes plásticas, música, cinema e história da arte, além da apresentação de grupos de teatro, recitais de música, cinema comentado e exposições. Como a escola Guignard estava, na época, sob chancela da Imprensa Oficial, a participação do *Suplemento* – tanto dos seus ilustradores, quanto da comissão de redação – foi ativa.

Um dos pontos altos do Festival foi a Semana Barroca, durante a qual, na Galeria Pilão, ocorreu o lançamento do livro de Affonso Ávila, *Resíduos Seiscentistas em Minas*, e das duas edições especiais (número 45 e 46) do *Suplemento Literário* sobre o barroco mineiro, *Barroco: Áurea Idade da Áurea Terra*, organizadas pelo poeta Affonso Ávila e que ganharam, por parte de vários intelectuais, uma recepção bastante positiva (RIBEIRO, 1997, p. 138–139). Nas artes visuais atuaram alguns dos colaboradores: Álvaro Apocalypse, Yara Tupynambá, Márcio Sampaio, Eduardo de Paula e Frederico Morais.

Dedicadas à "cultura barroco-mineira" (MINAS GERAIS, 1967, p. 1) e hoje obras raras para qualquer colecionador de periódicos literários, as duas edições especiais tiveram uma recepção excelente e receberam elogios de vários jornais e de intelectuais do Brasil e do exterior. Com doze páginas, os números foram editados em comemoração aos 250 anos de nascimento do primeiro poeta mineiro barroco, João Coelho Gato de Amorini, e, além das ilustrações de Wilde Lacerda e Guignard, teve textos de Antônio Cândido, Affonso Ávila, Mário de Andrade e Francisco Curt Lange.

No primeiro aniversário do *Suplemento,* em 2 de setembro de 1967, o periódico dirigido por Murilo, além de completar 53 edições ininterruptas, já tinha consolidado a notoriedade e colaboração por parte dos principais escritores e críticos brasileiros, sem esquecer, no entanto, da expressiva colaboração estrangeira, como é o caso da literatura portuguesa e latino-americana no jornal.

Nos anos de 1966 e 1967, nas correspondências enviadas pelos



Lançamento do número especial Barroco: Áurea Idade da Áurea Terra *e do livro de Affonso Ávila* Resíduos setecentistas. *Sentados: Quartin Barbosa (banqueiro), Israel Pinheiro (governador), Ayres da Matta Machado Filho, D. Coracy Uchoa Pinheiro. Em pé: Souza Jr. (locutor), José Bento Teixeira de Salles, Rone Fortes, Raul Bernardo (secretário), Nelson de Senna, Dr. Paulo Campos Guimarães (diretor da IO), Murilo Rubião, Pery da Rocha França (presidente da Hidrominas). Ouro Preto, 15 de julho de 1967.*

intelectuais a Murilo, vemos a aprovação majoritária e, mais ainda, o apoio – seja por meio de colaborações ou de sugestões e críticas. O *Suplemento Literário* dirigido por Murilo conquistou o respeito dos mais importantes críticos literários e escritores da época, tornando-se uma das raras publicações de então que dava espaço à divulgação e discussão da cultura.

Para comemorar o sucesso, foi realizada no dia 2 de setembro, no saguão interno da Imprensa Oficial, uma cerimônia solene para o lançamento de sua edição especial (n. 53) de primeiro aniversário. Na cerimônia, além do governador, Israel Pinheiro, do secretário de governo, Raul Bernardo Nelson de Senna e do diretor da Imprensa Oficial, Paulo Campos Guimarães, estiveram presentes toda a comissão de redação do SLMG e vários intelectuais e artistas importantes brasileiros. Dentre eles, Emílio Moura, Henriqueta Lisboa, Fábio Lucas, Bueno de Rivera, Lúcia Machado de Almeida, José Nava, Mário Mendes Campos (representante da Academia Mineira da Letras) e Affonso Romano de Sant'Anna.

Com vinte páginas, o número especial de aniversário contou com a publicação de poesia e prosa dos principais escritores atuantes no

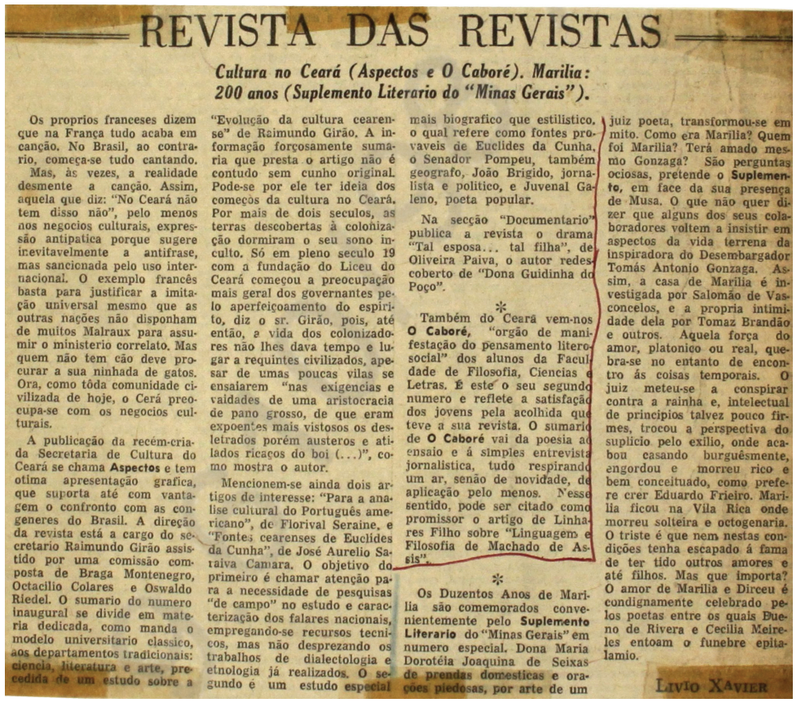


Primeiro Aniversário do SLMG. *Governador Israel Pinheiro, Prefeito Souza Lima, Paulo Campos Guimarães, Franklin de Salles e deputados no primeiro aniversário da publicação. Belo Horizonte, 2 de setembro de 1967.*

panorama literário brasileiro da época. Nesse número, assinando trabalhos inéditos, colaboraram Carlos Drummond, Emílio Moura, Henriqueta Lisboa, Bueno de Rivera, Libério Neves, Laís Corrêa de Araújo, Augusto de Campos, Dalton Trevisan, Nélida Piñon, Samuel Rawet, Luis Gonzaga Vieira, Fábio Lucas, Benedito Nunes, Haroldo de Campos, Francisco Iglésias, Rui Mourão e Frederico de Morais. A edição contou também com ilustrações, para contos e poemas, de Álvaro Apocalypse, Márcio Sampaio, Eduardo de Paula e Chanina.

Logo após o lançamento da edição de aniversário, Lívio Xavier, na seção "Revistas das revistas", elogia o SLMG, destacando a independência e liberdade mantidas nas publicações:

> Em tão pouco tempo, o jornal dirigido por Murilo Rubião impôs às publicações congêneres uma medida de excelência: alto critério literário na escolha de colaboração, independência em relação às injunções das diversas tendências e gerações, e sobretudo uma liberdade de expressão tão completa como possível no domínio da literatura no país." (XAVIER, *Suplemento Literário do Estado de São Paulo*, 9 de setembro de 1967.)



REVISTA DAS REVISTAS

Cultura no Ceará (Aspectos e O Caboré). Marilia: 200 anos (Suplemento Literario do "Minas Gerais").

Os proprios franceses dizem que na França tudo acaba em canção. No Brasil, ao contrario, começa-se tudo cantando.

Mas, às vezes, a realidade desmente a canção. Assim, aquela que diz: "No Ceará não tem disso não", pelo menos nos negocios culturais, expressão antipatica porque sugere inevitavelmente a antifrase, mas sancionada pelo uso internacional. O exemplo francês basta para justificar a imitação universal mesmo que as outras nações não disponham de muitos Malraux para assumir o ministerio correlato. Mas quem não tem cão deve procurar a sua ninhada de gatos. Ora, como tôda comunidade civilizada de hoje, o Cerá preocupa-se com os negocios culturais.

A publicação da recém-criada Secretaria de Cultura do Ceará se chama **Aspectos** e tem otima apresentação grafica, que suporta até com vantagem o confronto com as congeneres do Brasil. A direção da revista está a cargo do secretario Raimundo Girão assistido por uma comissão composta de Braga Montenegro, Octacilio Colares e Oswaldo Riedel. O sumario do numero inaugural se divide em materia dedicada, como manda o modelo universitario classico, aos departamentos tradicionais: ciencia, literatura e arte, precedida de um estudo sobre a "Evolução da cultura cearense" de Raimundo Girão. A informação forçosamente sumaria que presta o artigo não é contudo sem cunho original. Pode-se por ele ter ideia dos começos da cultura no Ceará. Por mais de dois seculos, as terras descobertas à colonização dormiram o seu sono inculto. Só em pleno seculo 19 com a fundação do Liceu do Ceará começou a preocupação mais geral dos governantes pelo aperfeiçoamento do espirito, diz o sr. Girão, pois, até então, a vida dos colonizadores não lhes dava tempo e lugar a requintes civilizados, apesar de umas poucas vilas se ensaiarem "nas exigencias e vaidades de uma aristocracia de pano grosso, de que eram expoentes mais vistosos os desletrados porém austeros e atilados ricaços do boi (...)", como mostra o autor.

Mencionem-se ainda dois artigos de interesse: "Para a analise cultural do Português americano", de Florival Seraine, e "Fontes cearenses de Euclides da Cunha", de José Aurelio Saraiva Camara. O objetivo do primeiro é chamar atenção para a necessidade de pesquisas "de campo" no estudo e caracterização dos falares nacionais, empregando-se recursos tecnicos, mas não desprezando os trabalhos de dialectologia e etnologia já realizados. O segundo é um estudo especial mais biografico que estilistico, o qual refere como fontes provaveis de Euclides da Cunha, o Senador Pompeu, também geografo, João Brigido, jornalista e politico, e Juvenal Galeno, poeta popular.

Na secção "Documentario" publica a revista o drama "Tal esposa... tal filha", de Oliveira Paiva, o autor redescoberto de "Dona Guidinha do Poço".

*

Também do Ceará vem-nos **O Caboré**, "orgão de manifestação do pensamento literosocial" dos alunos da Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras. É este o seu segundo numero e reflete a satisfação dos jovens pela acolhida que teve a sua revista. O sumario de **O Caboré** vai da poesia ao ensaio e á simples entrevista jornalistica, tudo respirando um ar, senão de novidade, de aplicação pelo menos. Nesse sentido, pode ser citado como promissor o artigo de Linhares Filho sobre "Linguagem e Filosofia de Machado de Assis".

*

Os Duzentos Anos de Marilia são comemorados convenientemente pelo **Suplemento Literario** do "Minas Gerais" em numero especial. Dona Maria Dorotéia Joaquina de Seixas de prendas domesticas e orações piedosas, por arte de um juiz poeta, transformou-se em mito. Como era Marilia? Quem foi Marilia? Terá amado mesmo Gonzaga? São perguntas ociosas, pretende o **Suplemento**, em face da sua presença de Musa. O que não quer dizer que alguns dos seus colaboradores voltem a insistir em aspectos da vida terrena da inspiradora do Desembargador Tomás Antonio Gonzaga. Assim, a casa de Marilia é investigada por Salomão de Vasconcelos, e a propria intimidade dela por Tomaz Brandão e outros. Aquela força do amor, platonico ou real, quebra-se no entanto de encontro ás coisas temporais. O juiz meteu-se a conspirar contra a rainha e, intelectual de principios talvez pouco firmes, trocou a perspectiva do suplicio pelo exilio, onde acabou casando burguésmente, engordou e morreu rico e bem conceituado, como prefere crer Eduardo Frieiro. Marilia ficou na Vila Rica onde morreu solteira e octogenaria. O triste é que nem nestas condições tenha escapado á fama de ter tido outros amores e até filhos. Mas que importa? O amor de Marilia e Dirceu é condignamente celebrado pelos poetas entre os quais Bueno de Rivera e Cecilia Meireles entoam o funebre epitalamio.

LIVIO XAVIER

Coluna "Revistas das revistas", de Lívio Xavier, no Suplemento Literário do Estado de São Paulo. *11 de novembro de 1967.*

Para coroar ainda mais o sucesso do SLMG em seu primeiro ano, em 21 de outubro de 1967, o *Suplemento Literário* conquista o Troféu Cid (instituído pela Rádio Itatiaia), como o melhor que se edita em Minas Gerais e a melhor realização da imprensa mineira naquele ano. Na solenidade, que aconteceu na Casa do Jornalista de Minas, foi lançado o número especial do *Suplemento*, comemorativo dos 50 anos do nascimento de Cid Rebêlo Horta.

Os anos de 1968 e 1969 foram também importantes para a história do *Suplemento Literário do Minas Gerais*. No final de 1967, a sala de redação do jornal ganha o nome do escritor Carlos Drummond de Andrade e, a partir de 1968, uma nova geração de escritores e de artistas se revelará no SLMG, ganhando mais espaço e divulgação nas páginas do jornal. Também será a partir de 1968 que as relações do *Suplemento* para além de Minas se estreitarão. E por fim, em 1969, o provincianismo mineiro, na sua forma mais pejorativa, e a ditadura militar mostrarão, embora timidamente, suas garras. E em dezembro de 1969, Murilo Rubião deixa a redação do SLMG, passando a trabalhar como chefe de publicações da Imprensa Oficial.



Suplemento Literário Recebeu o Troféu Cid

O diretor da Imprensa Oficial, Professor Paulo Campos Guimarães, recebeu no sábado, das mãos do Governador Israel Pinheiro, o Troféu Cid, instituído pela Rádio Itatiaia e conquistado pelo Suplemento Literário do "Minas Gerais", considerado "o melhor que se edita em Minas Gerais".

Na ocasião, foi lançado oficialmente o número especial do Suplemento, comemorativo dos 50 anos do nascimento de Cid Rabêlo Horta e organizado pelo escritor Fernando Corrêa Dias.

A solenidade teve lugar na biblioteca da Casa do Jornalista de Minas e a ela compareceram personalidades da cultura de Minas e do Brasil, como o Vice-Presidente Pedro Aleixo, o Governador Israel Pinheiro, o Ministro do Tribunal de Contas Sr. Faria Tavares, o presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais, Sr. Virgilio de Castro Veado, o diretor da Imprensa Oficial, Sr. Paulo Campos Guimarães e o diretor da Rádio Itatiaia, Jornalista Januário Carneiro, idealizador do Troféu Cid.

Usaram da palavra o escritor Fernando Corrêa Dias, o diretor da Imprense Oficial e o presidente do Sindicato dos Jornalistas de Minas, todos enaltecendo a figura do homenageado, como "um dos mais completos jornalistas que já possuiu a imprensa mineira, dotado de inteligência aguda, de profunda curiosidade intelectual e de uma lealdade absoluta".

— Baseado nessas características, Januário Carneiro resolveu instituir o Troféu Cid, um dos mais importantes da imprensa mineira, que tem como objetivo fundamental acionar o dinamo da procura da perfeição, dentro da atividade jornalística — salientou o Sr. Virgilio de Castro Veado em seu discurso.

O Governador Israel Pinheiro entregou o Troféu Cid ao diretor da Imprensa Oficial, Sr. Paulo Campos Guimarães

Notícia do jornal O globo *de* Belo Horizonte *sobre o Troféu Cid, recebido pelo* SLMG.
Belo Horizonte, 24 de outubro de 1967.

2.2 Bola ao cesto na redação do Suplemento

> *Não é uma família. Talvez um time.* [...] *A bola já está comigo e os dois beques colados às minhas costas me obrigando ao drible. Eu vivo disso, sou Garrincha por convicção. Sou Tostão pra não me machucar. Não há filosofia além disso, só o novo. O criado em cada minuto. E não tem dois tempos pra quem anda. A dúvida tem só a duração de um lance.*
>
> João Trepidação (ou Galvão). Texto do encarte de *Acabou chorare*, dos Novos Baianos, 1972.

2.2.1 A sala Carlos Drummond de Andrade

A REDAÇÃO DO *Suplemento Literário* ocupava uma sala inteira do prédio da Imprensa Oficial. Na sala Carlos Drummond de Andrade, nome dado à redação do SLMG, Murilo Rubião criou um ponto de convergência, encontro e amadurecimento entre os escritores. Lá se reuniam escritores novos, consagrados, veteranos, músicos e artistas plásticos, que ajudavam a elaborar as edições do jornal, revisando, diagramando, fazendo matérias, realizando entrevistas ou mesmo assinando colunas semanais. Outras vezes eram apenas frequentadores que, como disse Jaime Prado Gouvêa, "reuniam-se lá nos fins de tarde para conversar fiado, mostrar seus novos trabalhos e fazer uma hora para ir para os bares da vizinhança, de preferência o Saloon e o Lucas" (GOUVÊA, 2013, ver Anexo).

A sala era também onde os escritores trocavam ideias e construíam suas afinidades literárias. Discutia-se a literatura latino-americana que estava sendo feita na época (lia-se Gabriel García Márquez e Julio Cortázar), falava-se sobre o cinema de Godard, Luis Buñuel e Glauber Rocha e defendia-se uma literatura participativa e militante, marcada pelo contexto político do País em plena ditadura militar – outros, como era o caso de José J. Veiga, se aventuravam na literatura fantástica. Era comum um escritor ler o texto do outro, corrigir e dar palpites. O jornalista Humberto Werneck, no texto "Meu Suplemento inesquecível", em edição de comemoração aos 45 anos do SLMG, conta o caso de quando, a pedido de Murilo Rubião, leu e palpitou no conto *Ex-mágico*:

> Um dia ele me pediu opinião sobre mexidas que dera em *O ex-mágico da Taberna Minhota*, carro-chefe de seu livro de estreia. Puxei a cadeira para perto de sua mesa, saquei a caneta e, impávido, fui em frente, seguríssimo de mim como nunca mais na vida. Do alto da minha sobreloja literária, lá pelas tantas impliquei com o substantivo "despautério". Eu achava que a literatura se fazia de belas palavras, e que despautério era um... despautério. "Não dá, Murilo!", pontifiquei. "Se eu fosse você, cortava imediatamente!" Muitos anos mais tarde, já provido de desconfiômetro, me lembrei do episódio – mas não tive coragem de reler *O ex-mágico*. Recentemente, contei a história ao jovem jornalista e escritor Marcus Assunção – e ele teve a maldade de me informar por e-mail, no dia seguinte, que a palavra já não lá está. E o pior é que, Murilo morto, não posso remediar o meu despautério. (WERNECK, 2011, p. 5).

O texto de Luiz Vilela "Bola ao cesto na redação do Suplemento" descreve o ambiente lúdico e descontraído que era a Sala Carlos Drummond de Andrade. No texto, o escritor narra o inusitado esporte que prendia os escritores mais horas na redação. Tratava-se de uma competição de acertar o cesto de lixo com uma bola de isopor.

O nome da sala onde trabalhava a redação do *Suplemento* foi uma homenagem a Carlos Drummond de Andrade, já que na mesma sala o poeta havia trabalhado como redator da Imprensa Oficial. No dia 21 de novembro de 1967, o *Minas Gerais* publica uma nota sobre a nomeação da sala de redação. Na notícia lê-se que é:

> Praxe de conferir às salas desta Casa nomes de personalidades, a quem ela deve reconhecimento e gratidão, encontra plena justificativa na homenagem ao consagrado poeta mineiro, quando se sabe que o homenageado aqui militou como redator do Minas Gerais, deixando marcas perenes de sua atividade intelectual. (MINAS GERAIS, 21 de novembro de 1967).

Logo após a homenagem, Carlos Drummond de Andrade escreveu para Paulo Campos Guimarães, então diretor da Imprensa Oficial. Na carta, além de relembrar os tempos em que trabalhou no *Minas Gerais* e na IO, o escritor agradece a homenagem feita pelo *Suplemento:*

Rio de Janeiro, 4 de dezembro de 1967
Paulo Campos Guimarães, prezado Diretor e Amigo:
A imprensa Oficial e o Minas Gerais não são, em minha vida, meros acidentes de passagem. Na Imprensa publiquei, sob a paternal benevolência do saudoso Abílio Machado e os cuidados técnicos de mestre Eduardo Frieiro, o meu primeiro livro de poesia. E no "Minas" ficou uma fase intensa de minha atividade profissional, entre bons colegas, em momento difícil (por isto mesmo, desafiador e apaixonante), quando não se sabia se na manhã seguinte a gente acordaria com o governo deposto pela tropa federal e os pobres redatores recolhidos a lugar discreto. Tudo ficou gravado, e é matéria de saudade.
Assim, você pode bem avaliar como recebi o seu gesto ligando o meu nome à sala do Suplemento Literário do nosso (permita o possessivo) diário. Nunca sonhei com homenagem dessa altura, que me deixa comovido mesmo, sem mentira convencional. Tive a sensação de voltar à antiga casa, com a alegria de encontrá-la modernizada, em dia com a vida, como o testemunha, entre outras belas realizações, o Suplemento Literário.
Com um abraço afetuoso, o agradecimento, de todo o coração, do velho redator,
Carlos Drummond de Andrade.[7]

Além de Drummond e dos escritores mineiros residentes em Minas, que eram *habitués* da redação, o *Suplemento Literário* recebeu a visita de vários escritores e intelectuais do Brasil e do exterior. Roman Jakobson, Michel Butor, Ana Hatherly, Murilo Mendes, Luiz Vilela, Haroldo de Campos, Clarice Lispector, Otto Maria Carpeaux e Tzvetan Todorov estiveram em Belo Horizonte e, na redação do *Suplemento*, produziram várias colaborações, matérias e entrevistas. Humberto Werneck faz uma lista de alguns dos ilustres escritores que passaram por lá:

[7] A carta foi encontrada em nota publicada no *Minas Gerais. Carlos Drummond agradece homenagem da Imprensa*. 12 de janeiro de 1968.

A nós, os privilegiados a quem deu também emprego, Murilo proporcionou, de quebra, o enriquecedor convívio com *habitués* da redação do suplemento, entre eles o doce Emílio Moura, o divertido Bueno de Rivera — poeta com o qual só não aprendemos a ganhar dinheiro, arte em que também era exímio —, o sábio Francisco Iglésias, para não falar no incansável Hélio Gravatá, bibliógrafo sem cujo rigor não teria sido possível preparar e editar dezenas de edições especiais. Ou, de passagem, forasteiros como Décio Pignatari, Fernando Sabino, Hélio Pellegrino, Otto Maria Carpeaux, Roman Jakobson, Giuseppe Ungaretti, tantos outros. Clarice Lispector, com quem Murilo me encarregou de fazer uma das primeiras entrevistas de minha involuntária carreira de jornalista, incumbência que na noite da véspera me tirou o sono e que, numa fotografia, me botou de cabeça baixa sob o olhar intimidador da grande escritora. (WERNECK, 2011, p. 6)

O *Suplemento Literário* foi um "ponto de encontro, um espaço catalisador das aspirações de uma arte renovada, vigorosa e de um pensamento político questionador" (MENEZES, 2012). Murilo Rubião soube aglutinar na redação do *Suplemento* várias gerações de artistas e escritores; lá ele convivia e trocava correspondências com intelectuais de sua época, conhecia e dava espaços a novos escritores e, ainda, valorizava a cultura mineira.

Para o contista Luiz Vilela, "se tão importante foi para nós, os escritores novos, em Belo Horizonte, a publicação de nossos textos nas páginas do *Suplemento* em seus primeiros anos de existência, não menos importantes foram nossos encontros em sua sala de redação" (VILELA, 2011, p. 11).

Se Mário de Andrade é frequentemente alçado a "embaixador" da literatura brasileira – como "mestre" e divulgador dos escritores –, Murilo Rubião também exerceu sua função como diplomata e pai de uma geração que deu os seus primeiros passos na Sala Carlos Drummond de Andrade: a "Geração Suplemento" ou "Os novos".

2.2.2 Os novos ou a Geração Suplemento

Três coisas me são difíceis de entender, e uma quarta eu a ignoro completamente: o caminho da águia no ar, o caminho da cobra sobre a pedra, o caminho da nau no mar, e o caminho do homem na sua mocidade

Provérbios, 30: 18–19.

ALÉM DE SER uma das epígrafes bíblicas presentes nos contos de Murilo Rubião, neste caso em "Teleco, o coelhinho", o provérbio acima também é epígrafe da matéria "Os caminhos e descaminhos da literatura falam os novos de Minas", publicada na primeira edição especial sobre os novos escritores de Minas no *Suplemento Literário de Minas Gerais*.[8] Propositalmente ou não, na matéria, a citação aparece como uma espécie de sentença que ressalta a figura e papel do *Suplemento* e de Murilo Rubião – seu idealizador e diretor – como aglutinador e apoiador de uma nova geração de escritores mineiros que surgia. A matéria transcreve parte de depoimentos dos escritores José Márcio Penido, Adão Ventura, Márcio Sampaio, Henry Corrêa de Araújo, Humberto Werneck, Carlos Roberto Pellegrino, José Luiz Andrade e Libério Neves e tenta mostrar "por que [os novos escritores mineiros] escrevem, para que, para quem, contra que lutam, o que desejam provar?" (ARAÚJO, 1968, p. 2).

Assim como em outras regiões do Brasil, as revistas e jornais literários nascidos no estado de Minas tiveram um importante papel na divulgação de novos escritores e no surgimento de gerações literárias. A maior parte da literatura que se produziu em Minas, antes de ser editada na forma de livro, chegou ao leitor, primeiramente, em jornais, revistas ou suplementos literários. Como disse Affonso Romano de Sant'Anna em carta a Murilo:

> [...] Acredito na função de tais publicações, principalmente junto às novas gerações. "foi em *suplemento* que eu comecei, e embora mesmo hoje não seja nada, foi ali que aprendi muito, ali que tive meus primeiros rascunhos (SANT'ANNA. Carta a Murilo Rubião. New Jersey, 1967).

O *Suplemento Literário do Minas Gerais* não seria diferente e marcaria significativa presença na história da literatura e crítica literária brasileira, divulgando e projetando novos escritores não só de Minas, mas do País.

Importante bibliografia para qualquer interessado na história da literatura brasileira, foram nesses periódicos literários que muitos dos principais escritores brasileiros começaram e onde apareceram pela primeira vez alguns dos principais textos produzidos no País, como, por exemplo, o "Manifesto Antropofágico", de Oswald de Andrade (*Revista de Antropofagia*), "A estética da fome", de Glauber Rocha (*Revista Civilização Brasileira*) e até mesmo o poema de Drummond "No meio do caminho", também publicado na *Revista de Antropofagia*.

Em Minas Gerais, no começo de 1920, surgiram as revistas consideradas modernistas, como é o caso de *A revista* (1925–1926), editada por Carlos Drummond de Andrade e Emílio Moura; da revista *Verde* (1927–1928) em Cataguases, fundada por Rosário Fusco e Guilhermino César e de *Leite Crioulo* (1929), suplemento do jornal *Estado de Minas*, que contou com a direção de Guilhermino César, João Dornas Filho e Aquiles Vivacqua.[9]

Herdeiras da lição modernista, a partir de 1940, foi a vez das revistas *Edifício* (1946), que publicou nomes como Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos, Hélio Pellegrino, Fernando Sabino e Autran Dourado; da revista *Vocação* (1951), cuja iniciativa foi de Rui Mourão, Fábio Lucas e Fritz Teixeira de Sales; da *Complemento* (1956), que entre seus criadores constavam os nomes de Ivan Ângelo, Silviano Santiago e Ezequiel Neves; e *Tendência* (1957), fundada por Affonso Ávila, Fábio Lucas, Rui Mourão, Maria Luiza Ramos, Laís Correia de Araújo e Affonso Romano de Sant'Anna.

Na década de 1960 surgiram outras publicações literárias, como *Texto*, *Ptyx*, *Porta*, *Frente* e *Estória*. A revista de contos *Estória* (1965–1967), nos seus seis números, estampou a colaboração de escritores como Luis Gonzaga Vieira, Luiz Vilela, Sérgio Sant Anna, Lucienne Samôr e Sérgio

[8] SLMG. Os caminhos e descaminhos da literatura falam os novos de Minas. In: *Literatura e arte: os novos*. Edição n. 74, 27 jan. 1968.

[9] É preciso considerar que no *Diário de Minas*, no início de 1920, Drummond, Cyro dos Anjos, João Alphonsus, Afonso Arinos e Emílio Moura estamparam em uma das quatro páginas dos jornais alguns de seus textos de cunho modernistas. A passagem do grupo modernista pelo jornal oficioso *Diário de Minas* foi tema do livro de Maria Zilda Ferreira Cury, *Horizontes modernistas: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal*, de 1998.

Danilo – autores que, em grande parte, se associariam posteriormente ao grupo de colaboradores do *Suplemento Literário do Minas Gerais*.[10]

Apesar de muitos deles já terem sido publicados em outras revistas literárias, como é o caso da revista *Estória*, o SLMG concedeu um espaço privilegiado a uma nova geração de escritores que se formava no território de Minas. A divulgação e participação que os novos escritores tiveram não se limitavam apenas às colaborações e a publicação de seus primeiros textos nas páginas do jornal. Graças à direção de Murilo, muito desses escritores tornaram-se *habitués* da Sala Carlos Drummond de Andrade, e muitas vezes atuavam como membros da comissão de redação do *Suplemento*. Mais tarde, acabariam sendo reconhecidos pela crítica como integrantes da "geração suplemento" ou, simplesmente, como "Os novos".

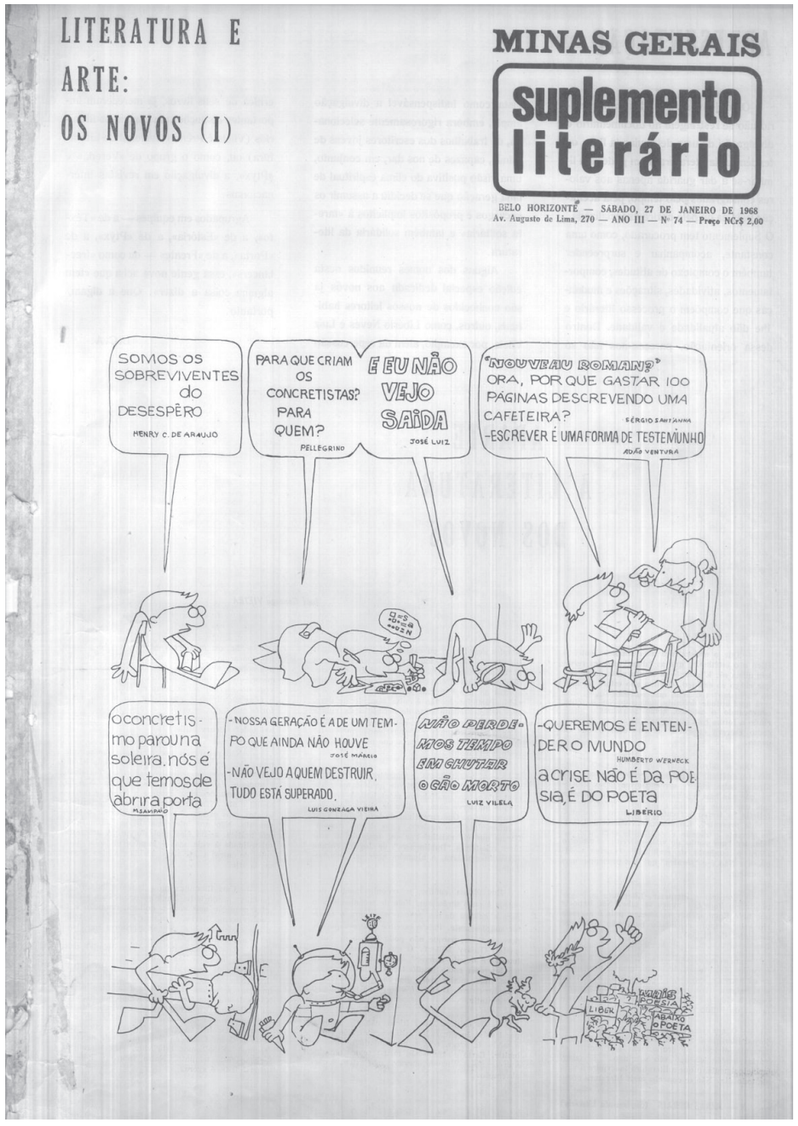
Além da publicação de textos inéditos, o *Suplemento* também cedeu lugar em suas páginas para uma ativa discussão da literatura produzida por eles. Lá se viu, por exemplo, a crítica de livros como *A mãe e o filho da mãe*, de Wander Piroli[11] e *Tremor de Terra*, de Luiz Vilela[12]; e, mais importante ainda, edições especiais com antologia dos principais escritores de Minas da época, bem como uma série, assinada por Carlos Roberto Pellegrino e Humberto Werneck, intitulada "O escritor mineiro quando jovem".

Em 27 de janeiro e 3 de fevereiro de 1968 foram lançados dois números especiais com uma antologia de contos e poesia dos principais escritores mineiros da época. Organizada pela escritora Laís Corrêa de Araújo e com doze páginas cada, as edições *Literatura e arte: os novos I e II*, além de conterem depoimento dos escritores, mostram a ficção inédita de Luiz Vilela, Luís Gonzaga Vieira, Duílio Gomes, Sérgio Sant'Anna, Sérgio Danilo, Carlos Roberto Pellegrino, Humberto Werneck, assim como a poesia de Adão Ventura, Valdimir Diniz, Sebastião Nunes, Libério Neves e dos poetas pertencentes à poesia jovem de Cataguases (classificada também como "Poema-processo"): Ronaldo Werneck, Joaquim Branco e Plínio Filho. As páginas que continham criação literária eram também ilustradas por artistas plásticos da nova geração que se formava em Belo Horizonte.

[10] Além de *O desatino da rapaziada*, Humberto Werneck também publicou um artigo em que trata dos principais jornais literários mineiros, de 1920 a 1970. (WERNECK, 2008).

[11] "Uma experiência nova no conto", de Wilson Castelo Branco, em novembro de 1966, edição n. 10.

[12] "De nôvo o Tremor de terra", escrita por Laís Corrêa de Araújo, em novembro de 1967; edição n. 64.


LITERATURA E ARTE: OS NOVOS (I)

MINAS GERAIS
suplemento literário

BELO HORIZONTE — SABADO, 27 DE JANEIRO DE 1968
Av. Augusto de Lima, 270 — ANO III — Nº 74 — Preço NCr$ 2,00

SOMOS OS SOBREVIVENTES do DESESPÊRO
HENRY C. DE ARAUJO

PARA QUE CRIAM OS CONCRETISTAS? PARA QUEM?
PELLEGRINO

E EU NÃO VEJO SAÍDA
JOSÉ LUIZ

"NOUVEAU ROMAN?" ORA, POR QUE GASTAR 100 PÁGINAS DESCREVENDO UMA CAFETEIRA? -ESCREVER É UMA FORMA DE TESTEMUNHO
SÉRGIO SANT'ANNA
ADÃO VENTURA

oconcretismo parou na soleira, nós é que temos de abrir a porta
MEIRINHO

-NOSSA GERAÇÃO É A DE UM TEMPO QUE AINDA NÃO HOUVE -NÃO VEJO A QUEM DESTRUIR, TUDO ESTÁ SUPERADO.
JOSÉ MÁRCIO
LUIS GONZAGA VIEIRA

NÃO PERDE MAIS TEMPO EM CHUTAR O CÃO MORTO
LUIZ VILELA

-QUEREMOS É ENTENDER O MUNDO
HUMBERTO WERNECK

a crise não é da poesia, é do poeta
LIBÉRIO

Primeira página da edição Literatura e Arte: Os novos. *Suplemento Literário do Minas Gerais, n. 74, 27 jan 1968.*

Quando Murilo Rubião foi seu diretor, iniciou-se no *Suplemento* a série "O escritor mineiro quando jovem". Com a duração de catorze números, na maioria das vezes assinados por Carlos Roberto Pellegrino e Humberto Werneck, a série era uma espécie de entrevista-depoimento-reportagem de escritores sobre a literatura atual e, além das manchetes-títulos, apresentava *releases*, subtítulos, fotos do escritor e trechos de sua obra ou poemas. A primeira reportagem aparece em julho de 1969 e a última em janeiro de 1970 e os destaques foram Sérgio Tross, Luiz Gonzaga Vieira, Sérgio Sant'Anna, Pedro José Branco Ribeiro, Sebastião Nunes, José Francisco Rezek, Valdimir Diniz, Márcio Sampaio, Lázaro Barreto, Ronaldo Werneck, entrevistados por Humberto Werneck e Carlos Roberto Pellegrino.[13]

Em uma das reportagens, quando entrevistado, Sérgio Sant'Anna, que ainda estava em fase de preparação do seu primeiro livro *O sobrevivente* (1969), fala que sua literatura estava marcada pela primeira fase que todo escritor atravessa, "quando a gente está resolvendo os próprios fantasmas. E também explorando diversos caminhos, à procura daquele em que mais se reconheça", e ainda reconhece que as amizades que fez em Minas foram muito importantes para sua iniciação literária. Segundo o contista, "A literatura parece um mal do lugar; um mal no bom sentido. O mineiro devolve em palavras as deformações que lhe incutiram desde a infância" (SANT'ANNA, 1969, p. 6). Em outra série, o poeta Libério Neves considera como suas influências literárias muito da poesia de Drummond, Bandeira, Cassiano Ricardo, João Cabral, Emílio Moura e Bueno de Rivera e, "de um ponto de vista ainda mais formal", admite a afinidade com os concretistas, os poetas de *Tendência* e *Praxis* (NEVES, 1969, p. 11).

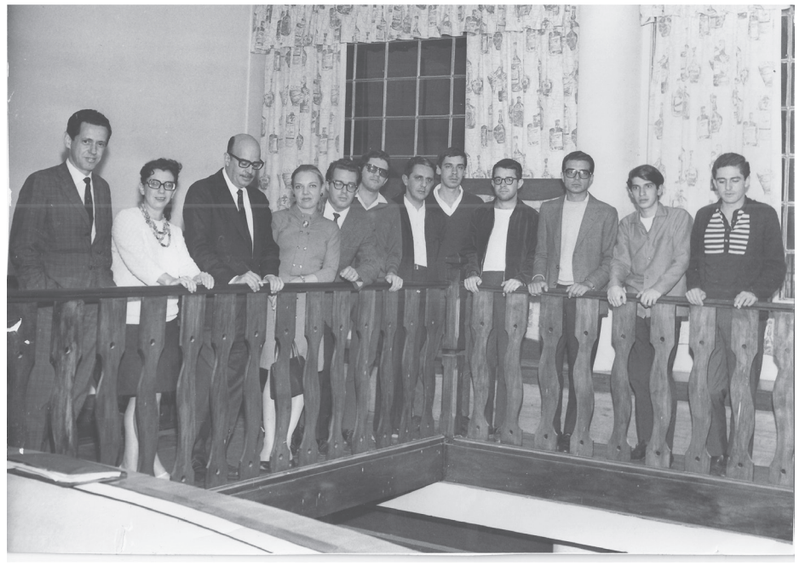
Nas artes plásticas, o *Suplemento* ficou conhecido também por revelar vários artistas da neovanguarda mineira. Muitos deles tinham sido alunos de Guignard, como é o caso de Márcio Sampaio, Álvaro Apocalypse, Chanina, Eduardo de Paula e Jarbas Juarez. O espaço dado à divulgação das artes plásticas produzida em Minas e no Brasil nos anos de 1960 merece destaque na história do *Suplemento*, necessitando ainda de muitos estudos sobre o tema. Pode-se afirmar que em quase todas edições que dirigiu, Murilo sempre dedicou um lugar para a publicação e divulgação das obras de artistas plásticos, tanto os estreantes como os já consagrados. Muitos dos textos (contos, poesia, ensaios) publicados no *Suplemento* vinham acompanhados por ilustrações ou imagens de artistas plásticos. Era recorrente também a publicação de matérias sobre os artistas.

Além disso, em fevereiro de 1968, o *Suplemento Literário* organizou, no salão interno da Imprensa Oficial, uma exposição de artes plásticas, por ocasião do lançamento dos dois números especiais dedicados aos novos escritores de Minas, *Literatura e arte: os novos*. Após várias entrevistas a oficinas, escolas e ateliês, na mostra denominada Arte Jovem de Minas, o *Suplemento* reuniu e selecionou quarenta jovens artistas mineiros que trabalhavam em escultura, gravura, desenho e pintura. Representando várias tendências e estilos, a exposição contou com nomes que faziam parte dos ilustradores do *Suplemento*.

A universalidade e longevidade do *Suplemento Literário* se mostram também no fato de alguns de seus escritores – da "Geração Suplemento" ou "Os novos" – permanecerem no cenário literário até hoje, escrevendo crônicas – como é o caso de Humberto Werneck com sua coluna dominical no *Estadão* – ou publicando seus contos – Luiz Vilela e Sérgio Sant'Anna – e dirigindo atualmente o *Suplemento* – que tem como superintendente o escritor Jaime Prado Gouvêa. Por mais que seja ressaltado o seu traço de mineiridade e dele não se exclua a importância, o jornal recebeu também repercussão e colaboração além de Minas Gerais, atravessou fronteiras, invadiu territórios e chegou a vários estados do Brasil e a várias Universidades do exterior.

Por que escrevem? Para quê? Para quem? Contra que lutam? o que desejam provar? Respondendo as perguntas feitas por Laís Corrêa de Araújo, esses novos escritores, que fizeram escola nos jornais mineiros e na redação do *Suplemento*, querem "entender o mundo" (WERNECK, 1968), e alegam que "escrever é uma forma de testemunho" (VENTURA, 1968) e que não perdem tempo em "chutar o cão morto" (VILELA, 1968), e que sua geração "é a de um tempo que ainda não houve" (JOSÉ MÁRCIO, 1968).

[13] Na dissertação de mestrado de Viviane Maroca, *Nos rastros dos novos:* o *fazer crítico e literário dos contistas do Suplemento Literário do Minas Gerais (1966 – 1975)*, a autora trata sobre a formação de alguns desses novos escritores no *Suplemento*, fazendo um recorte e focando sobretudo na literatura e crítica produzida pelos contistas Luiz Vilela, Sérgio Sant'Anna, Humberto Werrneck e Jaime Prado Gouvêa.



Affonso Ávila, Lais Corrêa de Araújo, Teresinha Pereira, Heitor Martins, Gilberto Mansur, Maria Laterza, Sérgio Sant'Anna, Luiz Vilela, João Paulo Gonçalves da Costa, José Márcio Penido e Humberto Werneck no Bar e Restaurante Alpino, em homenagem a Murilo Rubião. 27 de junho de 1967.



Em pé: Duílio Gomes, Luís Gonzaga Vieira, Sérgio Sant'Anna, Luís Márcio Vianna, Antonio Carlos Braga, Sérgio Tross e Humberto Werneck. Agachados: Jaime Prado Gouvêa, Márcio Sampaio, Luiz Vilela e Valdimir Diniz.



Lançamento do número especial dedicado aos "novos". Em pé: Fábio Lucas, Ildeu Brandão, Luiz Gonzaga Vieira, Humberto Werneck, Luiz Vilela, José Renato Pimentel, Murilo Rubião, Autran Dourado e Franklin Teixeira de Salles. Sentados: Carlos Roberto Pellegrino, José Márcio Penido e Sérgio Danilo. Fevereiro de 1968.



A Sala Carlos Drummond de Andrade recebendo a visita ilustre de Emílio Moura. Murilo Rubião, Geir Campos e filhos, Fábio Lucas, Emílio Moura. Belo Horizonte, fev. 1967

2.3 Rompendo fronteiras: o Suplemento além Minas

Walking down Portobello road to the sound of reggae
I'm alive

Caetano Veloso, 1972.

Lá em Londres, vez em quando me sentia longe daqui / Vez em quando, quando me sentia longe, dava por mim / Puxando o cabelo nervoso, querendo ouvir Celly Campelo pra não cair / Naquela fossa em que vi um camarada / meu de Portobello cair / Naquela falta de juízo que eu não tinha nem uma razão pra curtir / Naquela ausência de calor, de cor, de sal,de sol, de coração pra sentir / Tanta saudade preservada num velho baú de prata dentro de mim

Gilberto Gil, 1972.

SE EM MUITAS DAS EDIÇÕES ou em algumas bibliografias sobre a história do jornal releva-se o traço "provinciano" ou de "mineiridade" – a julgar pelas primeiras críticas que recebeu do *Suplemento do Estado de São Paulo* nos primeiros anos que circulou o SLMG –, os documentos do arquivo de Murilo, suas correspondências e periódicos, atestam o caráter universalizante do *Suplemento* e o seu diálogo com outras artes para além de Minas.

Dos grandes jornais do Brasil, como no *Suplemento do Estado de São Paulo*, lê-se uma crítica que vê, principalmente no primeiro ano (1966), o SLMG como um jornal de caráter tipicamente mineiro, realçando o estado como "um celeiro de grandes escritores" e o *Suplemento* como um jornal fiel à sua condição provincianamente mineira. José Lívio Xavier, na sua coluna "Revistas das Revistas", publicada em cinco de novembro de 1966, diz o seguinte:

> O pérfido personagem de Nelson Rodrigues que marca tão desabusadamente os limites dos sentimentos de solidariedade da gente mineira, poderá verificar o seu engano compulsando os números saídos até agora do novo *Suplemento Literário do Minas Gerais*, órgão oficial do Estado montanhês. [...] Mas, seja como for, o que se deve fazer ressaltar na província intelectual mineira é o cuidado menos orgulhoso que consciente, dos seus promotores de aceitar e cultivar a condição provinciana, como faz fé a "Apresentação" no número inicial. (XAVIER, 1966).

No entanto, ao longo do tempo, como se vê nas correspondências e nas colaborações, o *Suplemento* vai atravessando fronteiras, diminuindo o seu caráter predominantemente mineiro, principalmente em relação às colaborações. Em outra crítica de Lívio Xavier, publicada em nove de setembro de 1967, já se vê uma mudança de posicionamento, apontando a importância nacional do SLMG e, consequentemente, a sua qualidade universalizante:

> Em tão pouco tempo, o jornal dirigido por Murilo Rubião impôs às publicações congêneres uma medida de excelência: alto critério literário na escolha de colaboração, independência em relação às injunções das diversas tendências e gerações e, sobretudo, uma liberdade de expressão tão completa como possível no domínio da literatura no país. (XAVIER, 1967).

De São Paulo, Murilo Rubião se correspondia com Nelly Novaes Coelho, Osman Lins, Augusto e Haroldo de Campos, Guilherme de Almeida, Boris Schnaiderman e José Mindlin. Aliás, a colaboração dos concretistas originários de São Paulo e, sobretudo, de Haroldo e Augusto de Campos, foi extremamente relevante na história do *Suplemento*.

Além de traduções importantes e inéditas como "Os brindes", de Mallarmé, os irmãos Campos publicaram textos de extrema importância para a história da literatura e crítica literária brasileira, que só seriam publicados em livro posteriormente.[14] Na época de Murilo, Haroldo de Campos publicou dois fragmentos do livro *Galáxias* (1984) e Augusto de Campos, vários textos que seriam uma espécie de preparação e estudo

[14] Augusto de Campos publicou no SLMG dois ensaios sobre Arnault Daniel, duas críticas sobre a antologia de poesia erótica e satírica portuguesa, organizada por Natália Corrêa e outra sobre a edição crítica de Manuel Rodrigues Lapa, *Cantigas d'escarnho e mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. A participação dos concretistas no *Suplemento Literário do Minas Gerais* será tratada mais detalhadamente adiante.

para o livro *Verso reverso controverso* (1979).Osman Lins, em 1968, também publicou vários ensaios inéditos do seu livro *Guerra sem testemunha*, que só seria lançado em 1969.

Do Rio de Janeiro e por correspondência, Rachel de Queiroz, Carlos Drummond de Andrade, José J. Veiga, Autran Dourado e Rodrigo de Melo Franco Andrade parabenizavam Murilo pelas edições e lhe enviavam colaborações, muitas vezes inéditas. Joaquim Branco também mandava a colaboração que comporia a edição especial dedicada ao poema-processo feito na cidade de Cataguases, interior de Minas que abrigou o grupo da *Revista Verde*.

Assim como o *Suplemento* abriu suas páginas para a geração de escritores que se formava em Minas e, mais especificamente, em Belo Horizonte, o jornal também divulgou outras gerações de escritores que se formavam no País. Jaime Prado Gouvêa, por exemplo, em 1970 escreve duas matérias sobre duas antologias de escritores novos, em Goiás[15] e no Rio Grande do Sul. Na matéria "Está é uma luta sem glória"[16], Jaime faz uma resenha da antologia de contos gaúchos contemporâneos, *Roda de Fogo, doze gaúchos contam*. Entre os escritores pertencentes à geração gaúcha de 1960 estavam Caio Fernando Abreu, Moacyr Scliar e João Gilberto Noll.

Em 1970, quando Murilo já não era mais diretor do *Suplemento*, essa geração gaúcha ganharia espaço no jornal. Em depoimento cedido para a edição comemorativa dos 45 anos do jornal, Sérgio Faraco relembra a importância que o *Suplemento Literário* teve para a sua geração de escritores:

> Para mim e para os escritores de minha geração aqui no Sul, o SLMG foi o grande e generoso veículo do início de nossas carreiras. Nós falávamos sobre ele como se estivéssemos falando de um amigo próximo, que nos compreendia e nos estimulava a seguir em frente. Dir-se-ia que o considerávamos uma pessoa, e como pessoa era muito amado. (FARACO, 2011, p. 15).

Nélida Piñon, por correspondência, apresenta Caio Fernando Abreu para Murilo Rubião, enviando-lhe um conto inédito do jovem autor:

> Estou lhe enviando o conto inédito "O mar mais longe que eu vejo", de Caio Fernando Abreu, jovem contista de vinte e um anos. Considero-o uma marcante promessa, merecendo estímulo, alguns externos. Submeto seu trabalho à sua apreciação, pensando no Suplemento. (PIÑON. Carta a Murilo Rubião. Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1969).

De Bern e Barcelona, onde serviu como diplomata, João Cabral de Melo Neto escrevia para Murilo Rubião. Murilo Mendes, também na função de diplomata, escrevia de Roma para Rubião. De Roma, Antônio Fonseca Pimentel enviava sua colaboração frequente para a sua coluna no SLMG, "Letras europeias". Luiz Vilela dava notícias e enviava os seus contos de Iowa City, onde tinha sido convidado para lecionar na universidade local. Na Universidade da Califórnia também estava como convidado o poeta Affonso Romano de Sant'Anna, e Silviano Santiago terminava o seu doutorado em Paris, na Sorbonne.

Ao contrário dos outros países latino-americanos, o exílio – voluntário ou involuntário – atingiu apenas uma pequena parte da população brasileira: a classe média intelectualizada. Com a chegada dos regimes ditatoriais na América Latina, sobretudo no Chile e Uruguai, o destino da maioria dos exilados foi primeiramente a França, sobretudo Paris, e outros países da Europa, como Suécia, Inglaterra e Portugal. A emigração de intelectuais não se restringiu a músicos e políticos: para estudarem ou atuarem como professor e escritor convidados, muitos intelectuais brasileiros trabalharam nas Universidades da Europa e Estados Unidos. Rui Mourão, por exemplo, deixou a Universidade de Brasília, em protesto à demissão de colegas, e foi para New Orleans, nos Estados Unidos. Como demonstram as correspondências e alguns periódicos, o *Suplemento* era uma referência nas universidades estrangeiras e, consequentemente, servia de material didático para o estudo da Literatura Brasileira.

A carta de Affonso Romano a Murilo Rubião em 1967, da Universidade da Califórnia, mostra como os escritores residentes no exterior ajudaram na promoção da literatura brasileira e, por conseguinte, do *Suplemento*, através de, por exemplo, a distribuição do jornal aos alunos de onde lecionavam.

> Meu caro Murilo: Tenho recebido os *suplementos*. Tenho-os, por outro lado, distribuído com os meus

[15] In: *Suplemento Literário do Minas Gerais*, mar. 1970, n. 186.

[16] In: *Suplemento Literário do Minas Gerais*, dez. 1970, n. 233.

> alunos na Universidade. E gostam, sabe? Devia ter-lhe escrito antes. O *Suplemento* é realmente excelente. Dos melhores que se tem feito pelo país. Ainda hoje recebi carta do Silviano Santiago, de New Jersey, dizendo-me da boa impressão que lhe causou. (SANT'ANNA. Carta a Murilo Rubião. Los Angeles, 1967).

Também, dos Estados Unidos, de Portland, Blanca Lobo Filho requisita a Murilo a assinatura regular do *Suplemento* para seu aluno americano:

> Agradeço-lhe imensamente a remessa de 5 cópias do *Suplemento Literário*. Escrevi para o nosso amigo, Wilson Castelo Branco, que um dos meus alunos desta universidade quer fazer uma subscrição desta revista. Também o nosso colégio está interessado de tê-la na biblioteca. Que devo fazer? Peço de informar-me neste sentido. (LOBO FILHO. Carta a Murilo Rubião. Portland, 26 de novembro de 1966).

Em notícia publicada no *Minas Gerais*, em maio de 1969,[17] o *Suplemento* foi incluído pela Modern Language Association (MLA), uma organização normalizadora, similar em propósito à ABNT, na lista de publicações que formam o índice anual da Bibliografia Internacional da Modern Language Association e de vários outros países. Em carta de Heitor Martins a Israel Pinheiro, o professor informa que a partir de 1968

> a lista de todos os artigos de caráter literário publicados no suplemento entrarão nesta Bibliografia (que é hoje, a mais extensa do mundo), distribuindo esta informação pelos trinta mil assinantes (bibliotecas e professores universitários) de nossa publicação, nos Estados Unidos e na Europa. (MARTINS, 1969).

Sérgio Sant'Anna também ressalta a repercussão do *Suplemento* no exterior e o papel das Universidades estrangeiras na tradução e promoção da literatura brasileira:

> Desde a época do Murilo, o Suplemento já tinha um nome nacional, mas uma das grandes coisas do Suplemento é que tinha um *mailing* que ia pro Brasil inteiro, pros escritores e críticos do Brasil inteiro e pro exterior também. Inclusive aconteceu um negócio fantástico, esse conto "Lassidão", que saiu nos *Novos de Minas*[18], chegou, um ano depois, em alemão, publicado no *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, que é o maior jornal da Alemanha. Porque ele chegou na mão de uma mulher, que era uma brasilianista na Alemanha, e ela gostou do conto e publicou lá. E isso acontecia em toda parte, o Suplemento chegava em toda parte, era impressionante, e alcançou uma repercussão muito grande. Na época do Murilo num certo sentido, porque o Murilo era um escritor reconhecido, respeitado. (SANT'ANNA entrevistado por MAROCA, 2009, p. 139).

Além disso, no *Suplemento Literário* publicaram-se textos dos mais variados gêneros – poesia, contos, ensaios, matérias e entrevistas – sobre as diversas literaturas produzidas no exterior, ressaltando o seu caráter global e atual. Nas páginas do jornal falava-se e publicava a literatura hispano-americana, tcheca, norte-americana, inglesa, italiana, austríaca, francesa, alemã, irlandesa, japonesa, sueca, polonesa, húngara, vietnamita, grega, libanesa, romena e persa.[19]

O diálogo fértil entre o *Suplemento* e os intelectuais do exterior, além das discussões sobre a sua literatura, gerou uma quantidade enorme de traduções, seja da parte dos escritores brasileiros e da "Geração Suplemento", que tinham seus textos publicados lá fora – como contou Sérgio Sant'Anna – ou, e merecendo destaque, por parte dos estrangeiros que eram traduzidos e publicados no jornal.

[17] MINAS GERAIS. *Universidade norte-americana distingue* SLMG, 15 de maio de 1969.

[18] Trata-se da edição n. de 3 de fevereiro de 1968, segundo número especial de *Literatura e arte: os novos*.

[19] Este levantamento foi feito por Haydée Ribeiro Coelho e Júnia Lessa (bibliotecária da Faculdade de Letras da UFMG) e foi publicado no artigo de Haydée "'Roda Gigante': um texto paradigmático", p. 14.

2.3.1 Traduções e literatura estrangeira no SLMG

AO FAZER A CRÍTICA de um livro estrangeiro recém-lançado, Laís Corrêa de Araújo, na coluna "Roda Gigante", enfatiza a carência de traduções de obras novas ou pouco conhecidas publicadas por editoras brasileiras, e reconhece o papel quase solitário das editoras portuguesas na tradução e divulgação da literatura estrangeira no Brasil. Mesmo que a autora elogie, por exemplo, iniciativas como as dos irmãos Campos e, consequentemente, da Editora Perspectiva, em "Roda Gigante", várias vezes, Laís denuncia e lamenta a ausência de livros traduzidos para o português brasileiro. Em crítica sobre o livro *Obra aberta* (1962), coletânea de ensaios de Umberto Eco, em "Roda Gigante", Laís diz o seguinte:

> O pouco da literatura italiana da atualidade que chega ao Brasil é, através quase sempre de traduções portuguesas, a sua ficção. Estamos, na verdade, bastante afastados e ignorantes do estágio mais novo da literatura italiana [...] Ultimamente, no entanto, um nome italiano tornou-se quase que citação obrigatória em profissões de fé de movimentos poéticos, o nome de Umberto Eco "descoberto" – como tantos outros – pela equipe concretista de São Paulo. Mas, se se desejasse saber quais os poetas e críticos atuantes e importantes hoje na Itália, talvez ficássemos todos, no máximo, a repetir os nomes de Ungaretti (bastante idoso e mesmo aposentado) e de Benedetto Croce (completamente ultrapassado em muitos de seus postulados). (ARAÚJO, 1969, p. 10–11).

Historiograficamente, a tradução de literatura estrangeira no Brasil só começou a ser significativa e ganhar fôlego na Era Vargas. Até 1808, quando foi criada a Imprensa Régia, a tipografia era proibida no Brasil, e grande parte dos livros traduzidos para o português vinha de Portugal – com algumas exceções, como Gregório de Matos e os árcades mineiros Cláudio Manoel da Costa e Basílio da Gama. Segundo José Paulo Paes, em *A tradução literária no Brasil*, a tradução teve, entre os árcades mineiros, "o caráter de um exercício de arejamento, de um esforço de emergir dos acanhados e anacrônicos limites do universo mental português para os horizontes bem mais amplos da literatura italiana e francesa" (PAES, 1990, p. 12).

Depois, com a chegada do romantismo, a tradução como produto de consumo chegou ao Brasil na forma do romance-folhetim europeu (muitos deles publicados em jornais) e com a popularização de obras teatrais escritas no século 19. "Até a segunda metade do século 20 a tradução teve predominantemente o caráter de exercício acadêmico ou prazeroso e de ocupação temporária para as elites intelectualizadas (WYLER, 2003, p. 51)."

Na Era Vargas, na década de 1930, sem nos esquecermos de iniciativas como a de Monteiro Lobato[20], a Editora Globo – com inúmeras traduções de Érico Veríssimo – e a Editora José Olympio aumentaram o número de traduções de livros estrangeiros no Brasil, tirando a exclusividade da tradução francesa e dando lugar à segunda língua, o inglês.

Mas somente nas décadas de 1940 e 1950 a atividade tradutória atingiria seu período áureo no Brasil. O plano de governo do presidente eleito Juscelino Kubitschek demandava importação de tecnologias e profissionais estrangeiros. Da mesma forma, como aponta Wyler, "exigia também um grande número de tradutores para tornar inteligíveis as toneladas de livros de referência, manuais e catálogos de peças indispensáveis à consecução dessas metas" (WYLER, 2003, p. 137). Assim, traduziram-se no Brasil inúmeros livros estrangeiros e, a exemplo dos irmãos Campos, a partir da revista *Noigandres* (1952–1962), começava-se a teorizar sobre a tradução e a "transcriação".

A partir da década de 1960 até 1980 os títulos traduzidos no Brasil cresceram consideravelmente, e o medo da censura tornou a tradução de clássicos um negócio seguro e rentável para as editoras. Como atesta Guilherme Zica em seu artigo *Breve panorama histórico da tradução no Brasil*, publicado pelas edições Viva-Voz:

> Além do mais, o aumento progressivo do contingente de estudantes universitários entre as décadas de 1960 e 1980 assegurava o consumo livresco e, consequentemente, o de materiais traduzidos. Os dados reunidos por Hallewell consubstanciam a evolução do mercado

[20] De acordo com Hallewell: "Ao mesmo tempo que escrevia seus livros para crianças Lobato estimulou outros autores a submeterem originais para publicação, e lançou traduções como a do *The happy prince*, de Oscar Wilde, e versões dos *Contos de fadas* de Grimm, *As viagens de Gulliver*, *Robinson Crusoe* e *Dom Quixote*, baseadas nas traduções anteriores portuguesas publicadas pela Garnier e pela Laemmert, mas com a linguagem cuidadosamente modernizada e abrasileirada". *O livro no Brasil*, p. 260

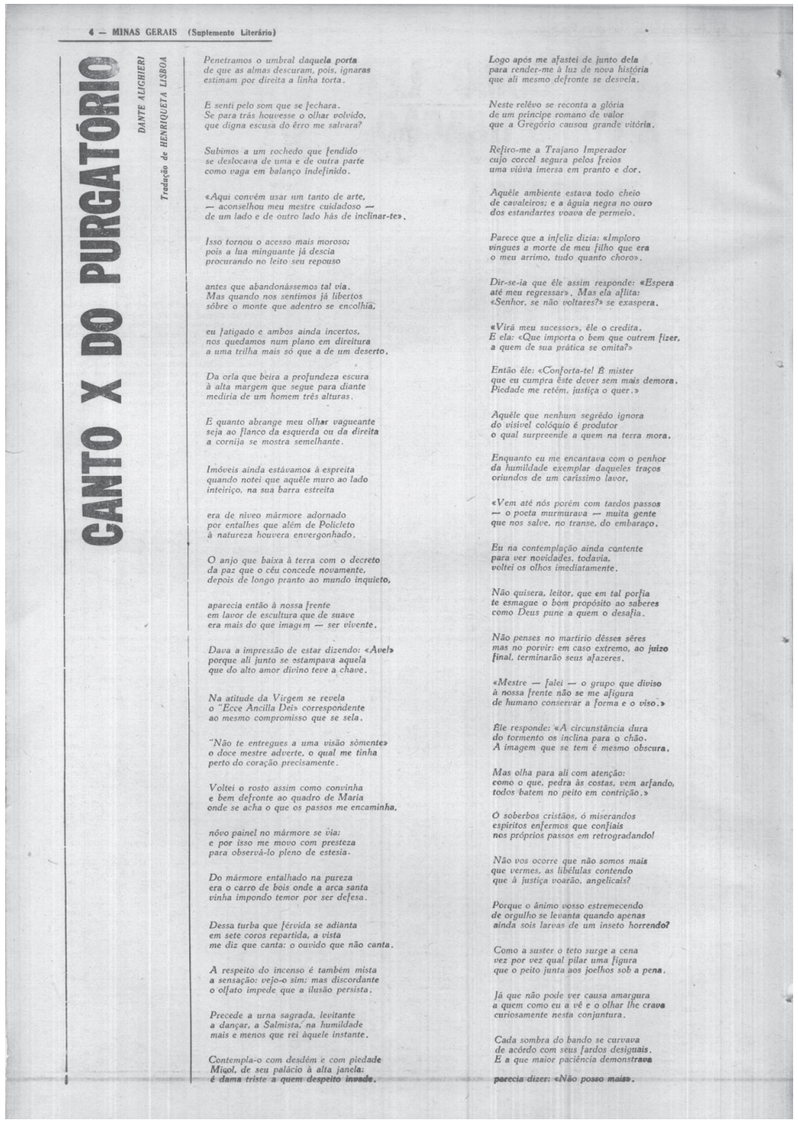
de traduções entre 1956 e 1980, período em que foram publicados mais de 40.000 títulos traduzidos no Brasil. (ZICA, 2011, p. 35)

As traduções publicadas pelo *Suplemento* tiveram um papel fundamental na divulgação da literatura estrangeira no país. Como se verá, o jornal dirigido por Murilo foi precursor na divulgação da literatura latino-americana e da poesia de vanguarda portuguesa, mas também foi inédito na tradução de vários outros textos estrangeiros no Brasil, como em relação à literatura e ao cinema francês, literatura norte-americana, literatura inglesa, alemã, italiana e russa. Segundo Priscila Justina e Roberta Martins, entre 1966 a 2010, o *Suplemento* teve 823 poemas traduzidos, e além do espanhol, francês, inglês e italiano, também se vê tradução em árabe, catalão, croata, polonês, turco e russo (JUSTINA; MARTINS, 2011).

Muitas das traduções eram feitas pela comissão de redação do *Suplemento*, destacando, sobretudo, a atuação de Laís Corrêa de Araújo como tradutora majoritária e responsável pela divulgação de textos literários ou críticos originais em língua espanhola, inglesa e francesa. Além da autora de *Cantochão,* Humberto Werneck, Jaime Prado Gouvêa, Carlos Roberto Pellegrino, Affonso Ávila, José Márcio Penido, Rui Mourão e Ildeu Brandão foram responsáveis por grande parte das traduções publicadas no jornal. E colaboradores como João Cabral de Melo Neto, Henriqueta Lisboa, os irmãos Augusto e Haroldo de Campos, Abgar Renault, Antônio Fonseca Pimentel, Márcio Sampaio, Mário Faustino e José Nava também tiveram um papel importante na divulgação da literatura estrangeira no SLMG.

Antônio Fonseca Pimentel, responsável pela série "Letras Europeias", dedica grande parte dela à literatura italiana (com três artigos sobre a ficção italiana contemporânea) e à língua russa (com os três ensaios sobre como escrever os nomes próprios russos em português)[21]. Henriqueta Lisboa também traduziu alguns cantos inéditos da *Divina Comédia*, como os Cantos I, X, XXVII e XVIII do *Purgatório*, publicados no SLMG em 1967 e 1968 – antes que fosse publicada, em 1969, pela Editora Delta, a edição do livro de Dante traduzida por Henriqueta. A mesma autora, em abril de

[21] PIMENTEL, Antônio Fonseca. Como escrever os nomes próprios russos em português I, II e III. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, n. 148, 149 e 150.



4 — MINAS GERAIS (Suplemento Literário)

CANTO X DO PURGATÓRIO

DANTE ALIGHIERI
Tradução de HENRIQUETA LISBOA

Penetramos o umbral daquela porta
de que as almas descuram, pois, ignaras
estimam por direita a linha torta.

E senti pelo som que se fechara.
Se para trás houvesse o olhar volvido,
que digna escusa do êrro me salvara?

Subimos a um rochedo que fendido
se deslocava de uma e de outra parte
como vaga em balanço indefinido.

«Aqui convém usar um tanto de arte,
— aconselhou meu mestre cuidadoso —
de um lado e de outro lado hás de inclinar-te».

Isso tornou o acesso mais moroso;
pois a lua minguante já descia
procurando no leito seu repouso

antes que abandonássemos tal via.
Mas quando nos sentimos já libertos
sôbre o monte que adentro se encolhia,

eu fatigado e ambos ainda incertos,
nos quedamos num plano em direitura
a uma trilha mais só que a de um deserto.

Da orla que beira a profundeza escura
à alta margem que segue para diante
mediria de um homem três alturas.

E quanto abrange meu ôlhar vagueante
seja ao flanco da esquerda ou da direita
a cornija se mostra semelhante.

Imóveis ainda estávamos à espreita
quando notei que aquêle muro ao lado
inteiriço, na sua barra estreita

era de níveo mármore adornado
por entalhes que além de Policleto
à natureza houvera envergonhado.

O anjo que baixa à terra com o decreto
da paz que o céu concede novamente,
depois de longo pranto ao mundo inquieto,

aparecia então à nossa frente
em lavor de escultura que de suave
era mais do que imagem — ser vivente.

Dava a impressão de estar dizendo: «Ave!»
porque ali junto se estampava aquela
que do alto amor divino teve a chave.

Na atitude da Virgem se revela
o "Ecce Ancilla Dei» correspondente
ao mesmo compromisso que se sela.

"Não te entregues a uma visão sòmente»
o doce mestre adverte, o qual me tinha
perto do coração precisamente.

Voltei o rosto assim como convinha
e bem defronte ao quadro de Maria
onde se acha o que os passos me encaminha,

nôvo painel no mármore se via;
e por isso me movo com presteza
para observá-lo pleno de estesia.

Do mármore entalhado na pureza
era o carro de bois onde a arca santa
vinha impondo temor por ser defesa.

Dessa turba que férvida se adianta
em sete coros repartida, a vista
me diz que canta: o ouvido que não canta.

A respeito do incenso é também mista
a sensação: vejo-o sim; mas discordante
o olfato impede que a ilusão persista;

Precede a urna sagrada, levitante
a dançar, a Salmista, na humildade
mais e menos que rei aquêle instante.

Contempla-o com desdém e com piedade
Mical, de seu palácio à alta janela:
é dama triste a quem despeito invade.

Logo após me afastei de junto dela
para render-me à luz de nova história
que ali mesmo defronte se desvela.

Neste relêvo se reconta a glória
de um príncipe romano de valor
que a Gregório causou grande vitória.

Refiro-me a Trajano Imperador
cujo corcel segura pelos freios
uma viúva imersa em pranto e dor.

Aquêle ambiente estava todo cheio
de cavaleiros; e a águia negra no ouro
dos estandartes voava de permeio.

Parece que a infeliz dizia: «Imploro
vingues a morte de meu filho que era
o meu arrimo, tudo quanto choro».

Dir-se-ia que êle assim responde: «Espera
até meu regressar». Mas ela aflita:
«Senhor, se não voltares?» se exaspera.

«Virá meu sucessor», êle o credita.
E ela: «Que importa o bem que outrem fizer,
a quem de sua prática se omita?»

Então êle: «Conforta-te! É mister
que eu cumpra êste dever sem mais demora.
Piedade me retém, justiça o quer.»

Aquêle que nenhum segrêdo ignora
do vistível colóquio é produtor
o qual surpreende a quem na terra mora.

Enquanto eu me encantava com o penhor
da humildade exemplar daqueles traços
oriundos de um caríssimo lavor,

«Vem até nós porém com tantos passos
— o poeta murmurava — muita gente
que nos salve, no transe, do embaraço.

Eu na contemplação ainda contente
para ver novidades, todavia,
voltei os olhos imediatamente.

Não quisera, leitor, que em tal porfia
te esmague o bom propósito ao saberes
como Deus pune a quem o desafia.

Não penses no martírio dêsses sêres
mas no porvir: em caso extremo, ao juízo
final, terminarão seus afazeres.

«Mestre — falei — o grupo que diviso
à nossa frente não se me afigura
de humano conservar a forma e o viso.»

Êle responde: «A circunstância dura
do tormento os inclina para o chão.
A imagem que se tem é mesmo obscura.

Mas olha para ali com atenção:
como o que, pedra às costas, vem arfando,
todos batem no peito em contrição.»

O soberbos cristãos, ó miserandos
espíritos enfermos que confiais
nos próprios passos em retrogradando!

Não vos ocorre que não somos mais
que vermes, as libélulas contendo
que à justiça voarão, angelicais?

Porque o ânimo vosso estremecendo
de orgulho se levanta quando apenas
ainda sois larvas de um inseto horrendo?

Como a suster o teto surge a cena
vez por vez qual pilar uma figura
que o peito junta aos joelhos sob a pena.

Já que não pode ver causa amargura
a quem como eu a vê e o olhar lhe cravo
curiosamente nesta conjuntura.

Cada sombra do bando se curvava
de acôrdo com seus fardos desiguais.
E a que maior paciência demonstrava

parecia dizer: «Não posso mais».

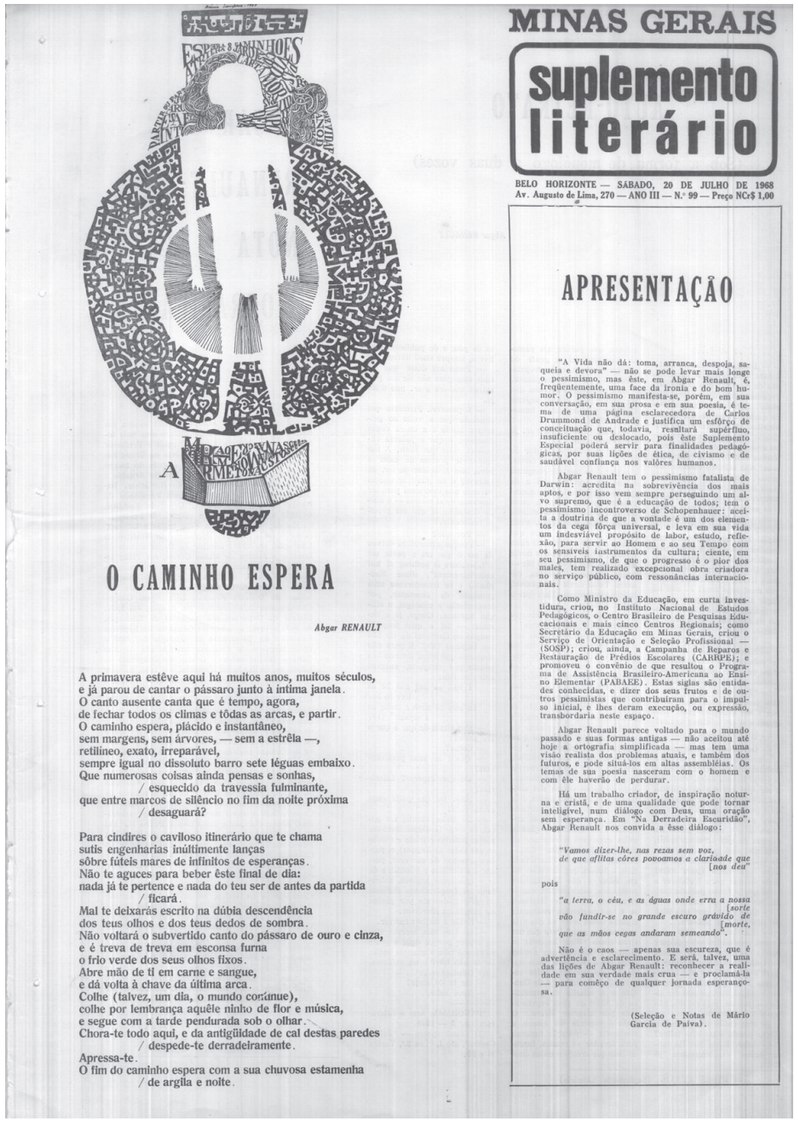
Tradução de Henriqueta Lisboa do canto X *do* Purgatório *de Dante.*
Suplemento Literário do Minas Gerais, *20 de maio de 1967, n. 38.*

1967, publica também o artigo "A poesia de Ungaretti". Nele, Henriqueta escreve que a poesia de Ungaretti é "avessa a todo enredo, a toda retórica, enxuta como areia do deserto, sem confidências sentimentais, sem explanações filosóficas, com violentos contrastes, é o retrato de um homem na sua integridade espiritual e carnal" (LISBOA, 1967, p. 10).

Quanto à literatura inglesa, o poeta Abgar Renault também publicou várias traduções de poemas, alguns inéditos e outros que faziam parte do seu livro *Poemas ingleses de guerra* (1942). Organizada por Mário Garcia de Paiva e com dezesseis páginas, a edição especial número 99, de 20 de julho de 1968, foi dedicada ao escritor. Intitulada "Abgar Renault: o poeta e o tradutor", além de conter textos do autor e ensaios de outros críticos – como Cecília Meireles, Mário Faustino, Afrânio Coutinho e Álvaro Lins – publicou uma página com a seleção de quatro poemas traduzidos pelo poeta, sendo um deles inédito: "Atração do mar", de John Masefield, do livro *Poemas Ingleses de Guerra*; "Antífona à mocidade que vai morrer", de Wilfred Owen; "Simplify Me when I'm Dead", de Keith Douglas (inédito) e ainda o poema "A praia", do indiano Rabindranath Tagore. Em novembro de 1969, também se estamparam nas páginas do *Suplemento*, traduzidos por Abgar Renault, os versos 53 a 87 do ato I da cena III de *Hamlet*, de Shakespeare.

Em relação à literatura norte-americana, além de textos sobre Henry Miller e Edgar Allan Poe, merece destaque na edição número cinco, de outubro de 1966, a publicação de três poemas de William Carlos Williams: "Flores perto do mar", traduzido por João Cabral de Melo Neto; "Nantucket", de Haroldo de Campos e "Figura métrica", de Joaquim Cardoso. Ainda, na época de Murilo, foram traduzidos o poema "Chicago", de Carls Sandburg, por Mário Faustino; "Para uma elegia africana", de Robert Duncan, por Affonso Ávila; "O silêncio", de Edgar Lee Masters, traduzido por José Márcio Penido; "O nome dos gatos", de T.S. Eliot, traduzido por Laís e o conto "O sorteio", de Shirley Jackson, também traduzido por ela.

Das inúmeras traduções feitas por Laís Corrêa de Araújo, também foi destaque na história do SLMG a tradução do depoimento de Ezra Pound, "Como ler e por quê". O texto que foi publicado no *Suplemento* em sete partes, da edição número 34 até a edição número 40, a partir de abril de 1967, tinha sido editado, no mesmo ano, numa antologia de trabalhos teóricos e de criação do poeta americano, organizada pela editora L'Herne, de Paris. Na primeira página da edição número 34, numa espécie de editorial, Laís ressalta o ineditismo da publicação no *Suplemento*, diz que o ensaio



MINAS GERAIS

suplemento literário

BELO HORIZONTE — SABADO, 20 DE JULHO DE 1968
Av. Augusto de Lima, 270 — ANO III — N.º 99 — Preço NCr$ 1,00

O CAMINHO ESPERA

Abgar RENAULT

A primavera estêve aqui há muitos anos, muitos séculos,
e já parou de cantar o pássaro junto à intima janela.
O canto ausente canta que é tempo, agora,
de fechar todos os climas e tôdas as arcas, e partir.
O caminho espera, plácido e instantâneo,
sem margens, sem árvores, — sem a estrêla —,
retilíneo, exato, irreparável,
sempre igual no dissoluto barro sete léguas embaixo.
Que numerosas coisas ainda pensas e sonhas,
/ esquecido da travessia fulminante,
que entre marcos de silêncio no fim da noite próxima
/ desaguará?

Para cindires o caviloso itinerário que te chama
sutis engenharias inúltimente lanças
sôbre fúteis mares de infinitos de esperanças.
Não te agaces para beber êste final de dia:
nada já te pertence e nada do teu ser de antes da partida
/ ficará.
Mal te deixarás escrito na dúbia descendência
dos teus olhos e dos teus dedos de sombra.
Não voltará o subvertido canto do pássaro de ouro e cinza,
e é treva de treva em esconsa furna
o frio verde dos seus olhos fixos.
Abre mão de tí em carne e sangue,
e dá volta à chave da última arca.
Colhe (talvez, um dia, o mundo continue),
colhe por lembrança aquêle ninho de flor e música,
e segue com a tarde pendurada sob o olhar.
Chora-te todo aqui, e da antigüidade de cal destas paredes
/ despede-te derradeiramente.
Apressa-te.
O fim do caminho espera com a sua chuvosa estamenha
/ de argila e noite.

APRESENTAÇÃO

"A Vida não dá: toma, arranca, despoja, saqueia e devora" — não se pode levar mais longe o pessimismo, mas êste, em Abgar Renault, é, freqüentemente, uma face da ironia e do bom humor. O pessimismo manifesta-se, porêm, em sua conversação, em sua prosa e em sua poesia, é tema de uma página esclarecedora de Carlos Drummond de Andrade e justifica um esfôrço de conceituação que, todavia, resultará supérfluo, insuficiente ou deslocado, pois êste Suplemento Especial poderá servir para finalidades pedagógicas, por suas lições de ética, de civismo e de saudável confiança nos valôres humanos.

Abgar Renault tem o pessimismo fatalista de Darwin: acredita na sobrevivência dos mais aptos, e por isso vem sempre perseguindo um alvo supremo, que é a educação de todos; tem o pessimismo incontroverso de Schopenhauer: aceita a doutrina de que a vontade é um dos elementos da cega fôrça universal, e leva em sua vida um indeviável propósito de labor, estudo, reflexão, para servir ao Homem e ao seu Tempo com os sensíveis instrumentos da cultura; ciente, em seu pessimismo, de que o progresso é o pior dos males, tem realizado excepcional obra criadora no serviço público, com ressonâncias internacionais.

Como Ministro da Educação, em curta investidura, criou, no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e mais cinco Centros Regionais; como Secretário da Educação em Minas Gerais, criou o Serviço de Orientação e Seleção Profissional — (SOSP); criou, ainda, a Campanha de Reparos e Restauração de Prédios Escolares (CARPE); e promoveu o convênio de que resultou o Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar (PABAEE). Estas siglas são entidades conhecidas, e dizer dos seus frutos e de outros pessimistas que contribuiram para o impulso inicial, e lhes deram execução, ou expressão, transbordaria neste espaço.

Abgar Renault parece voltado para o mundo passado e suas formas antigas — não aceitou até hoje a ortografia simplificada — mas tem uma visão realista dos problemas atuais, e também dos futuros, e pode situá-los em altas assembléias. Os temas de sua poesia nasceram com o homem e com êle haverão de perdurar.

Há um trabalho criador, de inspiração noturna e cristã, e de uma qualidade que pode tornar inteligível, num diálogo com Deus, uma oração sem esperança. Em "Na Derradeira Escuridão", Abgar Renault nos convida a êsse diálogo:

"Vamos dizer-lhe, nas rezas sem voz,
de que aflitas côres povoamos a claríoade que
[nos deu

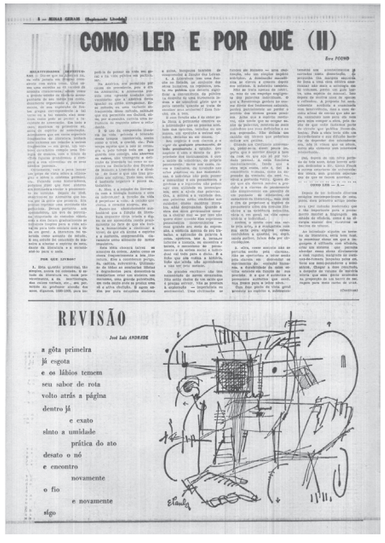
pois

"a terra, o céu, e as águas onde erra a nossa
[sorte
vão fundir-se no grande escuro grávido de
[morte,
que as mãos cegas andaram semeando".

Não é o caos — apenas sua escureza, que é advertência e esclarecimento. E será, talvez, uma das lições de Abgar Renault: reconhecer a realidade em sua verdade mais crua — e proclamá-la — para começo de qualquer jornada esperançosa.

(Seleção e Notas de Mário Garcia de Paiva).

Edição especial Abgar Renault: poeta e tradutor. SLMG, *20 de julho de 1968, n. 99, p. 1.*



COMO LER E POR QUÊ (II)

Ezra POUND

REVISÃO

José Luís ANDRADE

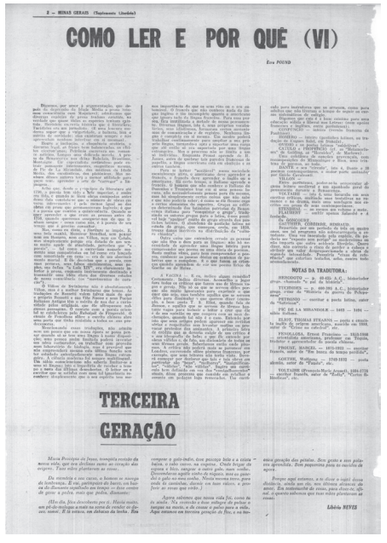
a gôta primeira
já cogita
e os lábios temem
seu sabor de rota
volto atrás a página
dentro já
e exato
sinto a umidade
prática do ato
desato o nó
e encontro
novamente
o fio
e novamente
sigo



COMO LER E POR QUÊ (III)

Ezra POUND

NOTAS DA TRADUTORA:

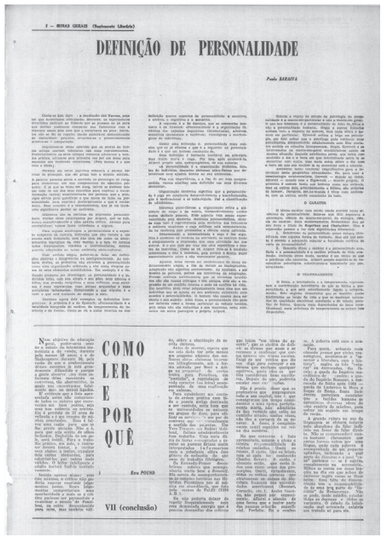


COMO LER E POR QUÊ (VI)

Ezra POUND

TERCEIRA GERAÇÃO

NOTAS DA TRADUTORA:



DEFINIÇÃO DE PERSONALIDADE

Paulo BARATA

COMO LER E POR QUÊ

Ezra POUND

VII (conclusão)

Série de Ezra Pound "Como ler e por quê", traduzida por Laís Corrêa de Araújo

é "altamente didático pela sua objetividade e lucidez" e recomenda sua leitura não só para os jovens interessados em literatura, mas para "todos aqueles que, por ofício de magistério ou quaisquer outras razões, buscam aperfeiçoar criticamente seu método de ensino ou aprendizado literário" (ARAÚJO, 1967, p. 1).

Na edição número 128, de fevereiro de 1969, o *Suplemento* dedicou uma edição ao surrealismo. Além da publicação do conto "Propriedades de um sofá", de Júlio Cortázar, e de um artigo sobre o cinema de Buñuel, o jornal consagrou grande parte ao surrealismo francês. No jornal foi publicado o depoimento de Georges Henein sobre os surrealistas, traduzido por Maria Ângela Pereira Botelho, e Laís Corrêa de Araújo traduziu e selecionou quatro poemas de escritores surrealistas: André Breton ("O verbo ser"), Philippe Soupault ("Além"), Paul Éluard ("Segunda natureza") e Robert Desnos ("Os espaços do sono").

Ainda em relação à literatura francesa, traduzido por Maria Ângela Pereira Botelho, lê-se o texto de Pierre Curnier "Nathalie Sarraute: retrato de um desconhecido", em fevereiro de 1969, edição n. 127. Sobre Baudelaire o *Suplemento* publica o artigo de Jaques Lathève "Baudelaire e a crítica da época", traduzido por Laís Corrêa de Araújo, n. 72, de janeiro de 1968. Em "Roda Gigante", Laís também publica várias críticas sobre livros franceses lançados, na época, também lançados no Brasil. Na coluna, por exemplo, lemos a crítica do livro *A espreita* (1966), de Robbe-Grillet, *As belas Imagens* (1967), de Simone de Beauvoir e do livro *Diário de um ladrão* (1968), de Jean Genet.

O estruturalista, linguista e teórico búlgaro-francês Tzvetan Todorov também se fez presente nas páginas do *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Em novembro de 1969, ele foi convidado pela Universidade de São Paulo para visitar o Brasil e realizar uma série de conferências. Além de São Paulo, atraído pelo barroco, visitou Minas, passando por Congonhas, Ouro Preto, Sabará e Belo Horizonte. Na Aliança Francesa, encontrou-se com a redação do SLMG. Já na edição n. 168, de 15 de novembro, é publicada uma entrevista do escritor conduzida por Laís Corrêa de Araújo. Traduzido também pela redatora, encontra-se também o artigo "Formalistas e futuristas", originalmente publicado pela Revista *Tel quel*, em outubro de 1968. Na entrevista concedia a Laís, sobre o barroco mineiro e sua relação com os estudos sobre o barroco no exterior e, mais particularmente, na França, o Todorov diz o seguinte:

> Claro que o barroco me interessa, mas não como um simples estudo de estilo, de formas, e sim pela relação que mantêm em termos abstratos com a nossa atual ideia de arte. E por isso que o barroco vem sendo a tônica de muitas pesquisas, especialmente o barroco literário, por sua sincronia de estrutura espacial com os

> textos de construção e jogo de hoje. Na França, Gérard Genette vem se destacando por sua visão lúcida do fenômeno. Aqui em Minas, não falta material que propicie matéria para estudos sérios, como merece o barroco. (TODOROV entrevistado por ARAÚJO, p. 1, 1969)

Outro estruturalista importante que passou pelas páginas do *Suplemento* e conversou com a sua redação foi Roman Jakobson. Na edição 47, o linguista já aparece nas páginas do jornal, tendo sido publicado um fragmento de *Essais de linguistique générale*, traduzido pela primeira vez no Brasil por Laís Corrêa de Araújo. No artigo "Similaridade e redundância na linguagem poética", Jakobson examina o famoso poema "O corvo", de Edgar Allan Poe. Mais tarde, em setembro de 1968, visita o Brasil, faz conferências em Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, visita o estado de Minas Gerais e, consequentemente, a Sala Carlos Drummond de Andrade.

A visita rendeu a matéria e entrevista "Conversa e itinerário mineiro com Roman Jakobson", feita por Laís Corrêa de Araújo em "Roda Gigante". Na matéria, Laís conta que o escritor foi recebido no aeroporto de Belo Horizonte por ela, Affonso Ávila, Ângela Vaz Leão e seu esposo Wilson, Rubens Romanelli e Pedro Bessa. Na manhã do dia seguinte, ela, Affonso e Rui Mourão acompanharam Jakobson em sua visita à cidade de Ouro Preto. Depois, em Belo Horizonte, o autor passou pela redação do *Suplemento*, onde conheceu Murilo Rubião, Fábio Lucas, Ildeu Brandão, os jovens escritores Márcio Sampaio, Humberto Werneck, Adão Ventura, Valdimir Diniz, Carlos Roberto Pellegrino, João Paulo Gonçalves. Sobre a redação do *Suplemento*, disse: "Gosto daqui. Uma redação simpática, a do seu jornal". (JAKOBSON, 1968). Na conversa o escritor elogia a alta qualidade das traduções feitas no Brasil e cita o livro "Poesia russa moderna", organizado e traduzido por Boris Schnaiderman, Augusto e Haroldo de Campos. Para ele, o livro "é verdadeiramente uma obra prima." (JAKOBSON, 1968, p. x).

Quando se trata da literatura russa, Boris Schnaiderman teve uma colaboração e participação significativa no *Suplemento*. Laís publica na coluna "Roda Gigante", em novembro de 1967, a crítica da antologia *Poemas – Maiakovski*, organizada e traduzida por Schnaiderman e os irmãos Campos e publicada pela editora Tempo Brasileiro. O crítico ucraniano e radicado no Brasil também colaborou com os seguintes ensaios: "Os russos e a poética do fragmento", de março de 1967; "O Mundo novo de Serioja", sobre a literatura de Vera Fedovna Panova, de maio de 1968; e "Dois ásperos batalhadores", sobre a literatura de Vladimir Maiakovski e Maksim Górki, de setembro de 1968.



Murilo Rubião, Roman Jakobson, Laís, Fábio Lucas, Ildeu Brandão, Rui Mourão e Affonso Ávila no Suplemento Literário. *Belo Horizonte, outubro de 1968.*

2.3.2 Presença portuguesa

A CONVERSA E COLABORAÇÃO com escritores e intelectuais portugueses foi igualmente importante na história do *Suplemento*, como escreveu Eliana da Conceição Tolentino na sua tese *Literatura portuguesa no Suplemento Literário do Minas Gerais* (2006). No trabalho, a autora aborda o papel do SLMG na divulgação da literatura portuguesa durante os anos de 1966 a 1976, principalmente na promoção da poesia de vanguarda portuguesa, que se desenvolvia desde 1962. Esses escritores, vistos pelo governo salazarista como de esquerda e cuja arte oferecia perigo ao regime ditatorial, "encontraram no periódico oficial do governo de Minas Gerais um meio de divulgação de suas produções literárias" (TOLENTINO, 2006). Além das publicações, o *Suplemento* recebeu a visita de alguns escritores portugueses e estabeleceu um rico diálogo epistolar com alguns deles. Entre os correspondentes e colaboradores que enviaram textos e cartas a Murilo Rubião, citamos Manuel Rodrigues Lapa, E.M. de Melo e Castro e Ana Hatherly, que, inclusive, doou ao Acervo de Escritores Mineiros uma coleção com 35 cartas recebidas de intelectuais mineiros, entre eles Affonso Ávila, Laís Corrêa de Araújo e Murilo Rubião.

A convite do Itamarati, veio ao Brasil, em setembro de 1966, para fazer uma série de conferências, o poeta e diplomata E.M. de Melo e Castro – considerado, na época, um dos líderes do movimento de poesia de vanguarda portuguesa. Melo e Castro fez contatos com os expoentes de vanguarda literária mineira. Conheceu os poetas de *Tendência*, *Vereda* e *Ptyx*, assim como os escritores que se reuniam em torno das publicações *Texto* e *Estória*. Visitou também a redação do *Suplemento*, conhecendo Márcio Sampaio, Luiz Vilela, Affonso Ávila, Laís e Murilo Rubião (CUNHA, 1967, p. 1).

Como mostra Eliana da Conceição, os laços entre o *Suplemento* e Portugal começam a se reforçar em 18 de fevereiro de 1967, quando se publicam na edição n. 25 vários textos e matérias sobre a literatura portuguesa, merecendo destaque a poesia de vanguarda. Na edição, Ana Hatherly publica o poema "A corrida em círculos" e responde a um questionário com dez perguntas referentes a sua estética. Também consta um artigo de Augusto de Campos em que publica uma crítica sobre a antologia de poesia portuguesa erótica e satírica, organizada por Natália Correia. Em março de 1968, por correspondência, E.M. de Melo e Castro propõe a Murilo Rubião a elaboração de uma edição especial sobre a poesia de vanguarda portuguesa e sugere a Murilo que a negociação da edição poderia ser feita quando Ana Hatherly estivesse no Brasil, em março de 1969.



Laís Corrêa de Araújo, Murilo Rubião, Ana Hatherly, Affonso Ávila. Belo Horizonte, abril de 1968.

A escritora portuguesa esteve no Brasil como convidada pelo Centro Brasileiro de Estudos Portugueses da Universidade de Brasília (UNB) para a realização de um curso sobre literatura portuguesa. Como se lê na entrevista e matéria de Ana Hatherly a Laís Corrêa de Araújo, "Conversa (longa e agradável) com Ana Hatherly", a escritora passou por Belo Horizonte, para dar três palestras na UFMG sobre literatura portuguesa e literatura surrealista, e lá visitou o *Suplemento*.

Na época em que esteve na redação, a poeta concedeu entrevistas, publicou poemas, contos e ilustrações e negociou a organização das duas edições especiais sobre a nova literatura portuguesa. Em primeiro e oito de março de 1969, o *Suplemento* dedica dois números especiais aos novos escritores portugueses. Os números 131 e 132 foram organizados por Arnaldo Saraiva e E.M. Melo e Castro e contaram com as colaborações de Ana Hatherly, Ruben Adressen Leitão, José Viale Moutinho, Fernando Mendonça, Willian Myron Davis entre outros.



PROSA PROSA

ou primeiras notas para uma revisão crítica da prosa criadora portuguêsa

E. M. de Melo e CASTRO

E. M. de Melo e Castro — Tipografia criadora nº 12 — 1968

MINAS GERAIS

suplemento literário

BELO HORIZONTE — SÁBADO, 1.º DE MARÇO DE 1969
Av. Augusto de Lima, 270 — Ano IV — N.º 131 — Preço NCr$ 0,20

(Número especial organizado com a colaboração dos escritores Arnaldo Saraiva e E. M. de Melo e Castro. As ilustrações são dos artistas mineiros: Liliana Rangel, Maria do Carmo Vinocqua Martins (Madu), José Márcio Brandão, Anamélia Lopes de Moura Rangel, Márcio Sampaio, Carlos Wolney, Liliane Dardot).

PORTUGAL
A LITERATURA NOVA (I)

1. A prosa como prosa, como técnica específica de escrever, de criar e transmitir informações. Não a prosa "romance", "novela" ou "conto". Não a querela dos géneros literários, descuidando o veículo que possibilita êsses "romances", essas "novelas", êsses "contos", e simultâneamente os transmite, desde um emissor (o escritor) até um plural receptor (os leitores).

Para se falar de prosa criadora é necessário fazer um esfôrço que nos desprenda do que sempre se tem feito entre nós nesta matéria, ou seja, falar da História do romance etc., ou falar das idéias supostamente encerradas nas obras que se pretende estudar. Quanto à prosa, quanto à escrita da prosa, quase sempre nada se diz de específico, ou quase nada. Isto é, considera-se adjetivamente a "limpidez do estilo", a "garra do prosador", a "fluência do verbo", o "vernáculo do léxico", a "prosa escorreita", o "realismo da descrição", a "melodia" ou a "harmonia do discurso", em suma agrilho a que se chama de "bom português" ou de "belas páginas", mas que ninguém sabe rigorosamente o que é!

O que me proponho inquirir nestas notas é antes, o português como linguagem escrita, como meio substantivo ou seja, como fim de criação, como idioma em que se criam coisas novas para a vida dos homens. Meio substantivo êsse também capaz de propiciar e refletir as vissicitudes e fenómenos que compõem os problemas peculiares da vida de quem fala e usa êsse idioma.

2. Ao dizer *prosa criadora*, surge o problema da poesia. Vulgarmente quando se diz criação, diz-se poesia, que a prosa é principalmente descritiva. Ao dizer *prosa criadora* lanço uma ponte entre essas duas técnicas de escrever: a Poesia e a Prosa; entre essas duas técnicas de olhar e perceber o mundo: a Poesia e a Prosa. Ao fazê-lo não me interessa muito dar mais definições de Poesia e definições de Prosa. Ao fazê-lo afirmo que sendo técnicas diferentes de usar a mesma via de informação — neste caso o Português escrito — ambas essas técnicas, dentro mesmo da sua autonomia de recursos, são susceptíveis de serem usadas criadoramente, isto é de um modo diferente do elementar repetir de formulas esvaziadas pelo uso, por muito úteis que elas sejam no dia a dia.

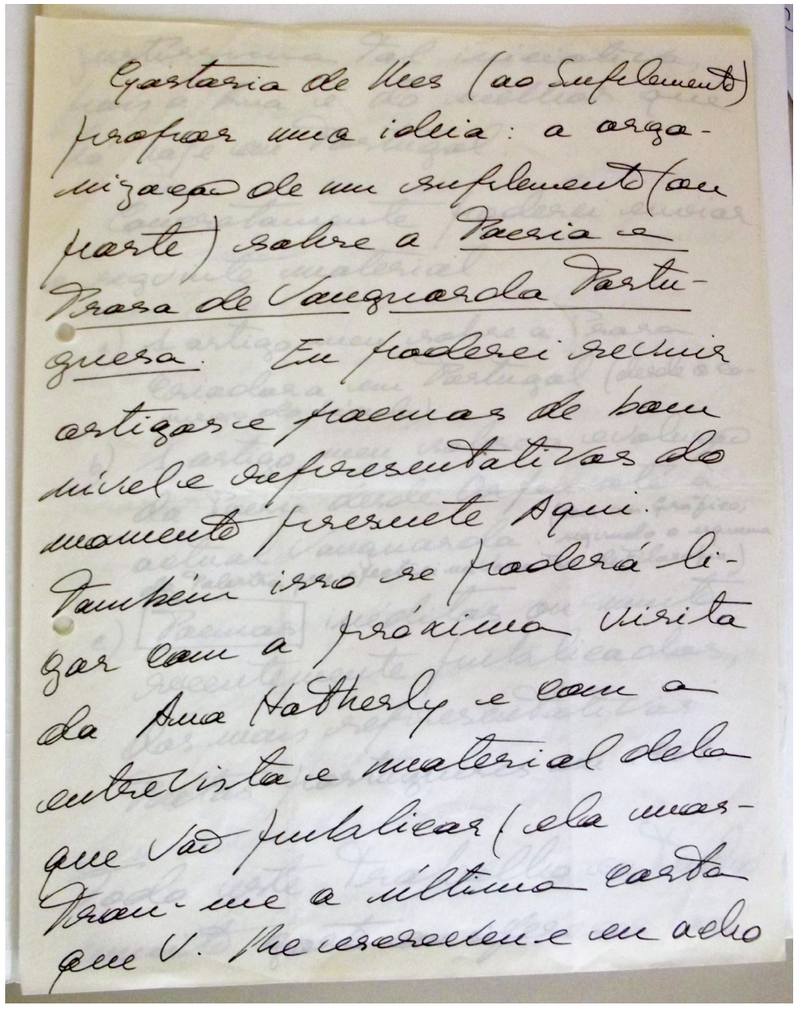
Tudo depende, pois, do teor informacional dos textos. Êste, o teor informacional, depende por sua vez do grau de organização ou desorganização dêsse texto. Isto é, se o texto obedecer cegamente às leis convencionais da escrita e da formulação de pensamentos ou mensagens, as possibilidades de conter novas informações diminuem consideràvelmente, justamente porque essas leis são convencionais e a validade sociológica dessas convenções deve ser sistemàticamente posta em causa pela atividade criadora, seja em que ramo da atividade do homem fôr, se de fato a ênfase dessa atividade recair sôbre as suas coordenadas criadoras.

Se o teor informacional da prosa fôr alto, a prosa será portanto mais criadora que uma prosa redundante, de baixo teor, isto é, em que se diz, de um modo já pròpriamente conhecido, o que tanto o emissor como o receptor já muito bem conhecem, sem que nada de novo seja portanto de algum modo originado durante essa transmissão e essa recepção de informações. A prosa de pura informação pode ter todos os atributos de uma "bela página" acima referidos, sem que isso lhe aumente o teor informativo, porque não é por qualidades dêsse tipo que se pode medir êste teor. Êste mede-se antes na avaliação do poder reflexivo da escrita sôbre si própria e na adequação do tratamento dos seus próprios problemas de veículo substantivo, em relação aos problemas da vida dos homens entre os quais estabelece relações de comunicação. E esta é a mais profunda diferenciação entre Poesia e Prosa: a Poesia tende a ser um aprofundar e desenvolver das probabilidades de sua própria via de realização, a linguagem, ou seja, as potencialidades totais do Idioma que utiliza. A Prosa tende para o exercício das possibilidades da língua, isto é, da linguagem, como não confundir "probabilidade" e "possibilidade", assim como distinguir entre linguagem e língua, à maneira de Saussure.

3. Prosa prosa. Uma prosa que seja prosa, onde existe ela em português, em 1967?

Não tivemos um James Joyce. Não tivemos um Proust. Tivemos um Eça de Queiroz. Temos o Eça — diz-se — "falando como nós falamos, escrevendo como gostaríamos de escrever. Atualíssimo, o Eça — atualíssimo! Vivendo o que nós vivemos, agindo como agimos etc. etc. Um orgulho para nós e nossas famílias: — o que o Eça escreveu há mais de 90 anos é ainda atual, atua-

Primeira página da edição "Portugal: a literatura nova". Suplemento Literário do Minas Gerais, *n. 131, 1 mar. 1969.*



Gostaria de lhes (ao Suplemento) propôr uma idéia: a organização de um suplemento (ou parte) sobre a Poesia e Prosa de Vanguarda Portuguesa. Eu poderei reunir artigos e poemas de bons nomes representativos do momento presente. Aqui. Também isso se poderá ligar com a próxima visita da Anne Hatherly e com a entrevista e material dela que vão publicar (ela mas- Deram-me a última carta que V. lhe escreveu e eu acho

Terceira página de Carta de E.M. de Melo e Castro a Murilo Rubião. Lisboa, 5 de março de 1968.

2.3.3 A América Latina no Suplemento

A RELAÇÃO DO *Suplemento* com os países latino-americanos também merece destaque na história do SLMG Nas décadas de 1960 e 1970, o jornal foi responsável pela publicação de entrevistas, textos críticos e traduções de vários escritores hispano-americanos, destacando principalmente a literatura escrita na América Latina naquela época. O *Suplemento Literário do Minas Gerais* publicou traduções, na maioria das vezes inéditas, de escritores como Jorge Luís Borges, Julio Cortázar, Javier Villafañe, Vicente Huidobro, Octávio Paz e Miguel Angel Astúrias. O jornal marcou história sendo a primeira publicação a traduzir para o Brasil o conto "Todos os fogos o fogo". A tradução foi feita por Laís Corrêa de Araújo, e foi publicada em edição de junho de 1968.

A maioria das traduções, principalmente as de língua espanhola, ficava a cargo da comissão de redação do jornal. Laís Corrêa de Araújo, além de textos em língua inglesa e francesa, traduziu também, de Julio Cortázar, "Propriedades de um sofá", em fevereiro de 1969; de Octávio Paz, "Uma literatura de fundações", em agosto de 1969; e de Javier Villafañe traduziu os contos "A solitária" e "O chapéu de pele", em setembro de 1969 e "Conto II", em fevereiro de 1969.

Carlos Pellegrino e Humberto Werneck traduziram juntos o conto de Jorge Luís Borges "A loteria em Babilônia", em setembro de 1969, e Humberto Werneck, o conto de Gabriel Garcia Marquez "A prodigiosa tarde de Baltazar", em janeiro de 1970. Quanto à década de 1970, é importante ressaltar também que, a partir de 1974, Olga Savary traduziu vários poemas de Jorge Luís Borges, iniciando no *Suplemento* a tradução e estudo de sua obra: traduziu os poemas "Eternidade", "Asterión", "Miguel de Cervantes" e outros.

No artigo "A América Latina no Suplemento Literário do Minas Gerais (1969–1973)", Haydée Ribeiro Coelho constata que, desde 1966, no primeiro ano do periódico, o *Suplemento* dialoga com a literatura hispano-americana.[22] A autora faz um levantamento importante dos principais textos sobre e de escritores hispano-americanos que foram publicados no *Suplemento* na década de 1960. Segundo ela:

> No decorrer da década de 60 e 70, a presença de textos sobre a América Hispânica (poemas, ensaios, traduções, entrevistas, estudos panorâmicos sobre a literatura latino-americana, estudos comparatistas, o desenvolvimento de trabalhos de críticos nacionais sobre a literatura latino-americana e vice-versa) tende, no Suplemento, a ocorrer de forma mais intensa, acompanhando as tendências literárias e teóricas predominantes no Brasil e em outros países.
> Mapeando a crítica hispano-americana no periódico mineiro, podemos observar que há estudo de autores da literatura hispano-americana realizada por críticos brasileiros; crítica hispano-americana sobre a produção hispano-americana e outros artigos realizados por críticos estrangeiros sobre autor latino-americano. (COELHO, 2007, p. 121).

Segundo o mapeamento feito pela pesquisadora, em 1966, aparecem traduzidos fragmentos de textos do escritor argentino Aníbal Ponce. Em 1967, além da tradução de dois poemas de Vicente Huidobro por Affonso Ávila ("Altazor" e "Tôrre Eiffel"), publicam-se ensaios de escritores brasileiros sobre autores da América Hispânica, como o de Henriqueta Lisboa intitulado "Alfonso Reyes, ensaísta e poeta".

A autora destaca ainda o papel de Laís Corrêa de Araújo ao promover na sua coluna "Roda Gigante" a literatura latino-americana – como, por exemplo, na matéria sobre Angel Astúrias, "Invenção e participação", e na tradução da entrevista de Mário Vargas Llosa a Carlos Cortinez, "Conversas com Llosa", em abril de 1969.

É importante enfatizar que a partir de 1960 a literatura fantástica ganharia espaço nos estudos literários brasileiros. No Brasil, por exemplo, Murilo Rubião publicaria em 1965, pela Imprensa Oficial, o livro *Os dragões e outros contos* e, em 1966, José J. Veiga, *A hora dos ruminantes.* Na entrevista de Mário Vargas Llosa, traduzida por Laís no SLMG, em relação ao novo romance latino-americano, ele diz que há "na origem de tudo uma rebelião frente à realidade" (LLOSA, 1969 citado por COELHO, 2007, p. 123). Quando perguntado sobre as semelhanças entre as novas tendências da literatura na América Latina e o *nouveau roman*, apesar de mencionar Severo Sardury como afinidade literária, considera as duas estéticas diferentes:

[22] COELHO, 2007, p. 119–131. Da autora e pesquisadora, vale também ressaltar os artigos: "Diálogo e comparativismo: Brasil e países hispano-americanos no Suplemento Literário do Minas Gerais, (1974–1985)" e "A diversidade crítica e literária no Suplemento Literário do Minas Gerais (1966–1973): ruptura de fronteiras", em que a autora explora como o jornal extrapola os limites do local/nacional (2003/2004).

> Cortázar, Lezama Lima, Garcia Márquez estão cheios de fé ingênua em competir com realidade de igual para igual, em opor-lhe um objeto verbal. Fé no que fazem, como a que houve nos autores das novelas de cavalaria espanholas ou nos russos do século XIX, de criar uma obra que se possa comparar com a realidade, competir com ela. (LLOSA, 1969, p. 3)

Vagas Llosa considera que "esta, que é característica dos grandes romancistas do momento na América Latina", não se encontrava nos romancistas europeus de então, "que não têm fé e cuja atitude se situa entre cética e cínica".

É importante relembrar que países como Chile, Uruguai, Argentina e Peru viveram nas décadas de 1960 e 1970 um período de intensa instabilidade política. No Peru, em 1968, as forças armadas, lideradas pelo general Juan Velasco Alvarado, aplicaram um golpe militar contra o presidente Fernando Belaúnde Terry e, somente em 1975, com o presidente Francisco Morales, seria restabelecida a democracia. Durante os anos de 1973 a 1990, o Chile, depois da queda do partido socialista, suportou longos anos de uma rígida ditadura militar. Na Argentina, o governo de Arturo Frondizi foi derrubado em 1962 por um golpe militar e no Uruguai os militares também tomaram o controle em 1973, regressando o governo civil somente em 1985.

Na mesma entrevista, Mário Vargas Llosa, quando indagado sobre a tomada de consciência do escritor latino-americano diante da realidade, responde:

> Também a história, o momento que a América Latina vive, toda esta corrupção é, como na Rússia do século passado, o melhor alimento para os romancistas. [...] Outro fator é a libertação de um complexo de inferioridade que o escritor latino-americano sempre tinha para com o europeu. Agora é difícil manter esse complexo frente a um Robbe-Grillet. (LLOSA, 1969, p. 2).

Todas essas traduções, matérias, críticas e entrevistas relacionadas à literatura que produziam os países americanos de língua espanhola, incluindo até a literatura da Guatemala, tornou o *Suplemento* um dos principais precursores da divulgação e promoção da literatura latino-americana



TODOS OS FOGOS

O FOGO

Júlio CORTÁZAR

Lamentàvelmente, temos de constatar que o Brasil desconhece senão tôda pelo menos uma parte considerável da produção literária dos países latino-americanos. Um escritor como Júlio Cortázar só agora começa a ser ligeiramente comentado ou lido, após ter inspirado o filme de tanto sucesso, «Blow Up». Mas a sua obra, tão famosa na Europa, ainda não foi traduzida entre nós, seques bem divulgada mesmo no original. No entanto, sua linguagem, a estrutura de sua ficção, a originalidade de seu trabalho — fotomontagens, poderíamos dizer — merecem a atenção de escritores e leitores nacionais. Para isso, trazemos hoje aqui uma de suas estórias, aquela que dá título a um de seus livros — "Todos los fuegos el fuevo» (Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 1967) —, na suposição de que sirva de estímulo à sensibilidade e à curiosidade de nossos leitores, para que busquem conhecer melhor êsse grande prosador de vanguarda que é o argentino Júlio Cortázar. (Tradução e nota de L. C. A.)

Assim será um dia a sua estátua, pensa Irê- nicamente o procônsul, enquanto leva- la o braço, fixa-o no gesto de saudação deixa-se petrificar pela ovação de um público que duas horas de circo e de calor não cansaram. E o momento da surprêsa prometida; o procônsul desce o braço, olha sua esposa que lhe devolve o sorriso inexpressivo das festas. Irene não sabe o que vem a seguir e ao mesmo tempo é como se o soubesse, até o inesperado vira hábito quando se aprendeu a suportar, com a indiferença que o procônsul detesta, os caprichos do ano. Sem voltar-se sequer para a arena, prevê uma sorte já lançada, uma sucessão cruel e monótona. Licas, o vinhateiro e sua mulher Urânia são os primeiros a gritar um nome que a multidão recolhe e repete. "Reservei-te esta surprêsa", diz o procônsul. "Garantiram-me que aprecias o estilo dêste gladiador". Sentindo-se seu sorriso, Irene inclina a cabeça para agradecer. "Já que nos dás a honra de acompanhar-nos, embora te aborreçam os jogos", acrescenta o procônsul, "é justo que procure oferecer-te o que mais te agrada". "És o rei do mundo", grita Licas. "Fazes descer a própria sombra de Marte em nossa pobre arena de província!" "Viste só a metade", diz o procônsul, molhando os lábios numa taça de vinho e oferecendo-a à sua esposa. Irene bebe um grande sôro, que parece trazer com seu leve perfume o odor espêsso e persistente de sangue e de estêrco. Num brusco silêncio de expectativa que o recorta com uma precisão implacável, Marco avança até o centro da arena; sua curta espada brilha ao sol, no ponto onde o gasto velário deixa passar um raio oblíquio, e o escudo pende negligente da mão esquerda. "Não irás fazê-lo enfrentar o vencedor de Smirno?" pergunta escudamente Licas. "Melhor ainda", diz o procônsul. "Quero que a tua provincia me recorde por êstes jogos e que minha esposa deixe, por sua vez, de aborrecer-se". Urânia e Licas aplaudem, esperando a resposta de Irene, mas ela devolve em silêncio a taça ao escravo, alheia ao clamor que saúda a chegada do segundo gladiador. Inàtivel, Marco parece também indiferente à ovação que seu adversário recebe; com a ponta da espada, toca levemente suas grebas douradas.

"Alô", diz Roland Benoir, pegando um cigarro como uma continuação inliudível do gesto de apanhar o receptor. Na linha há uma crepitação de comunicações misturadas, alguém que dita cifras, de repente um silêncio mais escuro nesta cavidade que o telefone joga no ôlho do ouvido. "Alô", repete Roland, apoiando o cigarro na beirada do cinzeiro e procurando os fósforos no bôlso da camisa. "Sou eu", diz a voz de Jeanne. Roland entreabre os olhos, cansado, e se estira numa posição mais cômoda. "Sou eu", repete inùtilmente Jeanne. Como Roland não responde, acrescenta: "Sônia acaba de sair".

Sua obrigação é olhar o camarote imperial, fazer a saudação de sempre. Sabe que deve fazê-la e que verá a mulher do procônsul e o procônsul, e que Licas a mulher lhe sorrirá como nos últimos jogos. Não precisa pensar, não sabe que pensar, mas o instinto lhe diz que esta arena é ruim, o enorme ôlho de bronze onde os resíduos e as fôlhas de palma desenharam seus curvos caminhos ensombrecidos por algum rastro das lutas anteriores. Esta noite sonhou com um peixe, sonhou como uma estrada solitária entre colunas partidas; enquanto se armava, alguém tinha murmurado que o procônsul não lhe pagará com moedas de ouro. Marco não se preocupou em perguntar e o outro começou a vir maldosamente, antes de afastar-se sem dar-lhe as costas; um terceiro, depois, lhe disse que era um irmão do gladiador que êle matou em Massília, mas já o empurravam para a galeria, para os clamores de fora. O calor é insuportável, pesa-lhe o elmo que devolve os raios do sol contra o velário e as grades. Um peixe, colunas partidas; sonhos sem um sentido claro, com vácuos de esquecimento nos momentos em que talvez pudesse entender. E o que o armava disse que o procônsul não lhe pagará com moedas de ouro; talvez a mulher do procônsul não lhe sorria esta tarde. Os clamores o deixam indiferente porque agora estão aplaudindo o outro, aplaudem-no menos do que a êle um momento antes, mas entre os aplausos se filtram gritos de assombro e Marco levanta a cabeça, olha para a frisa onde Irene se virou para falar com Urânia, onde o procônsul negligentemente faz um sinal, e todo o seu corpo se contrai e sua mão se comprime no punho da espada. Basta-lhe voltar os olhos para a galeria oposta; não é por ali que passa o seu rival, levantaram-se rangendo as grades do escuro túnel por onde se fazem sair as feras, e Marco vê esboçar-se a gigantesca silhueta do reciário núbio, até então invisível contra o fundo de pedra modelo; agora sim, para além de tôda a razão, sabe que o procônsul não lhe pagará com moedas de ouro, adivinha o sentido do peixe e das colunas partidas. E ao mesmo tempo pouco lhe importa o que vai acontecer entre o reciário e êle, isso é do ofício e dos

(segue)

MINAS GERAIS

suplemento literário

BELO HORIZONTE — SÁBADO, 1º DE JUNHO DE 1968
Av. Augusto de Lima, 270 — ANO III — Nº 92 — Preço NCr$ 0,15

Desenho de Elizabeth Lana da Rocha

Primeira página da tradução de "Todos os fogos o fogo", de Julio Cortázar feita por Laís Corrêa de Araújo. SLMG, *1 jun. de 1968, n. 92*

no Brasil, produzindo um diálogo frutífero entre a literatura escrita na América Latina da época e com as questões políticas e literárias.

O posicionamento político do jornal, militantemente contra o regime militar vigente nos países latino-americanos, se mostra não apenas na publicação da literatura e crítica latino-americana produzida naquela época, mas também na discussão política e intelectual entre os escritores brasileiros e da América Latina.

Como se verá a seguir, apesar de ser um jornal vinculado ao órgão oficial do Estado, o *Suplemento Literário* teve um posicionamento político que ia contra ao regime ditatorial vigente no Brasil, na América Latina e em Portugal. Quando o jornal esteve nas mãos de Murilo, principalmente em seus primeiros anos e apesar de algumas crises políticas, a ditadura se mostrou muito mais branda que nos anos posteriores, permitindo, assim, que se driblasse mais facilmente os censores. No silêncio e na opressão política em que muitos intelectuais estrangeiros e brasileiros viviam, o *Suplemento* abriu espaço e deu voz a eles em suas páginas; possibilitando uma discussão e colaboração/cooperação enriquecedora entre o SLMG e esses intelectuais.

2.4 A crise

Meia xícara de chá de azeite / Duzentas gramas de linguiça calabresa, ah / Uma cebola picadinha / E um pouco de salsinha / Quatro tomates batidos no liquidificador / Dois pimentões vermelhos / Duas colheres de sopa de massa de tomate / Um tablete de caldo de carne em banho-maria / Maria / Em fogo brando, uh / Maria / E está pronto para servir

Arnaldo Baptista e Rita Lee, 1970.

SEGUNDO O SEU ATUAL diretor, Jaime Prado Gouvêa, o *Suplemento Literário do Minas Gerais* surgiu num período de "exceção política" e, por isso sobreviveu "à censura daquela época e às crises naturais de todo órgão vivo que se aventura pela criação artística." (GOUVÊA, 2013, ver Anexo). O *Suplemento* sempre existiu e se formou graças ao apoio e tutela do estado de Minas Gerais – de 1966 a 1994, pertenceu à Imprensa Oficial e, desde então, está sob responsabilidade da Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais. E, mesmo assim, nunca deixou de ser um jornal que esteve atento e deu espaço ao "espírito libertário das artes" e às vanguardas artísticas que surgiam. (GOUVÊA, 2011, p. 1).

Quando Murilo foi seu diretor, apesar do *Suplemento*, em alguns momentos, ter sido atingido por crises políticas, a censura e o endurecimento cultural e político que ocorreram no Brasil afetaram quase minimamente o amadurecimento e sucesso do jornal. Na direção oposta dos suplementos e jornais culturais, o suplemento dirigido por Murilo foi, na época, um dos principais espaços que os intelectuais brasileiros encontraram para divulgar e discutir, quase livremente, a cultura em voga no Brasil e no mundo, permitindo que se mostrasse nas suas páginas um posicionamento político claramente contra a ditadura daquela época e ao movimento cultural que o Estado apoiava.

A contradição de ser um jornal oficial do Estado e ao mesmo tempo publicar matérias de vanguarda e até de cunho combativo – ou seja, a liberdade que o *Suplemento* tinha – deveu-se muito ao Diretor da Imprensa Oficial Paulo Campos Guimarães, "político maleável" que suportou "os trancos maiores" (WERNECK, 1992, p. 182).

Laís Corrêa de Araújo, em depoimento concedido a Marília Andrés Ribeiro, justifica e explica um pouco da contrariedade política do *Suplemento*:

> O curioso em Minas é essa posição contraditória do intelectual, que ao mesmo tempo se liga a um órgão oficial e mantém uma posição política revolucionária. Essa postura vem do início do Modernismo, quando seus intelectuais trabalhavam na Imprensa Oficial, na *Folha de Minas* e nos jornais oficiais. Existia uma ligação com a coisa oficial, e nós intelectuais não tínhamos muito campo para exercer nossas atividades, então servíamo-nos desse espaço para agir. No *Suplemento Literário* aconteceu isso, tínhamos o beneplácito oficial que permitia a nossa atuação no jornal. Havia a vontade de se fazer um jornal de arte e literatura, mas não tínhamos possibilidades financeiras para tanto; então, aproveitamos que o governo estava interessado em criar um jornal, um espaço para atuar. Aí é que o intelectual entra para preencher os quadros e atrapalhar um bucadinho [...]. havia uma certa liberdade, mas depois do famoso AI-5 acabaram com a Constituição e a

> situação ficou preta. Antes, perseguia-se muito, mas mais discretamente, sem data marcada [...].
> Eu fiquei três anos *Suplemento* desde a sua fundação em três de setembro de 1966, até 1970. Pouco tempo depois, quando o Israel Pinheiro deixou o governo e nomearam o Rondon Pacheco, eu saí do jornal, porque ele passou a ser visado, passou a existir censura interna e eu não abria mão de minhas próprias opiniões. (ARAÚJO, 1994, p. 137). [23]

De acordo com Flora Süssekind, até 1968, curiosamente, houve certa liberdade para a produção cultural engajada. A política cultural adotada pelo governou Castelo Branco preferiu controlar e apoiar a estética do espetáculo, o cinema, o rádio e a televisão – já que eram meios que atingiam mais facilmente à população em massa. Em relação à arte de protesto e à intelectualidade de esquerda brasileira, Castelo Branco permitiu certa liberdade, desde que cortados seus possíveis laços com as camadas populares. "Os protestos eram tolerados, desde que diante do espelho" e a "utopia do 'Brasil grande' dos governos militares pós-64 é constituída via televisão, via linguagem do espetáculo" (SÜSSEKIND, 1985, p. 13–14).

A partir de 1968, no entanto, o regime militar no Brasil endureceu ainda mais e a liberdade foi drasticamente restringida pela censura, pela cassação dos direitos políticos, pela prisão arbitrária e pela tortura. Em 22 de novembro de 1968, foi criado o Conselho Superior de Censura, cuja função, segundos os militares, era a de julgar rapidamente órgãos de comunicação que burlassem a ordem estabelecida, com seu fechamento e lacramento imediato em caso de necessidade institucional. Ainda, em 13 de dezembro de 1968, foi instituído o Ato Institucional n. 5, que suspendeu as garantias constitucionais, fechou o Congresso Nacional e instituiu a censura prévia à imprensa. Assim, a atuação da censura aos meios de comunicação se tornou mais coercitiva e opressora, levando até, em muitos casos, à presença física de um censor da Polícia Federal dentro das redações.

O jornalista Clóvis Rossi, que era redator no *Estado de São Paulo*, conta:

[23] Depoimento concedido a Marília Andrés Ribeiro em *Neovanguardas: Belo Horizonte – anos 60*.

> Até 1968 ainda dava [para divulgar certas informações]. É claro, com cuidado, com meias palavras, com entrelinhas – coisas que eu detesto fazer, mas era inevitável, indispensável. Até 1968 dá. Aí é que, em 1968, isso muda completamente. Eu me lembro bem que, na noite do AI-5, nós fechamos o jornal com a notícia do novo Ato Institucional e fomos reunir os repórteres e amigos, fomos para um boteco, [...] num ambiente de "o mundo acabou, não tem futuro, não tem horizonte, o que vai fazer, o que não vai fazer.[24]

Assim, quando se trata da história dos periódicos culturais e literários, com o golpe de 1964, foram poucos os que sobreviveram e circulavam. Na época de Murilo Rubião no *Suplemento* (1966–1969), além desse, somente dois suplementos culturais circulavam no Brasil: *Suplemento do Estado de São Paulo* e o *Correio do Povo*, de Porto Alegre. O *Suplemento Literário do Minas Gerais* foi regra à parte e, além de sobreviver até hoje (permanecendo, principalmente, a qualidade de suas publicações), suas publicações foram minimamente afetadas pela censura. O jornal era um dos poucos espaços em que os intelectuais podiam expor livremente suas ideias e palavras. Segundo Luís Gonzaga Vieira – redator do SLMG na época de Murilo Rubião até a direção de Wander Piroli (1975), o "*Suplemento* era do governo estadual, que 'permitia' a publicação" e, em entrevista, quando indagado sobre a censura no *Suplemento*, o escritor diz o seguinte:

> Nossa grande sorte é que havia liberdade total de pensamento e de criação. Sendo assim, não tivemos censura, não fomos afetados. Quer dizer: nunca aceitamos a censura, embora sabendo que escrevíamos num órgão da imprensa oficial. Se não aceitassem nossos textos, não publicávamos. O que mais nos afetava era a ditadura, quando escrever se tornava um perigo. (VIEIRA, 2009, p. 136)

[24] Entrevista de Clóvis Rossi ao Centro de Cultura e Memória do Jornalismo, em 26 de setembro de 2008. Disponível em: <http://www.ccmj.org.br/sites/default/files/pdf/5/Arquivo%20para%20download_12.pdf>.

Nas palavras de Jaime Prado Gouvêa, a censura era um desafio. "Driblar o censor era ótimo, um quase-gol. E nos dava a certeza de que alguém estava lendo nossas coisas, nem que fosse para nos ferrar. Minhas lembranças desse atrevimento são as melhores" (GOUVÊA, 2013, ver Anexo). Em entrevista concedida a mim, Jaime Prado Gouvêa alega que a hostilidade sofrida pelo jornal veio bem mais dos "subliteratos" do que da censura e ditadura:

> O Murilo, com o respaldo firme do então Diretor da Imprensa Oficial, Paulo Campos Guimarães, garantia a maior independência possível para o *Suplemento*. Como a gente era um pessoal novo e abusado, continuamos a escrever e publicar o que achávamos que era bom, sem preocupação alguma com os reacionários que tentavam nos minar às escondidas. Na verdade, mais que a ditadura, quem mais chiava eram os subliteratos, alguns acadêmicos, gente da "tradicional família mineira" e alguns caras do clero e da política chapa branca. Mas isso era quase um elogio para nós. Nós fazíamos as coisas por prazer e nossa sobrevivência era um desafio fascinante.

Em 1967, Affonso Romano de Sant'Anna publica, na primeira página do periódico, o poema "O poeta mede a altura do edifício" em que chama o prédio Empire State de maior "pênis do mundo". O poema foi depreciado e causou grande polêmica, ganhando protestos de juízes, religiosos e promotores. Sérgio Sant'Anna, em entrevista, diz que a redação do SLMG, principalmente na época de Ângelo Oswaldo como diretor, era vista, pela "ala mais conservadora de Minas", como um antro de "maconheiros, comunistas e gays" (SANT'ANNA, 2009, p. 141–142).

Para Duílio Gomes, "as crises não faltaram na vida do *Suplemento Literário do Minas Gerais*, sempre provocadas por questões políticas ou de moral e sempre fomentadas, é claro, por setores conservadores e ligados à literatura igualmente conservadora e de má qualidade" (GOMES, 2006, p. 61).

Em 6 de setembro de 1966, logo após o lançamento do *Suplemento*, o jornal *Estado de Minas*, que apoiou o golpe de 1964 e todos os governos militares, publica a matéria "Restauração da tradição e atenção à Lei". Reacionária e totalmente a favor ao regime vigente, aos primeiro olhar, nela se vê uma tentativa de justificar e defender o SLMG contra qualquer acusação de subversivo e de esquerda – mas quando a lemos mais atentamente, além de mostrar uma promoção ao regime, o artigo pode ser interpretado como uma espécie de ameaça e recado dos militares ao suplemento dirigido por Murilo, já que é sabido que, juntamente com o *Jornal de Minas*, o *Estado de Minas* fez campanha contra o *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Na matéria lê-se o seguinte:

> O "Minas Gerais" lançou festivamente, sábado, o seu 1º Suplemento Literário, semanal, aliás, excelente. Estará isso fora da severa linha do órgão oficial? Nada fora, tudo dentro da tradição e da lei, duas coisas sumamente importantes para o mineiro. Com os dois pratos dessa balança – tradição e legalidade – Minas vem dando, com pesos e contrapesos, medida exata, sempre orgulhosa de seu equilíbrio, com o fiel da balança verticalzinho no meio certo. Mantém-se em fidelidade canina à Lei, pela tradição que é de paz. Quando faz barulho – revolução mesmo parecendo que rompeu com a Tradição, é para assentar-se no prato da Lei. Em 1930, chamou à Revolução que fez "restauração da legalidade". A de 1964 foi de restauração da Tradição: paz e religiosidade. Tinha o terço nas mãos e fuzil no ombro. Aquele só bastou. (CLEMENTE, 1966, p. xx).

Até a saída de Murilo Rubião, a hostilidade que sofria o *Suplemento* vinha, principalmente, do provincianismo e da inveja mineira. A Academia Mineira de Letras, como o próprio Jaime Gouvêa diz, "os subliteratos" e a "tradicional família mineira" eram os principais antagonistas na historia do SLMG. Na fase de Murilo, essa oposição pouco incomodou: os xingamentos e críticas que o SLMG recebeu eram, segundo Jaime Prado Gouvêa, "elogios". Vê-se que Murilo e sua equipe marcaram vários "quase gols", denunciando em suas matérias a situação política de repressão no Brasil, em Portugal e na América Latina e, consequentemente, os problemas sociais desses países.

Graças a Laís e Murilo Rubião, o jornal divulgou a literatura portuguesa de vanguarda que na época era censurada pelo governo salazarista e em muitos artigos sobre a literatura latino-americana, principalmente

nas entrevistas e reportagens, vê-se uma denúncia à situação de repressão e subdesenvolvimento que vivia o Brasil e a América Latina.

Segundo Eliana Tolentino, na tese *Literatura portuguesa no Suplemento Literário do Minas Gerais*, foi por motivos políticos que se deu a saída de Laís Corrêa de Araújo. A escritora e Murilo Rubião brigaram porque o artigo escrito por Laís criticava duramente a literatura militante e engajada, que muitas vezes não era acompanhada pela boa qualidade, dos escritores latino-americanos. Como narra Tolentino:

> A partir de 1969, sai extraoficialmente do periódico, embora seu nome ainda figure como membro da redação. Problemas com a censura e desentendimento com Murilo Rubião fazem com que Laís C. Araújo se retire do *Suplemento* bastante magoada, como atesta carta do dia 12 de maio de 1969, endereçada a poeta portuguesa Ana Hatherly. Na correspondência, Laís C. Araújo narra o episódio em que teve desentendimentos com Murilo Rubião: nos comentários que fazia de obras na coluna "Roda Gigante", escreveu a respeito de um romance do escritor equatoriano Jorge Icaza, porém tinha várias restrições sobre esse livro e, para justificar o seu parecer sobre o romance, escreveu que "o escritor latino-americano, vivemos num contexto de miséria e analfabetismo, de subdesenvolvimento enfim, sente-se obrigado quase a escrever um livro de denúncia, reivindicatório, etc., etc" (p. 1). Murilo Rubião achou o texto ofensivo à pátria e o encaminhou ao diretor da Imprensa Oficial que o censurou e proibiu. Segundo Laís Corrêa de Araújo, essa foi uma "Atitude de alcaguete, de 'dedo-duro'" (p. 1). Sendo assim, a escritora recusou-se a permanecer no *Suplemento*, entretanto continuava publicando ensaios esporadicamente. (TOLENTINO, 2006, p. 42).

O último artigo assinado pela escritora em "Roda Gigante" aparece no dia 3 de maio de 1969, na edição 140. O artigo "Goiás: 5 poetas na plataforma de lançamento" é uma resenha de vários livros publicados por uma geração de escritores vinda de Goiânia (Helo Godoy, Luiz Fernando Valadares, Carlos Rodrigues Brandão etc) e que tinha o apoio do governo, pela Bolsa de Publicação Hugo de Carvalho Ramos, para a publicação de sua literatura.

Sete meses depois da saída de Laís, Murilo Rubião, em 27 de dezembro de 1969, deixa a redação do *Suplemento* e já não vemos mais o seu nome no expediente do jornal. O secretário do SLMG deixa o cargo para assumir a Chefia de Publicações da Imprensa Oficial. Segundo depoimentos de Duílio Gomes e Humberto Werneck na tese de Eliana da Conceição Tolentino, a saída do escritor teria sido impulsionada por pressões políticas. No entanto, além da tese da autora e dos depoimentos dos escritores que constam nela, não encontramos em nenhuma outra biografia ou em nenhum documento de seu arquivo a informação de que sua saída teria sido ocasionada pela ditadura. Quando lemos alguns depoimentos de Humberto Werneck e de Jaime Prado Gouvêa pode-se constatar que a saída de Murilo foi muito mais voluntária, para assumir outras funções na Imprensa Oficial, do que por motivos políticos – até porque depois que deixou o cargo de secretário do SLMG, o escritor continuou trabalhando na mesma casa, como diretor de publicações da Imprensa Oficial de Minas Gerais.

Em janeiro de 1970, para substituí-lo no cargo de secretário, o criador do *Suplemento Litérario* chamaria Rui Mourão, que foi editor da revista *Tendência*. No entanto, sua indicação foi vetada pelas autoridades militares, já que o escritor estava na lista dos professores que deixaram a Universidade de Brasília (UnB) em protesto contra a ditadura e em defesa dos colegas que tinham sido demitidos por motivos políticos. Libério Neves assumiu, portanto, até o mês de maio, a função de secretário exercida por Murilo. Depois dele, quem assumiria seria Ângelo Oswaldo, período em que, juntamente com a fase de Wander Piroli em 1975, a censura e a ditadura mostraram mais as suas garras.

Como conta Humberto Werneck, em *Desatino da rapaziada*, na época de Ângelo Oswaldo como secretário, no início de 1970, "um poeta do grupo modernista mineiro, membro da Academia Brasileira de Letras, com trânsito junto ao regime militar, julgou útil alertar o novo governador de Minas, Rondon Pacheco, para o teor por demais avançado, do que se publicava no *Suplemento Literário*" (WERNECK, 1992, p. 183).

Sérgio Sant'Anna também conta que na época de Ângelo Oswaldo um órgão da imprensa marrom de Belo Horizonte, o *Jornal de Minas*, escreveu uma matéria muito pesada sobre os redatores do *Suplemento*, em que

chamavam a redação Sala Carlos Drummond de Andrade de "um antro de comunistas e homossexuais".

> Até que, um dia, em um jornal de direita, o *Jornal de Minas*, um cara fez uma matéria muito pesada sobre a gente. E era perigoso naquela época. Foi um cara de direita, ligado à polícia, à repressão mesmo, e que era jornalista. Esse jornal nem deve existir mais. Nem me lembro mais do nome do jornalista. Ele disse que o *Suplemento* "era um antro de maconheiros, comunistas e homossexuais", e naquela época isso era perigoso, principalmente o comunista. Não, tudo era perigoso porque era ditadura. (SANT'ANNA, 2009, p. 141–142).

Em 1973, Ângelo Oswaldo deixa a redação do *Suplemento* e coloca como seus sucessores Mário Garcia de Paiva e Maria Luiza Ramos. Uma edição especial dupla dedicada ao conto brasileiro, que tinha sido organizada por Oswaldo, sofre cortes e é censurada. Segundo Werneck, "oito páginas, nada menos da metade do segundo número, foram censuradas" (1992, p. x). Esses números, segundo informa artigo publicado na revista *Veja*, em 19 de dezembro de 1973, haviam desaparecido da gráfica da Imprensa Oficial, tendo em retornado sem algumas páginas, após terem sido inspecionados no Palácio da Liberdade, sede do governo de Minas Gerais.

No mesmo ano, a situação de opressão do jornal se agravou ainda mais com uma campanha promovida pelo *Jornal de Minas*. O jornal, pertencente à imprensa marrom, publicou, em 2 de dezembro de 1973, uma nota que acusa o diretor da Imprensa Oficial, Paulo Campos Guimarães, de usar o dinheiro da casa para pagar despesas particulares. A administração da Imprensa Oficial é acusada de abrigar subversivos, de agressões a funcionários, alcoolismo etc.

Em janeiro de 1975 Wander Piroli assumiu a direção do *Suplemento*, e o seu dinamismo, junto com suas propostas inovadoras, não agradaram a ala mais conservadora de Belo Horizonte, causando polêmica. Por volta de 1975, quando Wander Piroli era secretário, houve uma forte campanha contrária promovida por intelectuais ligados à Academia Mineira de Letras, à associação mineira "Amigas da Cultura" e ao Instituto Histórico de Minas Gerais. Liderava o movimento o presidente da Academia Mineira de Letras, o escritor Vivaldi Moreira, que teve artigo recusado pelo *Suplemento*.



BRASIL

Justiça e servilismo

Processado na 15.ª Vara Criminal de São Paulo por ter guardado uma senha de entrada do presídio Tiradentes que deveria ter sido entregue na saída, o advogado Vergílio Egydio Lopes Enei requereu habeas corpus ao Supremo Tribunal Federal, que julgou o caso na quarta-feira passada.

Num longo memorial de 24 páginas, o advogado e deputado cassado Hélio Navarro fez a defesa de seu colega, brandindo dramáticas considerações sobre a vigência do Ato Institucional n.º 5 do qual ele e a Justiça seriam vítimas, pois que "suspenso qual espada de Dâmocles sobre todas as cabeças pensantes e independentes", concorre para "encorajar caprichosas perseguições ou mesquinhas escaramuças". O advogado Vergílio defendia alguns presos políticos do Tiradentes, e segundo a polícia a senha poderia ser utilizada para facilitar alguma fuga. O recurso teve como relator o ministro Xavier de Albuquerque.

O RELATOR — *Manejando com destreza a perfeita colocação dos pronomes, disse o ministro: "Pouco importa a suspensão temporária das garantias constitucionais (. . .), pouco se me dá tê-las ou não tê-las, porque tê-las ou não tê-las não interfere em nada com a independência, a imparcialidade, com a dignidade que imprimo à minha função judiciante. Nada justifica, portanto, que certos arautos da normalização política do país defendam as medidas que a têm por objetivo, entre elas a do restabelecimento das garantias constitucionais da magistratura, à custa de injuriar o Poder Judiciário com lançar-lhe a suspeita, pior ainda, a afirmação de se conduzir sem independência nem dignidade e de se haver reduzido a poder subserviente e manipulado".*

Depois de dar a Navarro uma lição de comportamento pessoal, o ministro Xavier de Albuquerque votou a favor do habeas corpus, concedido pelo STF por unanimidade, argumentando que o processo contra o advogado baseia-se em mera suposição. Disse ainda que a lei brasileira não reconhece tipo de prisão, por incomunicável que seja, que não permita o contato do preso com seu advogado, onde quer que se encontre, seja em estabelecimento civil ou militar. Portanto, se alguma vez isso acontecer, segundo o ministro, poderá estar ocorrendo uma das duas espécies de servilismo: "O servilismo por medo, que vem de cima e significa o poder conspurcando a liberdade, e o por interesse, que vem de baixo e significa a liberdade prostituindo-se ao poder".

MINAS GERAIS
suplemento literário

"Suplemento Literário": sobrevivente

Letras suspeitas

Há um mês, a população de Belo Horizonte tomou conhecimento de que havia algo de errado na Imprensa Oficial do Estado. O tesoureiro ficou preso mais de um mês, fez denúncias que envolviam outros funcionários e também o diretor, e todos procuravam se defender como podiam diante do assédio da Justiça. Há duas semanas, o "Suplemento Literário", que circula aos domingos junto com o órgão oficial do governo, o "Minas Gerais", também viu-se envolvido. Dirigido pelo escritor Murilo Rubião, o Suplemento, já considerado o mais importante do país, estava a salvo das acusações de corrupção mas, segundo alguns funcionários de outros setores da casa, seria "um antro de comunistas e homossexuais".

Até agora, nenhum dos colaboradores permanentes ou eventuais do respeitado "Suplemento" foi acusado formalmente nem de uma coisa nem de outra, e a devassa parece ter parado nos seus limites. Contudo, algo parece já ter mudado na casa onde Carlos Drummond de Andrade publicou seus primeiros escritos, na década de 1920. Dois números especiais sobre ficção brasileira contemporânea já estavam com sua composição gráfica pronta quando, inesperadamente, desapareceram do edifício da Imprensa Oficial.

O pânico foi passageiro pois, horas após, os dois números estavam de volta, depois de uma visita ao Palácio da Liberdade — sede do governo mineiro —, mais magros porém vivos. Sobreviveram especialmente artigos e textos de Rubem Fonseca, Osman Lins, Lígia Fagundes Telles, J. J. Veiga e Oswaldo França Júnior. Mas um texto experimental do baiano Gramiro de Matos cumpriu sua missão de forma radical e sumiu. O do baiano Eudoro Augusto, sobre a morte de um cinegrafista sueco no Chile, faleceu diante das circunstâncias. O mineiro Sérgio Sant'Anna foi aceito em parte e Caio Fernando Abreu foi considerado erótico ao dar vida a um manequim.

Tudo indica que o "Suplemento Literário" é vítima de sua vizinhança e parentesco com o jornal oficial do governo mineiro, pois jamais sofreu qualquer censura que limitasse suas manifestações culturais e de vanguarda.

Formatura no terreiro

Durante seis anos, os 123 formandos da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Norte passaram por situações difíceis. Enfrentaram o devastador vestibular, dividiram em comum o choque traumático da primeira dissecação de cadáveres, mas, apesar de tudo, chegaram ao fim do curso. No entanto, não conseguiram entrar em acordo há alguns dias nas discussões para escolha do paraninfo da turma. Enquanto debatiam, seis deles, supondo certamente representar o pensamento dos colegas, tomaram a iniciativa de laurear o reitor da UFRN, Genário Alves Fonseca, professor da Escola de Farmácia, e apressaram-se em comunicar-lhe a decisão.

O professor Fonseca ficou agradecido, elogiou a turma, mas ao descobrir a modéstia de sua votação reuniu os formandos e avisou-lhes, "de maneira pouco amistosa", segundo uma estudante, que dispensava a homenagem, pois se sentia um homem realizado e não precisava dela. Muitos alunos sentiram-se humilhados e algumas moças chegaram a chorar, mas o convite de formatura, feito pelos estudantes, ainda haveria de acrescentar algumas notas falsas nessa desafinada ciranda de desarmonia universitária.

Quebrando uma praxe rigorosamente observada por todas as universidades do mundo, do convite não consta o nome do reitor. A segunda linha de seu texto por um artifício gráfico, termina exatamente na expressão "Universidade Fede"; só na linha seguinte vem "ral do Rio Grande do Norte". E, depois da missa e do culto protestante, os formandos programaram oficialmente uma inesperada festa de umbanda no terreiro da Mãe Albina, o mais famoso de Natal.

VEJA, 19 DE DEZEMBRO, 1973

21

Revista Veja. *São Paulo, 19 dez. 1973.*

Numa manobra política, o provincianismo mineiro se uniu aos membros da censura política e "conseguiram neutralizar o jornal" (TOLENTINO, 2006, p. 64).

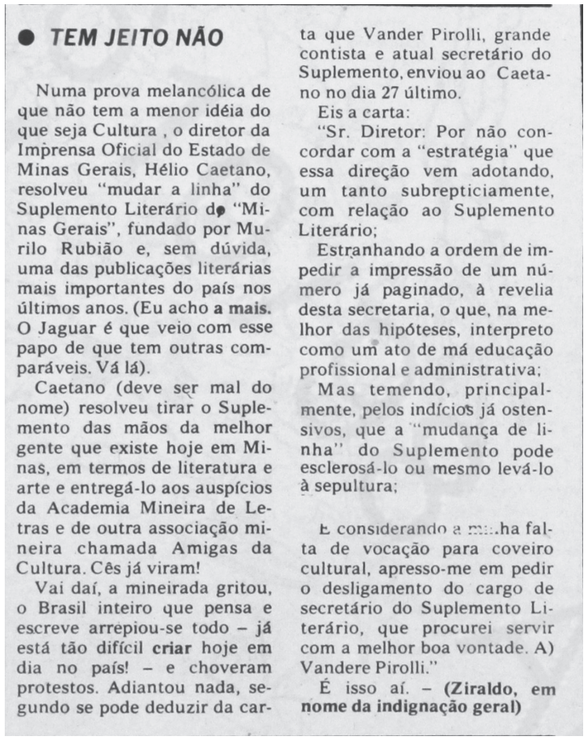
Duílio Gomes, em depoimento concedido a Eliana da Conceição Tolentino, relata que os escritores da Academia não tinham acesso ao jornal porque suas produções não tinham qualidade literária. Em maio de 1975, sem que seu secretário fosse avisado, o *Minas Gerais* publicou um editorial informando que haveria uma reformulação no *Suplemento*, e, como consta

na tese de Eliana Tolentino, Wander Piroli foi pressionado a ceder espaço no *Suplemento* para os escritores da Academia Mineira de Letras. Com todas essas pressões, Wander Piroli pediu demissão e Wilson Castelo Branco, numa linha totalmente diferente dos seus outros diretores, assumiu a direção do jornal.

Segundo Jaime Prado Gouvêa:

> Quando a censura pesou mesmo, no início de 1975, a coisa estourou com a renúncia do Wander Piroli da direção do *Suplemento*. Nosso pessoal, como única resposta possível, resolveu se distanciar do jornal e a qualidade dele caiu muito. Isso durou uns oito anos, até que o então novo governador, Tancredo Neves, nomeou o Murilo diretor da Imprensa Oficial e ele trouxe sangue novo com nossa velha turma. (GOUVÊA, 2013, ver Anexo).

A partir do número 454, de 17 de maio de 1975, a circulação do jornal foi interrompida, só voltando à circulação em junho, depois da nomeação de Wilson Castelo Branco, que assumiria a direção do jornal até a abertura política, em 1982, com a vitória de Tancredo Neves. De 1982 até os dias de hoje, o *Suplemento Literário do Minas Gerais* passou por diversas fases, muitas delas recheadas por excelentes matérias e colaborações importantes e que tiveram, por isso, também como na fase de Murilo Rubião, os seus momentos áureos.



● **TEM JEITO NÃO**

Numa prova melancólica de que não tem a menor idéia do que seja Cultura , o diretor da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, Hélio Caetano, resolveu "mudar a linha" do Suplemento Literário do "Minas Gerais", fundado por Murilo Rubião e, sem dúvida, uma das publicações literárias mais importantes do país nos últimos anos. (Eu acho **a mais.** O Jaguar é que veio com esse papo de que tem outras comparáveis. Vá lá).

Caetano (deve ser mal do nome) resolveu tirar o Suplemento das mãos da melhor gente que existe hoje em Minas, em termos de literatura e arte e entregá-lo aos auspícios da Academia Mineira de Letras e de outra associação mineira chamada Amigas da Cultura. Cês já viram!

Vai daí, a mineirada gritou, o Brasil inteiro que pensa e escreve arrepiou-se todo – já está tão difícil **criar** hoje em dia no país! – e choveram protestos. Adiantou nada, segundo se pode deduzir da carta que Vander Pirolli, grande contista e atual secretário do Suplemento, enviou ao Caetano no dia 27 último.

Eis a carta:

"Sr. Diretor: Por não concordar com a "estratégia" que essa direção vem adotando, um tanto subrepticiamente, com relação ao Suplemento Literário;

Estranhando a ordem de impedir a impressão de um número já paginado, à revelia desta secretaria, o que, na melhor das hipóteses, interpreto como um ato de má educação profissional e administrativa;

Mas temendo, principalmente, pelos indícios já ostensivos, que a "mudança de linha" do Suplemento pode esclerosá-lo ou mesmo levá-lo à sepultura;

E considerando a minha falta de vocação para coveiro cultural, apresso-me em pedir o desligamento do cargo de secretário do Suplemento Literário, que procurei servir com a melhor boa vontade. A) Vandere Pirolli."

É isso aí. – **(Ziraldo, em nome da indignação geral)**

Notas publicadas no Pasquim, *30 de maio de 1975.*

● **TREMENDA SAFANAGEM**

Querem acabar com o suplemento literário do Minas Gerais, um dos poucos que ainda se editam nesta terra de cem milhões de mobrais. Querem que o suplemento vire órgão de divulgação da Academia Mineira de Letras. Escritores e artistas de Belô iniciaram um movimento de apoio ao contista Vander Piroli, atual diretor do suplemento fundado pelo bom Murilo Rubião. O PASQUIM adere; afinal, pra abrir um jornal de arqueologia, não precisam fechar um jornal literário. — *(Jaguar)*

Capítulo 3

O arquivo do Suplemento: o jornal, a literatura e crítica brasileiras

3.1 O jornal Suplemento Literário: personagens e características

ENQUANTO DIRETOR do *Suplemento*, a fidelidade a um projeto ideológico e estético foi seguida por Murilo em quase todos os números. A feição multidisciplinar, o lugar aos novos e aos consagrados, a linguagem acessível e a altíssima qualidade de seus textos, o time de colaboradores e sua estrutura – tamanho, tiragem, tipo de impressão, alcance, colunas, séries e seções – se perpetuarão desde o seu primeiro número até o fim da gestão de Murilo. Assim, tomando como ponto de partida a primeira edição do jornal e embora não se exclua neste texto a menção às outras, a seção que se segue pretende analisar e descrever as principais características do jornal e, consequentemente, contar um pouco da história e função de seus personagens – redatores responsáveis pelas colunas, seções e séries[1] e pela organização de edições.

Quase sempre, com exceção das edições especiais, desde o primeiro número, o *Suplemento* foi impresso em preto, em papel jornal, medindo 30 centímetros de largura e 44 centímetros de comprimento, e circulando todos os sábados, podendo ser adquirido nas bancas de jornal.

Em sua composição, suas oito ou doze páginas eram preenchidas, basicamente, pela publicação de textos de ficção – contos e poemas, muitos inéditos –, textos críticos e teóricos, ilustrações e gravuras de artistas plásticos – desde os renomados até os pertencentes à neovanguarda mineira da década de 1960 –, e de seções de entrevistas, artes plásticas, cinema e crítica literária (como a "Roda Gigante", assinada por Laís Corrêa de Araújo). Destacam-se ainda, algumas séries que circularam por pouco tempo, como a série "Mondrian: artista para o futuro", publicada

[1] As escolhas pelas nomenclaturas "série", "seção" e "coluna" tiveram como base o *Dicionário de Comunicação,* de Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Guimarães Barbosa (2001). Segundo o dicionário caracteriza-se por "seção" "a parte de uma publicação (jornal, revista), de um programa televisivo ou radiofônico, site etc, onde se agrupam informações do mesmo gênero ou sobre um mesmo tema" (como, por exemplo, esportes, notícias internacionais, economia, artes, cinema). E por "coluna" a "seção especializada de jornal ou revista, publicada com regularidade e geralmente assinada, redigida em estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum". Já o termo série é caracterizado como o "conjunto de matérias, geralmente do mesmo gênero, publicadas em jornal ou revista, geralmente numeradas em edições consecutivas". Desse modo, como se percebe no texto, os termos "seção" e "coluna" se misturam na dissertação, atribuindo a eles quase a mesma função e características. No *Suplemento*, todas as seções e colunas eram assinadas, como "Artes Plásticas", de Márcio Sampaio, e o tom livre e pessoal era recorrente. O termo "série" será aplicado para as matérias que circularam consecutivamente, até vinte números, e que tratavam de um tema específico, como a série "O escritor mineiro quando jovem", de Humberto Werneck e Carlos Pellegrino, e "Letras europeias", de Antonio Fonseca Pimentel.



APRESENTAÇÃO

Cumprindo mais uma etapa de seu atual programa de renovação, o «Minas Gerais» lança hoje o «Suplemento Literário», de publicação semanal e que circulará regularmente com a edição de sábado. A função precípua de Órgão Oficial dos Poderes do Estado» em nada contraria o propósito de apresentar êste jornal caráter mais amplamente informativo como os outros. Essa foi a orientação mantida durante vários decênios da história do «Minas Gerais», tradição interrompida temporàriamente e que ora se procura retomar. Melhor ainda se insere na presente fase renovadora o lançamento de um suplemento dedicado à literatura e à arte em geral, providência que se compreende também no plano cultural do govêrno. Justo, portanto, que neste primeiro número se faça atenção dos nomes do Governador Israel Pinheiro e do seu digno auxiliar, o jornalista Raul Bernardo Nelson de Senna, ex-Diretor da Imprensa Oficial que, na sua profícua gestão, teve a esclarecida iniciativa de criar o «Suplemento Literário».

Na sua simplicidade, o título escolhido para esta nova secção do «Minas Gerais» contém o essencial de um programa consciente. Deliberamos reivindicar a importância da literatura, frequentemente negada ou discutida. Para começar, tomamos o têrmo na acepção mais ampla.

Nessa ordem de idéias, o «Suplemento Literário» vai inserir não só poesia, ensaio e ficção em prosa, mas também a crítica literária, a de artes plásticas, a de música. Sem negligenciarmos os aspectos universais da cultura, queremos imprimir a estas colunas feição predominantemente mineira, assim no estilo de julgar e escrever, como na escolha da matéria publicável. A fidelidade à Província nos têrmos que a situamos, até conjura o perigo do provincianismo.

O anseio de atingir a esquiva perfeição configura a chamada mineiridade, na opinião de alguns. Porque cientes e conscientes dos lados negativo e positivo de semelhante intenção, permitimo-nos a coragem de aspirar ao melhor que nos seja possível. Para tanto, a Comissão de Redação dará o máximo de si mesmo, para poder exigir igual esfôrço dos demais escritores da equipe responsável. O trabalho solidário há de superar fraquezas e deficiências.

Esperamos reviver significativa tradição dêste jornal, que a história das letras em Minas não deixou de registrar. Alguns entre os mais influentes escritores de hoje publicaram no «Minas Gerais» as primeiras manifestações de seu talento, em poesia e prosa. Ombrearam então com autores já consagrados pela crítica e pelo público. De maneira idêntica procederemos agora, em relação a novos e a colaboradores de conceito firmado.

Valham as intenções dêste programa. Assim nos seja dado cumpri-lo.

MINAS GERAIS

suplemento literário

BELO HORIZONTE — SABADO, 3 DE SETEMBRO DE 1966

ANO I — N. 1 — Preço Cr$ 150

ÁLVARO APOCALYPSE:

do folclore ao surrealismo

Depois de pesquisar muitos temas, principalmente folclóricos, Alvaro Apocalypse — primeiro prêmio de desenho no último Salão da Prefeitura e professor de desenho no Curso de Belas Artes da UFMG — dedica-se agora a uma fase surrealista, que é mais uma conseqüência de seus trabalhos anteriores do que propriamente uma descoberta de hoje.

Nos seus mais recentes trabalhos, notamos um artista participante, intelectual e inventivo; um profundo conhecedor da técnica do desenho que a domina e a usa para uma melhor comunicação. Em Alvaro Apocalypse, há o gôsto pela fábula do futuro que se mescla com uma leve ironia e notações de grande sutileza.

O PAÍS DOS LATICÍNIOS

Bueno de RIVERA

O país dos úberes,
região da paz bovina!

Aqui as árvores amamentam
aves, bichos e crianças.

A nossa lua é um seio branco:
chove leite sôbre os campos.

Verdes vales
longos pastos
onde os trilhos
dão no córrego.

Mansas casas
de varandas
açucenas
e quintais.

Muro de rosas
jurití
tardes de abôio
laranjais.

Aguadas de sol e sombra,
porteiras da solidão.

Neste descampado reina a vaca
mãe do touro
mãe do ouro
mãe dos homens.

Neste descampado sofre o boi
boi de carro
boi de corte
sonso boi.

Primeira página da edição número 1 do Suplemento Literário do Minas Gerais, *3 de setembro de 1966.*

em quatro partes, na seção Artes Plásticas, de Márcio Sampaio; "A respeito da literatura no Ensino Médio", em três números, de Olívio Tavares Araújo; ou a série "Modernismo e as vanguardas: acerca do canibalismo literário", de Benedito Nunes, dividida em quatro números.

O "texto de apresentação" do número, podendo também ser chamado de editorial, expõe as diretrizes e plataformas que pretende seguir o jornal. Assim, na página um, na parte superior do texto, lê se que a criação do *Suplemento Literário do Minas Gerais* é uma das medidas tomadas para a renovação da Imprensa Oficial na diretoria de Paulo Campos Guimarães e que, consequentemente, está dentro do plano cultural do governo Israel Pinheiro. No texto, apresenta-se também a proposta de fazer um suplemento que, apesar do adjetivo "literário", quer também ser cultural, abordando outras artes como música, cinema, artes plásticas e teatro; aglutinador de gerações e com feição predominantemente mineira, "no estilo de julgar e escrever, como na escolha da matéria publicável", e, obviamente, "sem negligenciar o aspecto universal da cultura". (APRESENTAÇÃO. In: *Suplemento Literário do Minas Gerais*, 3 set. 1966, p. 1).

Os editoriais do SLMG, na verdade, apareciam em edições esparsas, geralmente quando se tratava de alguma edição especial em que o organizador apresentava o assunto tratado e os colaboradores. Na primeira página era comum que aparecesse estampado algum poema, conto ou texto crítico, de preferência inédito, de algum escritor, juntamente com alguma ilustração de um artista plástico mineiro. Abaixo da ilustração, uma biografia do artista e o resumo de sua trajetória.

A publicação de ficção e ilustração e, por consequência, a divulgação de um escritor ou de um artista plástico, sejam eles consagrados ou novos, já aparecem na primeira página do *Suplemento*. No primeiro número, a página um é ilustrada por Álvaro Apocalypse – artista que fez parte da geração de alunos de Guignard –, seguida de um pequeno texto de apresentação sobre o artista em questão e, ao lado, o poema "O país dos laticínios", de Bueno de Rivera – importante escritor surrealista mineiro e, na época, já consagrado pela crítica. Segundo Sampaio (2005), um escritor escrevia já pensando no ilustrador e vice-versa. Houve um interesse mútuo entre eles.

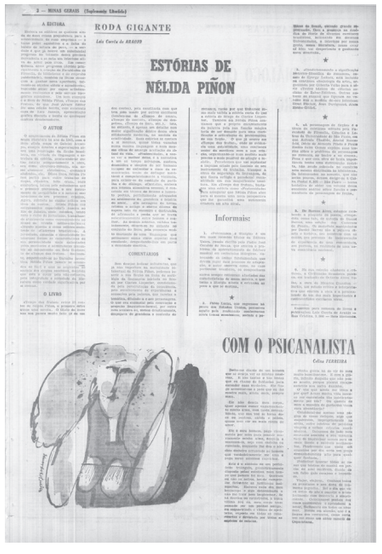
Para citar alguns exemplos da fase de Murilo Rubião: Eduardo de Paula ilustrou os poemas "O poeta mede a altura do edifício", de Affonso Romano de Sant'Anna e "Descante a Vila Rica de Marília", de Guilherme de Almeida; Márcio Sampaio os poemas "Grafito numa cadeira", de Murilo Mendes, "O espelho", de Henriqueta Lisboa e "A hora que chega", de Emílio Moura; Maria do Carmo Vivácqua Martins a tradução de Augusto de Campos do poema "Tomorrow and Tomorrow", de William Shakespeare, e o poema "Murilograma a Stéphane Mallarmé", de Murilo Mendes; Petrônio Bax o poema "Árvore", de Henriqueta Lisboa; Nello Nuno o artigo de Haroldo de Campos "Do livro de ensaios: galáxias"; Jarbas Juarez o conto "Docilidade", de Silviano Santiago; Chanina o artigo "O processo lírico em Emílio Moura", de Affonso Ávila; e Eliana Rangel, o poema "Em louvor do mestre Ayres", de Carlos Drummond de Andrade.

O segundo editorial do SLMG aparece no número 7, um mês depois de seu lançamento. Assinado pela redação do jornal, o texto "Marschner, o Suplemento e a mineiridade" seria uma espécie de resposta ao editorial do primeiro número, explicando em que consiste a feição mineira e a mineiridade que pregam a comissão de redação do jornal. Segundo o *Suplemento*:

> Referimo-nos à mineiridade, feita mito por uns, distorcida por outros, mas sempre um valor a que se necessita dar a exata medida, a correta significação. Estado de espírito, atitude crítica, postura existencial, o certo é que a mineiridade que João Guimarães Rosa definiu admiravelmente em "Aí está Minas: a mineiridade" [...] é o antídoto daquela mineirice acanhada e preconceituosa, que os humoristas tanto glosam. Se uma nos perde e descaminha, a outra – a verdadeira mineiridade, esta é uma atitude permanente do espírito nas suas perspectivas de reflexão e construção. (MINAS GERAIS, 1966, p. 1).

Voltando ao primeiro número, na segunda e terceira página a crítica e teoria literária se fazem presentes através da publicação de três textos sobre literatura escritos por importantes críticos da época. Na página dois, Fábio Lucas publica o artigo "A poesia renovadora" e na página três lê-se, na parte superior, o texto de Paulo Saraiva "O Alienista de Cosme e Velho I", sobre Machado de Assis. Na coluna "Roda Gigante", o texto de Laís, "Reexame de Alencar".

"Roda Gigante", na página três e de extrema relevância para o jornal, é a coluna semanal assinada por Laís Corrêa de Araújo, que estreia com o



RODA GIGANTE

Lá Corrêa de ARAÚJO

ESTÓRIAS DE NÉLIDA PIÑON

Informais

COMENTÁRIOS

COM O PSICANALISTA

Celso FERREIRA



RODA GIGANTE

Lá Corrêa de ARAÚJO

O ETERNO AMANUENSE

INFORMAIS:

COMENTÁRIOS

DADOS BIOGRÁFICOS DE CIRO DOS ANJOS

Duas páginas da coluna "Roda Gigante", assinada por Laís Corrêa de Araújo, n. 12 e 16.

artigo "Poesia de sempre: reexame de Alencar", em que a autora comenta a edição crítica de *Iracema*, feita por Cavalcanti Proença. A coluna de Laís, de crítica literária, era dividida em duas partes, "Roda Gigante" e "Informais", e permaneceu até o número 140, de maio de 1969.

Dividida em subtítulos ("a editora", "o autor", "o livro" e "comentários"), a coluna publicava a crítica de livros recém-lançados e foi responsável por revelar e divulgar o principal movimento editorial brasileiro e estrangeiro na época (1966–1969). Em "Roda Gigante" acompanha-se, por exemplo, a notícia e crítica dos livros *Tremor de terra*, de Luiz Vilela; *Tutaméia*, de Guimarães Rosa; *Paris é uma festa*, de Hemingway; do lançamento da antologia com vinte poemas de Maiakóvski, traduzidos pelos irmãos Campos; e de *Coração ferido*, de Cornélio Penna. Além disso, "Roda Gigante" também informava sobre os concursos literários, conferências e a atuação de intelectuais mineiros, como os cursos que uma boa parte deles ministrava no exterior naquela época.

Na segunda parte, intitulada "Informais", são noticiados, em pequenos parágrafos numerados e separados por signos gráficos, lançamentos e notícias literárias variadas, como recentes e futuras publicações de livros, lançamentos de revistas, antologias etc.

Personagem de destaque e de suma importância no *Suplemento*, Laís exerceu importantes funções no jornal. Além de responsável pela coluna "Roda Gigante", também organizava edições, se encarregava de fazer resenhas e críticas literárias, selecionava textos, traduzia, viajava, fazia entrevista e promovia encontros com importantes intelectuais nacionais e internacionais, como Roman Jakobson, Octavio Paz e Tvzetan Todorov.

A escritora foi também a primeira no Brasil a traduzir o conto "Todos os fogos: o fogo", de Julio Cortázar, publicado no SLMG em junho de 1968; e traduziu muitos intelectuais que representavam o pensamento crítico e literário então contemporâneo, como Michel Butor, Erza Pound, T.S. Eliot, Sartre, Roland Barthes, Gabriel Garcia Lorca, Mário Vargas Llosa e Jorge Luís Borges.

Em artigo publicado por Haydée Ribeiro Coelho, intitulado "Diversidade crítica e literária no *Suplemento Literário do Minas Gerais* (1966–1973): ruptura de fronteiras", tomando como ponto de partida os textos da escritora Laís Corrêa de Araújo na coluna "Roda Gigante", a pesquisadora ressalta o papel de Laís na divulgação da literatura produzida fora de Minas Gerais:

> Considerando alguns dos textos divulgados em 1969, por exemplo, verifica-se que, na primeira parte da coluna, aparecem resenhas sobre obras de autores brasileiros como: Gilberto Freyre, Murilo Mendes e poetas novos que escreviam em diferentes partes do Brasil. No âmbito internacional, salientem-se os estudos da poeta mineira sobre Pablo Neruda, Tennessee Williams, Umberto Eco, etc. Essa variedade de autores e de textos é suficiente para mostrar como Laís Corrêa de Araújo estava atenta às publicações nacionais, aos autores latino-americanos divulgados no Brasil, às traduções de textos estrangeiros e à produção poética de grupo novos. (COELHO, 2003/2004, p. 88)

Marido de Laís, o poeta de vanguarda Affonso Ávila já aparece na primeira edição do *Suplemento*. Na página quatro, lê-se o artigo "Sousândrade: o poeta e a consciência crítica", sobre o relançamento da obra poética do escritor, em edição organizada pelos irmãos Haroldo e Augusto de Campos. Affonso publicou poemas e artigos sobre literatura, traduziu textos de escritores latino-americanos e norte-americanos e organizou algumas edições especiais importantes, como as duas edições dedicadas ao barroco mineiro e a edição sobre Guimarães Rosa, publicada em

homenagem ao escritor de *Grande sertão: veredas*, que seis dias antes – 18 de novembro – falecera.

Se coube ao escritor Aires da Mata Machado Filho o contato e articulação com os escritores consagrados (a ala mais conservadora da intelectualidade belo-horizontina, como os irmãos Djalma e Moacyr Andrade, Eduardo Frieiro, Mário M. Campos), ao casal Affonso e Laís coube o diálogo com a vanguarda, articulando e organizando as publicações de escritores jovens e modernos, como as dos concretistas de São Paulo, do poema processo de Cataguases e as publicações da "Geração Suplemento". Graças ao casal, o *Suplemento* divulgou e discutiu a literatura brasileira e estrangeira que se produzia na época. Também na casa dos Ávilas recebiam-se escritores como os irmãos Campos, João Cabral de Melo Neto, a escritora portuguesa Ana Hatherly, Murilo Mendes e a escritora do *Noveau Roman* Nathalie Sarraute. Sérgio Sant'Anna, em entrevista, fala a respeito influência que teve do poeta:

> O Affonso Ávila influenciou o meu pensamento, minha obra não, até mesmo porque ele é um poeta e eu um ficcionista. Ele me dava força pessoal, achava legal o que eu escrevia e tinha coragem de criticar, falava assim: "Não, essa palavra não está bem", às vezes até frases... Eu me lembro muito bem que um dia, num boteco, eu disse: "Eles bebiam sopa todo dia" e ele disse: "Não, tomavam sopa". Quer dizer que coisa desse tipo ele fazia também, se dispunha a fazer. E o Affonso era relacionado com todo o pessoal da Poesia Concreta, com muita gente. E sempre foi muito generoso, quando passava alguém por lá, por exemplo, Murilo Mendes, ele dava uma festa, recebia na casa dele e convidava a gente também, que era para o escritor novo conhecer o Murilo Mendes. (SANT'ANNA, 2009, p. 140).

Sobre a participação de Affonso no SLMG, Humberto Werneck, também em entrevista, faz o seguinte depoimento:

> Ele dava mais ideias, ele fazia seleção de poesia numa certa fase, selecionava o material que chegava. [...] O Affonso era um poeta que a gente respeitava muito. Ele era um cara que em Belo Horizonte era o que os irmãos Campos e Décio Pignatari eram em São Paulo – a vanguarda. Ele foi importante para essa geração toda. (WERNECK, 2006, p. 220).

Além da intelectualidade da época, o *Suplemento* tornou acessível para os seus leitores, que eram muitas vezes pessoas sem ligação acadêmica, artigos famosos de e sobre literatura, escritos por autores de renome. Para citar alguns exemplos de textos já conhecidos da crítica literária, o SLMG publicou a conferência "Da inconfidência à antropofagia", de Oswald de Andrade, de quando esteve em Belo Horizonte, em 1944; o capítulo "Alvarenga Peixoto", publicado em *Formação da literatura brasileira* (1957), de Antônio Candido; e o fragmento "Cinco sonetos de Alvarenga", do livro *Vida e obra de Alvarenga Peixoto* (1960), de Manuel Rodrigues Lapa. Nesse artigo, o filólogo português fala sobre a reedição da obra de Alvarenga Peixoto e da inclusão, nela, de cinco manuscritos do poeta árcade, encontrados na Biblioteca Nacional. No texto, o leitor ainda é agraciado com a reprodução de três desses manuscritos.[2]

No número um do SLMG, em relação à literatura, além da crítica de Paulo Saraiva sobre Machado de Assis ("O Alienista de Cosme Velho"), lê-se a ficção de escritores de Minas contemporâneos, contistas e poetas. Vemos então a publicação do conto "Na rodoviária", de Ildeu Brandão, o poema "O passeio" de Celina Ferreira e de o "Bigode", de Libério Neves.

[2] Os textos inéditos publicados no SLMG serão abordados, mais especificamente, na próxima seção, que trata da literatura e crítica literária brasileira no SLMG.

3.1.1 Outras artes: artes plásticas, cinema e teatro

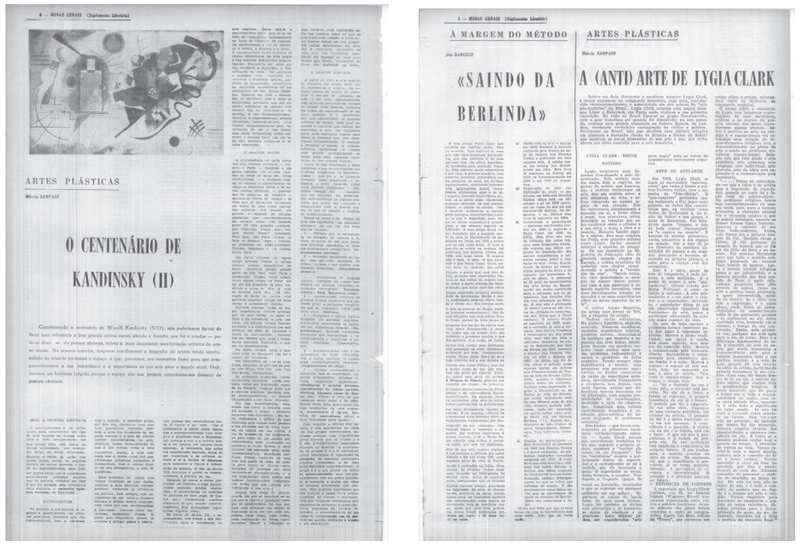
NA PRIMEIRA EDIÇÃO, as artes plásticas e a música ganham espaço nos textos de Márcio Sampaio. Na página cinco, sob o pseudônimo de M. Procópio[3], Márcio escreve artigo sobre o músico e compositor mineiro Arthur Bosmans. Na coluna "Artes Plásticas", escreve artigo sobre a arte em Ouro Preto: "Ouro Preto: dois séculos de arte". Assim como Laís, Márcio Sampaio exercia várias funções importantíssimas no jornal. O artista plástico ilustrava, redigia matérias e fazia revisão, além de ser o responsável pela parte gráfica e pelas ilustrações. Era ele quem selecionava e garimpava as ilustrações publicadas no jornal, e trouxe às páginas do *Suplemento* ilustrações como as de Álvaro Apocalypse, Chanina, Jarbas Juarez, Yara Tupinambá, Eduardo de Paula, Nello Nuno, Petrônio Bax, Henfil, Amilcar de Castro e Inimá de Paula.

Uma das mais longevas colunas do *Suplemento*, "Artes Plásticas", que circulou até o número 350, de maio de 1973, constitui verdadeira enciclopédia de artes visuais. Enquanto durou, é notável o diálogo e contato que estabeleceu entre o *Suplemento* e as novas gerações de artistas plásticos que surgiam em Minas, como a dos alunos da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e da Escola Guignard. Além disso, Márcio Sampaio, nessa coluna, publicou textos sobre Kandinsky, Mondrian, Lygia Clark, Lasar Segall , Marcel Duchamp, Tarsila do Amaral, Álvaro Apocalypse e Yara Tupynambá.

O cinema e o teatro eram também assuntos de pauta no SLMG. No primeiro número, na última página (p. 12), é publicada a matéria de Flávio Marcio, "Godard: carta de princípios", em que se veem, numa espécie de colagem, vários depoimentos do cineasta francês sobre sua arte e seus filmes. Ex-redator de uma coluna sobre cinema no *Diário de Minas*, Flávio Márcio assinou apenas quatro números sobre cinema no SLMG. Posteriormente, a seção seria assumida por vários outros colaboradores, alguns mais permanentes e outros com passagem mais efêmera.

A coluna de cinema, que geralmente se localizava na última página, discutiu e divulgou grande parte do cinema (estrangeiro e brasileiro) em voga na época, tratando dos temas mais variados. Destacam-se ainda os textos sobre a história do cinema mineiro: o cinema de Humberto Mauro, o CEC e o cinema novo de Belo Horizonte.

[3]Márcio Sampaio utilizou apenas três vezes o pseudônimo: duas em 1966 e uma em 1969.


ARTES PLÁSTICAS

O CENTENÁRIO DE KANDINSKY (II)

ARTES PLÁSTICAS

A MARGEM DO MÉTODO

«SAINDO DA BERLINDA»

ARTES PLÁSTICAS

A (ANTI) ARTE DE LYGIA CLARK

Duas páginas da coluna "Artes Plásticas", assinada por Márcio Sampaio, n. 15 e n. 20.

Para se ter uma ideia da diversidade de assuntos abordados, Marco Antônio Gonçalves de Rezende, que iniciou sua colaboração em outubro de 1966, permanecendo até agosto de 1967 (da edição n. 7 a 51), escreveu textos sobre o cinema polonês, sobre *O anjo exterminador*, de Buñuel, sobre o filme *Deus o diabo na terra do sol*, de Glauber Rocha, sobre o cinema de Humberto Mauro e sobre o desenho animado. Das colaborações importantes de Victor de Almeida – setembro de 1967 até março de 1968 (do número 55 ao 84), destacam-se os artigos que tratam do filme *Blow-up*, de Michelangelo Antonioni (adaptação do conto de Júlio Cortazar "Las babas del diablo") e do filme *Cinco Vezes Favela*, precursor do cinema novo brasileiro.

Carlos Armando, que colaborou de março a dezembro de 1969 (número 135 ao 171), escreveu uma crítica sobre o filme *2001: Uma odisseia no espaço*, de Stanley Kubrick, e também foi responsável por uma série de quatro números sobre o cinema de Fellini.

Com participação mais curta, Schubert Magalhães também escreveu os três números da série "Em busca de uma estética cinematográfica"; e Ricardo Gomes Leite assinou quatro artigos sobre cinema, dentre eles um que compara a obra de Glauber Rocha com a do cineasta francês Alain Resnais.

Assim como sua literatura, o cinema de Minas Gerais também se


MINAS GERAIS
suplemento literário
— BELO HORIZONTE —
SÁBADO, 5 DE OUTUBRO DE 1966
ANO I N. 6 — Preço Cr$ 120
BUÑUEL: O ANJO EXTERMINADOR
Marco Antônio Gonçalves de REZENDE
OS LIVROS MAIS VENDIDOS DA SEMANA
NACIONAIS
ESTRANGEIROS


GODARD: CARTA DE PRINCÍPIOS
Flávio MÁRCIO
MINAS GERAIS
suplemento literário
— BELO HORIZONTE — SÁBADO, 3 DE SETEMBRO DE 1966
FRANZ KAFKA

Artigo de Flávio Márcio sobre Godard (n. 1) e crítica de Marco Antônio Gonçalves de Rezende do filme O anjo exterminador, de Buñel (n. 6).

afirma na cena artística nacional. Os nomes dos mineiros Humberto Mauro e João Gonçalves Carriço se destacam pelo pioneirismo. Foi em Cataguases, em 1925, que Humberto Mauro iniciou suas primeiras filmagens e, em Juiz de Fora, João Carriço, em 1927, inaugurou o Cine Teatro Popular, fundando em 1934 a *Carriço Film*, produtora de cinema que produzia cinejornais e documentários.

Na década de 1950, o cinema mineiro ganharia mais fôlego ainda com a criação do famoso Centro de Estudos Cinematográficos (CEC), iniciativa dos críticos Cyro Siqueira, Guy Almeida, Fritz Teixeira Salles, Jacques Prado Brandão, entre outros. Criado em 1951, em Belo Horizonte, o CEC, que funcionava no auditório do Instituto Cultural Brasil–Estados Unidos e existe até os dias de hoje no cine Art-Palácio, exibia filmes todos os sábados, promovia cursos sobre cinema e fazia debates sobre os filmes exibidos.

A maior ressonância do CEC foi a criação da *Revista de Cinema* em 1954, que durou, intermitentemente, até 1964. Considerada uma das maiores publicações brasileiras sobre cinema, a revista teve colaborações de Silviano Santiago, Paulo Emílio, Silvyano Cavalcanti de Paiva e Mauricio Gomes Leal, e eram sempre assuntos de pauta o neorrealismo e a *nouvelle vague*. Para se ter uma ideia de sua importância, em 1962, ao visitar a redação da revista francesa *Cahiers de cinéma*, Silviano Santiago encontrou na


MINAS GERAIS
suplemento literário
— BELO HORIZONTE —
SÁBADO, 24 DE SETEMBRO DE 1966
ANO I N. 4 — Preço Cr$ 120
CONHEÇA ELIA KAZAN (II)
Flávio MÁRCIO
À MARGEM DO MÉTODO
BRECHT E STANISLAVSKI (II)
Jota DÂNGELO


MINAS GERAIS (Suplemento Literário)
O SONHO INSÍPIDO DO WESTERN ITALIANO
Marco Antônio GONÇALVES DE REZENDE
DA PARTICIPAÇÃO OBRIGATÓRIA (I)
Jota DÂNGELO

Artigos de Jota Dângelo: "À margem do método: Brecht e Stanislavski" (n. 4) e "Da participação obrigatória" (n. 12).

estante todos os exemplares da revista. Com o término da revista, muitos dos sócios do CEC migrariam suas colaborações para o *Suplemento Literário*.

No espaço dedicado às artes cênicas, cabia a Jota Dangelo a elaboração da maior parte dos textos. Dramaturgo do chamado "teatro de resistência" e pertencente à primeira fase do Teatro Universitário (TU) da UFMG, iniciou sua colaboração no SLMG já no segundo número, permanecendo até abril de 1967, e depois retornando somente em junho de 1969, com apenas uma colaboração.

Nos dezesseis artigos que escreveu lê-se a abordagem de assuntos de teor altamente políticos – muitas vezes é possível perceber um posicionamento de esquerda, contra o regime militar. Na edição número três do jornal, Jota Dangelo escreve sua primeira série, com cinco ensaios, "À margem do método: Brecht e Stanislavski", em que compara o Método do russo Stanislavski com as proposições do dramaturgo alemão e marxista Bertolt Brecht. Destacam-se também a transcrição de entrevista de Lee Strasberg e os textos sobre a situação do teatro no Brasil e em Belo Horizonte: "Da participação obrigatória I e II", que tratam da participação política do teatro enquanto arte que, apesar da censura e restrições a ela impostas, proporciona o debate.

Segundo Edmundo Novaes Gomes, o teatro de resistência é

> um movimento teatral e um conjunto de dramaturgos que se colocam contra o regime militar de 1964, são textos que enfocam a repressão à luta armada, o papel da censura, o arrocho salarial, o milagre econômico e a ascensão dos executivos, a supressão da liberdade, muitas vezes apelando para episódios históricos ou situações simbólicas e alegóricas (GOMES, 2013, p. 11).

Em Belo Horizonte os dramaturgos mais conhecidos que se inseriram nesse movimento são Jota Dangelo, Pedro Paulo Cava e Eid Ribeiro, artistas e encenadores que ainda se encontram em atividade.

3.1.2 Séries e entrevistas

RETORNANDO O NOSSO OLHAR para a primeira edição do jornal, também sobressaem as entrevistas – algumas seguidas de reportagens – que o jornal fez com alguns artistas e familiares. Na edição número um lemos a reportagem de Zilah Corrêa de Araújo, "Eduardo Frieiro no depoimento de sua esposa", em que aparece a entrevista feita com Noêmia Frieiro Pires, esposa de Eduardo Frieiro.

Zilah Corrêa de Araújo, irmã de Laís, assinando também o pseudônimo de Bárbara Araújo, foi encarregada de uma série que estabelecia o perfil de escritores e da vida literária a partir da perspectiva doméstica e familiar. Zilah permaneceu como redatora do SLMG até novembro de 1970. A série biográfica, além de poemas ou trechos de obras do escritor, estrutura-se, majoritariamente, em forma de entrevistas. A repórter perguntava sobre os hábitos de trabalho, afinidades literárias, hábitos domésticos e sobre a personalidade do escritor entrevistado, segundo alguma pessoa ligada a ele: familiar, amigo etc.

Na entrevista, Noêmia Pires Frieiro define o marido – o escritor Eduardo Frieiro – como "casmurrão de marca maior". E "Desigual nas suas reações afetivas: ora jovial e comunicativo, ora ríspido e ora alegre e bom camarada". Noêmia ainda diz que o escritor não gosta de receber cartas, mas que (como Mário de Andrade) responde todas, e "guarda tudo, bem colecionado" (FRIEIRO, 1966, p. 7). Ainda na mesma série de Zilah, o escritor Fernando Sabino, segundo depoimento de sua irmã, Luisa Sabino, não gosta de escrever cartas, mas "gosta muito de recebê-las" e "reclama-as pelo telefone, guardando-as todas com carinho" (SCHWARTZ, 1966, p. 7).

Dentre as reportagens feitas pela escritora, citamos: "Mário Matos no



4 — MINAS GERAIS (Suplemento Literário)

Emílio Moura em companhia de Alphonsus Guimaraens Filho, Miguel Torga e senhora, Domingos Carvalho da Silva, José Paulo Moreira da Fonseca, Adolfo Casais Monteiro e Cyro Pimentel

«As mãos se juntaram e fizeram a suplica desesperada;
De longe, porém, veio a noite e com ela as rozes
[e os pensamentos irremediáveis.
As mãos se desataram, os lábios emudeceram, só
[o coração ficou batendo, batendo,
ficou batendo de leve, como se fôsse pela última
[vez.
Estava só e triste.
De repente, porém, a noite se abriu e de dentro
[dela pularam gnomos e crianças,
pularam santos e poetas
Novamente as mãos se juntaram:
Hallel! Hallel! Halleluia!...

De «Poesia», pag. 109/10, 1953, José Olimpio

Se queremos identificar um mineiro típico, com características inconfundíveis, lembramo-nos imediatamente de Emílio Moura, impregnado da «mineiridades de que fala Guimarães Rosa. Com a vantagem, sôbre outros, de não ter emigrado. Pode também ter querido alçar vôo, asas frustras, porém, o impediram, algo mais forte retendo-o aqui: talvez a sua angústia, que é todo um tema de sua poesia, talvez as noites de Belo Horizonte, as suas estrêlas e as suas flôres (um grupo, uma vez, a deixar, em tardia hora, uma reunião literária e Emílio a convidá-lo, malgrado a distância, a vir a pé, «para aspirar o perfume das rosas e jasmins», quem sabe vislumbrar na noite ainda gnomos e crianças pulando e santos e poetas — há muita noite na poesia de Emílio Moura). Em aleluias à terra, talvez para não trazer o pó dos caminhos e manter o coração leve, leve, que é a impressão que nos dá do ser...

Aqui cheguei, ó Princesa,
ó Infanta que nunca vi
Surgi do fundo dos tempos,
corri terras, tantas terras,
para outras terras achar.
Podeis-me ver, ó Princesa!
Não trago o pó dos caminhos
nem nos olhos o que vi
Meu coração está leve,
está tão leve, tão leve,
tal e qual quando nasci...

Do "Cantar de outroras», idem, 119. idem.

EMÍLIO MOURA, no depoimento de seu filho ANTÔNIO LUIZ MOURA

Reportagem de Zilah Corrêa de ARAUJO

— Desde quando você conhece Emílio Moura com seu cigarrinho de palha na mão?

— Desde o dia em que minha curiosidade e minhas observações se transferiram do mundo das coisas, das aves e dos animais que me cercavam para o mundo das pessôas. Um dia a criança descobre que uma cadeira pouco difere de outra cadeira, que um gato é mais ou menos igual a outro gato, mas que o mesmo não acontece com as pessôas. Meu pai começou então a despertar a minha curiosidade com seu aspeto inconfundível: alto, de poucas palavras e de fala mansa, discreto, mas afetuoso. Eu achava engraçado vê-lo a picar o fumo de rôlo, aliar a palha e fazer o cigarro. Acreditava que só êle é que fazia aquilo. Os outros homens fiavam o cigarro, já pronto, de uma carteirinha.

— E como pintor, poeta e escultor?

— Até onde me é dado recuar as lembranças de minha infância, sempre o surpreendi, uma vez ou outra, a desenhar ou a escrever.

Quando eu e meus irmãos ainda éramos crianças, meu pai gostava de desenhar para nós. Lembro-me, por exemplo, de certas criações de Walt Disney que êle reproduzia em ampliações a côres e que nos transportavam a um mundo mágico a que já nos habituáramos. Outras vêzes, fazia caricaturas de parentes ou de pessôas amigas, e que muito nos divertia. Jamais, porém, se considerou pintor ou desenhista. Houve um período em que se entregou a trabalhos de escultura, como recurso terapêutico. Acontece que tomou gôsto e não fôra a falta de espaço em casa, talvez houvesse continuado. Foi pena, pois ficou patente sua aptidão e seu talento para a escultura. Se a houvesse cultivado, quem sabe? Acredito que seria, hoje, um escultor bem apreciável. Quanto a caricatura, até hoje ainda a pratica, de vez em quando.

Você perguntou também desde quando conheço meu pai como poeta. Aqui vai como descobri que êle o era. Um dia, durante uma aula do curso primário, a professora começou a falar-nos sôbre poesia. De repente, apontou-me e explicou à classe. "Nós temos aqui o filho de um de nossos poetas." Meus colegas buscaram-me com os olhos um tanto espantados. Quando cheguei em casa, desabafei: Como é que você não me aviasara que papai é poeta? Passei, hoje, uma vergonha enorme na aula.

— Outra pergunta, Antonio Luiz: Que fês seu pai de teus cadernos de crítica literária? Por que não os publica em livro?

— Parece que êle os esqueceu, de propósito. Nem gosta de falar nêles. Reconheço que não se achava preparado para o exercício da crítica. "Esta, diz êle, exige formação específica que não tive condições de levar a cabo."

Meu pai sempre se julgou com severidade.

— A que horas prática êle as suas artes?

— A luta pela vida nunca lhe permitiu reservar certas horas especiais para a arte ou a literatura. Creio que, devido a isso, sua atividade literária sempre foi episódica. Tem passado, às vêzes, longos períodos sem ter condições para o exercício dessa atividade. Entre o "Canto da Hora Amarga", por exemplo, e o "Cancioneiro", passou nove anos sem nada escrever. Creio que isso tem prejudicado sua obra literária que se ressente dessa descontinuidade. Como você sabe, não é por acaso que as palavras arte e literatura são femininas. Exigem dedicação contínua e rigorosa.

— Que acha dêle como professor?

— Fui seu aluno na Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG.

Meu pai me pareceu então um professor dedicado. Preparava bem as suas aulas e consegue despertar com facilidade o interêsse dos alunos.

Reportagem de Zilah Corrêa de Araújo feita com Antonio Luiz Moura, filho de Emílio Moura, n. 47.

depoimento de Maria, sua esposa", "Lúcia Machado de Almeida no depoimento de seu marido Antônio Joaquim de Almeida" e "Emílio Moura no depoimento de seu filho Antônio Luiz Moura".

Em carta de Lygia Fagundes Telles a Murilo Rubião, além dos elogios ao SLMG, lê-se a justificativa pelo atraso de envio do questionário enviado por Zilah:

> Antes de mais nada devo dizer-lhe que achei excelente os números do Suplemento Literário que você – foi você , não? – teve a lembrança de me enviar. A [Zilah] Corrêa de Araújo deixou-me umas perguntas a serem respondidas para uma entrevista mas só ontem terminei o roteiro e diálogos de um filme a ser feito, baseado no "Dom Casmurro"; o trabalho foi bárbaro, há um mês que não faço outra coisa; diga-lhe, por favor, que não esqueci. Na próxima semana ela receberá o questionário respondido. (TELLES. Carta a Murilo Rubião. São Paulo, 1969.).

Na última página do primeiro número é publicada também entrevista fictícia de Franz Kafka. Luís Gonzaga Vieira criou as perguntas e selecionou as repostas baseado em textos do escritor tcheco. Colaborador do jornal na época de Murilo, Luís Gonzaga publicou sua ficção e artigos sobre literatura. O contista escreveu sobre Henry Miller, Jean Paul Sartre, Luís de Camões e Machado de Assis. Concedida um ano antes de sua morte, em 1924, quando Kafka, então tuberculoso, se encontrava no sanatório de Kierlingm, a entrevista é um registro precioso e triste dos últimos momentos do autor tcheco – entregue à morte, descrente da vida e mesmo de sua literatura.

Quando perguntado sobre o seu livro *A metamorfose*, na entrevista inventada, Kafka, além de falar sobre a novela e sua literatura, discorre sobre sua família e sobre a morte:

> P: Como você explica *A Metamorfose*?
> R: Quero pensar que a natureza pode ser injusta nas suas manifestações vitais. A fragilidade de meu corpo diante dos outros corpos arrasta consigo o primeiro coque contra a família. Minha família me julga um intruso



Clarice Lispector, Humberto Werneck e outros no SLMG. Belo Horizonte, 24 agosto de 1968.

> e me repudia e convenceu então de que a morte, escolhida voluntariamente e solitariamente cumprida, é a única solução válida. O homem está condenado à morte. Depois também, eu transformei meu caixeiro viajante numa aranha repelente, para que houvesse nisso um sentido mais humano e chocante. Você vê, há homens que são menos do que aranhas e outros que são autênticas "arranhas". Eu me servi da coerência para exprimir o absurdo. (VIEIRA, 1966, p. 12).

Humberto Werneck e Carlos Roberto Pellegrino também foram responsáveis pela série "O escritor mineiro quando jovem", que durou de julho de 1969 a janeiro de 1970. A série continha entrevistas e depoimentos de escritores sobre a literatura atual, e teve como entrevistados Luiz Gonzaga Vieira, Sérgio Sant'Anna, Sebastião Nunes, Valdimir Diniz, Márcio Sampaio, Lázaro Barreto e Ronaldo Werneck.

Humberto Werneck realizou também, separadamente, algumas entrevistas e matérias memoráveis na história do *Suplemento*. Dentre elas destaca-se a reportagem "A literatura, segundo Clarice", de setembro de 1968, com a escritora Clarice Lispector. A autora, que já tinha publicado livros como *A maça no escuro* (1961) e *A paixão segundo G.H.*, vivia na época o seu *boom* literário. Ela própria confirma a sua repercussão extraordinária

e a influência que tinha nos novos escritores, lamentando-se disso: "eu lamento, viu, sinceramente. Tenho medo de que toda a minha literatura seja um equívoco. Acho que estou em moda. Eu não aprovo o meu tipo de literatura, não sou conivente comigo." (LISPECTOR, 1968, p. 9)

Werneck conta que a responsabilidade de entrevistar uma escritora como Clarice, tida como um "mito" para muitos de sua geração, fez com que ele perdesse o sono na véspera e que submetesse, inclusive, uma fotografia que o botou "de cabeça baixa sob o olhar intimidador da grande escritora" (WERNECK, 2011, p. 6).

Na reportagem de Humberto Werneck, sobre o estilo, estética e linguagem de Clarice Lispector, a escritora diz que se espanta quando lhe perguntam como é que consegue escrever "tão diferente":

> é como se eu fosse manca e dissessem: como você consegue mancar? quando todo o esforço é para não mancar. Escrevo assim porque é o meu jeito, e quando digo isso estou me colocando numa posição de observação em relação a mim, e já é uma posição falsa, porque fica parecendo que sou diferente. Escrever é um dos meu atos, como falar, comer, andar, e tem forçosamente de ser como sou. Escrever é um ato natural, assim como ter um filho é um ato natural. Mas dói, não é? O problema não é se vale a pena escrever: tem-se que. Um exercício de aprender, uma maneira de ser: escrever não é literatura, e nem exige uma compensação. (LISPECTOR, 1966, p. 8).

Em entrevista concedida a Denise Gomes, Humberto Werneck narra como conheceu Murilo, como começou a trabalhar na Sala Carlos Drummond de Andrade e quais eram suas principais funções no jornal:

> Aos 23 entrei no jornalismo de maneira absolutamente casual, pela porta da literatura. Murilo Rubião tinha julgado um concurso de contos da Faculdade de Direito no qual tirei o primeiro lugar, em 1966, e me mandou um livro dele que tinha saído no ano anterior, *Os dragões e outros contos*, com uma dedicatória simpática. Fiquei orgulhosíssimo e fui conhecê-lo. Naquele mesmo ano, Murilo criou o Suplemento e me convidou a colaborar, o que fiz a partir de 1967. Em maio de 1968, me chamou para trabalhar na redação do SLMG, e fiquei lá até me mudar para São Paulo, em maio de 1970. No Suplemento eu escrevia reportagens e entrevistas, redigia notas. (WERNECK, 1994, p. 159)

Além de Humberto Werneck e Carlos Roberto Pellegrino, também foi igualmente importante para o *Suplemento*, na época de Murilo, a colaboração de Jaime Prado Gouvêa. Já tendo sido publicado anteriormente, Jaime entra oficialmente como redator do *Suplemento* no final de 1969, substituindo Paulo Gonçalves da Costa. Jaime, que passou por várias fases no *Suplemento* e hoje é o seu superintendente, conta que começou a trabalhar no jornal como revisor e que já passou por cinco fases diferentes do jornal:

> Eu entrei cinco vezes e saí quatro do SLMG. Entrei em 1969 e saí em 1971, para trabalhar no *Jornal da Tarde*, de São Paulo; voltei em 1972 e saí em 1975, ao me formar em Direito; em 1983, quando o Murilo foi empossado como Diretor da Imprensa Oficial, ele voltou a me chamar para o jornal, onde permaneci até 1986, saindo na mudança de governo; em 1994, o SLMG – que até então pertencia à Imprensa Oficial –, passou para a Secretaria de Estado da Cultura, e a então Secretária Celina Albano me convocou para dirigi-lo, mas dois meses depois houve outra mudança de governo e eu saí de novo. Até aqui, como eu era funcionário do Estado, lotado na então Procuradoria Geral – atual Advocacia Geral do Estado –, era fácil a minha convocação, pois podia ficar à disposição de outro Órgão. Em 2009, por fim, já estando aposentado como funcionário público, o Secretário de Cultura Paulo Brant voltou a me convocar, tendo sido mantido no cargo pela atual Secretária, Denise Parreiras. [...] Comecei como revisor, tarefa que dividia com o poeta Adão Ventura, mas o Murilo nos dava liberdade para fazer o que a gente quisesse, desde, é claro, que ele aprovasse. Por isso, fora a revisão,

> eu só fazia o que me deixava à vontade. (GOUVÊA, 2013, ver Anexo)

Como explica Murilo Rubião em entrevista, o objetivo do *Suplemento Literário* "era divulgar o trabalho de novos talentos, principalmente de jovens escritores que não tinham espaço para divulgar seu trabalho e os escritores já feitos que também tinham seu espaço como colaboradores". Passando por todas as fases e superintendentes, desde a sua primeira edição, a fidelidade do SLMG a esse projeto literário e artístico que nasceu em Murilo Rubião, seu criador, idealizador e primeiro diretor, persistiu durante os 47 anos de vida da publicação, e em mais de mil edições publicadas. O seu atual diretor diz o seguinte sobre a atuação de Murilo Rubião no *Suplemento:*

> O Murilo era bastante centralizador, o que considero natural, pois comandava um bando de jovens, e à sua discreta maneira, supervisionava tudo. Com seu prestígio no meio literário nacional e sua amizade com os grandes da época, entre eles Drummond, Francisco Iglésias, Fernando Sabino e muita gente boa mais, conseguia preciosas colaborações deles e as publicava entremeadas com os trabalhos dos mais novos, mantendo um nível alto, renovador e arejado. (GOUVÊA, 2013, ver Anexo)

Ele admite também que tenta herdar as principais características do escritor e seu primeiro diretor:

> Eu tento aplicar o que aprendi com o Murilo, fazendo uma publicação digna e no nível mais alto que nossas possibilidades permitam, divulgando o melhor da literatura junto com os primeiros passos de quem está iniciando, como o velho "Teleco fez conosco". (GOUVÊA, 2013, ver Anexo)

Neste quase meio século de circulação, foi graças a Murilo e ao aprendizado que passou para os seus sucessores que muitas das diretrizes do seu primeiro editorial continuam fieis da sua primeira edição até a última. Seguindo a linha de seu texto de apresentação, passando por várias fases e diretores, o *Suplemento*, continua cedendo espaço aos jovens e aos consagrados, à criação artística, à crítica, garantindo nas suas páginas o universal e o local.

3.2 Literatura e crítica literária brasileira no Suplemento (1966-1969)

QUANTO ÀS ABORDAGENS TEÓRICAS, o *Suplemento Literário do Minas Gerais* nos remete às revistas ou suplementos literários enquanto arquivos de cultura e, por consequência, da literatura e crítica da época. Como os arquivos que guardam documentos, nas páginas do jornal também se encontram arquivadas a memória cultural, política e ideológica que se deu no Brasil e no mundo durante a segunda metade dos anos 1960. Memória marcada, sobretudo, por uma grande agitação e revolução no pensamento e na cultura do homem moderno, mas ao mesmo tempo por um retrocesso político e por um sentimento de alienação demográfica (etária e social).

No mundo, ao mesmo tempo em que se assistia à descolonização dos países africanos e à revolução de Cuba, também vivíamos tempos de guerra (Vietnã, a Guerra Fria), de assassinatos de importantes figuras políticas (John Kennedy, Martin Luther King, Che Guevara) e de ditadura e repressão (sobretudo nos países latino-americanos). No campo ideológico, os movimentos das barricadas e a Primavera de Praga em 1968, a revolução sexual e o feminismo são acompanhados pelo movimento *hippie* e a descoberta de novas drogas. Na música, o lançamento do álbum *Sgt. Pepper's*, dos Beatles; o rock de Bob Dylan, Velvet Underground e The Doors. No cinema, o *Cahiers de cinéma* e a *nouvelle vague* francesas. Quanto à literatura, Jean Paul Sartre, Miguel Ángel Asturias, Yasunari Kawabata e Samuel Beckett recebem o prêmio Nobel.

No Brasil, em 1964 implanta-se a ditadura com o golpe militar e, em 1968, assiste-se ao endurecimento do regime com o decreto do Ato Institucional n. 5. A censura e a repressão política, embora não sejam as únicas explicações, servem de caminho para entendermos o movimento cultural brasileiro pós-1964 e, mais especificamente, a literatura e crítica brasileira. O cinema de Glauber Rocha – que em 1967 lançava o filme *Terra em transe* – e de Rogério Sganzerla; o teatro de vanguarda no Brasil, com os grupos Oficina, Opinião e Arena; na música, os reis do iê-iê-iê, os festivais de música popular brasileira e a imposição da televisão como meio cultural por excelência (em 1965, cria-se a Rede Globo), o alvoroço causado pela guitarra elétrica e o movimento Tropicália.

Trata-se de um período cuja produção cultural e intelectual é particularmente marcada pelo contexto político de repressão – servindo para uma política seja de alienação, como é o caso das pornochanchadas e da música brega, ou de questionamento e crítica, como é o caso dos filmes de Glauber Rocha, da literatura marcada pelo realismo (fantástico ou jornalístico) ou do movimento Tropicália. Heloísa Buarque de Hollanda diz que as artes produzidas nos anos 1960 foram marcadas principalmente pela tensão "entre o experimentalismo de abertura internacional e o engajamento pedagógico de acento nacional-populista" .No entanto, o antagonismo entre essas duas frentes, segundo a mesma autora, era "bem mais estratégico do que real" (HOLLANDA, 2004).[4]

3.2.1 Poesia brasileira

SEGUNDO Affonso Romano de Sant'Anna, a poesia brasileira a partir de 1950 foi orientada por dois conceitos: o de vanguarda e o de revolução popular. Para ele, os movimentos poéticos entre 1956–1967 podem ser interpretados como uma espécie de nova Semana de Arte Moderna. "Como entre 1922 e 1930 surgiram vários grupos e revistas, entre 1956 e 1967/1968, pelo menos seis grupos ocuparam a cena: concretismo, neocontretismo, práxis, tendência, violão de rua, poema-processo". (SANT'ANNA, 2013, p. 34).

No contexto da poesia brasileira, o concretismo se caracterizou pela antítese das tendências literárias surgidas na década de 1940 e também, de acordo com Alfredo Bosi, o movimento propôs "atitudes peculiares ao modernismo de 22" (1997, p 531). Em 1952, Décio Pignatari, Haroldo e Augusto de Campos lançam a revista-livro *Noigandres,* e logo outros poetas integraram-se ao movimento, como os cariocas José Lino Grünewald, Ronaldo Azeredo, Wlademir Dias-Pino e o maranhense Ferreira Gullar. Em dezembro de 1956, acontece a Exposição Nacional de Arte Concreta, realizada no Museu de Arte Moderna de São Paulo. E em fevereiro de 1957, a mesma exposição foi transferida para o Rio de Janeiro. Segundo Augusto, Haroldo de Campos e Décio Pignatari, no plano piloto que escreveram para a poesia concreta, o concretismo é o:

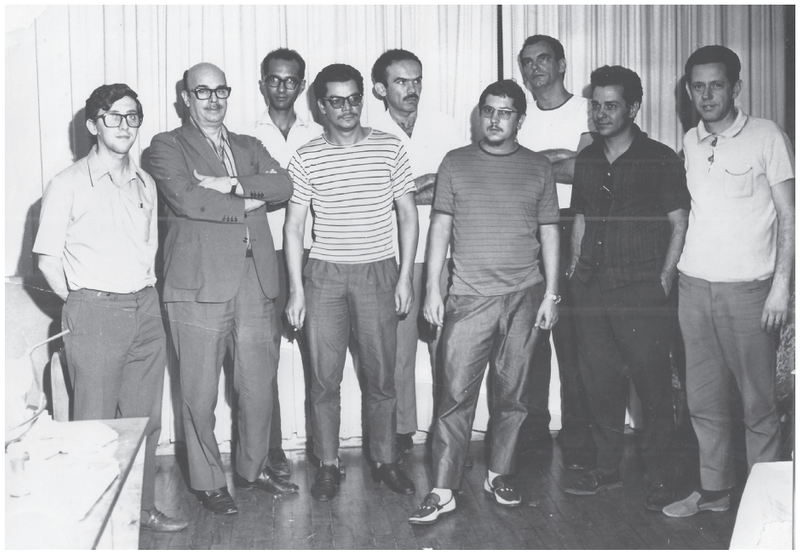
> Produto de uma evolução crítica de formas, dando por encerrado o ciclo histórico do verso (unidade rítmico-formal), a poesia concreta começa por tomar conhecimento do espaço gráfico como agente estrutural. Espaço qualificado: estrutura espácio-temporal, em vez de desenvolvimento meramente temporístico-linear. Daí a importância da ideia de ideograma, desde o seu sentido geral de sintaxe espacial ou visual, até o seu sentido específico (fenollosa/Pound) de método de compor baseado na justaposição direta-analógica, não lógico-discursiva. (CAMPOS; CAMPOS; PIGNATARI, 1958).

Em 1958, ocorre a primeira cisão, com a separação do grupo do Rio de Janeiro (Ferreira Gullar e Reinaldo Jardim), que criarão o neoconcretismo, "rebelando-se ao racionalismo e à matemática da composição",[5] e se dedicando a uma poesia participante e de cunho popular. O Neoconcretismo recusa a proposição do poema como "objeto útil", integrado às formas da sensibilidade e da vida moderna, e a consequente concepção do poema como "não-objeto", isto é, como experiência que inclui a participação construtiva do leitor, por meio da interação física com o poema, da manipulação dos seus materiais e, sobretudo, da subjetividade.

Consoante com a dissensão neoconcreta, no início de 1962, nasceria o movimento da Poesia Práxis. O seu marco de fundação foi a publicação do livro *Lavra-lavra*, de Mário Chamie, em que aparece como posfácio o "Manifesto didático", primeiro documento teórico sobre o movimento.

[4] HOLLANDA. *Descobertas, sonhos e desastres nos anos 60*. Disponível em: <www.heloisabuarquedehollanda.com.br>.

[5] No livro *Experiência neoconcreta,* Ferreira Gullar conta como foi a ruptura que teve com os concretistas paulistas. Segundo o escritor: "No SDJB continuamos a publicar poemas e artigos dos membros dos dois grupos. Até que, em junho de 1957, Haroldo nos enviou um artigo intitulado 'Da fenomenologia da composição à matemática da composição', em que defendia a tese de que, a partir de então, a poesia concreta seria feita segundo equações matemáticas. Considerando que aquilo era inviável, telefonei a Augusto, dizendo que não podia subscrever semelhante teoria. Sua resposta foi que eu então procedesse como me parecesse melhor, pois eles não desistiriam daquela tese. Em face disto, escrevi um texto que foi publicado ao lado do de Haroldo, com o seguinte título: 'Poesia concreta: experiência intuitiva' assinado por mim, Bastos e Reynaldo Jardim. Este artigo marcou a ruptura dos dois grupos. Não obstante isso, mantivemos o suplemento aberto à colaboração do grupo paulista, sem quaisquer restrições, inclusive aos artigos em que criticavam nossa posição. Mas chegou um momento em que eles mesmos deixaram de colaborar por sua livre e espontânea vontade" (GULLAR, 2007, p. 24–25).



Márcio Sampaio, Murilo Rubião, Sebastião Nunes, Henry Corrêa de Araújo, Affonso Ávila entre outros na casa de Affonso Ávila. Março de 1968.

Totalmente contrário à poesia concreta da primeira fase, o poema-práxis ou instauração práxis é considerado como uma tentativa de síntese ou compromisso entre as duas maiores tendências da poesia dos anos 1960: a "participação social" e a "vanguarda" – em outras palavras, o formalismo pragmático. Como boa parte da poesia "engajada" da década de 1960, a Poesia Práxis denuncia a injustiça social e a necessidade catártica da consciência burguesa ilustrada nos anos de chumbo do Brasil. (TELLES, 1984, p. 400).

Considerado como um desdobramento do grupo dos concretistas de São Paulo, em dezembro de 1967, é inaugurado oficialmente, no Rio de Janeiro e em Natal, o movimento poema-processo, Lançado por Moacy Cirne, Wlademir Dias-Pino, Álvaro de Sá e Neide Dias de Sá. Mais tarde, aderem-se ao grupo os mineiros de Cataguases, com a organização, em 1968, da primeira Exposição de Poesia Concreta de Cataguases, com participação de todo o grupo Totem: Ronaldo Werneck, Ivan Rocha, Joaquim e Aquiles Branco, Sebastião Carvalho, dentre outros.

O poema-processo, ao contrário da poesia-práxis (que pouco figurou no SLMG), marcou presença assídua nas páginas do jornal. Moacy Cirne, Wlademir Dias-Pino, Álvaro de Sá, Neide Dias de Sá, José Arimathéa, Sebastião Carvalho e Joaquim Branco escreveram para o *Suplemento*. Em



Affonso Ávila, Ildeu Brandão, Décio Pignatari e Murilo Rubião no SLMG. *Belo Horizonte, maio de 1968.*

setembro de 1969, o grupo ganhou uma edição especial, organizada por Joaquim Branco. O escritor Joaquim Branco, no período de diretoria de Murilo Rubião, além de correspondente com ele, teve uma colaboração assídua no jornal, publicando catorze poemas e, em maio de 1969, o artigo "A Nova arte", sobre o poema-processo e a revista *Ponto*.

A presença dos poetas de Belo Horizonte também merece destaque na história da poesia brasileira, como é o caso de Affonso Romano de Sant'Anna, Libério Neves, Affonso Ávila e Laís Corrêa de Araújo, que – tendo em vista suas peculiaridades estéticas – mantinham uma relação mais próxima aos movimentos de poesia de vanguarda que surgiam no Brasil, como é o caso dos concretistas de São Paulo.

A aproximação dos concretistas com os mineiros inicia-se na revista *Tendência* (1957–1962), em que, no número quatro, é publicado o dossiê intitulado "Diálogo Tendência-Concretismo" e o texto de Haroldo de Campos "A poesia concreta e a realidade nacional". Em 1963, Affonso Ávila e Affonso Romano de Sant'Anna organizam em Belo Horizonte a Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, na reitoria da UFMG.

Laís Corrêa de Araújo, que tinha publicado os livros *Caderno de Poesia* (1951), *O signo e outros poemas* (1955) e *Esfinge clara* (1955), em 1967 publicaria o livro de poemas *Contochão*, que lhe rendeu, em 1965, o prêmio de

Poesia Cidade de Belo Horizonte. Affonso Ávila, que já era autor de *O açude* (1953), *Sonetos de Descoberta* (1953), *Carta do Solo* (1961) e *Frases feitas* (1963), em 1969 publica o livro *Código de Minas & Poesia Anterior*, que consolidaria sua poesia nacionalmente, recebendo muitos elogios por parte da crítica. Em entrevista, Affonso diz que *Código de Minas* foi o livro que lhe "deu condições de chegar num ranking de destaque na poesia brasileira" (ÁVILA entrevistado por MARQUES, 2004, p. 15). O crítico Júlio Castañon considera *Código de Minas* "um dos grandes livros da poesia contemporânea brasileira" onde Affonso "realizou uma excepcional aliança entre uma perspectiva político-social e uma elaboração construtiva" (CASTAÑON, 2003).[6]

Além de colaborarem no *Suplemento* (com textos críticos, organizando edições, publicando poemas), também se lê no jornal a crítica de outros escritores sobre a poesia do casal. Affonso Romano de Sant'Anna publica em 1967 o artigo "*Cantochão*: a construção poética", em que assinala o amadurecimento poético da escritora nos últimos dezesseis anos até chegar a *Cantochão*. Segundo Affonso o livro é a "abertura para os problemas exteriores e ordinários, correspondendo a um enriquecimento semântico e formal da obra que passa a captar vestígios da ambiência da autora" e que sob o aspecto formal do livro "existe toda uma inventiva dentro do livro que vai muito além da mera manipulação dos recursos catalogados pelo concretismo" (SANT'ANNA, 1967, p. 1).

Silviano Santiago também escreve em março de 1970 a crítica "Ahs! e silêncio", segundo a qual "a negação do discursivo e aceitação do justaposto" é uma grande originalidade do *Código de Minas*. Para Silviano, o poeta criaria uma "série de versos que nada mais são do que reproduções infiéis de um original, preservado condignamente em algum museu" (SANTIAGO, 1970, p. 1–2).

Ainda na década de 1960, os poetas Affonso Romano de Sant'Anna e Libério Neves iniciaram em Belo Horizonte a carreira literária. Em 1965, Libério Neves lança seu primeiro livro, *Pedra Solidão*, pela Imprensa Oficial de Minas Gerais – que um ano atrás fora vencedor do Prêmio Cidade de Belo Horizonte. Em 1968, publica o livro *O ermo*, também pela IOMG e premiado. O poeta, natural de Buriti Alegre (Goiás), teve um espaço

[6] A lógica particular do poeta. *Jornal do Brasil online*, 13 set. 2003. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/aavila01.html#julio>.

significativo no *Suplemento*, seja a partir de artigos sobre sua poesia ou de colaborações autorais, como poemas – muitos inéditos, como "Bigode", publicado na primeira edição do jornal.

Affonso Romano, que já somava algumas colaborações na revista *Tendência*, em 1965 publica o seu primeiro livro, *Canto e Palavra*, que, segundo o escritor, é uma "tentativa de romper a dualidade entre forma e conteúdo, entre Cabral / concretismo e CPC / Vinícius de Moraes" (SANT'ANNA, 2013, p. 32). Na época que Murilo dirigiu o *Suplemento*, o poeta foi convidado para lecionar Literatura Brasileira no exterior, primeiro na Universidade da Califórnia e depois em Iowa. Para o *Suplemento*, Affonso, da Universidade da Califórnia, enviou o "O poeta mede a altura do edifício", fragmento do poema "Empire State Building", e de Iowa escreveu o poema "Para Carlos Drummond de Andrade: On Time and River".

No SLMG, Affonso Romano de Sant'Anna também escreveu um artigo sobre o concretismo brasileiro. Nos dois textos que completam a série "Concretismo: consequências e perspectivas da poesia brasileira", o escritor considera que o movimento concretista foi o grande referencial para a poesia brasileira da década de 1960 e, consequentemente, para os novos grupos literários de poesia que estavam se formando. Segundo o autor:

> A poesia brasileira de hoje vive referencialmente em torno do movimento concretista. Contra ou a favor, mas sempre revelando suas marcas que escaparam do campo literário e foram à técnica de publicidade, aos cartazes, paginação de livros e jornais e até à música popular. Funcionou verdadeiramente a observação de Maiakovski de que certos poetas agem como usina geradora, fornecendo a energia que vai abastecer outros que vão transformá-la em luz. A esses beneficiadores da energia, os concretistas chamam de simples "diluidores". [...]
> Vários poetas mais novos, mesmo alguns da geração 45 (o último livro de Lêdo Ivo é exemplo claro), exibem as marcas concretistas. Todas as revistas dos grupos literários importantes têm referência histórica ou estética com a matriz paulista. O grupo *Praxis* (são Paulo) com a revista do mesmo nome e publicação de vários poetas menores, além de seu criador Mário Chamie,

> articula uma teorização complicadíssima que não consegue renovar suas origens concretistas; o grupo *Tendência* (Belo Horizonte) tem o poeta Affonso Ávila que sem ser concretista persegue uma poesia cada vez mais exata, simples onde a "temperatura informal do texto" seja a máxima dentro de um semantismo de duplicidade local e universal. Na mesma cidade dois grupos mais jovens ainda, *Veredas* e *Ptyx* manifestam-se como tentativas pessoais das proposições concretistas. (SANT'ANNA, 1967, p. 6)

Quanto aos escritores já firmados e que se renovam, em 1968, Carlos Drummond de Andrade lança *Boitempo*, e Murilo Mendes, *A idade do serrote*. Os dois escritores, já então consagrados, mereceram críticas de seus livros no SLMG. Em fevereiro de 1969, Laís Corrêa de Araújo escreve, na seção "Roda Gigante", o texto "Surrealismo em Murilo Mendes?". E em agosto de 1969, José Guilherme Merquior publica dois artigos intitulados "Notas em função de *Boitempo*". Nele, além de uma análise de *Boitempo*, o autor considera a poesia de Murilo Mendes e Drummond como as duas grandes vozes mineiras da poesia modernista – a poesia dos dois, para Merquior, é o "suporte de uma metamorfose profunda do lirismo modernista", inaugurando nos últimos livros (*A idade do serrote* e *Boitempo*) "um novo segmento evolutivo, onde a ampliação poética prometida pelo modernismo encontraria seu pleno cumprimento". (MERQUIOR, 1969, p. xx).

Em 1966, João Cabral de Melo Neto publica *A educação pela pedra* e *Morte e vida Severina* – merecendo no jornal crítica de Augusto de Campos, sobre o primeiro livro. O poeta Manuel Bandeira em 1966 publica *Estrela da vida inteira*, obra poética completa, incluindo traduções. No *Suplemento*, além de colaborar com o poema "Sonho de uma terça-feira gorda" (BANDEIRA, 1967, p. 6) – publicado anteriormente no livro *Carnaval* (1919) –, em 19 de outubro de 1968, uma semana após a morte do escritor, é lançada edição especial no *Suplemento* em sua homenagem.

Num balanço recente que o escritor Affonso Romano faz sobre os dois movimentos literários que nortearam a poesia brasileira na década de 1960 – o experimentalismo e a poesia "engajada" – o escritor conclui que:

> Assim eu diria que as propostas da época, de ambos os lados, ou fracassaram ou foram superadas. Como disse certa feita: num certo momento a poesia brasileira avançou graças àquelas vanguardas; num outro momento, teve que avançar a despeito das mesmas vanguardas. Daí que algumas lições ficaram: o verso não acabou; o visual é apenas um dos atributos, entre tantos da poesia, e não o seu destino; a poesia com poucas palavras não é necessariamente melhor que a poesia dita discursiva; nos anos 70 / 80, o poema longo voltou a ter lugar; ninguém controla a história, ela não é linear, há várias historias simultâneas e contraditórias. (SANT'ANNA, 2013, p. 33).

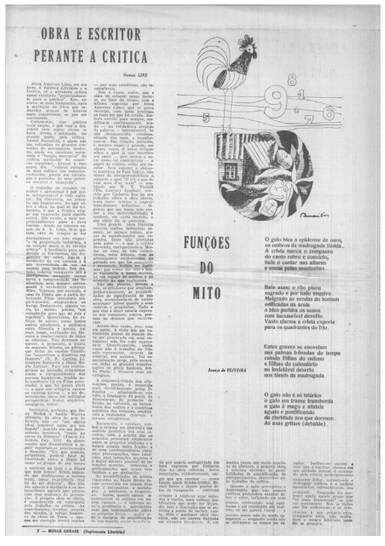
3.2.2 Ficção

NA FICÇÃO BRASILEIRA, o naturalismo e a parábola funcionam como resposta à censura e caracterizaram grande parte da produção literária da época. Cabe à literatura e não mais aos jornais (já que a informação na imprensa era controlada) a denúncia do autoritarismo político e a função de "informar" sobre realidade brasileira. Mesmo que de forma indireta – como é o caso do realismo fantástico de José J. Veiga e do livro *Incidente em Antares*, de Érico Veríssimo – ou direta (naturalismo) – nas viagens biográficas, no romance-reportagem, no texto memorialista e na literatura-verdade (com depoimentos de políticos, presos e exilados) –, a literatura brasileira parece ter como alvo e interlocutor a censura e o contexto político, e como referencial, o biográfico e social.[7]

No *Suplemento*, em março de 1967, Laís Corrêa de Araújo publica crítica na seção "Roda Gigante" sobre o livro de José J. Veiga, *A hora dos ruminantes* (1966, Ed. Civilização Brasileira). No artigo, intitulado "Os Bois e nós", Laís chama atenção para o surgimento das estórias-parábolas na literatura brasileira, e diz que o escritor José J. Veiga, ao contrário de Geraldo Mello Mourão e Fernando Correia da Silva – que também se destacavam no gênero – apresenta uma fábula "sem artifícios", numa realização "mais amadurecida e menos fabricada" (ARAÚJO, 1967, p. 3).

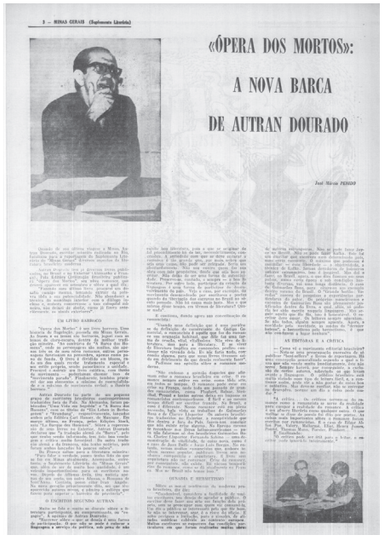
Em maio e junho de 1968, Heitor Martins publica crítica no SLMG

[7] SÜSSEKIND. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários e retratos*. No livro, a autora faz um panorama crítico da literatura produzida no Brasil nos anos de 1964–1985.



OBRA E ESCRITOR
PERANTE A CRITICA

FUNÇÕES
DO
MITO



«ÓPERA DOS MORTOS»:
A NOVA BARCA
DE AUTRAN DOURADO

Crítica de de José Márcio Penido (n. 51, ago. 1967) do livro Ópera dos Mortos, de Autran Dourado, e texto de Osman Lins (n. 102, ago. 1968) "Obra e escritor perante a crítica".

"*Quarup* e *Pessach*", comparando os livros *Quarup*, de Antonio Callado, e *Pessach*: *a travessia*, de Carlos Heitor Cony. No texto, apesar de *Quarup* ser descrito como um "romance que anda com os próprios pés" e *Pessach* como "uma construção artificial", em comum, os livros refletem o estado de alma da esquerda brasileira após os acontecimentos militares de 1964 e, segundo o crítico, fazem parte do gênero romance de formação, com caráter propagandista (MARTINS, 1968).

No viés memorialístico, Autran Dourado em 1967 publica o livro *Ópera dos Mortos*, atingindo o sucesso com os leitores a crítica literária, a partir de suas novas experiências de metaliteratura e de sua simultânea atividade de crítica e criação. No *Suplemento*, além da publicação de três contos do autor, o livro *Ópera dos mortos* mereceu cinco críticas. Dentre elas, a de Maria Lúcia Lepecki, que considera o livro um dos maiores romances, senão o maior, dos últimos tempos. *Ópera dos mortos* é "obra que vive em si mesma". Já o pernambucano Osman Lins em *Nove, novena* (1966) inaugura em sua prosa o experimentalismo técnico. Além de publicar no *Suplemento*, com colaborações tanto críticas quanto literárias, Nelly Novaes Coelho escreve crítica sobre o livro *Guerra sem testemunhas* (1969), de Osman Lins – também este frequente colaborador do jornal.

Quanto ao gênero conto, nos anos 1960, também surgiu um tipo de literatura que, segundo Alfredo Bosi, é chamada de "brutalista", caracterizada pela tônica na agressividade da vida nas grandes cidades. Nessa linha, destacam-se os contistas da "Geração Suplemento" e os contistas sulistas, como é o caso de Caio Fernando Abreu e Dalton Trevisan e, no Rio de Janeiro, os contos de Rubem Fonseca, que retratam os marginais cariocas, executivos em férias e a prostituição de luxo. No *Suplemento*, seja no espaço reservado à crítica ou publicando sua ficção, todos esses contistas que se formaram figuraram em suas páginas. Na edição n. 71, de janeiro de 1968, por exemplo, foram publicados quatro contos do escritor Dalton Trevisan: "Três mistérios", "O leão", "No sétimo dia" e "Retrato de Katie".

Ainda, Guimarães Rosa publica em 1967 o seu último livro, *Tutaméia*, assumindo em seguida (depois de adiar por quatro anos a cerimônia de posse) a cadeira na Academia Brasileira de Letras. No *Suplemento*, uma semana após a morte do escritor, foi publicada uma edição especial, organizada por Affonso Ávila, sobre o escritor: *Guimarães Rosa: sua hora e vez*. Com oito páginas, contou com colaborações de Carlos Drummond de Andrade, Antônio Cândido, Benedito Nunes, José Lins do Rêgo, Paulo Rónai, Afonso Arinos de Melo Franco, Sérgio Milliet.

Na prosa, Clarice Lispector também foi discutida nas páginas do jornal. Em 1964, a escritora publicou *A legião estrangeira* e *A paixão segundo G.H.* e, em 1969, o livro *Aprendizagem dos prazeres*. Convidada pela Livraria do Estudante, a escritora fez uma visita a Belo Horizonte e à redação da sala Carlos Drummond de Andrade, em setembro de 1968, que rendeu, como se sabe, a entrevista feita por Humberto Werneck. Laís Corrêa de Araújo, na seção "Roda Gigante", escreve o artigo "A paixão é a linguagem", com crítica da reedição do livro *A paixão segundo G.H.*, pela Editora Sabiá. No artigo, segundo Laís, Clarice Lispector pode "ser uma preparação a Guimarães Rosa, ou vice-versa". Na seção "Roda Gigante", Laís alega que Clarice faz a "transcriação fonética do mundo" e ainda acrescenta que "viver muitos fatos nem sempre é a maneira de viver, a nossa biografia não é montada apenas a partir de um passado e um presente, a identidade não se resolve na posse de um retrato 'ao olhar o retrato eu via o mistério'". (ARAÚJO, 1969, p. 10).

3.2.3 Critica literária

NA HISTÓRIA DA CRÍTICA literária brasileira, os anos 1940 e 1950 são marcados pela evidente tensão entre dois tipos de crítica: a de rodapé e a universitária. De um lado, o "homem de letras", que tinha como principal veículo o jornal –por isso, formalmente, sua crítica oscila entre a crônica e o noticiário, é de leitura fácil e apresenta um diálogo estreito com o mercado editorial contemporâneo. Dentre os seus representantes, os maiores nomes são Sérgio Buarque de Holanda, Sérgio Milliet, Otto Maria Carpeaux, Mário de Andrade, Nelson Werneck Sodré e, talvez o mais significativo, Álvaro Lins. E de outro, em sintonia com os primeiros formandos das faculdades de filosofia no Brasil, surge o crítico *scholar*, ligado à especialização acadêmica, cuja divulgação de sua crítica se dava pelo livro ou/e (como acontecia e acontece na maioria das vezes) para os seus espelhos: a cátedra. Os seus maiores representantes são, sem dúvida, Antonio Cândido (com sua crítica dialética e sociológica) e Afrânio Coutinho (com uma crítica mais estética).

As décadas de 1960 e 1970 são, para os estudos literários, "anos universitários", em que a crítica literária feita por *scholars* cresceu no Brasil, atingindo seu auge nos dias atuais. Nos anos 1960, a ampliação da classe média urbana, o crescimento da população universitária e o desenvolvimento do mercado editorial foram os responsáveis pela grande procura de análises e explicações sobre literatura (SÜSSEKIND, 2002).

É nessa época que os críticos brasileiros conhecerão o formalismo russo e o estruturalismo tcheco. As vanguardas internacionais e as tendências críticas estrangeiras tornaram-se acessíveis, por meio de estudos e traduções, como é o caso da obra de Todorov, Jakobson, Ezra Pound – que foram, inclusive, traduzidos no SLMG.

A partir daí, o espaço dedicado à crítica nos jornais se torna cada vez menor, sendo restrito a poucos suplementos ou revistas literárias, enquanto a crítica acadêmica ganha forças. Mesmo os suplementos eram o resultado da crítica nacional gerada pelas Faculdades de Filosofia, Ciências Humanas e Letras – como é o caso do *Suplemento do Estado de São Paulo*, dirigido por Décio de Almeida Prado de 1956 a 1967, e do *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil* que, sob direção de Reinaldo Jardim, teve como colaboradores Ferreira Gullar, Augusto e Haroldo de Campos, Décio Pignatari, José Guilherme Merquior e Mário Faustino.

Ao invés de uma crítica puramente acadêmica e veiculada tão somente ao meio universitário, e sem excluir a qualidade exemplar dos textos e redatores (como Laís, Affonso Ávilla, Aires da Mata Machado), pode-se dizer que a redação do *Suplemento Literário do Minas Gerais* produziu uma crítica classificada como de rodapé. Apesar de não excluir a colaboração exercida pelos *scholars* e sem esquecer a importância na história da literatura desses textos – na época de Murilo como diretor, o *Suplemento* publicou também os textos dos irmãos Campos, Antonio Houaiss, Afrânio Coutinho, Antônio Candido – a crítica, quando se trata da comissão de redação, era feita, prioritariamente, pelos "homens de letras".

O *Suplemento* era impresso em altas tiragens e vendido nas bancas de jornal. O alcance que tinha aos leitores comuns fez com que se produzisse também um jornal com texto de linguagem clara e dinâmica, mas rica e informativa, muitas vezes acessível a qualquer tipo de leitor. O *Suplemento*, didaticamente, tratou de temas universais da literatura e da cultura, como, por exemplo, a literatura brasileira e portuguesa estudada no Ensino Médio. Mesmo os textos de Laís Corrêa de Araújo mantinham uma organicidade (o autor/editora/ o livro) que os situavam e tornavam mais claro o seu entendimento.

Como se pode perceber, como grande parte dos escritores e intelectuais brasileiros, inúmeros críticos literários colaboradores do SLMG figuram no cenário atual da literatura e crítica brasileira. O *Suplemento* deu também espaço para as colaborações críticas de Silviano Santiago, Affonso Romano de Sant'Anna, Fábio Lucas, José Guilherme Merquior, Maria Luiza Ramos, Osman Lins, Nely Novaes Coelhos e muitos outros que ainda fazem parte do cenário nacional das letras.

Aliás, talvez seja essa a qualidade maior do *Suplemento Literário do Minas Gerais:* a sua atualidade e, ainda, o seu pioneirismo. Quando muitos escritores e artistas plásticos estavam começando no cenário cultural brasileiro, ou até, muitas vezes, bem antes de se tornarem renomados, o SLMG dirigido por Murilo Rubião deu-lhes espaço e confiança. Os seus redatores e colaboradores, que fizeram parte da chamada "Geração Suplemento" ou "OS novos", estão em plena forma no cenário literário nacional – Luiz Vilela, por exemplo, recentemente publicou o livro de contos *Você verá* (2013), Sérgio Sant'Anna publicou *Páginas sem glória*, Jaime Prado Gouvêa é hoje superintendente do *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Libério Neves acaba de lançar uma antologia de poemas organizada por Fabrício Marques e Humberto Werneck escreve semanalmente sua coluna no jornal *Estadão.* Ainda, alguns escritores que se encontravam em plena efervescência na época, como é o caso de Augusto e Haroldo de Campos, Autran Dourado, Clarice Lispector e Guimarães Rosa, não deixaram

de ter seu espaço no jornal. Não se pode excluir, obviamente, a presença da literatura e da cultura que já eram consagradas à época, como é o caso de Álvaro Lins, Antônio Candido, Afrânio Coutinho, Emílio Moura, Carlos Drummond de Andrade, Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti e Humberto Mauro.

O *Suplemento Literário,* na época de Murilo Rubião, em 1966 a 1969, foi simultaneamente precursor e acessível. Precursor no sentido de abrir espaço para a arte nova, para a arte que surgia e até mesmo para que ia surgir. E acessível por analisar e disponibilizar de forma didática e rica vários textos imprescindíveis para qualquer interessado em cultura e literatura. O *Suplemento Literário do Minas Gerais* merece ser destacado aqui pela sua bibliografia – os textos produzidos, literários ou não, pelos seus colaboradores –; pela sua história, que amadureceu, divulgou e foi marcada pelo contato com vários artistas, e pela sua recepção no meio intelectual e, principalmente, fora dele. O SLMG ainda vive sob a sombra de Murilo Rubião: em quase todas as diretorias e de diferentes maneiras tentou-se ser fiel às diretrizes que foram estabelecidas desde 3 de setembro de 1966: o lugar aos novos e aos consagrados, ao universal e ao local, a literatura e às outras artes.

> *Só um pensamento me oprime: que acontecimentos o destino reservará a um morto se os vivos respiram uma vida agonizante? E a minha angústia cresce ao sentir, na sua plenitude, que a minha capacidade de amor, discernir as coisas, é bem superior à dos seres que por mim passam assustados. Amanhã o dia poderá nascer claro, o sol brilhando como nunca brilhou. Nessa hora os homens compreenderão que, mesmo à margem da vida, ainda vivo, porque a minha existência se transmudou em cores e o branco já se aproxima da terra para exclusiva ternura dos meus olhos.*
>
> Murilo Rubião, *O pirotécnico Zacarias*, 2010.

PRECURSOR DO GÊNERO realismo fantástico, na literatura brasileira e na latino-americana, Murilo Rubião publicou apenas 33 contos, número consoante à concisão – na linguagem e na temática – de sua literatura. Somente por isso, Murilo Rubião já merece uma atenção especial dos estudos literários e de seus leitores. Porém, entrelaçada à atividade literária, também considerada uma *obra*, Murilo criou, idealizou e dirigiu o *Suplemento Literário de Minas Gerais*, na época chamado de *Suplemento Literário* do *Minas Gerais*, uma vez que era encarte desse jornal, sendo impresso na Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais. O SLMG existe até hoje, completa 48 anos de vida em três de setembro de 2014, e durante este quase meio século de existência, desde o seu início, o jornal publica e discute o movimento cultural e, principalmente, literário que esteve e está em voga.

Esta dissertação de mestrado objetivou estudar o *Suplemento Literário do Minas Gerais*, no período de 1966 a 1969, seus primeiros anos, a partir do arquivo de Murilo Rubião e de sua atividade como secretário do jornal nessa época. Neste recorte, procurei narrar a história do jornal e de seus personagens, definir suas principais características – linha editorial, estrutura, aspecto gráfico – e apresentar um pouco da literatura e crítica que se produziu no SLMG durante suas 172 edições. Embora não se exclua, de maneira nenhuma, a riqueza bibliográfica que está presente em suas páginas, o *Suplemento Literário do Minas Gerais* é um jornal que não se limita a ser utilizado apenas como fonte primária para os estudos de literatura, cultura, política e sociedade – ele merece ser estudado e investigado por si só: pela sua história, pela sua estrutura, pelos seus personagens e, principalmente, pela sua repercussão na história da cultura e literatura brasileira e, mais especificamente, no estado de Minas Gerais.

Segundo Marcus Vinícius de Freitas, no estudo sobre o jornal *Aurora Brasileira* (1873–1875):

> um periódico, ainda que legitimamente permaneça como fonte para a história social, a sociologia, a política, a história da educação, a história da literatura, a história da ciência e para outras áreas do conhecimento, cada vez mais deve ser visto ele mesmo como literatura e como agente no espaço cultural e não apenas como fonte de outras ordens do conhecimento. (FREITAS, 2011, p. 15)

Dessa forma, a partir de 1966, num período marcado por agitações políticas e pela efervescência cultural e de ideias, o *Suplemento* dirigido por Murilo participou e teve estampada em suas páginas parte dessa transformações por quais passaram não só o País, mas o mundo.

Segundo Roxana Patiño, as revistas e jornais literários apresentam três tipos de discursos: o amplificador, o modernizador e democrático:

> Dinamizadoras das instâncias de ampliação, modernização e democratização de um campo cultural hegemonizado pela cultura livresca, as revistas – bem como os suplementos literários – têm sido decisivas na expansão do circuito restrito da produção cultural. Como discurso *amplificador*, institui, divulga e codifica o que circula nestes circuitos demarcados do intercâmbio literário, como discurso *modernizador*, atualiza e antecipa as novas agendas problemáticas que, posteriormente, passarão à sua instância reprodutora nos grandes circuitos de difusão da cultura (a academia, os meios de difusão massiva, a indústria editorial, etc). Como discurso *democratizador*, possibilita a circulação de textualidades opostas e alternativas aos discursos unidirecionais de uma institucionalidade autoritária, dentro de um determinado estado de hegemonia cultural. (PATIÑO, 2009, p. 450–460)

Nesse sentido, pode-se entender o *Suplemento Literário* como produtor desses três tipos de discursos. Como discurso *amplificador*, o jornal foi responsável pela divulgação e publicação de autores consagrados e novos, concedendo espaço valioso a escritores então no início de suas carreiras, como Luiz Vilela, Sérgio Sant'Anna, Libério Neves, Sebastião G. Nunes, Adão Ventura. Percebe-se também a divulgação da literatura latino-americana no Brasil – decorrentes das publicações de textos traduzidos ou a partir de ensaios sobre as obra publicadas por esses escritores.

Como discurso *modernizador*, encontramos, além dos novos escritores, questionamentos sobre papel do intelectual, bem como os debates acerca de tendências da poesia, como o concretismo. No discurso *democratizador*, o *Suplemento Literário* chegou a mais de 200 municípios mineiros, foi lido não apenas em Minas, mas no Brasil e no mundo, divulgou textos ousados – como o verso de Affonso Romano de Sant'Anna, na primeira página, chamando o prédio do Empire State de "pênis maior do mundo" – num contexto em que o país vivia a ditadura militar.

Os textos publicados em revistas também apresentam uma produtividade diferente e apontam para o registro mais próximo de um momento da cultura e da literatura daquela época. Assim, o arquivo do jornal SLMG permite a leitura de uma nova literatura brasileira que despontava no período de 1966 a 1969. Nas matérias veiculadas pelo periódico, lê-se uma nova literatura brasileira, marcada pelo surgimento de escritores – Sérgio Sant'Anna, Luiz Vilela, Jaime Prado Gouvêa – que ainda são lidos e consagrados pela crítica e pelos circuitos literários de hoje, e registra-se o fortalecimento de um gênero literário: o conto. Além disso, vê-se a divulgação da literatura produzida fora do Brasil, principalmente dos escritores latino-americanos e do gênero fantástico, que se confirma com a publicação de textos de Gabriel García Márquez e Júlio Cortazar.

O *Suplemento Literário do Minas Gerais* surgiu num momento em que o espaço dado à literatura e à cultura nos jornais se encontrava cada vez mais escasso – na época apenas dois outros suplementos circulavam no País. Num contexto de recessão política e das liberdades individuais, sobretudo nos países da América Latina e em Portugal, o *Suplemento* foi um importante e raro espaço que os intelectuais encontraram para exporem sua arte e opiniões políticas quase que livremente.

Além de seus colaboradores, que enviavam por correspondências seus textos, a comissão de redação do *Suplemento* debateu, questionou e promoveu a cultura que estava em voga na época. A atuação do *Suplemento* no movimento cultural brasileiro e sua repercussão e abertura para as principais tendências estéticas que surgiam na época se deveram muito ao time que formou e realizou o jornal, ou seja, a sua comissão de redação e à direção de seu secretário Murilo Rubião.

Assim, Jota Dângelo publicou textos sobre o teatro político que surgia em Belo Horizonte, sobre Bertolt Brecht e Stanislavski. Flávio Márcio tratava sobre o cinema de Godard, Michelangelo Antonioni e Luís Buñuel. Nas artes plásticas, também se falava sobre Lygia Clark, Kandinsky, Mondrian e Amilcar de Castro. Zilah Corrêa de Araújo, Humberto Werneck, Carlos Roberto Pellegrino e Jaime Prado Gouvêa elaboravam reportagens e entrevistas com importantes escritores brasileiros, como Clarice Lispector e Rubem Fonseca.

O casal Laís Corrêa de Araújo e Affonso Ávila soube muito bem unir a tradição e a vanguarda no *Suplemento*. Além de estabelecerem o contato com intelectuais como Murilo Mendes, Haroldo e Augusto de Campos, Décio Pignatari, Clarice Lispector, Tzvetan Torodov e Roman Jakobson, organizaram notáveis edições especiais, realizaram entrevistas e redigiram artigos sobre a literatura e crítica literária. Affonso Ávila escrevia sobre a poesia de Sousândrade, fazia traduções, organizava a edição sobre a arte e literatura barroca produzida em Minas e ainda recebia crítica sobre sua literatura. Laís, membro oficial da comissão de redação, era responsável pela coluna semanal "Roda Gigante", em que exercia a crítica do principal movimento editorial, nacional e internacional, que circulava no Brasil no período de 1966 até dezembro de 1969, e foi responsável pela organização das edições especiais dedicadas aos novos escritores que surgiam no estado de Minas Gerais, promovendo e dialogando com a literatura latino-americana e a vanguarda poética portuguesa.

A redação do jornal, instalada na Sala Carlos Drummond de Andrade, foi, sobretudo na sua primeira década, um ambiente efervescente e um espaço de discussão, convivência, amadurecimento e troca entre os escritores novos e consagrados, principalmente aqueles residentes em Belo Horizonte. Essa convivência, já existente e parte da tradição da história literária de Minas, trouxe à literatura brasileira o surgimento de outros escritores criados e crescidos em Minas que repercutem até hoje no cenário das letras brasileiras. Conhecidos como "Os novos" ou como "Geração Suplemento", frequentaram e colaboraram no SLMG os poetas Libério Neves, Adão Ventura, Sebastião Nunes, os contistas Jaime Prado Gouvêa, Luiz Vilela, Sérgio Sant'Anna, Wander Pirolli e Humberto Werneck.

Nas artes visuais, o jornal contava quase sempre, ao lado de um texto crítico ou literário, com a ilustração de artistas plásticos, bem como uma pequena biografia sobre o artista. Assim como na ficção, o *Suplemento* abriu suas páginas para a colaboração de artistas que surgiam no cenário plástico de Minas Gerais, muitos deles alunos da Escola Guignard, como Álvaro Apocalypse, Chanina, Eduardo de Paula, Nello Nuno, Petrônio Bax, Eliana Rangel e Maria do Carmo Vivácqua Martins.

No aspecto global, o *Suplemento* teve um significativo papel nas traduções de textos nas mais diversas línguas, entre elas a inglesa, espanhola, francesa, tcheca, russa, italiana e alemã. Além da tradução exercida pelos seus redatores, merecendo destaque ao papel de Laís, Affonso Ávila, Jaime Prado Gouvêa e Humberto Werneck, o *Suplemento* foi precursor na publicação da tradução de poemas e contos que hoje são pertencentes ao cânone literário, feitos por intelectuais de renome como João Cabral de Melo Neto, Haroldo e Augusto de Campos, Henriqueta Lisboa e Abgar Renault.

Consoante ao contexto cultural do final de 1960, ainda vale destacar as colaborações dos poetas Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto e dos poetas de Cataguases pertencentes ao poema-processo. Na prosa, os escritores já consagrados como Guimarães Rosa e Clarice Lispector ganham discussão no SLMG. Já os escritores que iniciavam sua carreira na época, como os contistas Dalton Trevisan, Samuel Rawet, Osman Lins e José J. Veiga, pertencentes a diferentes tendências literárias, também publicaram no jornal textos inéditos e importantes para história literária brasileira pós-1964. Nesse contexto literário, além de inúmeras críticas sobre o livro *Ópera dos Mortos*, de Autran Dourado, também vale ressaltar a crítica sobre os livros de Antonio Callado e Carlos Heitor Cony, *Pessach* e *Quarup*, respectivamente. Do exterior, muitos intelectuais brasileiros também exerceram crítica e literatura no periódico, como é o caso de Silviano Santiago, Affonso Romano de Sant'Anna e Luiz Vilela.

Na América Latina, o *Suplemento* fez, por exemplo, uma reportagem / entrevista com Mário Vargas Llosa, traduziu contos de Gabriel García Márquez, Julio Cortázar, Javier Villafañe, Vicente Huldobro, Octávio Paz e Miguel Angel Astúrias. Em Portugal, que vivia sob o regime ditatorial salazarista, o *Suplemento* estabeleceu um diálogo profícuo com a literatura de vanguarda portuguesa, recebendo, inclusive, a visita e correspondência dos poetas Ana Hatherly e E.M. de Melo e Castro.

Na história do *Suplemento Literário de Minas Gerais*, além do sucesso que recebeu da crítica e dos principais intelectuais brasileiros e estrangeiros, ganhando inclusive prêmios, o periódico teve, durante muitos anos, um alcance inédito que ia para além de seus espelhos e chegava aos leitores comuns. Único jornal do país que chegava a mais de duzentos municípios de Minas Gerais, o *Suplemento* era lido nas repartições públicas, nas escolas municipais, pelos estudantes de letras e pelos amantes das artes e literatura. No *Suplemento Literário do Minas Gerias,* quando dirigido por Murilo, organizaram-se também importantes eventos, como a participação de sua redação no primeiro Festival de Inverno em Ouro Preto, lançamentos de edições como o livro de Affonso Ávila *Resíduos Seiscentistas em Minas* e a organização da exposição Arte Jovem de Minas.

É importante considerar que, apesar de ser um suplemento vinculado ao Diário Oficial do estado de Minas Gerais, o *Suplemento* sempre teve um posicionamento crítico contra o regime militar vigente. Essa afirmação é corroborada não somente pela colaboração que o SLMG recebeu, mas pela atuação de sua comissão de redação. No *Suplemento* publicaram-se resenhas de livros inexistentes (prática corriqueira na época para delatar os censores); Marco Antonio Gonçalves e Flávio Márcio escreveram sobre os filmes brasileiros que eram lançados, como *Terra em Transe* e *Cinco vezes favela*; Jota Dângelo redigiu os artigos sobre o teatro político brasileiro e Laís Corrêa de Araújo, ao tratar da literatura latino-americana, denunciou o contexto político, econômico e social de recessão e atraso que viviam os países da América Latina, entre eles o Brasil.

Diferentemente dos primeiros anos, que, devido ao governo de Israel Pinheiro e a atuação de Paulo Campos Guimarães como diretor da Imprensa Oficial, tiveram uma maior abertura e liberdade, sem que se enfrentassem os censores, em 1968 e 1969 a ditadura e o provincianismo mineiro começaram, ainda que timidamente, a atingir a redação do *Suplemento Literário do Minas Gerais.* Laís Corrêa de Araújo, como atesta em depoimento concedido a Marília Andrés Ribeiro, sai do SLMG no final de 1969, quando Israel Pinheiro deixa o governo e em seu lugar é nomeado o governador Rondon Pacheco. A partir daí o *Suplemento* passaria a ser mais visado, o que culminaria em diversas crises políticas. Rui Mourão foi impedido de exercer o cargo de diretor do SLMG e Ângelo Oswaldo sofreu fortes ameaças e hostilidades da ala mais conservadora da Academia Mineira de Letras e da imprensa marrom de Belo Horizonte. Na gestão de Mário Garcia de Paiva e Maria Luiza Ramos, as duas edições dedicadas ao conto,

que já tinham sido organizadas por Ângelo Oswaldo, sofreram cortes, e em 1975, quando dirigido por Wander Piroli, o *Suplemento* pela primeira vez teve a circulação de suas edições interrompida.

Murilo Rubião secretariou e chefiou a Comissão de Redação do *Suplemento Literário do Minas Gerais* até 17 de dezembro de 1969. A partir da edição número 173, ele passa a exercer o cargo de Chefe do Departamento do Minas Gerais da Imprensa Oficial. A atuação do escritor como diretor do SLMG, o caráter agregador que tinha em relação às diversas gerações de escritores, incluindo as novas, o papel como "embaixador das letras" não só em Minas, mas no Brasil – ou seja, a figura polivalente e dinâmica de Murilo Rubião foi indispensável para o Suplemento no passado e no presente, e para os intelectuais da época, muitos em início de carreiras que se estendem até a atualidade.

Em bilhete deixado na Sala de Redação Carlos Drummond de Andrade por Roberto Pellegrino, quando ainda não era redator do jornal, em 1967, o jornalista expressa a gratidão dessa geração de escritores formada na redação do *Suplemento* – como Jaime Prado Gouvêa e Humberto Werneck – a Murilo Rubião. Para Pellegrino, Murilo é a "hora exata", "a porção do fermento que necessitamos para crescermos na árdua caminhada que escolhemos" (PELLEGRINO, 1967).

Hoje, com a redução significativa dos espaços nas revistas e jornais culturais impressos, a divulgação e discussão da literatura e crítica literária migrou para o meio digital ou universitário. Em um país em que a literatura é usada pela massa apenas como citação ou em que se lê majoritariamente *best sellers* e livros de autoajuda, é explicável, sem deixar de lamentar, a significativa mudança que sofreu o SLMG nos últimos anos, principalmente quando comparado com os tempos áureos dirigidos por Murilo Rubião.

O *Suplemento*, apesar de contar com uma ótima equipe de redação – além de Jaime Prado Gouvêa, há um conselho editorial formado por Eneida Maria de Souza, Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Carlos Wolney Soares e Fabrício Marques, e o projeto gráfico do jornal é assinado por Plínio Fernandes – e com colaboradores importantes – Augusto de Campos, Arnaldo Antunes, Augusto de Campos, Caetano Veloso – tem no entanto pouca representatividade no cenário cultural brasileiro. Atualmente, a periodicidade do SLMG é apenas bimestral, sua tiragem foi reduzida para 15 mil exemplares e ele ainda é muito pouco lido pelos estudantes de Letras. As dificuldades burocráticas por que passa o *Suplemento*



Murilo Rubião em Madri, 1958.

hoje também são inúmeras, desde a falta de profissionais especializados e de uma comissão de redação até a verba irrisória que é fornecida pela Secretaria de Cultura de Minas Gerais – o que, talvez, justifique a sua invisibilidade no cenário cultural.

Ainda e por causa desses poréns, o *Suplemento* é louvável pela sua resistência. Não apenas por sobreviver durante tantos anos, com mais de mil edições publicadas e somando quase meio século de vida, mas por ainda divulgar a literatura nova e por manter a sua qualidade.

Segundo Jaime Prado Gouvêa, se o "*Suplemento* ainda resiste vivo porque a alma dele, que era o Murilo, ainda nos dirige" (GOUVÊA, 2013, ver Anexo). Graças ao escritor de livros fantásticos e ao aprendizado que

proporcionou a seus sucessores, muitas das diretrizes do seu primeiro editorial permanecem de sua primeira edição até as atuais. Seguindo a linha de seu texto de apresentação, presente na primeira edição do SLMG e nas várias fases e diretores que passou, o Suplemento continua cedendo espaço aos jovens e aos consagrados, à criação artística e à crítica, garantindo nas suas páginas a multidisciplinaridade, o universal e o local, a tradição e a vanguarda.

Referências

Suplemento Literário do Minas Gerais

ALCIDES, Sérgio. O Suplemento visto por seus autores nos dias de hoje. *Suplemento Literário de Minas Gerais.* Belo Horizonte, n. 1337, jul/ago 2011. Edição Especial dedicada aos 45 anos do Suplemento Literário. p. 13.

ALMEIDA, Guilherme. Descante a Vila Rica de Marília. Ilustração: Eduardo de Paula. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3, n. 72, jan. 1968, p. 12.

ALMEIDA, Joaquim Antonio de. Lúcia Machado de Almeida no depoimento de seu marido Antônio Joaquim de Almeida. Entrevista a Zilah Corrêa de Araújo. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 22, n.22, jan. 1967, p. 6.

ALMEIDA, Márcio. Poesia de vanguarda em Minas: dados para situação e análise. *Suplemento Literário*. Belo Horizonte, v. 11, n. 510, p. 3, 26 jun. 1976.

ALMEIDA, Victor de. Blow-up: uma interpretação. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3, n. 72, jan. 1968, p. 8.

ALMEIDA, Victor de. Importância de Cinco Vezes favela. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n 56, set. 1968, p. 8.

ANDRADE, Carlos Drummond de Andrade. A doce música mecânica. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 6, n.272, p. 1, nov. 1971. Edição especial dedicada aos 80 anos da Imprensa Oficial.

ANDRADE, Carlos Drummond de Andrade. Em louvor do mestre Ayres. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 165, out. 1969, p. 1.

ANDRADE, Vera Lúcia. A trajetória fantástica de Murilo Rubião. *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Secretaria de Estado de Cultura, n. 20, dez. 1996, p. 3-7.

APOCALYPSE, Álvaro. Diálogo com Álvaro Apocalypse. Entrevista a Márcio Sampaio. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 1, n. 12, nov. 1966, p. 4.

ARAÚJO, Henry Corrêa. "Caetano Veloso ou o compositor substitui o poeta escritor". *Suplemento Literário*. v. 3, n. 96, Belo Horizonte, 29 jun. 1968, p. 2.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. A paixão é a linguagem. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3, n. 109, set. 1968, p. 10–11.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. De nôvo o "Tremor de terra". *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.2, n. 64, nov. 1967, p. 7.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. Hemignway presente. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 48, jul. 1967, p. 7.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. Jean-Genet ou A lúcida crucificação pelo pecado. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.3, n.101, ago. 1968, p. 10–11.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. No domínio do possível (tudo é...). *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.1, n.18, dez. 1966, p. 3.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. O coração ferido do homem. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 67, dez. 1967, p. 7.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. O pesado vazio das belas imagens. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3, n.86, abr. 1968, p.10-11.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. Os bois e nós. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 30, mar. 1967, p. 3.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. Poesia de Maiakovski. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 62, nov. 1967, p. 7.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. Primavera negra. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 32, abr. 1967, p. 3.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. Reexame de Alencar. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.1, n. 1, set. 1966, p. 3.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. Surrealismo em Murilo Mendes? *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.4, n. 128, p. 14-15, fev. 1969.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. Tutaméia, só? *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 56, set. 1967, p. 7.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. Umberto Eco e a estética do nosso tempo. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 133, mar. 1969, p. 10–11.

ARAÚJO, Olívio Tavares de. A respeito de literatura no curso médio (I, II, III). *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.2. n. 57, 58 e 59, set/out. 1967, p. 2.

ARMANDO, Carlos. Stanley Kubrick: um cineasta no espaço. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 140, maio 1969, p. 6–7.

ARMANDO, Carlos. Um novo olhar sobre o cinema de Fellini (I, II, III e IV). *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 167, 168, 169 e 170, nov/dez. 1969, p. 12.

ANDRADE, Oswald de. Da inconfidência à antropofagia. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3, n. 85, abr. 1968, p. 3.

APOCALYPSE, Álvaro. Diálogo com Álvaro Apocalypse. Entrevista a Márcio Sampaio. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 1, n. 12, nov. 1966, p. 4.

ASTÚRIAS, Miguel Angel. O boi. Trad. Iris Barboza Mello. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.2, n. 69, dez. 1967, p. 4-5.

ÁVILA, Affonso. Edgar Allan Poe. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.1, n.3, set. 1966, p. 6.

ÁVILA, Affonso. O processo lírico em Emílio Moura. Ilustração: Chanina. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 138, abr. 1969, p. 9.

ÁVILA, Affonso. Sousândrade: o poeta e a consciência crítica. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.1, n. 1, set. 1966, p. 4.

BARRETO, Lázaro. Lázaro Barreto: a literatura contra o automatismo. Entrevista a Humberto Werneck e Carlos Roberto Pellegrino. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 162, out. 1969, p. 10–11.

BILHARINHO, Guido. Visão de Edgar Allan Poe. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.3, n. 108, set. 1968, p. 3.

BORGES,Jorge Luís. A loteria em Babilônia. Trad. Carlos Roberto Pellegrino e Humberto Werneck. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 161, p. 4–5, set. 1969.

BORGES, Jorge Luís. Eternidade. Trad. Olga Savary. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 9, n. 417, ago. 1974, p. 3.

BORGES, Jorge Luís. Miguel de Cervantes. Trad. Olga Savary. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 9, n. 417, ago. 1974, p. 3.

BRANCO, Joaquim. A Mário Faustino morto. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3, n. 72, jan. 1968, p. 3.

BRANCO, Joaquim. A nova arte. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 142, maio 1969, p. 9.

BRANCO, Joaquim. Champoliônica. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 38, maio. 1967, p. 7.

BRANCO, Joaquim. A Mário Faustino morto. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3, n. 72, jan. 1968, p. 3.

BRANCO, Joaquim. Joaquim Branco: a poesia mineira está é no interior. Entrevista a Humberto Werneck e Carlos Roberto Pellegrino. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 160, set. 1969, p. 10-11.

BRANCO, Joaquim. L. S. Deus. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3 .n. 108, set. 1968, p. 3.

BRANCO, Joaquim. Maralto. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3, n. 75, fev. 1968, p. 3.

BRANCO, Joaquim.Quebrador. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3, n. 72, jan. 1968, p. 3.

BRANCO, Wilson Castelo. Uma experiência nova no conto. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 1, n. 10, nov. 1966, p. 4.

BRANDÃO, Ildeu. Na rodoviária. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 1, n. 1, set. 1966, p. 10–11.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. Anos Suplemento. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Secretaria de Cultura do Estado de Minas Gerais, n. 1297, dez. 2006, p. 10–13.

BRETON, Andre. O verbo ser. Trad. Laís Corrêa de Araújo. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 128, fev. 1968, p.8.

CAMPOS, Augusto de. A poesia do amor e do humor (I). *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 25, fev. 1967, p. 4.

CAMPOS, Augusto de. A poesia do amor e do humor (II). *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 26, fev. 1967, p. 2.

CAMPOS, Augusto de. Bendizendo o mal dizer (I). *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 31, abr. 1967, p. 2.

CAMPOS, Augusto de. Bendizendo o mal dizer (II). *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 32, abr. 1967, p. 2.

CAMPOS, Haroldo de. Do livro de ensaios Galáxias. Ilustração: Nello Nuno. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 158, set. 1969, p. 7.

CAMPOS, Haroldo de. Do livro de ensaios Galáxias. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.4, n.140, maio 1969, p. 1.

CAMPOS, Haroldo de. Haroldo de Campos: do barroco à poesia concreta. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.4, n. 140, maio 1969, p. 1-2.

CAMPOS, Paulo Mendes. Um conto em 26 anos. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. v. 22, n.1061, fev. 1987, p. 5.

CAMPOZINNI FILHO. Suplemento. *Folha de Ubá*, 8 de fevereiro de 1966. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

CÂNDIDO, Antônio. Alvarenga Peixoto. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 144, maio 1969, p. 1.

CASTRO, Ernesto Manuel de Melo e. A poesia de vanguarda no Brasil. *Suplemento Literário*. v. 4, n. 160, 20 set. 1969, p. 5.

COELHO, Nelly Novaes. Guerra sem testemunhas. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 159, set. 1969, p. 8.

CORTÁZAR, Júlio. A carícia mais profunda. Trad. Teresinha Alves Pereira. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 159, set. 1969, p. 6–7.

CORTÁZAR, Júlio. As babas do diabo. Trad. Myrtis Campelo. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3, n. 136, abr. 1969, p. 1–3.

CORTÁZAR, Julio. Propriedades de um sofá. Trad. Laís Corrêa de Araújo. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 128, fev. 1968, p. 1.

CORTÁZAR, Júlio. Todos os fogos o fogo. Trad. Laís Corrêa de Araújo. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3, n. 92, jun. 1968, p. 1–3.

CORTÁZAR, Júlio. A banda. Trad. Carlos Jorge Appel. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 171, dez. 1969, p. 1-2.

CUNHA, Ubirasçu Carneira da. Ana Hatherly: poeta português do adrógino primordial. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 25, fev. 1967, p. 1.

CURNIER, Pierre. Nathalie Sarraute: retrato de um desconhecido. Trad. Maria Ângela Pereira Botelho. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3, n. 127, fev. 1969, p. 8–9.

DÂNGELO, Jota. À margem do método: Brecht e Stanislavski (I, II, III, IV, e V). *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 1, n. 3, 4, 5 6 e 7, set/out. 1966.

DÂNGELO, Jota. Da participação obrigaória (I e II). *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 1, n. 12, nov. 1966.

DANTE ALIGHIERI. Canto I (XXVII) do purgatório. Trad. Henriqueta Lisboa. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.2, n. 31, abr. 1967, p. 4.

DANTE ALIGHIERI. Canto vinte e oito (XXVIII) do purgatório. Trad. Henriqueta Lisboa. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3, n. 92, jun. 1968, p. 12.

DANTE ALIGHIERI. Canto vinte e sete (XXVII) do purgatório. Trad. Henriqueta Lisboa. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3, n. 73, jan. 1968, p. 3.

DANTE ALIGHIERI. Canto X do purgatório. Trad. Henriqueta Lisboa. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 38, maio 1967.

DESNOS, Robert. Os espaços do sono. Trad. Laís Corrêa de Araújo. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.4, n. 128, fev. 1969, p. 9.

DINIZ, Valdimir. Valdimir Diniz: abaixo os poetas de gravata! Entrevista a Humberto Werneck. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 170, nov. 1969, p. 6–7.

DOURADO, Autran. Duas faces. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 1, n. 10, nov. 1966, p. 6.

DOURADO, Autran. Estátua equestre. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3, n. 106, p. 10–11.

DOURADO, Autran. Os Agapantos. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 35, abr. 1967, p. 8.

DUNCAN, Robert. Para uma elegia africana. Trad. Affonso Ávila. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.2, n. 27, mar. 1967, p. 5.

ELIOT, T.S. O nome dos gatos. Trad. Laís Corrêa de Araújo. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.2, n. 57, set. 1967, p. 1.

ÉLUARD, Paul. Segunda natureza. Trad. Laís Corrêa de Araújo. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.4, n. 128, fev. 1969, p. 9.

FERREIRA, Celina. O passeio. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.1, n. 1, set. 1966, p. 7.

FRIEIRO, Noemia Pires. Eduardo Frieiro no depoimento de sua espoa. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.1, n. 1, set. 1966, p. 6–7.

GARCIA MARQUEZ, Gabriel. A prodigiosa tarde baltazar. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 5, n. 176, jan. 1970, p. 1-2.

GOUVÊA, Jaime Prado. Esta é uma luta sem glória. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 5, n. 223, p. 6, dez. 1970.

GOUVÊA, Jaime Prado. Os contistas do planalto. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 5, n. 186, mar. 1970, p. 7.

GOUVÊA, Jaime Prado. Suplemento Ano XX: Mil números de história. In: *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Belo Horizonte, nov. 1985, n. 1000, p. 3–5.

HATHERLY, Ana. A corrida em círculos. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 25, fev. 1967, p. 5.

HATHERLY, Ana. Ana Hatherly. Entrevista Ubirasçu Carneiro da Cunha. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n.25, fev. 1967, p. 5.

HATHERLY, Ana. Conversa (longa e agradável) com Ana Hatherly. Entrevista a Laís Corrêa de Araújo. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 131, mar. 1969, p. 4.

HENEIN, Georges. O surrealismo: o que foi, como é visto hoje. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 128, fev. 1968, p. 1–2.

HUIDOBRO, Vicente. A trincheira. Trad. Affonso Ávila. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.2, n. 49, ago. 1967, p. 3.

HUIDOBRO, Vicente. Altazor. Trad. Affonso Ávila. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.2, n. 49, ago. 1967, p. 1

HUIDOBRO, Vicente. Altazor. Trad. Affonso Ávila. *Suplemento Literário do Minas Gerais,* v.2, n. 49, ago. 1967, p. 1.

HUIDOBRO, Vicente. Tôrre Eiffel. Trad. Affonso Ávila. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.2, n. 49, ago. 1967, p. 3.

JACKSON, Shirley. O sorteio. Trad. Laís Corrêa de Araújo. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.2, n. 24, fev. 167, p. 4-5

JAKOBSON, Roman. Conversa e itinerário mineiro com Roman Jakobson. Entrevista a Laís Corrêa de Araújo. *Suplemento Literário do Minas Gerais,* v.3, n.115, nov. 1968, p. 9-10.

JAKOBSON, Roman. Similaridade e redundância na linguagem poética. Trad. Laís Corrêa de Araújo. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.2, n. 47, jul. 1967, p. 6.

LAPA, Manuel Rodrigues. Cinco sonetos de Alvarenga. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 144, maio 1969, p. 2–3.

LATHÈVE, Jacques. Baudelaire e a crítica da época. Trad. Laís Corrêa de Araújo. *Suplemento Literário do Minas Gerais,* v. 2, n. 72, jan. 1968, p. 8.

LEITE, Ricardo Gomes. Realismo ou irrealismo, eis a questão. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, n. 100, jul. 1968, p. 8.

LEPECKI, Maria Lúcia. Ópera dos mortos. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3, n. 105, ago. 1968, p. 12.

LINS, Álvaro. Os contos de Murilo Rubião. Os mortos de sobrecasaca. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1963. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 22, n. 1060, p. 9, fev. 1987.

LINS, Osman. O escritor como profissional. *Suplemento Literário do Minas Gerais,* v. 3, n. 106, set. 1968, p. 20.

LINS, Osman. O escritor e os direitos autorias. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3, n. 109, set. 1968, p. 9.

LINS, Osman. O ficcionista e o teatro. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3, n. 103, ago. 1968, p. 6.

LINS, Osman. O leitor de ficção. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3, n. 100, jul. 1968. p. 6.

LINS, Osman. O leitor de ficção. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.3, n. 100, jul.1968, p.6.

LINS, Osman. Obra e escritor perante a crítica. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3, n. 102, ago. 1968, p. 7.

LINS, Osman. Os homens e as máquinas. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3, n. 104, ago. 1968, p. 4.

LINS, Osman. Vocação e responsabilidade. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3, n. 108, set. 1968, p. 4.

LISBOA, Henriqueta. A poesia de Ungaretti. *Suplemento Literário do Minas Gerais,* v.2, n.32, p.4, abr.1967.

LISBOA, Henriqueta. Árvore. Ilustração: Petrônio Bax. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.1, n. 7, out. 1966, p. 1.

LISBOA, Henriqueta. O espelho. Ilustração: Márcio Sampaio. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3, n. 90, maio 1968, p. 1.

LISPECTOR, Clarice. A literatura segundo Clarice. Entrevista a Humberto Werneck. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3, n. 109, set. 1968, p. 8–9.

LUCAS, Fábio. Aspectos da ficção brasileira contemporânea. *Minas Gerais.* Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. Suplemento Literário, n. 374, out. 1973, p. 6–8.

LUCAS, Fábio. Função da poesia renovadora. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.1, n. 1, set. 1966, p. 2.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. O escritor Euclides da Cunha. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.1, n. 1, set. 1966, p. 8-9.

MAGALHÃES, Geraldo. O surrealismo segundo Buñel. Suplemento *Literário do Minas Gerais*, v.4, n. 128, fev. 1968, p.6.

MAGALHÃES, Schubert. Em busca de uma estética cinematográfica (I, II e III). *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 71, 72 e 73, jan. 1968, p. 6.

MALLARMÉ, Stephane. Dois brindes de Mallarmé. *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Trad. Augusto de Campos, v.2, n.53, set. 1967, p.17.

MÁRCIO, Flávio. CEC, ano 15. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 1, n. 3, set. 1966, p. 8.

MÁRCIO, Flávio. Godard: carta de princípios. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.1, n. 1, set. 1966, p. 12.

MARTINS, Heitor. Quarup e Passach. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3, n. 91, maio 1968, p. 4-5.

MASEFIELD, John. Atração do mar. Trad. Abgar Renault. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.3, n.99, jul.1968, p.9.

MASTERS, Edgar Lee. O silêncio. Trad. José Márcio Penido. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 64, nov. 1967, p. 1.

MATOS, Maria. Depoimento de Maria sua esposa a Zilah Corrêa de Araújo. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 1, n. 3, set. 1966, p. 4-5.

MENDES, Murilo. Grafito numa cadeira. Ilustração: Márcio Sampaio. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 158, set. 1968, p. 5.

MENDES, Murilo. Murilograma a Stéphane Mallarmé. Ilustração: Maria do Carmo Vivácqua Martins. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4. n. 158,set. 1969, p. 5.

MINAS GERAIS. Excursão de Arte. 27 de abril de 1924. In: *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 6, n. 271, nov. 1971, p. 5.

MOURA, Antônio Luiz. Emílio Moura no depoimento de seu filho Antônio Luiz Moura. Entrevista a Zilah Corrêa de Araújo. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 47, jul. 1967, p. 4–5.

MOURA, Emílio. A hora que chega. Ilustração: Márcio Sampaio. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3, n. 106, set. 1968, p. 1.

NEVES, Libério. Bigode. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 1, n. 1, set. 1966, p. 9.

NEVES, Libério. Libério Neves: a palavra sem hermetismo, sem concessão. *Suplemento Literário do Minas Geras*, v.4, n.159, set. 1969, p.10–11.

NUNES, Benedito. Modernismo e as vanguardas: acerca do canibalismo literário (I, II, III, IV). *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.4, n. 139, 140, 141 e 142, abr/maio 1969.

NUNES, Sebastião. Sebastião G. Nunes: a arte sem rótulos. Entrevista a Humberto Werneck e Carlos Roberto Pellegrino. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 164, out. 1969, p. 6–7.

OSWALDO, Ângelo. Imprensa Oficial: 80 anos. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.6, n.271, nov. 1971, p. 1–2. Edição dedicada à Imprensa Oficial.

OSWALDO, Ângelo. Uma luz em tempo de sombra. In: *Suplemento Literário de Minas Gerais*, n.1337, jul-ago. 2011, p. 9-10.

OWEN, Wilfred. Antífona à mocidade que vai morrer. Trad. Abgar Renault. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.3, n.99, jul.1968, p.9.

PIMENTEL, A. Fonseca. Como escrever os nomes próprios russos em português (III). *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 150, jul. 1969, p. 11.

PIMENTEL, Antonio Fonseca. Letras Europeias.*Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.4, n.134, mar. 1969, p.7.

PONTUAL, Roberto. Sobre um livro de Henry Miller. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.3, n. 73, jan. 1968, p. 9.

POUND, Ezra. Como ler e por quê (I, II, III, IV, V, VI, VII). Trad. Laís Corrêa de Araújo. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, n. 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, abr/maio/jun. 1967, p. 5.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. *Dicionário de Comunicação*.3 ed. São Paulo: Editora Campus, 2001.

RAMOS, Péricles da Silva. Alvarenga Peixoto. *Suplemento Literário*. v. 4, n. 144, 31 de maio 1969, p. 2. (Transcrição de texto do Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira, p. 189-190).

REZENDE, Marco Antônio Gonçalves de. Buñel: o anjo exterminador. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 1, n. 6, out. 1966, p. 8.

REZENDE, Marco Antônio Gonçalves de. Compreensão do cinema polonês. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 1, n. 8, out. 1966, p. 8.

REZENDE, Marco Antônio Gonçalves de. Gláuber ou o cinema em duas épocas. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 1, n. 11, nov. 1966, p. 8.

REZENDE, Marco Antônio Gonçalves de. Humberto Mauro – seu cinema e sua arte. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 19, jan. 1967, p. 8.

REZENDE, Marco Antônio Gonçalves de. Uma nova imagem do cinema mineiro. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 1, n. 7, out. 1966, p. 8.

RIVERA, Bueno. O país dos laticínios. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.1, n. 1, set. 1966, p. 1.

SAMPAIO, Márcio. A anti arte de Lygia Clark. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 20, jan. 1967, p. 7.

SAMPAIO, Márcio. Lasar Segall: notícia. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 36, maio 1967, p. 4.

SAMPAIO, Márcio. Márcio Sampaio: os novos caminhos do escritor. Entrevista a Humberto Werneck e Carlos Roberto Pellegrino. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 163, out. 1969, p. 6–7.

SAMPAIO, Márcio. Mondrian: artista para o futuro (I, II, III, IV). *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.1, n. 2, 3, 4 e 5, set/out. 1966, p. 6.

SAMPAIO, Márcio. O centenário de Kandinsky (I, II, III e IV). *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 1, n. 13, 14, 15 e 16, nov/dez. 1966, p. 6.

SAMPAIO, Márcio. Ouro Preto: dois séculos de arte. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.1, n. 1, set. 1966, p. 11.

SAMPAIO, Márcio. Pequeno jornal para Duchamp. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 127, fev. 1969, p. 12.

SAMPAIO, Márcio. Pseud. M. Procópio. M Arthur Bosmans: de marinheiro a cantor do planeta Marte. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.1, n. 1, set. 1966, p. 5.

SAMPAIO, Márcio. Tarsila: memória e sonho. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 128, fev. 1969, p. 16.

SANDBURG, Carl. Chicago. Trad. Mário Faustino. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.1, n.11, nov. 1966, p. 1.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Cantochão: a construção poética. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 58, out. 1967, p. 1.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Concertismo: consequências e perspectivas da poesia brasileira (I e II). *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 41 e 42, jun. 1967.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Poeta mede a altura do edifício, O (fragmento do poema Empire State Building). Ilustração: Eduardo de Paula. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 54, set. 1967, p. 1.

SANT'ANNA, Sérgio. Sérgio Sant'Anna: o sobrevivente. Entrevista a Humberto Werneck e Carlos Roberto Pellegrino. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 153, ago. 1969, p.6–7.

SANTIAGO, Silviano. Ahs! é silêncio. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 5, n. 185, mar. 1970, p. 1-2.

SANTIAGO, Silviano. Docilidade. Ilustração: Jarbas Juarez. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3, n. 80, mar. 1968, p. 8.

SARAIVA, Paulo. O alienista de Cosme e Velho. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.1, n. 1, set. 1966, p. 3.

SCHNAIDERMAN, Boris. Dois ásperos batalhadores. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.3. n.107, set. 1968, p. 6.

SCHNAIDERMAN, Boris. O mundo novo de Serioja. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.3, n.90, maio. 1968, p. 5.

SCHNAIDERMAN, Boris. Os russos e a poética do fragmento. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.2, n.27, mar 1967, p.4.

SCHWARTZ, Luisa Sabino. Fernando Sabino no depoimento de sua irmã Luisa Sabino Schwarz. Entrevista a Zilah Corrêa de Araújo. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.1, n. 7, out. 1966, p. 7.

SHAKESPEARE, William. Hamlet (Ato I, Cena III, versos 53 a 87). Trad. Abgar Renault. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 170, nov. 1969, p. 1.

SHAKESPEARE, William. Tomorrow and tomorrow. Trad. Augusto de Campos. Ilustração: Maria do Carmo Vicvácqua Martins. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 157, ago. 1969, p. 1.

SOUPAULT, Philippe. Além.Trad. Laís Corrêa de Araújo. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.4, n. 128, fev. 1968, p.8.

STEVENSON, Douglas Keith. Simplify me when i'm dead. Trad. Abgar Renault. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.3, n.99, jul. 1968, p.9.

STRASBERG, Lee. Lee Strasberg na berlinda (I, II e II). Entrevista a Jota Dangelo. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 1, n. 8, 9 e 10, out/nov. 1966.

SUPLEMENTO LITERÁRIO DO MINAS GERAIS, Belo Horizonte, v. 2, n. 25, fev. 1967, 12 p.

SUPLEMENTO LITERÁRIO DO MINAS GERAIS. Abgar Renault: o poeta e o tradutor. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.3, n.99, jul. 1968, 12 p. Edição especial.

SUPLEMENTO LITERÁRIO DO MINAS GERAIS. *Barroco*: áurea idade da áurea terra. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.2, n.45–46, jul. 1967, 12 p. Edição especial.

SUPLEMENTO LITERÁRIO DO MINAS GERAIS. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, set. 1966. 12 p.

SUPLEMENTO LITERÁRIO DO MINAS GERAIS. *Dedicada ao tema Imprensa Oficial, 80 anos. Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 6, n. 271 e n. 272, nov. 1971, 12 p. Edição especial.

SUPLEMENTO LITERÁRIO DO MINAS GERAIS. *Dedicado a Carlos Drummond de Andrade, nos seus 70 anos. Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 7, n. 322, out. 1972. 12 p. Edição especial.

SUPLEMENTO LI TERÁRIO D O MINAS GERAIS. *Dedicado aos 100 anos da Imprensa Oficial de* MG *e 25 anos de circulação ininterrupta do* SLMG. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 25, n. 1170 e n. 1171, out. 1991, 12 p. Edição especial.

SUPLEMENTO LITERÁRIO DO MINAS GERAIS. Guimarães Rosa: sua hora e vez. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 65, nov. 1967, 12 p.

SUPLEMENTO LITERÁRIO DO MINAS GERAIS. Marschner, o SUPLEMENTO e a mineiridade. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 1, n.7, out. 1966, p. 1.

SUPLEMENTO LITERÁRIO DO MINAS GERAIS. O surrealismo, o que foi, como é visto hoje. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3, n. 128, fev. 1969, 12 p. Edição Especial.

SUPLEMENTO LITERÁRIO DO MINAS GERAIS. Os caminhos e descaminhos da literatura falam os novos de Minas. *Literatura e arte*: os novos. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3, n. 74, jan. 1968, p.6-8. Edição especial.

SUPLEMENTO LITERÁRIO DO MINAS GERAIS. Poema processo. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 160, set. 1969. 12 p.

SUPLEMENTO LITERÁRIO DO MINAS GERAIS. Portugal: a literatura nova (I e II). *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 131 e 132, mar. 1969, 12 p. Edição especial.

TAGORA, Rabindranath. Na praia. Trad. Abgar Renault. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 3, n.99, jul. 1968, p. 9.

TELLES, Lygia Fagundes. Lygia Fagundes Telles: a artesã. Entrevista a Zilah Corrêa de Araújo. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 5, n. 210, set. 1970, p. 4.

TODOROV, Tzvetan. Para Todorov, o que interessa ao estruturalismo é analisar o espírito de um sistema. Entrevista a Laís Corrêa de Araújo. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 168, nov. 1969, p. 1–2.

TODOROV, Tzvetan. Formalistas e futuristas. Trad. Laís Corrêa de Araújo. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 168, nov. 1969, p. 3.

TORRES, João camillo de Oliveira. Missão de Minas. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.1, n. 1, set. 1966, p. 2.

TREVISAN Dalton. No sétimo dia. *Suplemento Literário do Minas Gerais*., v. 2, n. 71, jan. 1968, p. 12.

TREVISAN Dalton. O leão. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 71, jan. 1968, p. 12.

TREVISAN Dalton. Três mistérios. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 53, set. 1967,p. 14.

TREVISAN, Dalton. Retrato de Katie. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 71, jan. 1968, p. 12.

TUPYNAMBÁ, Yara. Opinião de Yara Tupynambá. Entrevista a Márcio Sampaio. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 34, abr. 1967, p. 8.

VARGAS LLOSA , Mário. Conversando com Vargas Llosa. Entrevista a Carlos Cortinez. Trad. Laís Corrêa de Araújo. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 139, abr. 1969, p.2-3.

VARGAS LLOSA , Mário. Conversando com Vargas Llosa. Epopeia do sertão, torre de Babel ou manual de satanismo. Trad. Laís Corrêa de Araújo. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.4, n. 170, nov. 1969, p.2.

VIEIRA, Luis Gonzaga. Babel e Sião: meditações sobre um texto camoniano. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 62, nov. 1967, p. 2.

VIEIRA, Luis Gonzaga. Entrevista fictícia de Franz Kafka. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 1, n. 1. set. 1966, p. 12.

VIEIRA, Luis Gonzaga. Luis Gonzaga Vieira: por uma literatura mal-comportada. Entrevista a Humberto Werneck e Carlos Roberto Pellegrino. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 152, jul. 1969, p. 6–7.

VIEIRA, Luis Gonzaga. O humor em Memorial de Aires. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 67, dez. 1967, p. 2.

VIEIRA, Luis Gonzaga. Primavera negra. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.2, n. 38, maio 1967, p. 2.

VIEIRA, Luis Gonzaga. Um autor escandaloso. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 2, n. 53, set. 1967, p. 6.

VILLAFAÑE, Javier. A barata. Trad. Laís Corrêa de Araújo. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 124, jan. 1969, p. 1.

VILLAFAÑE, Javier. A solitária. Trad. Laís Corrêa de Araújo. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 160, set. 1969, p. 12.

VILLAFAÑE, Javier. Conto II. Trad. Laís Corrêa de Araújo. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.4, n. 127, fev. 1969, p. 1.

VILLAFAÑE, Javier. O chapéu de pele. Trad. Laís Corrêa de Araújo. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.4, n. 160, set. 1969, p.12.

WERNECK, Humberto; PELLEGRINO, Carlo Roberto. Sérgio Sant'Anna: o sobrevivente. *Suplemento Literario do Minas Gerais*, v.4, n.152, jul. 1969, p. 6–7.

WERNECK, Ronaldo. Ronaldo Werneck: fora da poesia não há salvação (para o poeta). Entrevista a Humberto Werneck e Carlos Roberto Pellegrino. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 171, dez. 1969, p. 6-7.

WILLIAMS, Carlos William. Figura métrica. Trad. Joaquim Cardoso. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.1, n.5, out. 1966, p. 1.

WILLIAMS, Carlos William. Flores perto do mar. Trad. João Cabral de Melo Neto. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.1, n.5, out. 1966, p. 1.

WILLIAMS, Carlos William. Nantucket. Trad. Haroldo de Campos. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v.1, n.5, out. 1966, p. 1.

Fontes primárias

Correspondências

ALMEIDA, Guilherme de. Carta a Murilo Rubião. São Paulo, 8 nov. 1967. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta a Paulo Campos Guimarães. Rio de Janeiro, 4 de dezembro. In: Minas Gerais. Carlos Drummond agradece homenagem da Imprensa. 12 de janeiro de 1968.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta Murilo Rubião. Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1966. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

ANDRADE, Carlos Drummond de Andrade. Carta a Murilo Rubião. Rio de Janeiro, 1967. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

BRANCO, Joaquim. Carta a Murilo Rubião. Cataguases, 6 de janeiro de 1969. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

CAMPOS, Augusto. Carta a Murilo Rubião. São Paulo, 22 de dezembro de 1966. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

LISBOA, Henriqueta Lisboa. Carta a Murilo Rubião. Belo Horizonte, 18 de agosto de 1978. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

LOBO FILHO, Blanca. Carta a Murilo Rubião. Portland, 26 de novembro de 1966. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

MARTINS, Heitor. Carta a Israel Pinheiro. Indiana, 4 de maio de 1969. Pubilcada em Minas Gerais, 15 de maio de 1968.

MATOS, Marco Aurélio. *Carta a Murilo Rubião.* Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1967. Arquivo Murilo Rubião, Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

MELO NETO, João Cabral de. *Carta a Murilo Rubião.* Berne, 4 de janeiro de 1966. Arquivo Murilo Rubião, Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

PIÑON, Nélida. Carta a Murilo Rubião. Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1969. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

PY, Fernando. *Carta a Murilo Rubião*. Petrópolis, 3 de março de 1968. Arquivo Murilo Rubião, Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Carta a Murilo Rubião. Los Angeles, 1967. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Carta a Murilo Rubião. New Jersey, 1967. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

SANTIAGO, Silviano. Carta a Murilo Rubião. New Jersey, 22 dez. 1966. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

TELLES, Lygia Fagundes. Carta a Murilo Rubião. São Paulo, 1969. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de MInas Gerais.

Periódicos

ANDRADE, Carlos Drummond de. Jornal pequeno. Estado de Minas. Belo Horizonte, 10 set. 1967. Arquivo Murilo Rubião, Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

CLEMENTE, José. Restauração da tradição e da lei. Estado de MInas, 6 de setembro de 1966. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

ETAPA DA REFORMA DA I.O. *O Globo*, 4 set. 1967. Acervo de Escritores Mineiros.

FERRAZ, Geraldo. Sumário-homenagem a um Suplemento. *A Tribuna*, 7 de setembro de 1968. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

MINAS GERAIS. Minas Gerais lança seu Suplemento Literário. *Minas Gerais,* 5 de setembro 1966, 1 fl.

MINAS GERAIS. O nome da sala. *Minas Gerais,* 25 de novembro de 1967. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

MINAS GERAIS. Publicações da Imprensa Oficial. Belo Horizonte, 20 de set. 1966. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

MINAS GERAIS. *Universidade norte-americana distingue Suplemento Literário*, em 15 de maio de 1969.

MORAES, Marcos Antônio de (Org.). *Mário e o Pirotécnico Aprendiz*: cartas de Mário de Andrade e Murilo Rubião. Belo Horizonte; São Paulo: Ed. UFMG; IEB–USP; Ed. Giordano, 1995.

O GLOBO. *Suplemento do "Minas" é etapa da reforma da I.O*. 4 de setembro de 1967. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

RUBIÃO, Murilo. Trecho de carta a Cosette Alencar. In: Diário Mercantil, Juiz de Fora, 6 jun. 1967.Acervos de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

XAVIER, Lívio. Revistas das revistas. *Suplemento do Estado de São Paulo*. 9 de setembro, 1967. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

XAVIER, Lívio. Revistas das Revistas. Suplemento Literário do Estado de São Paulo, 5 novembro de 1966. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

Bibliografia

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carlos Drummond de Andrade*: poesia e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1979.

ANDRADE, Mário. *O empalhador de passarinho*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

ANDRADE, Vera Lúcia. A biblioteca fantástica de Murilo Rubião. In: MIRANDA, Wander Melo. (Org.) *A trama do arquivo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, Centro de Estudos Literários FALE/UFMG, 1995, p. 45–52.

ANDRADE, Vera Lúcia. Murilo Rubião e a geração Suplemento. In: *Scripta*. Belo Horizonte, v. 1, n.2, 1º sem. 1998, p.28–34.

ANDRADE, Vera Lúcia. O leitor na biblioteca. In: MARQUES, Reinaldo Martiniano e BITTENCOURT, Gilda Neves. *Limiares críticos: ensaios sobre literatura comparada*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998, p. 89–96.

ARQUIVOS PRIVADOS. In: Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (Dibrate). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. p. 34–35. Disponível em: <http://www.arquivonacional.gov.br/Media/Dicion%20Term%20Arquiv.pdf>. Acesso em: 01/07/2013.

ARRANJO. In: Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (Dibrate). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. p. 37. Disponível em: <http://www.arquivonacional.gov.br/Media/Dicion%20Term%20Arquiv.pdf>. Acesso em: 01/07/2013.

ÁVILA, Affonso. *Dez conversas: diálogos com poetas contemporâneos*. MARQUES, Fabrício [org.]. Belo Horizonte, Gutenberg Editora, 2004, p. 12–25.

ÁVILA, Affonso. *Homem ao termo*: poesia reunida (1949-2005). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

BOSI, Alfredo. A poesia concreta. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 1997, p. 531–543.

BOSI, Alfredo. A poesia concreta. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 1997, p. 531–543.

BRASIL. Lei n. 8.159, de 8 de janeiro de 1991.Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 9 de janeiro de 1991. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8159.htm>.

CAMPOS, Augusto e Haroldo; PIGNATARI, Décio. *Plano-piloto para a poesia concreta*. Publicado originalmente na revista Noigandres, n. 4, 1958. In: TELLES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 403–405.

CAMPOS, Augusto. Arnault Daniel: um inventor (I). *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 1, n. 14, dez. 1966, p.5.

CAMPOS, Augusto. Arnault Daniel: um inventor (II). *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 1, n. 15, dez. 1966, p. 4.

CARVALHO, André;BARBOSA, Waldemar. *Dicionário Biográfico da Imprensa Mineira*. Belo Horizonte: Editora Armazém de Ideias, 1994.

CASTAÑON, Julio. A lógica particular do poeta. *JB online*, 13 set. 2003. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/aavila01.html#julio>. .

CASTRO, Amilcar de; GULLAR, Ferreira; WEISSMANER, Franz; CLARK, Lygia; PAPE, Lygia; JARDIM, Reynaldo; SPAMIDIS, Theon. *Manifesto Neoconcreto*, publicado originalmente no Jornal do Brasil, 22 de março de 1959. In: TELLES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 406–411.

COELHO, Haydée Ribeiro. A América Latina no *Suplemento Literário do Minas Gerais* (1966-1973). Niterói: *Gragoatá*, n. 22, 1 sem. 2007 p. 119–131.

COELHO, Haydée Ribeiro. Diversidade crítica e literária no Suplemento Literário do *Minas Gerais* (1966–73): ruptura de fronteiras.in: *O eixo e a roda*. Belo Horizonte, 2003/2004, p. 85–96, n. 9/10.

COELHO, Haydée Ribeiro. Roda Gigante – um texto paradigmático. *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Dez. 2006, p.14-15.

COELHO, Haydée Ribeiro. Suplemento Literário do *Minas Gerais*: apontamentos para uma história em processo. *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, nov. 2005.

COMPLEMENTO. In: *Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>. Acesso em 01/07/2013.

CONH, Sérgio. Revista de Cinema. In: *Revistas de invenção:* 100 revistas de cultura do modernismo ao século XXI.

COSTA, Cristiane. *Pena de Aluguel:* escritores jornalistas no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COUTINHO, Mário Alves; GOMES, Paulo Augusto [org.]. *Presença do* CEC: 50 anos de cinema em Belo Horizonte. Crisálida: Belo Horizonte, 2001.

CURY, Maria Zilda. *Horizontes modernistas: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo:* uma impressão freudiana. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DIAS, Fernando Correia. Gênese e expressão grupal do Modernismo em Minas. ÁVILA, Affonso (Org.) *O Modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 1975, p. 166–177.

DUARTE, Constância Lima Duarte (Org.). *Dicionário Biobibliográfico de escritores mineiros*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

FARACO, Sérgio. O Suplemento visto por seus autores nos dias de hoje. *Suplemento Literário de Minas Gerais.* Belo Horizonte, n. 1337, jul/ago. 2011. Edição especial dedicada aos 45 anos do Suplemento Literário, p. 15.

FONSECA, Patrícia. "Imprensa Oficial de Minas Gerais", p. 49–51. *Editoras mineiras*: o lugar da poesia. Cadernos Viva Voz. Belo Horizonte: Laboratório de Edição FALE/UFMG, 2011.

FREITAS, Marcus Vinícius de. *Contradições da modernidade:* o jornal Aurora brasileira (1873–1875). Campinas: Editora Unicamp, 2012.

GOMES, Angela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. Gomes, Ângela de Castro. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998, p. 121–127.

GOMES, Denise. *Belzonte, Belorizonte, Bolorozonte, Belorizontem*: ou a literatura esse objeto de desejo. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: PUC–Minas, 1997. 166 f.

GOMES, Edmundo de Novaes. *Teatro Político em Belo Horizonte*: entre a resistência e a persistência. Tese de doutorado.Belo Horizonte, Departamento de Artes Cênicas da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, 2013. 237 f.

GOUVÊA, Jaime Prado Gouvêa. Entrevista a Mariana Novaes. In: NOVAES, Mariana. *O Suplemento Literário do Minas Gerais no arquivo de Murilo Rubião*. Dissertação de Mestrado.

GOUVÊA. Jaime Prado. Entrevista a Viviane Monteiro Maroca. In: MAROCA, Viviane Monteiro. *Nos rastros dos novos:* o fazer crítico e literário do Suplemento Literário do *Minas Gerais* (1966-1975). Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2009. p. 126-129.

GOUVÊA. *Dúvidas sobre o* SLMG. E-mail recebido pela presente autora em 03/05/2013.

GUIMARAENS, Alphonsus. Carta a João Alphonsus, 15 jul. 1919. In: ANDRADE, Mário de; BANDEIRA, Manuel. *Itinerários: Cartas de Mário de Andrade e Manuel Bandeira a Alphonsus de Guimaraens Filho*, 1974. Citada por MORAES, Marcos Antônio de (Org.). *Mário e o Pirotécnico Aprendiz*: *Cartas de Mário de Andrade e Murilo Rubião*, 1995. p. 26–27.

GULLAR, Ferreira. *Experiência neoconcreta*. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2007, p. 24–25.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*: sua história. Trad. Maria da Penha Villalobos e Lólio L. Oliveira. São Paulo: T.A. Queiroz; USP, 1985.

HEYMANN, Luciana Quillet. Arquivos e interdisciplinaridade: algumas reflexões. In: Seminário CPDOC 35 anos: A Interdisciplinaridade nos estudos históricos, 2008, Rio de Janeiro. <Disponível em: <www.cpdoc.fgv.br>.

HEYMANN, Luciana Quillet. O indivíduo fora do lugar. *Revista do arquivo público mineiro.* Belo Horizonte: ano 45, n. 2, jul–dez de 2009.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Descobertas, sonhos e desastres nos anos 60. Março de 2004. Disponível em: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/descobertas-sonhos-e-desastres-nos-anos-60/>.

HUYSSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política, amnésia. In: *Seduzidos pela memória.* Trad. Sérgio Alcides. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. p. 9-41.

INVENTÁRIO. In: Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (Dibrate). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. p. 109. Disponível em: <http://www.arquivonacional.gov.br/Media/Dicion%20Term%20Arquiv.pdf>.

JUSTINA, Priscila; MARTINS, Roberta. Poesia traduzida em Minas: *História da tradução em Minas.* Org. Sônia Queiroz, 2011. Cadernos Viva-voz. Belo Horizonte.

MAROCA, Viviane Monteiro. *Nos rastros dos novos:* o fazer crítico e literário do Suplemento Literário do *Minas Gerais* (1966–1975). Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

MARQUES, Fabrício; NOVAES, Mariana. A hora e a vez do *Suplemento Literário de Minas Gerais*. In: *Encontro Nacional de História da Mídia*, 9, 2013. UFOP – Ouro Preto – Minas Gerais, 30 de maio a 1 junho de 2013. <Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/90-encontro-2013/artigos/ gt-historia-do-jornalismo/a-hora-e-a-vez-do-suplemento-literario- de-minas-gerais>

MARQUES, Reinaldo. Acervos literários e imaginação histórica. *Ipotesi*, v. 4, n. 2, p. 29–37, jul./dez. 2000.

MARQUES, Reinaldo. Memória literária arquivada. *Aletria*, v. 18, p. 105–119, jul./dez. 2008.

MENEZES, Roniere. Rubião e o Suplemento. Disponível em: <http://www.murilorubiao.com.br/suplit.aspx>. Acesso em: 21/07/2012.

MERQUIOR, José Guilherme de. Notas em função do Boitempo (I e II). *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 4, n. 148, jun/jul. 1969, p. 8-9.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classes dirigentes no Brasil (1920-1945)*. São Paulo, Rio de Janeiro: Difel, 1979.

MINAS GERAIS. Lei n. 11256, de 27 de outubro de 1997. Dispões sobre a edição do "*Suplemento Literário de Minas Gerais*" e dá outras providências. Diário do Governo do Estado de Minas Gerais. Disponível em:<http://planejamento. prodemge.gov.br/governo/rh/legislacao/leg_pessoal/documento/ 5112561993.txt>. Acesso em: 07/09/2013.

MINAS GERAIS. Lei nº 4.428, de 9 de fevereiro de 1967, que dispõe sobre as normas de edição e regulamenta o funcionamento do *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Diário do Governo do Estado de Minas Gerais. Disponível em: <http://planejamento.prodemge.gov.br/governo/rh/legislacao/leg_pessoal/documento/5112561993.txt>. Acesso em: 01/04/2013.

MIRANDA, Wander Melo. (Org.). *Anos JK: margens da modernidade.* São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Rio de Janeiro: Casa de Lucio Costa, 2002.

MIRANDA, Wander Melo. Memória de papel. *Revista do arquivo público mineiro.* Belo Horizonte: ano 45, n. 2, jul-dez de 2009. p. 72–85.

MORAES, Marcos Antônio de (Org.). *Mário e o Pirotécnico Aprendiz*: cartas de Mário de Andrade e Murilo Rubião. Belo Horizonte; São Paulo: Ed. UFMG; IEB–USP; Ed. Giordano, 1995.

MOURÃO, Rui. Depoimento sobre Murilo Rubião e o Suplemento Literário. Disponível em: <http://www.murilorubiao.com.br/supdep.aspx>. Acesso em: 23/02/2014.

NEVES, Libério. *Papel passado:* antologia poética. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

NOGUEIRA, Ieda Maria Ferreira. História de um jornal mineiro. In: Anais em CD-ROM do IV Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes das Universidades Federais de Minas Gerais, Viçosa: 1999.

NOVAES, Mariana. Arquivos literários como suplemento para a crítica biográfica: a atuação de Murilo Rubião no *Suplemento Literário do Minas Gerais* (1966-1969). No prelo. *Seminário de Estudos sobre o Espaço Biográfico*. Salvador, UFBA, 2014.

PAES, José Paulo. A tradução literária no Brasil. *Tradução: a ponte necessária*: aspectos e problemas da arte de traduzir. São Paulo: Ática, 1990.

PATIÑO, Roxano. América Latina: literatura e crítica em revistas. In: SOUZA, Eneida Maria de; MARQUES, Reinaldo (Org.). *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 456–470.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. *Dicionário de Comunicação*. 3 ed. São Paulo: Editora Campus, 2001.

RIBEIRO, Marília Andrés Ribeiro. *Neovanguardas*: Belo Horizonte – anos 60. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 1997, p. 89–152.

RÓNAI, Paulo. *Escola de tradutores*. 2 ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.

ROSSI, Clóvis. Entrevista ao Centro de Cultura e Memória do Jornalismo, em 26 de setembro de 2008. Disponível em::<http://www.ccmj.org.br/sites/default/files/pdf/5/Arquivo%20para%20download_12.pdf>. Acesso em: 24/01/2014.

RUBIÃO, Murilo. Do fantasma ao fantástico. Entrevista a Maria Luiza Ramos. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 19, n. 926, jun. 1984, p. 2–3.

RUBIÃO, Murilo. *Murilo Rubião:* obra completa. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

RUBIÃO, Murilo. O fantástico tem como base a própria realidade, que é fantástica. Entrevista a Mirian Chrystus. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 13, n. 666, jul. 1979, p. 6–7.

RUBIÃO, Murilo. Quase ninguém acreditava no *Suplemento Literário*. Entrevista a Luciane Alves. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, v. 25, n. 1171, out. 1991, p.26.

SAMPAIO, Márcio. *Suplemento Literário de Minas Gerais*: da Origem aos Dias Atuais. Mesa redonda realizada no dia 15 de agosto de 2005. Participantes: Humberto Werneck/SP, Sebastião Nunes/MG, Marcio Sampaio/MG, Haydée Ribeiro Coelho/MG e Camila Diniz/MG (Coordenadora/Editora do SLMG). 60 Salão do Livro de Minas Gerais & Encontro de Literatura. Serraria Souza Pinto, Belo Horizonte:11 a 21 de agosto de 2005.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. 50 anos de poesia e/ou as ilusões perdidas. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Secretaria de Estado de Cultura, n. 1351, nov/dez. 2013, p. 30–36.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Paradigmas do jornalismo cultural no Brasil. Disponível em: <http://www.bb.com.br/portalbb/ page3,138,2517,0,0,1,0.bb?codigoNoticia=6725&codigoMenu=5253&bread =3&codigoRet=5257>. Acesso em: 23/03/2012.

SANT'ANNA, Sérgio. Entrevista a Viviane Monteiro Maroca. In: Maroca, Viviane Monteiro. *Nos rastros dos novos:* o fazer crítico e literário do *Suplemento Literário do Minas Gerais* (1966-1975). Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2009. p. 137-153.

SANTIAGO, Silviano. Crítica literária e jornais na pós-modernidade. *Revistas de Estudos Literários*, UFMG: Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.11-17, out. 1993. Disponível em: <http://www.letrasufmg.br/poslit>.

SANTOS, Ângelo Oswaldo de Araújo.Uma luz em tempo de sombra. *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Belo Horizonte, n. 1337, jul–ago 2011. Edição Especial dedicado aos 45 anos do *Suplemento Literário*. p. 9–10.

SOUZA, Eneida Maria de; MARQUES, Reinaldo (Org.). *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (Org.). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

SOUZA, Eneida Maria de. Cartas ao Mágico Rubião. In: MORAES, Marcos Antônio de (Org.). *Mário e o Pirotécnico Aprendiz*: cartas de Mário de Andrade e Murilo Rubião. Belo Horizonte; São Paulo: Ed. UFMG; IEB–USP; Ed. Giordano, 1995. p. XI–XVI.

SOUZA, Eneida Maria de. Janelas Indiscretas. In: *Janelas indiscretas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 27-39.

SUPLEMENTO. In: *Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>.

SÜSSEKIND, Flora. (Org. apresentação e notas). Apresentação. *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001, p. 7–19.

SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos.* Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1985.

SÜSSEKIND, Flora. Rodapés, tratados e ensaios. *Papeis colados.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002, p. 15–36.

TELLES, Gilberto Mendonça. *O experimentalismo*. Vanguarda europeia e modernismo brasileiro. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 400–428.

TOLENTINO, Eliana da Conceição Tolentino. Brasil/Portugal: relações epistolares. O futuro do presente: arquivo, gênero e discurso. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 131–150.

TOLENTINO, Eliana da Conceição Tolentino. Literatura portuguesa no *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Tese (Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006, 231 f.

VIEIRA, Luiz Gonzaga Vieira. Entrevista a Viviane Maroca. *Nos rastros dos novos:* o fazer crítico e literário do *Suplemento Literário do Minas Gerais* (1966–1975). Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

VILELA, Luiz. Bola ao cesto na redação do Suplemento. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Secretaria de Estado de Cultura, 2011, n. 1337, jul/ago. 2011, p. 11.

WERNECK, Humberto. 1920–1970: meio século de literatura mineira nos periódicos. *Olhares sobre Minas:* sugestões de leitura. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Bibliotecas Públicas, 2008. p. 155-168.

WERNECK, Humberto. Entrevista a Denise Gomes. In: GOMES, Denise. *Belzonte, Belorizonte, Bolorozonte, Belorizontem*: ou a literatura esse objeto de desejo. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: PUC-Minas, 1997. p. 148–165.

WERNECK, Humberto. Meu suplemento inesquecível. *Suplemento Literário de Minas Gerais*: Secretaria de Estado de Cultura, n. 1337, jul/ago. 2011, p. 3–6.

WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada:* jornalistas e escritores em Minas Gerais. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

WYLER, Lia. *Línguas, poetas e bacharéis*: uma crônica da tradução no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ZAGURY, Eliana. *Murilo Rubião.*Cadernos Brasileiro.s Rio de Janeiro, jul/ago de 1966.

ZICA, Guilherme. Breve panorama histórico da tradução no Brasil. *Editoras mineiras*: o lugar da poesia. Cadernos Viva Voz. Belo Horizonte: Laboratório de Edição FALE/UFMG, 2011, p. 24-37.

Anexo

Entrevista de Jaime Prado Gouvêa a Mariana Novaes

MARIANA NOVAES*: Embora já publicasse contos no *Suplemento*, sabe-se que sua entrada como integrante do corpo editorial do jornal se deu em 1969 com a saída de João Paulo Gonçalves e sua indicação por Humberto Werneck. Mas e sua saída? Quando ocorreu e por quais motivos?

JAIME PRADO GOUVÊA: *Eu entrei cinco vezes e saí quatro do* SLMG. *Entrei em 1969 e saí em 1971, para trabalhar no "Jornal da Tarde", de São Paulo; voltei em 1972 e saí em 1975, ao me formar em Direito; em 1983, quando o Murilo foi empossado como Diretor da Imprensa Oficial, ele voltou a me chamar para o jornal, onde permaneci até 1986, saindo na mudança de governo; em 1994, o* SLMG *– que até então pertencia à Imprensa Oficial –, passou para a Secretaria de Estado da Cultura, e a então Secretária Celina Albano me convocou para dirigi-lo, mas dois meses depois houve outra mudança de governo e eu saí de novo. Até aqui, como eu era funcionário do Estado, lotado na então Procuradoria Geral – atual Advocacia Geral do Estado –, era fácil a minha convocação, pois podia ficar à disposição de outro Órgão. Em 2009, por fim, já estando aposentado como funcionário público, o Secretário de Cultura Paulo Brant voltou a me convocar, tendo sido mantido no cargo pela atual Secretária, Denise Parreiras.*

MN: Como era a sua atividade como jornalista e escritor no *Suplemento* na época em que Murilo era diretor? Você pod eria citar, além dos contos publicados, algumas outras matérias importantes das quais participou? Sobre qual assunto você se sentia mais à vontade para escrever?

JPG: *Comecei como revisor, tarefa que dividia com o poeta Adão Ventura, mas o Murilo nos dava liberdade para fazer o que a gente quisesse, desde, é claro, que ele aprovasse. Por isso, fora a revisão, eu só fazia o que me deixava à vontade. Mas o período foi mais de aprendizado. Os papos com os colegas e com os escritores mais experientes que frequentavam a redação era a parte mais interessante.*

MN: De que maneira vocês lidaram com a contradição de ser um jornal que publicava matérias combativas (pode-se dizer até de esquerda) e ao mesmo tempo ser um *Suplemento* que era encartado num jornal oficial do governo?

JPG: *O Murilo, com o respaldo firme do então Diretor da Imprensa Oficial, Paulo Campos Guimarães, garantia a maior independência possível para o Suplemento. Como a gente era um pessoal novo e abusado, continuamos a escrever e publicar o que achávamos que era bom, sem preocupação alguma com os reacionários que tentavam nos minar às escondidas. Na verdade, mais que a ditadura, quem mais chiava eram os subliteratos, alguns acadêmicos, gente da "tradicional família mineira" e alguns caras do clero e da política chapa branca. Mas isso era quase um elogio para nós. Nós fazíamos as coisas por prazer e nossa sobrevivência era um desafio fascinante.*

MN: Como vocês enfrentaram a censura? De alguma forma a ditadura repercutiu na literatura que vocês produziam na época e nas matérias que eram veiculadas no *Suplemento*?

JPG: *Enfrentávamos a censura ignorando sua existência. A ditadura, pelo menos no que pude perceber, só mostrou as garras quando impediu a posse de Rui Mourão, que substituiria o Murilo na chefia do jornal. Sei que eles agiam no subterrâneo, mas não conseguiam muita coisa conosco.*

MN: Pra você a literatura tem uma função social? É possível separar o estético do ideológico?

JPG: *A função da literatura é ser. Escrever é sempre um ato político que espelha o caráter de quem escreve, sua ideologia, sua visão, seu talento e seu senso estético. Como o homem é um animal político, ele se reflete na sua obra, não há como evitar isso. Mas me refiro à política natural, não à partidária, que não é objeto da arte. Literatura com adjetivo, como, por exemplo, "engajada", é outra coisa.*

MN: Além dos censores, da falta de verba e do provincianismo mineiro, você poderia falar de outras dificuldades enfrentadas pelo jornal?

JPG: *Um jornal com quase meio século de existência passa obrigatoriamente por fases diversas. Quando a censura pesou mesmo, no início de 1975, a coisa estourou com a renúncia do Wander Piroli da direção do Suplemento. Nosso pessoal, como única resposta possível, resolveu se distanciar do jornal e a qualidade dele*

* Esta entrevista foi realizada por e-mail. No dia 2 abril enviei, a Jaime Prado Gouvêa um questionário com as dezoito perguntas que constam neste anexo. No dia 3 de maio recebi sua resposta.

caiu muito. Isso durou uns oito anos, até que o então novo governador, Tancredo Neves, nomeou o Murilo Diretor da Imprensa Oficial e ele trouxe sangue novo com nossa velha turma.

MN: Em matéria publicada na edição de aniversário de 45 anos do *Suplemento*, Luiz Vilela escreve o texto "Bola ao cesto na redação do Suplemento", narrando o inusitado esporte que prendia vocês escritores mais horas na redação. Você poderia me falar mais sobre o ambiente da sala Carlos Drummond? Como Luiz Vilela, poderia nos contar algum outra caso inusitado? Que influência teve esse ambiente na sua vida e literatura?

JPG: *A redação do Suplemento ocupava uma sala da Imprensa Oficial que virou um ponto de encontro de escritores novos, consagrados, veteranos e de muitos artistas plásticos, hoje bem realizados, que também iniciavam suas carreiras ilustrando contos e poemas. O pessoal costumava se reunir lá nos fins de tarde para conversar fiado, mostrar seus novos trabalhos e fazer uma hora para ir para os bares da vizinhança, de preferência o Saloon e o Lucas. O pessoal da música, muitos dos quais se iniciando no Clube da Esquina, também comparecia, era uma festa que, de uma forma ou de outra, se refletia em nossos trabalhos, numa anarquia criativa. Não era coisa para "literatos sérios".*

MN: Humberto Werneck fala que a melhor fase do *Suplemento* foi de 1966 a 1969, quando Murilo Rubião criou o jornal e até a sua saída. Para você quais seriam os melhores anos do *Suplemento*? Sérgio Sant'Anna fala que a melhor época foi sob a direção do Angelo Oswaldo. Quais são para você as melhores recordações que guarda do jornal?

JPG: *O Humberto explica sua opinião no texto "Meu Suplemento inesquecível", dizendo que só se sentia no direito de falar da época em que atuou direitamente na redação do Suplemento. Como ele se mudou para São Paulo no início de 1970, ficou com aquele período. O Sérgio, tendo voltado de uma experiência internacional em Iowa, nos Estados Unidos, encontrou no então jovem Angelo Oswaldo liberdade para exercer suas experiências. É bom lembrar que o mundo vivia um tempo de muita criatividade e mesmo a repressão reinante era um desafio a ser vencido. Tanto ele quanto o Sebastião Nunes, atrevidos e criativos, se esparramaram naquele ambiente. As minhas melhores recordações se misturam aos bons e maus momentos que vivi lá dentro, mas o que ficou mesmo foi a sensação de crescer com minha geração e ver que ela marcou uma época. Os depoimentos que estão no número comemorativo dos 45 anos do jornal provam isso.*

MN: Na época em que você trabalhou para o *Suplemento* também realizou inúmeras traduções, na maioria contos escritos (mais de vinte), mas também poesia, trecho de romance e artigos sobre literatura. Dentre os escritores traduzidos os que mais aparecem são Donald Barthelme, Ednodio Quintero, Júlio Cortázar, Enrique Estrázulas, Angel Bonomini e até James Joyce (fragmentos do romance *Stephen Hero*). São eles pertencentes às suas afinidades literárias? Teriam eles alguma influência no que você escreve?

JPG: *Acredito que tudo que a gente lê, desde os livros de caligrafia do curso primário, acaba influenciando na formação de um estilo literário. Se adquiri alguns recursos desses caras que traduzi, ótimo. Mas, na verdade, a gente traduzia o que nos caía às mãos, a grande maioria enviada por editoras latino-americanas. Era muito legal divulgar gente de fora como se fosse de primeira mão. Um Joyce inédito em português era uma consagração para uns novatos da província como nós éramos.*

MN: A tradução foi importante na sua escrita? A preferência pela tradução de contos foi ocasional ou teria relação com a sua escrita, já que a maioria de seus livros publicados é de contos?

JPG: *Acho que não. O conto é um gênero mais compatível com jornal, principalmente pelo tamanho. Houve quem fosse contista a vida toda, como o próprio Murilo ou o Duílio Gomes, mas eu acabei escrevendo um romance mais tarde, seguindo a trajetória do Luiz Vilela e do Sérgio Sant'Anna que sempre intercalaram conto e romance.*

MN: Quando pesquisamos suas colaborações para o SLMG vemos que a maior parte delas se trata de contos seus e muitos ainda inéditos em livro. A publicação de contos no *Suplemento* ajudou você na edição dos seus livros?

JPG: *A edição do meu primeiro livro de contos,* Areia tornando em pedra *(1970), foi facilitada pelo fato de trabalhar no Suplemento na época e existir uma editora de livros dentro da Imprensa Oficial. Nela foi editado não só o meu livro como o do Adão Ventura, do Libério Neves, do Carlos Roberto Pellegrino, do Valdimir Diniz e até dos então já consagrados Emílio Moura e Bueno de Rivera. Editora de âmbito*

nacional era, para nós, iniciantes, uma quimera, então. A gente ia publicando e, quando achava que já tinha um número razoável de contos, juntava-os num livro.

MN: Existiria alguma relação das matérias publicadas – lançamentos editoriais, outras publicando textos inéditos - com as editoras brasileiras na época?

JPG: *Não sei dizer. Mas pode ter havido, sim.*

MN: Como era sua convivência e relação com Murilo Rubião? A convivência e troca de ideias com ele nutriu de alguma forma a sua prática literária?

JPG: *O Murilo era um grande amigo, muitas vezes até protetor, mas não era de sua índole influenciar ou aconselhar os mais novos, mesmo porque sua literatura era única e intransferível. Eu sentia que, quando ele achava que o cara tinha algum talento, seu incentivo era publicar seu trabalho e deixar que cada um seguisse seu curso natural. Acho que ele estava certo ao agir assim. Nunca o vi se colocando acima da gente, apesar de já ser um escritor feito e com uma obra maravilhosa.*

MN: Você poderia me falar sobre o trabalho dele no *Suplemento*?

JPG: *O Murilo era bastante centralizador, o que considero natural, pois comandava um bando de jovens, e à sua discreta maneira, supervisionava tudo. Com seu prestígio no meio literário nacional e sua amizade com os grandes da época, entre eles Drummond, Francisco Iglésias, Fernando Sabino e muita gente boa mais, conseguia preciosas colaborações deles e as publicava entremeadas com os trabalhos dos mais novos, mantendo um nível alto, renovador e arejado. Eu tento aplicar o que aprendi com o Murilo, fazendo uma publicação digna e no nível mais alto que nossas possibilidades permitam, divulgando o melhor da literatura junto com os primeiros passos de quem está iniciando, como o velho Teleco fez conosco.*

MN: Como eram sua convivência e relação com Affonso Ávila?

JPG: *Uma relação cordial. Profissionalmente falando, como o negócio dele era poesia e o meu era a prosa, nossa relação era mais de admiração, pelo menos da minha parte.*

MN: Como eram a sua convivência e relação com Laís Corrêa de Araújo? Você saberia me dizer sobre sua saída no *Suplemento*?

JPG: *Igual à que tinha com o Affonso, que era seu marido. Sobre o episódio do rompimento dela, não tenho meios de dizer.*

MN: O que você tem lido nos últimos tempos? Como superintendente de um jornal literário o que acha da literatura produzida atualmente no Brasil?

JPG: *A literatura brasileira, como sempre, tem de tudo. Coisa boa, coisa ruim. Mas confesso que cada vez mais gosto dos mais antigos.*

MN: Em que medida o seu trabalho como superintendente do *Suplemento Literário de Minas Gerais* foi influenciado pelo trabalho de Murilo Rubião?

JPG: *O Suplemento ainda resiste vivo porque a alma dele, que era o Murilo, ainda nos dirige.*



Adão Ventura, Murilo Rubião e Jaime Prado Gouvêa no restaurante Macau. Belo Horizonte em julho de 1990